

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO

MARCELO ARMELLINI CORRÊA

DOS ALPES DO TIROL À SERRA GAÚCHA: A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOS
IMIGRANTES TARENTINOS NO RIO GRANDE DO SUL (1875-1918)

SÃO LEOPOLDO

2014

MARCELO ARMELLINI CORRÊA

**DOS ALPES DO TIROL À SERRA GAÚCHA: A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOS
IMIGRANTES TRENTINOS NO RIO GRANDE DO SUL (1875-1918)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
História, pelo Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos -UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Witt

SÃO LEOPOLDO

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C824 Corrêa, Marcelo Armellini

Dos alpes do tirol à serra gaúcha : a questão da identidade dos imigrantes trentinos no Rio Grande do Sul (1875-1918)/ Marcelo Armellini Corrêa – 2014.

175 fls.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos / Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, 2014.

Orientador: Prof^o Dr Marcos Antônio Witt

1. Imigração italiana. 2. Trentinos. 3. Identidade. I. Witt, Marcos Antônio. II. Título.

CDD 981.65053

MARCELO ARMELLINI CORRÊA

**DOS ALPES DO TIROL À SERRA GAÚCHA: A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOS
IMIGRANTES TARENTINOS NO RIO GRANDE DO SUL (1875-1918)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em história, pelo programa de pós-graduação em história da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Aprovada em ____ de _____ de 2014.

Presidente da banca:

Profº Drº. Marcos Antônio Witt (Orientador)

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profª. Drª. Isabel Cristina Arendt

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profª. Drª. Vania Beatriz Merlotti Herédia

Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado à memória de Frei Rovílio Costa, pesquisador da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Agradeço-lhe por ter me sugerido pesquisar os imigrantes trentinos quando eu ainda estava formulando o projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso de História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Agradeço especialmente ao Professor Dr. Marcos Antônio Witt pela orientação segura durante os dois anos em que realizei minha pesquisa de mestrado.

Agradeço ao meu colega de curso Mauro Baltazar Tomacheski pelas conversas e trocas de idéias sobre imigração.

Às professoras Dr^a Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos e Dr^a Isabel Cristina Arendt por aceitarem o convite para compor a banca de qualificação deste trabalho, pelas dicas e sugestões.

Ao meu ex-professor de graduação, Ms. Harry Rodrigues Bellomo, e meu amigo, Diego Vargas Barcellos, pelas trocas de idéias e sugestões.

Especial agradecimento à secretária do PPG em História da UNISINOS, Saionara Brasil, por resolver todos os problemas burocráticos.

À corretora de português, Tania Curcio, e à tradutora de italiano, Cristina Sommer, pelo empenho na correção e tradução para o português de textos escritos em italiano.

A toda minha família, principalmente a minha mãe, Cláudia Junqueira Armellini, ao meu avô, Claudio Luiz Armellini, e minha avó, Neusa Junqueira Armellini (*In Memoriam*), pelo incentivo e apoio desde a graduação. Aos meus tios, Fernando e Andréia Armellini pelo auxílio nas traduções dos textos em italiano. Aos meus tios, José e Neide Machado, por me hospedarem em sua residência quando permaneci em Caxias do Sul para pesquisar nos arquivos do município.

Aos funcionários e estagiários do Museu Histórico dos Capuchinhos, Arquivo Histórico de Caxias do Sul, Arquivo Histórico de Garibaldi e Hipólito José da Costa pelo auxílio na coleta de documentos.

À secretária da Editora EST, Marilene Bisatto Dornelles, pelas sugestões dos livros utilizados como fonte bibliográfica para esta pesquisa.

Aos membros dos diversos Círculos Trentinos das cidades de Porto Alegre, Bento Gonçalves e Garibaldi, aos professores Darcy Loss Luzzato e Loraine Slomp Giron e ao

escritor Remy Valduga pela disposição em concederem as entrevistas para a realização deste estudo.

Aos meus professores e colegas do curso de língua italiana da Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul–ACIRS- pelo apoio e incentivo durante os dois anos em que realizei a minha pesquisa.

RESUMO

Entre 1875 e 1914 dirigiram-se para as colônias italianas do Rio Grande do Sul mais de 80 mil imigrantes italianos. Aproximadamente 7% destes imigrantes italianos vieram da região do Trentino Alto-Ádige que naquela época pertencia ao Império Austro-húngaro apesar da população ser de língua italiana. Estes imigrantes entravam no Brasil como austríacos e mantinham uma identidade diferenciada dos demais italianos. O presente trabalho pretende mostrar como os trentinos mantiveram a sua identidade nas colônias italianas, onde se instalaram em travessões próximos uns dos outros, através dos casamentos dentro do grupo trentino e de rixas com os demais italianos. Os trentinos mantinham a fidelidade ao imperador da Áustria, Francisco José, e uma certa aversão à Itália e aos italianos devido à posição da Igreja Católica, a qual condenava o Reino da Itália por causa da tomada da cidade de Roma pelo exército italiano em 1871 devido à Unificação Italiana. Trataremos especialmente das relações dos trentinos com os demais italianos focando nos conflitos entre os dois grupos nas colônias Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel localizadas na serra nordeste do Rio Grande do Sul. Utilizaremos fontes primárias, depoimentos orais de descendentes de imigrantes trentinos e jornais brasileiros escritos em língua italiana que foram editados durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) quando a Áustria e a Itália lutaram em lados opostos e desta forma acirrando as rivalidades entre italianos e trentinos na Região Colonial italiana do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Imigração. Identidade. Trentinos. Italianos.

RIASSUNTO

Tra il 1875 e il 1914 si diressero verso le colonie italiane del Rio Grande do Sul oltre 80 mila immigranti italiani. Circa il 7% di questi immigranti italiani vennero dalla regione del Trentino Alto Adige che, in quel periodo, apparteneva all'Impero Austro-ungarico, nonostante la popolazione fosse di lingua italiana. Questi immigranti entravano in Brasile come austriaci e mantenevano un'identità distinta dagli altri italiani. Il presente lavoro desidera mostrare come i trentini mantennero la loro identità nelle aree italiane dove si insediarono in zone adiacenti, attraverso i matrimoni all'interno del gruppo trentino e ostilità con gli altri italiani. I trentini erano fedeli all'imperatore d'Austria, Francesco Giuseppe, e una certa avversione all'Italia e agli italiani, in funzione della posizione della Chiesa Cattolica, che condannava il Regno d'Italia, a causa della presa della città di Roma da parte dell'esercito italiano nel 1871, per l'Unificazione Italiana. Tratteremo in particolare dei rapporti dei trentini con gli altri italiani, con fulcro nei conflitti tra i due gruppi delle comunità di Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel, localizzate nelle colline nord orientale del Rio Grande do Sul. Utilizzeremo fonti primarie, testimonianze orali di discendenti di immigranti trentini e giornali brasiliani scritti in lingua italiana, che furono redatti durante il periodo della Prima Guerra Mondiale (1914-1918), quando l'Austria e l'Italia lottavano su fronti opposti e, in questo modo, aumentando le rivalità tra italiani e trentini nella Regione Coloniale Italiana del Rio Grande do Sul.

Parole chiave: Immigrazione. Identità. Trentini. Italiani.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Brasão imperial.....	20
Figura 2 - Bandeira do Império Austro-Húngaro.....	24
Figura 3 - Imagem do Imperador da Áustria Francisco José I.....	26
Figura 4 - Mapa do Império Austro-húngaro.....	30
Figura 5 - Mapa da Região do Tirol.....	31
Figura 6 - Monumento aos tirolezes-Caxias do Sul.....	56
Figura 7 - Monumento aos tirolezes, Santa Olímpia - Piracicaba, São Paulo.....	58
Figura 8 - Fotografia. Ritorno di una battuta. Trofei e prigionieri.....	62
Figura 9 - Pintura que retrata Guilherme II, Imperador da Alemanha, ao lado de Francisco José, Imperador da Áustria.....	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição etnolinguística da população do império Austro-húngaro.....	28
Tabela 2 - Distribuição dos grupos etnolinguísticos por países que compunham o Império Austro-húngaro.....	29
Tabela 3 - Origem dos Imigrantes da Colônia Caxias-1872-1886.....	60

LISTA DE SIGLAS

AHMG	Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.
MUSCAP	Museu dos Capuchinhos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO E A ITÁLIA NA ÉPOCA DA IMIGRAÇÃO	20
2.1 A Águia de Duas Cabeças: formação e estrutura do Império.....	20
2.2 O Imperador Francisco José: o último Habsburgo.....	24
2.3 Uma Diversidade de Etnias.....	26
2.4 Uma Breve História de Trento	31
2.4.1 Os 200 anos do Império Austríaco e da República Italiana aos dias atuais	32
2.5 A Situação Italiana	39
2.5.1 A Questão Romana.....	42
3 DO TARENTINO PARA O RIO GRANDE DO SUL	43
3.1 As causas da emigração no Tirol Italiano	43
3.2 Austríacos ou italianos? Trentinos, os sem bandeira	49
3.3 A instalação dos trentinos nas colônias italianas da serra gaúcha.....	53
3.4 São Vigílio da Segunda légua.....	65
3.5 Trentinos x italianos: uma convivência nem sempre amistosa.....	68
3.6 Empreendedores e intelectuais	73
3.6.1 A questão do estudo.....	79
3.7 Derrubando o mito do imigrante ideal: os conflitos.....	855
3.8 A imigração trentina através do romance “Sonho de um imigrante”	90
3.9 A identidade dos trentinos através das redes sociais.....	92
3.9.1 Os casamentos	933
3.9.2 Compadrio e amizade	100
4 A IDENTIDADE CATÓLICA DOS TARENTINOS	1033
4.1 A contribuição do clero trentino	1122
4.1.1 Dom Bartolomeu Tiecher: o primeiro pároco dos imigrantes italianos (1848-1940) .	1133
4.1.2 Padre Adolfo Giordani S.J (1861-1937).....	1166
4.1.3 Padre Giovanni Batista Fronchetti (1863-1927).....	1177
4.1.4 Padre Augusto Finotti (1840-1919).....	1199
4.1.5 Padre Fortunato Odorizzi (1819-1898)	12020
5 A I GUERRA MUNDIAL E AS TENSÕES ENTRE OS IMIGRANTES	1222
5.1 Jornais Escritos em Língua Italiana	1222
5.2 O Jornal <i>Il Colono Italiano</i> (1910-1917)	1255

5.3 A I Guerra Mundial e o auge da Rivalidade entre Trentinos e Italianos.....	1311
5.4 A Guerra através dos Jornais: Áustria X Itália	1355
5.4.1 A Identidade Tirolesa através do Jornal <i>Il Trentino</i> (1915-1917).....	1499
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	1588
REFERÊNCIAS	1611
ANEXO A – Passaporte austríaco de Caetano Costamilan.....	1722
ANEXO B – Passaporte italiano	1733
ANEXO C – Mapa da colônia Caxias.....	1744
ANEXO D – Mapa da colônia Dona Isabel.....	1755
ANEXO E – Pintura de Paisagem Trentina.....	1766

1 INTRODUÇÃO

Em 1875, chegaram as primeiras levas de colonos italianos ao Rio Grande do Sul, sendo que, desse ano até 1914, entraram no estado de 80 a 100 mil imigrantes (MANFROI, 2001). A grande maioria deles provinha das províncias do norte da Itália: Vêneto, Lombardia, Friuli e Trentino-Alto Ádige. O biênio 1875-1876 foi o período em que mais italianos vieram para o Estado, dirigindo-se, a maior parte, para as colônias Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu e Silveira Martins, esta última criada em 1877.

Ao se estudar os imigrantes italianos, não se deve compreendê-los como um grupo homogêneo, mas, sim, heterogêneo, devido ao fato de a Itália no século XIX ser caracterizada pelos regionalismos, ou seja, pelas identidades regionais. Isso ocorria porque esse país só foi unificado em 1870, com a tomada de Roma pelas tropas do Reino de Piemonte que, por ser o mais forte tanto política como militarmente, uniu os demais reinos da península itálica. Cada região, no entanto, conservava sua cultura local, principalmente em relação ao idioma, pois prevaleciam os dialetos regionais em vez da língua italiana oficial. Mesmo após a unificação, algumas regiões com populações de fala italiana continuaram sob domínio estrangeiro, como foi o caso do Trentino-Alto Ádige e de Trieste, províncias do Império Austro-húngaro.

Uma das razões que justificam o projeto desse trabalho é que, como historiador, penso ser importante o conhecimento da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, na qual os imigrantes italianos têm um papel destacado, já que contribuíram com as culturas gaúcha e brasileira.

A outra justificativa refere-se ao reduzido número de estudos sobre a historiografia regional relativa à imigração trentina. Poucos são os estudiosos gaúchos e brasileiros que têm tratado, de forma mais específica, da vida do imigrante trentino em nossa realidade. Paulo Possamai é um dos pesquisadores brasileiros que vem se dedicando a esse assunto; Renzo Grosselli, pesquisador italiano, também tem apresentado produção sobre o mesmo tema.

Vania Herédia (HERÉDIA; PAVIANI, 2003) considera que a historiografia regional sobre a imigração apresenta distintas interpretações sobre a cultura que o imigrante traz em sua bagagem na travessia da sociedade europeia para a brasileira, marcada por traços bem característicos. Segundo a autora, essa historiografia pode ser dividida em três ramos: no primeiro, ela é feita por pesquisadores locais e narra os acontecimentos da região de imigração italiana sob o olhar de suas próprias experiências, tornando-se a base da produção científica sobre o tema. O trabalho pioneiro de Rovílio Costa é um excelente exemplo desse

tipo de pesquisa. Um segundo ramo inclui a produção historiográfica oficial, baseada em álbuns comemorativos que reúnem uma documentação sobre a situação dos municípios envolvidos, sendo preciosas fontes de referência pela rara preservação dessa documentação. O terceiro ramo caracteriza-se como a historiografia produzida nas universidades e se constitui em uma matriz de cunho descritivo e interpretativo, já que nasce da produção teórica das pesquisas de alunos e professores.

Estudiosos, como Rovílio Costa, Luís Alberto De Boni, Arlindo Battistel, Olívio Manfroi, Mário Gardelin, Thales de Azevedo e outros, falavam da imigração italiana de uma maneira mais geral, pois não faziam um recorte mais específico. Dessa forma, estudavam muitos aspectos da imigração em vez de focar apenas um, com isso davam à pesquisa um recorte espacial mais amplo que geralmente abrangia todo o Estado do Rio Grande do Sul, ou seja, era uma macro-história. A maioria das obras desses autores foi publicada durante as décadas de 1970 e 1980.

Em vista disso, o presente trabalho tem como objetivo principal estudar a identidade dos imigrantes trentinos ou tirolezes italianos. Esse grupo de imigrantes veio para o Rio Grande do Sul e se instalou, em sua maioria, nas colônias italianas no nordeste do Estado. Como objetivos secundários, essa pesquisa pretende: a) desmitificar o mito de que os trentinos eram imigrantes melhores do que os demais italianos; b) analisar a influência austro-húngara e italiana na formação da identidade dos italianos e trentinos.

Essa dissertação de mestrado foi idealizada a partir não só do meu Trabalho de Conclusão de Curso de História, no ano de 2009, como também das obras de Renzo Grosselli, pesquisador da imigração trentina no Brasil. Esse pesquisador fez seus estudos de forma geral, com um recorte espacial relativamente amplo, o qual abrangeu quatro estados brasileiros – Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo. Portanto, a partir das contribuições de Grosselli, esse trabalho vai analisar a identidade dos imigrantes trentinos ou tirolezes-italianos, como ela se configurava e como se dava a relação deles com os demais italianos. É importante ressaltar que Paulo Possamai (2005) também pesquisou sobre a identidade dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, no período entre 1875 até 1945, analisando as formas como essa identidade se expressava. Possamai, em alguns trechos do seu livro, fala dos trentinos, caracterizando-os como um subgrupo de imigrantes italianos, explorando pouco, porém, esse tema. Assim sendo, minha intenção é realizar uma abordagem mais profunda do grupo dos trentinos, tendo como foco sua identidade.

Segundo Stuart Hall, a identidade estabelece uma relação com o tempo, espaço e passado comum e está em permanente modificação devido ao contato com outros grupos étnicos (HALL, 1997). Em vista disso, o autor argumenta que “[...] as identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização” (HALL, 1997, p. 73). Para Frederik Barth, não há isolamento completo de uma determinada comunidade, pois sempre existem contatos e trocas culturais entre uma comunidade e outras, e, por menores que sejam esses contatos, as identidades estão sempre em mutação (BARTH, 1998).

O recorte espacial do presente estudo abrangerá as quatro colônias italianas localizadas na serra nordeste do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Dona Isabel, Conde D’Eu e Alfredo Chaves, mais a cidade de Porto Alegre, onde havia um grupo significativo de italianos trentinos, segundo o modelo da micro-história italiana (LEVI, 2000)¹. Esse modelo possui um recorte espacial relativamente pequeno, a nível regional, sendo que o temporal percorre o período de 1875 até 1918. Começa com a chegada dos primeiros colonos italianos e trentinos ao Rio Grande do Sul, no ano de 1875, e termina com o final da I Guerra Mundial, em 1918, o qual resultou na anexação do Trentino-Alto-Ádige ao território da Itália, com a vitória desta sobre a Áustria-Hungria.

A identidade dos trentinos era baseada na religião católica e no culto ao Imperador da Áustria, Francisco José I. A Itália, com a unificação em 1870, conquistou militarmente Roma e outros territórios da Igreja, por isso o Papa excomungou o reino italiano, considerando-o um Estado ateu. A Áustria-Hungria defendia a Igreja e o Papa, em vista disso os trentinos, como eram católicos fervorosos, preferiam ser súditos austríacos a pertencer ao Reino da Itália, um Estado condenado pelo Pontífice. Muitos trentinos que imigraram para o Brasil traziam consigo um quadro com a imagem de Francisco José devido ao culto ao imperador, e, por causa disso, vários deles transferiram sua simpatia deste para Dom Pedro II (GROSSELLI, 1999). O imperador austríaco era visto como um defensor da fé católica pelo fato de apoiar as causas da Igreja Católica. Para Possamai, “[...] os trentinos consideravam-se mais católicos do que os italianos pelo fato de não serem originários de um Estado condenado pelo Papa” (POSSAMAI, 2005, p. 92-93).

Os trentinos não eram considerados nem italianos nem austríacos pelos demais italianos. Pelo fato de pertencerem a um grupo étnico que habitava um território ocupado por

¹ Um exemplo do estudo da micro-história italiana é o livro: Giovanni Levi. **A herança imaterial:** trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

uma potência estrangeira, no caso a Áustria, aqueles que tinham o passaporte austríaco (ANEXO A), nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, eram chamados de “sem bandeira” pelos imigrantes com passaporte italiano (ANEXO B) (AZEVEDO, 1975).

Os termos austríacos, tirolezes e trentinos se referem ao mesmo grupo de imigrantes, pois, nas listas de chegada, os três são utilizados para designar os italianos que viviam sob a dominação austríaca.

Tendo em vista as considerações anteriores, impõem-se como problemática as seguintes questões norteadoras:

- 1) Os imigrantes trentinos tinham uma identidade diferente da dos demais italianos provenientes de outras regiões da península itálica?
- 2) Em que consistia a identidade do grupo e de que maneira essa identidade se expressava?
- 3) Ocorreram conflitos entre os trentinos e os demais italianos por motivos nacionalistas?

Assim, para se delinear melhor a identidade desse grupo de imigrantes, será necessário:

- a) analisar como se davam as relações sociais entre os trentinos e os demais italianos após a chegada nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, estudando as trajetórias de algumas famílias trentinas analisando os casamentos e os compadrios dentro do grupo trentino;
- b) compreender o papel do clero trentino, assim como a influência do catolicismo ultramontano na manutenção da identidade desses imigrantes;
- c) questionar qual foi o papel que a imprensa, principalmente a católica, teve na manutenção da identidade trentina;
- d) analisar de que maneira a I Guerra Mundial contribuiu para desencadear os conflitos entre italianos e trentinos, principalmente através dos jornais pró-Áustria e pró-Itália.

Quanto à divisão da dissertação, no primeiro capítulo é feita a introdução do trabalho. No segundo capítulo é estudada a estrutura política e econômica do Império Austro-húngaro (pátria de origem dos trentinos) durante o século XIX. Naquela época, o Trentino era uma província do Império com o nome de Tirol Meridional ou Tirol Italiano porque tinha uma

população majoritariamente de fala italiana. Nesse capítulo, é feito um breve panorama da Áustria o qual conta como se formou esse Estado localizado no centro da Europa, constituído por territórios habitados por diversos povos que falavam línguas diferentes. Além disso, apresenta-se seu sistema político, uma biografia do Imperador Francisco José e uma breve história de Trento, desde a antiguidade até os dias atuais. Nessa parte, é abordada a emigração naquela região, principalmente os motivos do êxodo trentino que ocorreu durante a década de 1870, sendo que a maior parte do fluxo se destinou ao Brasil. Essa explanação se justifica pela ausência quase completa de referências à formação e à história da nação austríaca, necessária para compreensão da realidade dos trentinos na época da emigração para o Brasil.

No terceiro capítulo, é analisada a trajetória de algumas famílias trentinas (Costamilan, Bampi, Giordani, Mattuela, Valduga, Zandonai e outras) nas colônias italianas da serra gaúcha para se estabelecer as relações com os demais italianos e outros grupos étnicos, tendo como foco os conflitos e os casamentos entre o grupo italiano e o grupo trentino. Isso auxiliará na compreensão das relações de parentesco e na observação da construção das redes sociais (BJERG, 2010)², assim como a verificação dos contatos entre os dois grupos, conforme Barth (1998). Nele, são, também, apresentadas entrevistas realizadas com descendentes de imigrantes trentinos, sendo alguns membros dos Círculos Trentinos³ do Rio Grande do Sul, e com professores universitários, especialistas em imigração italiana. Os nomes dos entrevistados não foram colocados no trabalho⁴, sendo eles identificados através de siglas. As informações obtidas nessas entrevistas foram cruzadas com aquelas que constam em fontes bibliográficas sobre o assunto, principalmente nos livros de Renzo Grosselli. Segundo Possamai (2005), os trentinos tinham a fama de bons imigrantes em relação aos demais italianos, ou seja, eram ordeiros, trabalhadores e religiosos. Um dos objetivos do capítulo é desmitificar essa imagem construída em relação aos tirolezes italianos, segundo as autoridades das colônias.

Em relação à metodologia usada nas entrevistas, é importante ressaltar que “[...] a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos

²Maria Bjerg, em seu livro **Historias de la inmigración en la Argentina**, estudou as redes sociais, as relações de parentesco e os casamentos dos imigrantes radicados na Argentina.

³Os Círculos Trentinos no mundo constituem associações que congregam emigrantes/imigrantes italianos. É um órgão operativo da Província Autônoma de Trento, para beneficiar e viabilizar o desenvolvimento e ações voltadas ao mundo da emigração no Trentino e no exterior. Fundado em 1957, atualmente possui cerca de 200 Círculos Trentinos associados, espalhados pelo mundo (CANI, 2009).

⁴Nas entrevistas realizadas pelo autor do trabalho os entrevistados foram identificados por siglas para não expor seus nomes. No entanto, naquelas retiradas de livros e do banco de dados do Arquivo Histórico de Caxias do Sul foram mantidos os nomes dos entrevistados porque estes já constavam nas fontes originais.

singulares e um conjunto próprio de conceitos [...]”. (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 13). Segundo Danièle Voldman, “[...] é preciso remontar no tempo e estudar o documento oral não somente como fonte, mas também do ponto de vista de sua construção pelo historiador que, ao solicitar uma testemunha, procede a uma “invenção” de fontes” (VOLDMAN, 2006, p. 250-1). Para a autora, a definição do depoimento oral:

Transpondo para o caso particular da ‘história oral’, definiremos o testemunho oral como um depoimento, solicitado por profissionais da história, historiadores e arquivistas, visando a prestar contas, a uma posteridade mediada pela técnica histórica, da ação da testemunha, tomando-se a palavra ‘ação’ num sentido muito amplo que engloba o fato, o acontecimento, o sentimento e a opinião, o comentário e a lembrança do passado. (VOLDMAN, 2006, p. 256).

Esta metodologia foi importante para a análise dos dados das entrevistas e para o cruzamento com outras fontes históricas.

O quarto capítulo aborda a identidade religiosa dos trentinos. Nele é feito um estudo da religião católica em Trento, durante o século XIX, a qual era influenciada pelo movimento ultramontano que pregava o retorno ao cristianismo primitivo. É mostrada, também, a forma como o catolicismo ultramontano influenciou a mentalidade do povo trentino e a sua religiosidade após a chegada às colônias italianas do Rio Grande do Sul. Para tanto, descreve-se o perfil do clero trentino emigrado para o Estado através de uma pequena biografia de cinco padres oriundos de Trento, entre eles Dom Bartolomeu Tiecher, o primeiro pároco dos imigrantes italianos. As trajetórias individuais desses religiosos são mapeadas para melhor compreensão de suas relações com seus fiéis, com as autoridades e de suas constantes brigas com a maçonaria. Segundo Possamai (2005), havia uma rivalidade entre os trentinos e os outros italianos por causa da questão religiosa, ou seja, pelas posições adotadas pela Áustria e pela Itália com relação à Igreja Católica. Para o autor, a igreja era para os camponeses o que o estado nacional foi para a burguesia, e os sindicatos, para os operários urbanos (POSSAMAI, 2005).

No quinto capítulo, são analisados os conflitos entre os dois grupos de imigrantes: os italianos, provenientes do Reino da Itália, e os trentinos, vindos do Império Austro-húngaro. Esses conflitos se deram por razões nacionalistas em função da I Guerra Mundial quando a Itália e a Áustria se enfrentaram nos campos de batalha europeus, o que desencadeou tensões entre os imigrantes nas colônias italianas. Essas desavenças serão mapeadas através de jornais escritos em língua italiana no período entre 1909 e 1917, utilizados como fonte primária. Foram pesquisados os jornais: *Il colono italiano*, que pertencia ao padre Giovanni Fronchetti,

e o *Il Trentino*, pertencente ao jornalista G.Andreatti, ambos trentinos e cidadãos austríacos; e também o jornal *Il corriere d'Italia*, que era a favor da Itália e de propriedade dos padres carlistas. Este último foi estudado através da dissertação de mestrado de Gustavo Valduga (2007), como fonte indireta, pois não tive acesso às originais.

Nesses jornais, são analisados os discursos nacionalistas pró-Áustria e pró-Itália na tentativa de mapear a identidade dos dois grupos. Os trentinos se consideravam mais católicos do que os italianos, já que a Itália havia sido condenada pelo Papa, além de ser considerada um país dominado pela maçonaria e pelos anticlericais. Essa análise consta de um cruzamento com as fontes bibliográficas que trataram do assunto, citando-se autores como Rovílio Costa, Paulo Possamai, Gustavo Valduga, Stella Borges, além de outros autores.

Em relação ao uso da imprensa como fonte histórica, Claudio Elmir fala do caráter subjetivo dos jornais em relação ao qual o historiador deve fazer uma leitura intensiva, que se diferencia da leitura extensiva, realizada pelos leitores aos quais eles se destinam, para, assim, não cair em suas armadilhas (ELMIR, 1995). A partir disso, são feitas as seguintes perguntas: de quais grupos os jornais estavam a serviço? Quais eram as suas ideologias?

O *Il colono italiano* foi o principal jornal em língua italiana que circulou no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX e o único que sobreviveu até os dias atuais, só que com o nome de “Correio Riograndense”, atualmente escrito em português. Esse jornal foi objeto de estudo no período entre 1909 e 1917, ou seja, desde sua fundação até a mudança da direção por motivos políticos. Era um jornal católico conservador, com orientação ideológica baseada no catolicismo ultramontano, sendo seu diretor o padre Fronchetti, vice-cônsul da Áustria. Todos os exemplares analisados foram encontrados no Museu Histórico dos Capuchinhos, em Caxias do Sul, onde a coleção encontra-se completa desde a fundação do jornal, em 1909, até os dias atuais.

O jornal *Il Trentino* é uma fonte inédita que foi bem explorada, apesar de, até o momento, terem sido localizadas apenas quatro edições, referentes aos anos de 1916 e 1917. A partir dele, foram mapeadas as notícias da comunidade trentina radicada no Rio Grande do Sul e examinadas as formas como esse grupo enxergava os demais italianos e expressava o nacionalismo austríaco. Os quatro exemplares analisados encontram-se em três lugares diferentes: no Museu Histórico dos Capuchinhos, em Caxias do Sul; no Museu das Comunicações Hipólito da Costa e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ambos em Porto Alegre.

Os resultados da pesquisa realizada em fontes, como jornais e entrevistas, encontram-se analisados e cruzados com fontes bibliográficas, como os livros de Renzo Grosselli, teses e dissertações que tratam de imigração italiana e também de outros grupos de imigrantes, como alemães e poloneses. Esse procedimento vai permitir o aprofundamento da discussão sobre os trentinos, na tentativa de reconstituir a história e a identidade desses imigrantes no Rio Grande do Sul para, dessa maneira, contribuir com a historiografia rio-grandense.

2 O IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO E A ITÁLIA NA ÉPOCA DA IMIGRAÇÃO

2.1 A Águia de Duas Cabeças: formação e estrutura do Império

Figura 1 – Brasão imperial



Fonte: WIKIPEDIA. **Áustria-Hungria**. 28 jan. 2014.
Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>>.
Acesso em: 01 ago. 2012.

O Império Austro-Húngaro, uma das grandes potências europeias durante o século XIX, era governado pelos Habsburgos, dinastia à qual pertencia a família imperial. Localizava-se no leste europeu e possuía um vasto território de 677.546 km² cortado pelo Rio Danúbio. Faziam parte dele Áustria, Hungria, República Checa, Liechtenstein, Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Trentino-Alto Ádige e Trieste na Itália, Transilvânia na Romênia, Galícia na Polônia e a Rutênia na Ucrânia.

O país possuía a monarquia absolutista, como sistema político e como instituição primordial, com um Estado unitário; o governo, centralizado em Viena, tinha no imperador o chefe absoluto até 1861 quando a situação mudou de regime absolutista para uma monarquia constitucional. O império era representado por um brasão com uma águia bicéfala, símbolo da família imperial, os Habsburgos.

A população de fala alemã dominava e governava o império, sendo o alemão seu idioma oficial. A maioria dos territórios de população estrangeira foram anexados, durante séculos de expansão, por meio de guerras e, principalmente, pelo direito hereditário da

política de casamentos, praticada pelos Habsburgos⁵, através da qual foram adquiridos os territórios da Boemia e da Hungria.

Após a derrota de Napoleão, os tratados feitos no Congresso de Viena, em 1815, determinaram que os antigos territórios ocupados pelos franceses fossem divididos entre as potências vencedoras; a Áustria, por sua vez, acabou ficando com numerosos domínios na Itália e na Alemanha. Ao império austríaco, então, foram incorporadas as regiões do Trentino-Alto Ádige, Vêneto e Lombardia, habitadas por população de fala italiana.

Metternich liderava o Congresso de Viena e durante anos representou uma forçapolítica no Império Austríaco, tornando-se o maior símbolo do conservadorismo político por defender o antigo regime e não gostar das ideias da Revolução Francesa.

O chanceler austríaco torna-se o principal artífice da política que passaria para a história como o 'sistema de Metternich': manter o equilíbrio dos fortes no plano internacional e apoiar em cada nação os governos absolutos contra os democráticos. (ABRIL CULTURAL⁶, 1972, p. 886).

O Congresso de Viena, ao realizar a partilha dos territórios, não respeitou a unidade nacional dos povos:

O Congresso de Viena repartira as populações da Europa sem levar em conta suas origens e anseios: italianos ficaram sob dominação austríaca, poloneses distribuídos entre várias potências. [...] quanto mais desunidas estivessem a Alemanha e a Itália, mais facilmente se poderia mantê-las sob controle - era esta a essência do 'sistema de Metternich'. (ABRIL CULTURAL, 1972, p. 889).

Das grandes potências europeias, a Áustria–Hungria era o único Estado puramente europeu por não possuir nenhuma colônia na África ou na Ásia. Como já tinham um grande território para se preocupar, o império, provavelmente, não via necessidade de adquirir colônias ultramarinas, voltando, então, sua política para dentro da Europa.

As revoltas de tendência liberal, ocorridas na Europa durante o ano de 1848, agitaram o império austríaco, o que levou à renúncia do imperador Fernando I, assumindo em seu lugar Francisco José I, seu sobrinho. Seu reinado foi marcado pelo apogeu do império na economia e na cultura, mas também por derrotas militares e pela perda da hegemonia na Europa.

⁵A política de casamentos dos Habsburgos consistia na prática de casar um de seus membros com outro membro de alguma casa real próxima da extinção e, quando morria o último membro da antiga família real, os Habsburgos adquiriam a posse da coroa e do território pertencente à extinta casa real por direito hereditário.

⁶Foram procuradas na internet fontes mais recentes sobre Metternich, no entanto as fontes encontradas não foram consideradas seguras.

Segundo Komlos (apud BÉRENGER, 1993), a Áustria apresentou um crescimento econômico regular desde o reinado de Maria Teresa até a I Guerra Mundial.

Em 1861, devido a pressões dos liberais por uma transformação política no Império, o regime absolutista foi substituído por uma monarquia constitucional do tipo parlamentar. “O sistema foi descentralizado paulatinamente, e se reconheceram alguns parlamentos e dietas na Hungria e outras regiões, com certa capacidade legislativa e com representação no parlamento imperial” (SAMPER, 2008, p. 39).

Em 1859, a Áustria perdeu a região da Lombardia, após a guerra com o reino do Piemonte; em 1866, devido à derrota para a Prússia, o Vêneto foi cedido ao Reino da Itália, que era aliada da Prússia. Assim, o império austríaco começou a entrar em declínio ao perder influência na península itálica e nos estados alemães, que se uniram sob o controle da Prússia formando a Confederação Germânica. Por causa do enfraquecimento devido às derrotas militares com as consequentes perdas territoriais e da pressão dos nacionalistas húngaros requisitando autonomia na administração do seu Estado, o Imperador Francisco José I assinou o tratado com a Hungria que originou o compromisso Austro-Húngaro em 1867. O tratado garantiu maior autonomia para o Estado Magiar em relação à Áustria e inaugurou uma estrutura de poder dualista, ou seja, o imperador possuía duas coroas: a de imperador da Áustria e a de Rei da Hungria. Os húngaros eram o segundo grupo étnico majoritário, perdendo apenas para os austríacos; o compromisso veio a favorecer o desenvolvimento econômico da Hungria. O país também passou a ter duas capitais: Viena e Budapeste.

A unidade do Império Austro-Húngaro radicava basicamente na coroa. Francisco José dirigia a política imperial através de um governo geral que conserva certas competências fundamentais, como a política exterior e a econômica. Mas inclusive nesses âmbitos existiam limitações. O Imperador era o chefe supremo do exército imperial e do exército real, no entanto não tinha sob seu mando as guardas nacionais, que dependiam dos parlamentos de Viena e Budapeste. (SAMPER, 2008, p. 42).

Áustria e Hungria passaram a formar dois estados quase independentes em seus assuntos internos, com duas câmaras parlamentares, mas com um chefe de Estado e uma política externa em comum. A Áustria administrava a parte ocidental do império, enquanto a Hungria, a oriental. Durante as décadas seguintes ao compromisso, o império passou por um período de prosperidade, sendo feitas reformas destinadas a melhorar a situação econômica e social. O pacto dual se manteve durante 41 anos, até o fim da união em 1918 (SAMPER,

2008). O compromisso assinado com a Hungria foi um exemplo do pensamento político de Maquiavel: “dividir para governar”.

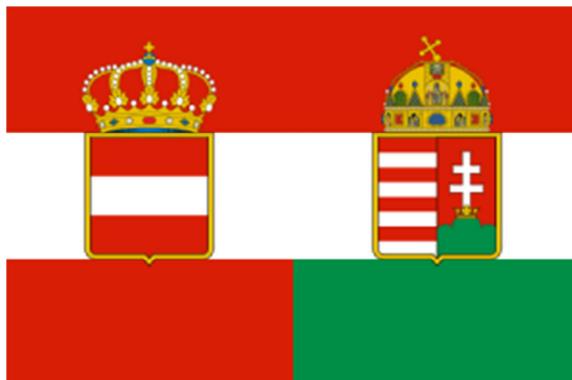
Como o crescimento demográfico era alto, as regiões pobres se tornaram pólos de emigração para as cidades grandes e para o novo mundo, principalmente para os Estados Unidos, onde “[...] checos, eslovacos, polacos e judeus podiam integrar-se em comunidades aonde não experimentavam as mesmas frustrações que em sua pátria” (BÉRENGER, 1993, p. 564-565).

A capital, Viena, após passar por uma ampla reforma urbanística, como a realizada em Paris, tornou-se um grande centro cultural no século XIX, quando ali se reuniam renomados artistas, como pintores, músicos, escritores e intelectuais em geral, sendo, inclusive, sede de uma exposição universal em 1873. Habitada por diversos compositores da música erudita, como Strauss, Mahler e Brahms, Viena se converteu na capital europeia da música. A valsa de Strauss, *Danúbio Azul*, tornou-se “o som da Áustria”. (TIMES LIFE, 2008).

A sociedade austríaca era conservadora em relação às tradições, por exemplo, “[...] os vienenses consideravam que a política era um assunto da dinastia, do governo” (BERENGER, 1993, p. 567). A Áustria era defensora da igreja católica e do catolicismo ultramontano. No entanto, a nova legislação austríaca de 1867 estabelecia uma escola obrigatória e laica, podendo o ensino do catecismo ser feito pelos religiosos nos locais escolares. (BERENGER, 1993).

Quando Roma foi anexada ao Reino da Itália durante a unificação italiana, o Imperador manifestou seu apoio ao papa que se declarava prisioneiro de guerra após ver as terras pertencentes à igreja serem tomadas pelos exércitos italianos. O nacionalismo austríaco era baseado na religião católica e no culto ao Imperador Francisco José I. Provavelmente esse sentimento patriótico se estendia apenas às populações germânicas e húngaras que comandavam politicamente o país, não às minorias étnicas, a não ser os tirolezes italianos que, devido à forte devoção católica, simpatizavam com o Imperador.

Figura 2 – Bandeira do Império Austro-Húngaro



Fonte: ARMAMENTOS E RELÍQUIAS DE GUERRAS. **Bandeira do Império Austro-Húngaro durante a Primeira Guerra.** Disponível em: <<http://armasnaguerra.blogspot.com.br/2012/04/bandeira-do-imperio-austro-hungaro.html>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

2.2 O Imperador Francisco José: o último Habsburgo

O Imperador Francisco José I (1830-1916) foi o último imperador da Áustria e também o que reinou por mais tempo, 68 anos, de 1848 até sua morte em 1916. Era a figura do Imperador o elemento de identidade que os diversos povos que habitavam o Império tinham em comum; segundo Bérenger (1993), sua morte significaria o desaparecimento da monarquia. O fato consumou-se dois anos após seu falecimento, pois a derrota da Áustria na I Guerra Mundial, em 1918, causou o fim do Império e a queda da Monarquia dos Habsburgo, que governava o país desde o século XIII.

Francisco José, filho de Francisco Carlos e Sofia da Baviera, assumiu a coroa muito jovem, aos 18 anos, para substituir seu tio, Fernando I, o qual renunciou ao trono devido a sua incapacidade de solucionar os problemas internos do Império Austríaco: as revoltas liberais que ocorriam por toda a Europa durante o ano de 1848, na chamada “primavera dos povos”.

A nomeação do jovem monarca foi uma tentativa do chanceler Metternich de salvar o regime absolutista, pois, de fato, “[...] desde o Congresso de Viena em 1815 a Áustria havia sido a porta-bandeira da contra-revolução e não podia consentir a perda desse atributo” (DEL HIERRO, 2008, p. 34).

O exército imperial constituía a primeira força social e política controlada pelo imperador. O oficial austríaco se considerava o defensor da legitimidade e da contra-revolução. O exército foi modernizado a partir de 1868, segundo o modelo prussiano, e

constituía uma força de coesão para o conjunto da monarquia, de acordo com os desejos de Francisco José I (BÉRENGER, 1993).

Da mesma maneira que seus antepassados, Francisco José “[...] considerava o Império como um legado dinástico, colocado nas mãos dos Habsburgo pela graça de Deus” (ZEMAN, 1974, p. 207). Era uma monarquia absolutista e com o poder centralizado nas mãos do Imperador, tendo na figura de Metternich o símbolo do conservadorismo político e, por isso, alguns grupos tentavam modificar o sistema político.

Sob a estabilidade “vigiada” por Metternich, a intelectualidade vienense, o setor burguês mais liberal e o nascente proletariado começaram a traçar uma estratégia contra o regime estabelecido. Não questionavam a instituição imperial em si. Sua oposição pretendia reclamar a liberalização do sistema político. (DEL HIERRO, 2008, p. 34).

Segundo Bérenger (1993), Francisco José era um monarca neo-absolutista porque seu governo não foi despótico nem liberal, “manteve um férreo controle de poder que lhe valeu o respaldo da igreja e da aristocracia” (DEL HIERRO, 2008, p. 36). Por outro lado, entretanto, aplicou diversas reformas de caráter liberal, por exemplo, “levou a cabo uma importante melhora da administração, limitou o poder da nobreza e declarou a liberdade dos camponeses” (DEL HIERRO, 2008, p. 36-37). Seu reinado foi marcado por progresso econômico devido ao desenvolvimento da economia austríaca, impulsionada principalmente por capital estrangeiro, no entanto, por falta de capital próprio, o país não conseguiu tornar-se uma potência econômica como a Inglaterra ou a Alemanha.

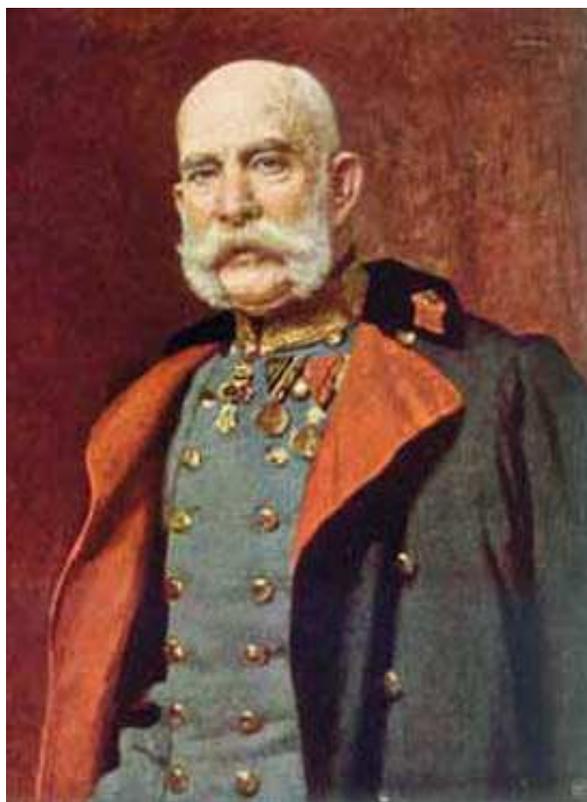
Em 1852, o jovem monarca se casou com sua prima, Elisabeth da Baviera, mais conhecida como Sissi, os dois tiveram quatro filhos. A Imperatriz apoiou a causa húngara quando esta reivindicou maior autonomia política, o que certamente influenciou seu esposo na decisão da assinatura do Compromisso Austro-Húngaro em 1867. A transformação de um antigo Estado absolutista num sistema constitucional dual foi a mais importante inovação ocorrida durante o reinado de Francisco José (ZEMAN, 1974).

Os setores mais conservadores viam no novo Império Austro-Húngaro o fracasso do sistema político absolutista e centralizado. No período de 1867-1918, a monarquia viveu sob um regime constitucional, tendo se modernizado. A imprensa e as eleições eram livres, ao menos na Áustria, porque essas reformas só foram introduzidas na Hungria, em 1914. (BÉRENGER, 1993).

Entre as medidas tomadas pelo Imperador estavam os acordos com a Igreja Católica Romana que concediam aos religiosos o direito de ensinar o catecismo nas escolas do país e

de transferir aos tribunais eclesiásticos a jurisdição sobre as causas matrimoniais. Segundo Bérenger (1993), Francisco José via na Igreja Católica uma forte aliada política e, por isso, deu a ela uma liberdade de ação e poder que esta havia perdido em 1780, pois “[...] a firme adesão do soberano e de muitos de seus súditos evitou para a monarquia um *Kulturkampf* similar ao do Império Alemão” (BÉRENGER 1993, p. 579). Francisco José teve ocasião de se mostrar como um grande estadista, tomando em cada momento a decisão mais adequada para o bem do Império, inclusive quando implicava a renúncia a suas convicções mais profundas (DEL HIERRO, 2008, p. 39).

Figura 3 – Imagem do Imperador da Áustria Francisco José I



Fonte: TORNIELLI, Andrea. Francisco José [imagem]. **Revista 30 dias**, Roma, n.7, 2003. Disponível em: <http://www.30giorni.it/articoli_id_1367_16.htm>. Acesso em: 01 ago. 2012.

2.3 Uma Diversidade de Etnias

O Império austríaco, no século XIX, era um gigantesco emaranhado de povos com enormes diferenças culturais e geográficas, compreendia os territórios da Europa do leste, central e do sul. A Áustria era um país de cultura germânica em oposição à Hungria, que tinha

uma cultura eslava e oriental. Segundo Del Hierro (2008), os austríacos de língua alemã desfrutavam de um padrão de vida melhor do que as demais etnias e, além disso, ocupavam a maioria dos cargos públicos. Enquanto isso, os outros povos experimentavam um menor desenvolvimento econômico e poucas oportunidades de participar da vida política do Império.

A questão das nacionalidades mantinha-se um problema pendente, pois o império era multinacional, habitado por populações que falavam diversos idiomas, possuíam costumes e religiões diferentes. Os movimentos nacionalistas nos territórios habitados por minorias étnicas enfraqueciam a unidade nacional do país. Além disso, enquanto a parte ocidental era rica e industrializada, Áustria e Boêmia possuíam indústrias, a parte oriental continuava atrasada e pobre, com uma economia do tipo rural, baseada no latifúndio.

Para se compreender o Império Austro-Húngaro, deve-se abordar o problema das nacionalidades, da diversidade de grupos etnolinguísticos, dos movimentos irredentistas e, ainda, das reivindicações por parte de nações históricas, como Hungria, República Checa, Croácia e Polônia.

Segundo Bérenger (1993), a expressão “grupos etnolinguísticos” é utilizada em vez de nacionalidades para se qualificar nações não históricas. O censo de 1910 constatou ao todo 11 povos e 12 grupos linguísticos que falavam diversas línguas, embora o alemão fosse o idioma oficial. Para o autor “[...] o que caracteriza um grupo, muito mais que uma definição étnica, é a sua originalidade cultural e, sobretudo, a língua falada e escrita” (BÉRENGER, 1993, p. 552).

Segundo Del Hierro (2008), os grupos majoritários eram os austríacos, de língua alemã, e os magiares, de língua húngara. Os eslavos vinham em terceiro lugar, no entanto se encontravam linguisticamente divididos porque existiam diversos idiomas eslavos. Havia, ainda, os povos latinos, italianos e romenos.

Outra diversificação era observada em relação aos vários grupos religiosos, embora a religião oficial do Estado fosse a católica, cristãos ortodoxos, muçulmanos e judeus também faziam parte do império.

O compromisso Austro-Húngaro, firmado em 1867, só favoreceu a etnia magiar do Império, uma vez que a situação não mudou para as minorias etnolinguísticas que estavam sob o poder dos Habsburgos. Italianos, tchecos, romenos, croatas, eslovacos, eslovenos, entre outros, representavam uma parcela significativa da população, mas não tinham plenos direitos de cidadania aos olhos de Viena e Budapeste, e isso contribuiu muito para o fim do Império em 1918.

Essa diversidade de povos dificultou bastante a administração do império, pois alterou a relação entre o poder central e as demais nações:

A presença destes grupos etnolinguísticos complicou de forma extraordinária o tradicional jogo de relações entre o poder central e as nações históricas. Suas reivindicações foram as que, depois de 1848, deram toda sua importância à questão das nacionalidades que constituiu o maior problema político da monarquia desde 1848 até 1919. (BÉRENGER, 1993, p. 552).

Tabela 1 – Tabela indicativa da distribuição etnolinguística da população do império Austro-húngaro

<i>Distribución etnolingüística en el Imperio austro-húngaro en 1910 (incluida Bosnia-Herzegovina)</i>	
	Porcentaje
De lengua alemana	23,9
De lengua húngara	20,2
De lengua checa	12,6
De lengua eslovaca	3,8
De lengua polaca	10
De lengua rutena	7,9
De lengua eslovena	2,6
Croatas (católicos)	5,3
Serbios (ortodoxos)	3,8
Serbo-croatas musulmanes o bosnios	1,2
Rumanos	6,4
Italianos	2
TOTAL	100

De una población de 51.390.000 habitantes, repartidos así:

Cisleitania	28.572.000
Hungría	20.886.000
Bosnia-Herzegovina	1.932.000

Fonte: BÉRENGER, 1993, p. 553.

Bérenger afirma que os alemães da Áustria consideravam os Habsburgos como seus senhores naturais e “[...] eram os únicos que manifestavam uma verdadeira fidelidade à dinastia” (BÉRENGER, 1993, p. 554). Entretanto, não eram somente os povos de língua alemã que dedicavam essa fidelidade ao imperador, os trentinos, apesar de serem de cultura italiana, também tinham esse sentimento, já que muitos deles se consideravam austríacos e não italianos.

Tabela 2 - Tabela indicativa da distribuição dos grupos etnolinguísticos por países que compunham o Império Austro-húngaro

EL IMPERIO MULTINACIONAL (1867-1918)

Reparto de los grupos etnolingüísticos por países en 1910 (en porcentaje)

	Alemanes	Checos	Eslovenos	Serbo-croatas	Polacos	Rutenos	Italianos	Rumanos	Húngaros
Viena	94	5							
Bohemia	36,8	63,2							
Moravia	27,6	71,7							
Silesia									
Baja Austria (sin Viena)	100								
Alta Austria	100								
Salzburgo	100								
Tirol	57						42		
Vorarlberg	100								
Estiria	70,5		29,4						
Carintia	78,6		21,2						
Carniola	5,3		94,4						
Istria-Goricia	3,7		32,6	20,7			43		
Trieste									
Dalmacia	0,5			96,2			2,8		
Galitzia	1,1				58,6	40,2			
Bucovina	21,4					38,4		34,4	1,3
Hungria* propiamente dicha	10,4			13,6		2,5		16,1	54,5
Transilvania	8,7					0,1		55	34,8
Croacia-Eslavonia**	5,1			87,1					4,1

Fonte: BÉRENGER, 1993, p. 554.

Os movimentos irredentistas, ações políticas praticadas por certos grupos etnolinguísticos, entre eles os italianos, eram muito frequentes no Império Austro-Húngaro durante o século XIX. O movimento irredentista italiano tinha como objetivo unificar a península itálica, anexando a ela os territórios de população de fala italiana sob o domínio austríaco.

Estes movimentos, surgidos sob o êxito da unidade italiana, afetaram principalmente os italianos, os romenos, os sérvios e alguns alemães dos Sudetos e contribuíram para a dissolução do Império Austro-Húngaro. Os italianos jamais admitiram, em 1866, que Trieste e a comarca de Trento não permanecessem unidas ao jovem reino, e as populações italianas do litoral dalmata da Veneza-Júlia e do Tirol Meridional buscaram com afinco a secessão, apesar da aliança formal entre os governos de Roma, Viena e Berlin (a tríplice aliança, 1882-1914). (BÉRENGER, 1993, p. 557).

Os povos que formavam o Império se toleravam, mas sempre havia o risco de tensões serem desencadeadas entre eles, como aconteceu na Boêmia, entre as comunidades checa e alemã, que disputavam poder e autoridade na região. Segundo Hegel, “[...] o Estado era uma verdadeira família ampliada.” (HEGEL apud NICOLA, 2006). Mas, no caso da Áustria-Hungria, poder-se-ia dizer que se tratava de diversas famílias, falando línguas diferentes e vivendo debaixo de um mesmo teto.

Em vista disso, o Império Austro-Húngaro foi o terceiro país que mais enviou emigrantes para o novo mundo, só perdendo numericamente para a Itália e para as Ilhas Britânicas, pois 1,3 milhões de emigrantes deixaram o país entre 1906 e 1910 (REINHARD, 1974). A maioria dos emigrados era oriunda das regiões mais pobres, habitadas principalmente por povos não alemães, como italianos, tchecos, romenos, croatas e outros. Todos eles, ao deixarem o país, portavam o passaporte austríaco, sendo, então, considerados cidadãos austríacos no país que os hospedava. Este era o caso dos tirolezes italianos ou trentinos que emigraram para o Brasil, embora falassem o idioma italiano, eram chamados de austríacos até mesmo pelos demais italianos emigrados diretamente do Reino da Itália.

O governo austríaco era contra a emigração, por isso tomou medidas legais para combatê-la; uma delas determinava a perda da cidadania austríaca a todos os súditos que decidissem emigrar. Por isso, não era fornecida qualquer tipo de ajuda para seus súditos que viviam no exterior.

Figura 4 – Abaixo o mapa do Império Austro-húngaro



Fonte: OBVIOUS. **Imperador Franz Joseph:** o princípio do fim da velha Europa. 2003. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2011/08/imperador_franz_joseph,_o_princípio_do_fim_da_velha_europa.html>. Acesso em: 01 ago. 2012.

Na Áustria, a população germânica começou a diminuir em relação aos demais povos, pois, com a industrialização da Caríntia, região da Áustria alemã, houve o “[...] afluxo de uma população camponesa não alemã para as cidades de formação predominantemente alemã” (ZAMAN, 1974, p. 208). A partir disso, segundo Zaman (1974), formaram-se partidos

políticos que, descrentes da dinastia dos Habsburgos, começaram a voltar suas atenções para os Hohenzollern (a família imperial alemã) em busca de apoio para os austríacos de fala alemã.

2.4 Uma Breve História de Trento

A história trentina oferece um importante pano de fundo para a compreensão do processo de emigração e da cultura, dos modos de pensar, sentir, agir e dos valores que esses italianos trouxeram de sua pátria de origem para as terras brasileiras e gaúchas. Herédia e Paviani (2003) afirmam que

A contextualização do período histórico ajuda a compreender esses valores enquanto formas de integração da sociedade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de realização de sonhos que não teriam conseguido atingir fora do processo migratório. (HERÉDIA, 2003, p.30-31).

Essa trajetória, segundo Malossini, é a capacidade trentina de construir sua identidade étnica e política.

Guerras, pobreza, reivindicações de soberania territorial são acontecimentos que o Trentino conheceu em várias ocasiões no curso de sua história. E não se pode deixar de admirar a capacidade de a classe dirigente encontrar soluções pacíficas, cada vez que soube prever e compor os contrastes, que se diriam inevitáveis, em uma terra de fronteira. (MALOSSINI apud PROVÍNCIA, 1986, p.5).

Figura 5 –Mapa da Região do Tirol



Fonte: WIKIPEDIA. **Europaregion Tirol–Südtirol–Trentino**. 2012. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/File:Tirol-Suedtirol-Trentino.png>>. Acesso em:01 ago. 2012.

Para Altmayer (2009, p. 4-8), desde a Antiguidade, a região Trentina tornou-se uma região de encontros por excelência entre as culturas latina e germânica, ligando a Itália à Alemanha e à Áustria.

Pode-se dividir a história trentina em três grandes fases, segundo o domínio que se instalou em suas terras: da pré-história a 1004; de 1004 a 1803, período dos 800 anos do Principado de Trento; os 100 anos do domínio do Império Austro-Húngaro e, posteriormente, da República Italiana (ANDREOTTI, 1994).

2.4.1 Os 200 anos do Império Austríaco e da República Italiana aos dias atuais

O Trentino viveu cerca de 100 anos sob o domínio do Império dos Habsburgo, dissolvido por Napoleão, quando o território foi anexado à Áustria, tornando-se parte do Tirol.

Neste período, o Trentino enfrentou a condição de endêmica pobreza econômica, de dolorosas lutas decorrentes de opostas tendências políticas e nacionais, duas guerras mundiais e graves dificuldades de reconstrução. Alcançou a conquista da autonomia regional, seguida da provincial e, mais recentemente, a possibilidade de autogovernar-se, tutelando seu território e sua comunidade. (ANDREOTTI, 1994, p. 5).

No entanto, mesmo diante de imensos desafios, um dos fatores que distingue os trentinos e que sempre caracterizou e diferenciou sua história foi a busca de autonomia, a possibilidade de se autogovernar, tutelando seu território e sua comunidade (ANDREOTTI apud PROVÍNCIA, 1994, p. 5). A autonomia é um valor que sempre orientou a vida dessa comunidade italiana. E o movimento de *irredentismo*⁷, de obtenção da anexação dessa região à Itália, permaneceu por muitos anos como uma bandeira das aspirações trentinas, o que veio a ocorrer de modo completo somente em 1998.

O período dos últimos 200 anos que se seguiram, chegando aos dias atuais:

[...] foi marcado pela universal transformação da sociedade por causa das descobertas, invenções e aceleração sem precedentes do progresso econômico e social, mas, sobretudo, marcado por duas guerras que envolveram e desordenaram o mundo inteiro, dois conflitos mundiais que marcaram e condicionaram fortemente também o caminho do Trentino. (ANDREOTTI apud PROVÍNCIA, 1994, p.5).

⁷O movimento irredentista foi um movimento de caráter liberal para unificar a península Itálica entre (1848 e 1871), a qual encontrava-se dividida em diversos reinos independentes ou sob domínio estrangeiro. O movimento era liderado pela burguesia italiana tendo como seus principais líderes Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi. A unificação italiana concluiu-se em 1871 com a tomada de Roma, que, na época, era um território da Igreja Católica e Governado pelo Papa. Alguns territórios com população de fala italiana continuavam sob domínio da Áustria, como o Trentino-Alto Adige e Trieste.

Foi, então, nesses dois últimos séculos que ocorreram as grandes emigrações dos trentinos para países distantes em busca da possibilidade de sobrevivência e de crescimento, que lhes haviam sido negados pela própria terra. Muitas vezes levavam consigo somente as mãos para trabalhar e a arte da própria profissão (ANDREOTTI apud PROVÍNCIA, 1994, p.5).

Em 1803, Napoleão cedeu o Trentino à Áustria, causando o fim do Principado Episcopal que tinha durado 800 anos. Entretanto, com a derrota dos austríacos, que haviam aderido a uma nova coalizão contra a França, a Áustria foi obrigada a ceder o Tirol e o Trentino à Baviera, aliada dos franceses em 1805. Em 1809, quando o governo bávaro tentou impor o alistamento militar obrigatório a toda a população masculina, instalou-se uma rebelião tirolesa, e a resistência antifrancesa no Trentino foi promovida pelo clero no Tirol e na diocese de Trento. Esse movimento provocou a aversão dos trentinos às ideias iluministas francesas, e o clero opôs-se às novas administrações eclesiásticas bávaras. Com a notícia da invasão napoleônica e bávara, ressurgiram no Trentino os antigos *Grupos Armados de Proteção*, que se constituíram em frentes paramilitares de voluntários, cujos integrantes eram nobres, artesãos, comerciantes e camponeses que, desde o século XV, vinham lutando contra as invasões em seu território.

Apopulação trentina, portanto, não aceitou as novas modificações introduzidas, como o alistamento obrigatório, a submissão do clero ao Reino da Itália, a proibição ao clero de registrar os nascimentos e casamentos. Com isso, ocorreu uma nítida separação entre a classe intelectual trentina e a população, principalmente a camponesa, fazendo prevalecer uma resistência à classe dirigente italiana que veio substituir a alemã após 1918.

Em 1810, graças a um acordo entre França e Baviera, o Trentino foi anexado ao Reino Itálico, coligando-se politicamente a outras regiões italianas. Foi um período positivo do ponto de vista econômico e administrativo que contou com a colaboração de intelectuais maçons que haviam passado de uma visão cosmopolita de sociedade para uma nacionalista.

A partir de 1813, novamente os trentinos viveram uma mudança política com o retorno ao domínio austríaco, em decorrência de uma nova coalizão formada contra a França. As tropas austríacas entraram no Trentino e derrotaram o exército francês. A partir disso, a região foi anexada ao Império Austríaco, como parte da província do Tirol, com o nome de *Tirol*

Meridional ou *Tirol Italiano* ou ainda *Latino*, já que o Tirol era caracteristicamente germânico⁸.

No Império Austro-Húngaro, único estado europeu que permaneceu não nacional, a religião da pátria foi substituída pelo culto da dinastia (CHABOD apud POSSAMAI, 2005, p. 42). O culto à família imperial, estritamente ligado a sua missão histórica, foi o vínculo que manteve unidos os vários ramos ou linhas em que a casa dos Habsburgos se irradiou no curso dos séculos. (PROVÍNCIA, p. 118, s/d).

Em 1848, quando estouraram revoltas de caráter liberal-democrático em diversos países europeus, na chamada *Primavera dos Povos*, em Viena também houve insurreição. O imperador e sua corte, com medo, refugiaram-se em Innsbruck, capital do Tirol, entre os tirolezes, considerados conservadores, refratários às ideias revolucionárias democrático-liberais e fiéis ao imperador.

A pulverização fundiária, um fenômeno em crescimento no decorrer da segunda metade do século XIX, depois do aumento demográfico, era consequência do alto adensamento da população sobre a terra e tinha como resultado uma agricultura que pretendia garantir o autoconsumo. Dentro das grandes propriedades, vigorava uma dura exploração dos camponeses; seus salários supriam sua mera sobrevivência (PROVÍNCIA, 1986). Segundo Grosselli, as massas camponesas não tinham esquecido as condições de submissão aos seus senhores, na qual tinham vivido durante o período medieval, “a Idade Média sobrevivera na Áustria até 1848, ano em que foi abolida a servidão da gleba”. (GROSSELLI, 2008, p. 59).

Esse sistema econômico caracterizado pelo imobilismo entrou em crise quando a estrutura agrícola tradicional desabou. Pragas afetaram a produção de uva, prejudicando a viticultura, e a pebrina, que matava o bicho da seda, dizimou a produção de seda. Além disso, a velha estrutura agrária trentina não era capaz de suportar o peso do crescimento demográfico, enquanto não conseguisse aumentar os recursos disponíveis. Por esse motivo, em 1875, emigraram do Trentino mais pessoas do que nos 25 anos precedentes.

Da emigração, derivou não somente um rico patrimônio de experiências e de cultura à população trentina que pode, assim, enfrentar com uma nova abertura mental os fermentos inovadores que estavam se manifestando, mas também uma quota notável de poupanças que, enviadas sob forma de remessas às aldeias de origem, permitiram a atuação de pequenos investimentos [...] que não teriam sido encontrados nos recursos locais. (PROVÍNCIA, 1994, p. 75).

⁸Segundo os geógrafos, o Tirol é uma região da Áustria que se localiza no oeste desse país, limitando-se ao sul com a Itália, a oeste com a Suíça, ao norte com a Alemanha e a Leste com outras regiões da própria Áustria. Portanto, seu território não inclui a Itália, nem o Trentino.

Até a década de 1860, uma considerável parte da população trentina emigrou à procura de trabalho em outras regiões da Europa. Na década de 1870-1880, iniciou a emigração para além-mar na direção, inicialmente, da América do Sul (Brasil e Argentina) e de 1880-1900 na dos Estados Unidos. Nesse período, migraram aldeias inteiras. Diante desse quadro, nos últimos anos do século XIX, para fazer frente a essa grave crise que afetou a economia rural que se instalara no Trentino, o povo trentino realizou uma revolução popular e pacífica de cooperação, a qual contribuiu para a restauração econômica e social da região. O ressurgimento econômico do Trentino foi liderado por Mazzurana.

Segundo Grosselli (1999), foi no ano de 1874 que se iniciou a emigração dos trentinos rumo à América⁹, porque, no anterior, 1873, devido à quebra da bolsa de valores de Viena, o Império dos Habsburgos passava por uma grave crise financeira. Para o autor, os trentinos inauguraram a colonização italiana de massa no Brasil, já que foram os primeiros colonos vindos em grandes levas a se estabelecerem no Espírito Santo, em 1874, estado considerado o berço da imigração italiana no Brasil. O autor destaca ainda que a Áustria-Hungria enviou para o Brasil pouco menos de oitenta mil imigrantes contra quase dois milhões vindos da Itália (GROSSELLI, 2004).

De acordo com Paulo Possamai:

No Trentino, que na época pertencia à Áustria, o movimento emigratório relaciona-se ainda mais intimamente com a disputa entre a Igreja e o liberalismo. A luta nacionalista pela unificação do Trentino à Itália era uma preocupação marcadamente burguesa e cidadina, pois os camponeses não se engajaram nela. O conservadorismo e o clericalismo eram as bases da sociedade trentina, majoritariamente camponesa, por isso a ocupação de Roma significou a falta de apoio popular à unificação com a Itália, acusada de usurpar os domínios temporais do Papa. (POSSAMAI, 2004, p. 565).

Para Grosselli, a imigração era apoiada pelo clero trentino que incentivava os camponeses a emigrar para a América.

Enquanto os jornais liberais do Trentino davam pouca atenção para o fenômeno emigratório, limitando-se na maioria das vezes a acusar os camponeses de se deixarem iludir pelos agentes de emigração, o jornal *La Voce Cattolica* criticava a desagregação da família tradicional, causada pelo militarismo, que levava os jovens para longe, e pela necessidade de aumentar a renda familiar [...] O jornal defendia a

⁹ A presença de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul é anterior a 1874, data em que teve início a grande imigração do Trentino-Alto-Ádige rumo à América. No entanto eram imigrantes que vieram de forma espontânea e não subsidiados pelo governo brasileiro, o que veio a ocorrer somente em 1875 no estado. Conforme Constantino (1991), havia uma presença significativa de italianos no Rio Grande do Sul antes de 1875, principalmente nas cidades.

idéia de que era possível salvar a integridade da família camponesa, transportando-a para a América. (GROSSELLI, 1986 apud POSSAMAI, 2004, p. 566).

Renzo Grosselli aponta como uma das principais causas da emigração do trentino para a América a questão do militarismo austríaco, sendo que principalmente os camponeses eram recrutados pelas autoridades militares (GROSSELLI, 2008).

O Império Austro-húngaro era circundado por potências que visavam a sua destruição. Ameaçavam-no, sobretudo, as duas novas realidades nacionais que se formavam ao norte e ao sul e que reclamavam parte de seu território: a Prússia, depois a Alemanha e a Itália. Mesmo a sudeste, não era aconselhável perder de vista o Império otomano e, talvez, segundo o ditado militarista da época, aproveitar-se de sua decadência para subtrair-lhes regiões (onde, além da Bósnia, os próprios agricultores trentinos seriam levados, a partir dos anos 1870, primeiramente para trabalhar em obras públicas e depois para colonizar aquelas terras). (GROSSELLI, 2008, p. 60).

O serviço militar durava três anos, mas, na milícia, durava 12 anos, assim “[...] os milicianos necessitavam da permissão do Ministério da Defesa para emigrar”. (GROSSELLI, 2008, p. 62). Para o autor, a legislação militar austríaca referia-se a uma época em que “[...] as guerras e as tensões entre os estados não eram absolutamente uma exceção, e sim a regra”. (GROSSELLI, 2008, p. 62).

[...] a constante tensão em todas as fronteiras, inclusive naquela com o Império turco, fazia com que se pudesse compreender o fanatismo militarista das autoridades habsbúrgicas. Esta situação interferia violentamente no desenrolar da vida das massas camponesas. Em primeiro lugar, subtraía braços importantes para o trabalho nos campos, provavelmente os mais importantes [...] Era uma concessão que a família camponesa não podia fazer sem comprometer sua economia, em um período em que apenas um trabalho de superação lhe permitiria equilibrar as contas. Cada filho militar acrescentava novas misérias à família, muitas das quais deviam ceder ao exército mais de um filho na mesma época. (GROSSELLI, 2008, p. 62).

Assim sendo, a ausência dos filhos que estavam prestando serviço militar empobrecia ainda mais as famílias camponesas. Além disso, a partir da década de 1870, bem no auge do fenômeno emigratório no Trentino, a lei militar tornou-se um aparato para impedir os camponeses de emigrarem (GROSSELLI, 2008).

Em 1896, foi inaugurado, na cidade de Trento, um monumento ao escritor Dante Alighiere, símbolo da cultura italiana e considerado o pai da língua italiana. A estátua do escritor foi idealizada pela burguesia local que desejava que o Trentino se unisse à Itália. “O monumento a Dante era a resposta dos trentinos ao monumento erguido, em 1889, em

Bolzano, a Walter Von Der Vogelweide, o poeta símbolo da cultura alemã [...]” (EL TRENTINO..., 1996, p.8)¹⁰.

Em 1914, estourou a Primeira Guerra Mundial e, durante esse período, o Trentino foi terreno de guerra e motivo de contenda. Trento e Trieste eram os alvos dos intervencionistas italianos. Durante a Guerra, de 1914 até 1918, a região do Trentino foi evacuada, tendo sua população civil mandada para o interior do Império Austro-Húngaro porque a região se tornara um cenário de grandes batalhas entre tropas italianas e austríacas. A cidade de Trento foi transformada em fortaleza devido a suas grandes muralhas.

Os homens de 17 a 50 anos foram convocados pelo Exército Austro-húngaro e tiveram de lutar em duas frentes: uns combatiam no fronte sul contra seus próprios compatriotas italianos; outros foram mandados para o fronte do leste na batalha contra os russos.

Em 1918, os italianos derrotaram os austríacos, e as tropas italianas entraram em Trento que passou a integrar o território da Itália com o desmembramento do Império Austro-Húngaro, determinado pelo Tratado de Versalhes em 1919. A região foi duramente castigada pela Guerra, com muitas cidades tendo sido destruídas durante os combates.

Durante a guerra ítalo-austríaca, a bandeira do reino da Itália, com o brasão da Casa de Saboia e com os brasões das cidades do Trentino, foi confeccionada clandestinamente e doada pelas mulheres de Trento aos soldados italianos que foram os primeiros a entrarem na cidade. (PROVÍNCIA, 1994, p. 160).

O tratado de Saint German, de 1919, marcou as fronteiras da Itália no Brennero, confirmadas também depois da Segunda Guerra Mundial (1939-45). Nesse tratado, a minoria alemã no Alto Ádige (*Sud Tirolo*), pelo acordo entre Itália e Áustria citado no Tratado de Paz de Paris, obteve uma autonomia especial – a maior conhecida na Europa – que também foi estendida ao Trentino.

No período de Mussolini, com o fascismo no poder, as esperanças de autonomia da região terminam quando à província de Trento foi imposta a legislação e a administração italianas. No início de outubro de 1922, uma ação fascista em Bolzano e Trento, com a ocupação da prefeitura e do palácio da administração provincial, antecipou a marcha sobre Roma que aconteceu no dia 28 do mesmo mês.

Em Trento, a adesão ao fascismo foi grande por parte da população, enquanto a oposição a ele não era expressiva, sendo representada apenas por pequenos grupos de

¹⁰El monumento a Dante era la respuesta de los trentinos al monumento erecto en 1889, em Bolzano, a Walter Von Der Vogelweide, el poeta símbolode la cultura alemana [...]

intelectuais liberais. Em 1940, quando a Itália entrou na Segunda Guerra Mundial ao lado da Alemanha nazista, a população trentina passou a se manter em uma posição distante da guerra, atuando discreta e restritivamente no movimento de resistência italiano dos *partigiani*, grupo de guerrilheiros italianos que atuavam na clandestinidade contra os nazistas.

Em 1943, Hitler criou oficialmente a Zona de Operações Pré-Alpes, que permaneceu como tal por 600 dias. Apesar de ter sido criada por motivos militares, ela representava uma aspiração alemã de construir futuramente um Estado Alpino sob o controle tirolês. Para os alemães, era necessário que nessa área, pela sua situação estratégica para a passagem de tropas e suprimentos, reinasse a calma e a ordem. Em consequência disso, eles, ao mesmo tempo em que mantinham um controle rígido e firme na região, buscavam o apoio da população, procurando satisfazer suas aspirações, como, por exemplo, a da escolha de dirigentes, no caso Bertolini, que representava o pensamento de autonomia e de posição antifascista. No entanto, muitas ações militares alemãs levaram a situações trágicas na vida da população, como as realizadas nas zonas de Basso e de Tesino, em 1944.

Diante dessa situação, nesse mesmo ano, surgiu clandestinamente o *Comitê de Libertação Nacional*, composto por várias facções políticas da democracia cristã, de comunistas e socialistas, o qual desenvolveu o Movimento Trentino de Resistência ao regime nazista. Também vigorosa foi a ação dos padres do interior e dos frades dos conventos que, mesmo não desenvolvendo ações armadas, se opuseram aos alemães, procurando defender a população trentina. Muitos integrantes desse movimento de resistência sofreram represálias ou foram capturados e mortos.

Assim, no período de 1939 a 1945, os habitantes da região do Trentino estavam longe dos lugares onde furiosamente era combatida a guerra civil, como uma província diferenciado resto da Itália, quase um oásis de paz (PROVÍNCIA, 1994, p. 136).

Terminada a Segunda Guerra Mundial, os aliados mantiveram o vínculo da região com a Itália e assumiram a administração do Trentino. Em 1946, a Itália optou pela República, sendo o Trentino a província que demonstrou o maior percentual de preferência pelo novo sistema, com cerca de 80% de votos. Iniciou-se, então, um período de reconstrução pós-guerra quando foram feitas várias obras públicas e se intensificaram as atividades de edificação.

Após o acordo sobre o Alto-Ádige de 1946, em Paris, retomaram-se os debates sobre a questão da autonomia trentina. Muitos projetos de Estatuto de Autonomia foram elaborados pela Associação de Estudos para a Autonomia Regional, criada em 1945, e pelos partidos políticos da região.

O resultado final desse processo, envolvendo principalmente Áustria e Itália, aconteceu somente em 1972, com o Estatuto da Autonomia. Em 1991, esses países chegaram a um acordo: em 1992, a comunidade internacional foi notificada, via ONU, do término da controvérsia entre eles em relação à região do Alto-Ádige, pondo-se fim à questão irredentista iniciada no século XIX.

2.5 A Situação Italiana

Fatores que influenciaram a emigração italiana para o Brasil podem ser localizados na própria Itália, como o processo de unificação, a instalação do capitalismo e da industrialização, a questão romana, entre outros. A maior decorrência de tais fatores foi o crescimento da miséria entre a população italiana, atingida profundamente em sua estrutura agrária.

Segundo Costa e De Boni (1991), a questão da fragilização da estrutura agrária trouxe como consequência um expressivo crescimento da miséria da população camponesa. As guerras de unificação da Itália, com a ocupação por exércitos do norte, devastaram plantações, aumentando a miséria. A situação do agricultor italiano era precária, pois poucos se tornavam proprietários. Devido à péssima situação econômica em que o país se encontrava, houve uma queda na taxa de natalidade, o que impediu a Itália de abrigar as novas gerações.

A propaganda intensa de países como Estados Unidos, Argentina e Brasil mostrava a América como uma terra prometida, de felicidade e enriquecimento rápido, o que atraía os imigrantes. Na Itália, por outro lado, o fato social da imigração encontrava-se ligado ao fato político da Unificação, ocorrido tardiamente, com seu início em 1848 e conclusão em 1870.

Maestri confirma que:

[...] no século XIX, a Unificação italiana e a lenta e parcial incorporação da península à produção e ao mercado capitalista pesaram sobre as condições de existência das populações rurais. O artesanato industrial italiano foi golpeado pela expansão da produção industrial italiana, que era incapaz de absorver os braços expulsos do campo. Os pequenos arrendatários do setentrão sofriam com os altos aluguéis dos minifúndios, dos pesados impostos, dos rústicos métodos agrícolas, da baixa fertilidade da terra. (MAESTRI, 2000, p.16).

Durante séculos, a península itálica foi uma região caracterizada pelo fracionamento político, pelo domínio estrangeiro e pelo absolutismo dinástico e oligárquico (IOTTI, 1996).

O território italiano encontrava-se dividido politicamente em pequenos Estados, e a maioria deles estava sob o controle direto ou indireto da Áustria; aqueles que estavam fora

desse controle eram governados por monarcas absolutistas. Com a Unificação, os pequenos reinos e principados deram lugar a um único país, a fim de que a produção capitalista, derrubando fronteiras e alfândegas, encontrasse um mercado consumidor.

No entanto, mesmo após o término do processo unificador, com a ocupação de Roma em 1870, as aspirações territoriais dos nacionalistas italianos continuaram, pois ainda faltava anexar as regiões de Trento e de Trieste, que permaneciam sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Essa anexação ocorreu somente em 1919, depois de um longo processo político e em decorrência da Primeira Guerra Mundial.

Segundo Iotti (1996), a unificação política da Itália desempenhou o papel de uma revolução burguesa, mas apresentou características diferentes das demais ocorridas na Europa. Foi resultado de uma aliança política entre forças detentoras do poder econômico que excluíram do processo os trabalhadores pobres e a pequena burguesia.

A burguesia italiana era a principal interessada na unificação do país, pois essa unificação representava a ampliação do mercado consumidor. Entretanto, com medo de levantes populares, como o ocorrido em 1848, em grande parte da Europa, durante a chamada *Primavera dos Povos*, ela optou por uma via revolucionária que não alterasse as estruturas socioeconômicas existentes. A classe burguesa evitou a aliança com os camponeses e, assim, garantiu a preservação do sistema oligárquico na Itália, no qual os grandes proprietários de terra mantinham domínio sobre eles.

Em uma análise sobre o *Risorgimento* ou o movimento da Unificação italiana, Iotti considera que:

Os burgueses e latifundiários foram responsáveis pela condução e pelo desenrolar da revolução burguesa italiana. O Risorgimento representou uma expressão da vontade dessas classes. Foi um movimento reformista sob a direção política de forças conservadoras, o qual implantou o estado liberal italiano, com o objetivo de abrir espaços ao capitalismo. (IOTTI, 1996, p.29).

Nesse período, a elite italiana discutia se a emigração seria boa ou ruim para o estado italiano: significaria um dreno de mão de obra e de efetivo militar ou um benefício para a economia e a política externas, abrindo espaços para a criação de mercados para produtos italianos e para aumentar a influência italiana no mundo (BERTONHA, 2008).

Segundo Bertonha (2008), desde a Grande Emigração, os países da Europa viram em seus cidadãos que migravam para o exterior uma forma de exercer influência geopolítica.

Muitos países imaginavam que uma emigração maciça para certas colônias era um elemento a mais para garantir sua soberania nas regiões e, portanto, passaram a estimulá-la.

O grande dilema dos italianos consistia em como a Itália deveria construir seu império colonial. A questão indagava quais caminhos deveriam ser seguidos: um imperialismo tradicional de conquista; um colonialismo direto, dirigido prioritariamente à África ou à Ásia; ou um colonialismo indireto, que poderia ser desenvolvido por intermédio de emigrantes, mais especificamente na América do Sul. Esse fato era uma especificidade do imperialismo italiano.

Assim, logo após a Unificação, o Governo considerou a emigração como um fato social negativo; no entanto, liberou-a logo em seguida, a partir dos resultados obtidos com o dinheiro que retornava dos imigrantes ao país, através das remessas enviadas às suas famílias de origem, e do desenvolvimento da navegação italiana, entre outros.

Em termos econômicos, a Unificação abriu espaço para a era do capitalismo sobre as antigas instituições, cujo processo de implantação foi realizado às custas das camadas populares, em decorrência da expansão do capital e da concentração dos meios produtivos. Por isso, o Estado italiano era um fiel representante das classes dominantes e estava diante da ameaça de conflitos sociais. Diante disso, a exportação da população pobre para outros continentes era a melhor solução para o problema naquele momento.

No entanto, essa saída maciça dos italianos de suas terras foi considerada por Maestri (2005) como uma triste solução. A emigração era a saída para a crise vivida por milhões de camponeses, era uma fuga da fome, do trabalho fatigante, da desnutrição, dos baixos salários e do alto aluguel da terra. Era uma forma de revolta surda e silenciosa contra os donos da terra. Além disso, a emigração descomprimia as tensões entre as elites e as classes mais baixas e reforçava as estruturas arcaicas do latifúndio e do autoritarismo social italianos.

A emigração era a promessa de um futuro melhor para todos, pois os emigrantes bem sucedidos teriam acesso à propriedade da terra, aqueles que ficavam teriam aumentadas a oferta de trabalho, e as rendas nacionais seriam engrossadas com as remessas monetárias dos expatriados.

Como a Itália não tinha colônias como outros países europeus, esperava-se que a indústria italiana conquistasse reservas de mercado no exterior, o que ocorreu parcialmente no Brasil e no Rio Grande do Sul. Contratando e transportando os imigrantes, as empresas de navegação e de imigração enriqueceram. E os países que os hospedavam venderiam suas terras devolutas e seriam povoados por uma população camponesa livre.

2.5.1 A Questão Romana

A Unificação italiana terminou em 1870 quando tropas do reino de Piemonte, que comandou o processo unificador, tomaram a cidade de Roma, resquício dos Estados Pontifícios sob a administração do Papa e da Igreja Católica Romana.

O Papa Pio IX não concordou em perder o poder temporal sobre a cidade de Roma e recusou-se a reconhecer o Estado unificado italiano, passando a proibir os fiéis de participarem das eleições do reino. O Papa fez da questão romana o principal entrave entre a Igreja Católica e o Estado Italiano, embora este lhe tenha garantido a liberdade de ação papal, como chefe da Igreja Católica, pela lei das garantias, que se baseava no princípio do dirigente italiano Cavour- *Igreja livre em um Estado livre*. Essa lei não foi reconhecida pelo pontífice que a julgava imposta pelo vencedor (POSSAMAI, 2005).

A Igreja Católica sempre foi contrária ao processo de Unificação por causa das ideias liberais e maçônicas que acompanharam esse processo. Segundo Possamai, “a Unificação italiana foi encarada pela hierarquia católica como um projeto da maçonaria para destruir o catolicismo” (POSSAMAI, 2005, p.37), e Giuseppe Garibaldi, seu principal herói, foi considerado o pior inimigo da igreja porque ele era maçom.

Aos avanços do liberalismo, a Igreja respondia com o endurecimento da sua posição conservadora, condenando a laicização das instituições, a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade de imprensa, a maçonaria etc.

Buscando retomar sua posição centralizadora, a partir do Concílio de Trento, a Igreja criou o chamado Movimento Ultramontano, visando resgatar seu poder. Na tentativa de preservar seu status e seus fiéis, protegendo-os da influência negativa do Estado liberal italiano que se formara, passou a apoiar a emigração. A influência desse movimento foi muito forte, não somente na vida da Itália da época, como também em seu processo emigratório. Essa posição refletiu-se de modo acentuado nas colônias de imigrantes, especialmente no Rio Grande do Sul.

Essa situação de inimizade entre a Igreja e o Reino Italiano terminou somente em 1929, com o acordo de Latrão, quando Mussolini reconheceu a soberania da Igreja sobre a Cidade do Vaticano, que se tornou um Estado autônomo, governado pelo Papa, pondo fim à Questão Romana.

3 DO TRENTINO PARA O RIO GRANDE DO SUL

3.1 As causas da emigração no Tirol Italiano

Ao analisar as causas e os fatores que podem explicar a emigração trentina que se acentuou a partir de 1873, durante o período da grande emigração, pode-se considerar que foram as mesmas que mobilizaram os demais emigrantes italianos, presentes no próprio contexto italiano, trentino, brasileiro e gaúcho. Algumas especificidades relacionadas às características históricas e culturais, humanas e geográficas da região do Trentino contribuíram, segundo Grosselli (1999), para que cerca de 30.000 trentinos buscassem as terras americanas, entre 1874 e 1914. De acordo com Leonardi (2005), só no ano de 1875, foram registradas no Trentino mais saídas de emigrantes do que nos 25 anos precedentes. Para esse autor, a queda da bolsa de valores de Viena, em 1873, prejudicou a economia do Trentino, sendo uma das causas do aumento do fluxo migratório da região em direção a outros países (LEONARDI, 2005).

Grosselli (apud FRANCESCHINI, 2007, p.18) situa a implantação do capitalismo e da industrialização em todo o norte da Itália como fatores importantes para a emigração. As pequenas frações de terras nas quais as famílias somente podiam manter uma agricultura de subsistência não lhes garantia a sobrevivência. As terras pouco férteis, poucos rios, situados em regiões montanhosas, e o clima rigoroso dificultavam seu modo de vida, exigindo mais trabalho para sobreviver.

Assim, a própria geografia do Trentino pode ser considerada como um dos fatores que influenciaram na luta pela sobrevivência de sua população. Catástrofes naturais que trouxeram prejuízos de natureza econômica e política, também contribuíram para o êxodo trentino para outras terras, como a crise da seda, decorrente da praga da pebrina que matava o bicho-da-seda e as terríveis enchentes de 1882 e de 1885. A família Santini imigrou para o Brasil por causa de um violento temporal de granizo que desabou sobre a cidade de Pérgine e destruiu as plantações. Isso os levou a vender tudo o que tinham e partir para o Brasil. Chegaram ao Rio Grande do Sul em 1878 e estabeleceram-se na II légua da colônia Caxias (COSTA; GARDELIN, 2002).

Para Grosselli, a exorbitante carga de impostos que onerava os cidadãos, acrescida do cansaço dos camponeses de serem usados pelo militarismo vigente também são fatores

relevantes na vida desses emigrantes a serem considerados como causas para deixarem sua terra natal (GROSSELLI, 1999).

Como já foi abordado no capítulo 2, o serviço militar obrigatório no exército imperial austríaco afastava os jovens de suas famílias por anos. Muitos imigrantes trentinos eram ex-soldados austríacos, como, por exemplo, o imigrante Giacomo Costamilan que serviu por nove anos no exército imperial austríaco, conforme o certificado de alistamento militar:

Comando do regimento de caçadores tirolezes imperial e real do exército austríaco Francisco José I e zona de sua influência. [...] o portador deste, cabo do batalhão imperial e real- Giacomo Costamilan, nascido em Pérgine [...] estado: Tirol, no ano de: 1827 [...] serviu com fidelidade e dedicação durante 7 anos, 7 meses e 20 dias no regimento tirolez imperial e real Francisco José I, como simples guia de grupo e cabo, e na reserva durante 2 anos e 4 meses [...] atingindo a atividade total de 9 anos, 11 meses e 20 dias. [...] Fornecido em Innsbruck, 31 de outubro de 1859. Real oficial de sua alteza real e imperial apostólica, cavaleiro da ordem austríaca-Leopoldo, detentor da cruz de merecimento militar austríaco [...]. (COSTAMILAN, 1989, p. 60).

O imigrante Carlo Valduga, imigrado para a colônia Dona Isabel, também prestou serviço militar, servindo por sete anos nas forças armadas austríacas (COSTA et al., 1999). Uma entrevista feita por Rovílio Costa e Arlindo Battistel, em viagem ao Trentino, com Luigi Gatti, nascido em 1905 quando a região ainda pertencia a Áustria, traz o seguinte registro:

-Quantos anos tinham que ir servir?
 -Três anos.
 -Iam servir aqui ou na Áustria?
 -É não. Iam para a Áustria! Alistavam-se aqui, depois iam para a Áustria prestar o serviço militar.
 -E esses militares eram brabos, severos ou não?
 -Não. A nós nunca nos maltrataram para dizer que...somente que estávamos submetidos à Áustria. (COSTA; BATTISTEL, 2000, p. 431).

Para Santos (apud GROSSELLI, 1999), a luta pela sobrevivência atuou para os emigrantes como fator responsável pela busca de uma terra farta e abundante. Assim, a situação vivida pelos camponeses trentinos – sem terras para plantar, sem frutos para colher e sem espaço para produzir- levou-os a buscarem melhores condições de vida além-mar, fugindo da industrialização e de uma agricultura de subsistência. Buscaram a terra, seu habitat natural, que pudesse lhes garantir a sobrevivência.

A imensa propaganda emigratória instalada no país contribuiu para a criação de uma imagem de que, na América, em especial no Brasil, isso seria facilmente encontrado. Era o mito da *Cocanha*, ou seja, o mito da fartura.

A ação dos agentes da emigração para o Brasil estava concentrada no nordeste da Itália, na região do Vêneto, próxima às regiões trentinas, onde os camponeses tinham a fama de ser gente trabalhadora e submissa às autoridades. Segundo Grosselli, “[...] era gente, a dos campos trentinos, habituada a servir sem dificuldades uma autoridade, fosse ela interna à família, a figura do pai patriarca, ou externa [...] o padre”(GROSSELLI, 1999, p.343). A propaganda era intensa e buscava aliciar os imigrantes, utilizando estratégias que atraíam os trentinos e que muitas vezes lhes trouxeram grandes dificuldades. Segundo Gardelin (apud GARDELIN; COSTA, 2002), já no ano de 1869, começou a ser feita a propaganda das terras da região serrana do Rio Grande do Sul, nos países centrais da Europa, entre eles a Áustria (Tirol).

Apesar da região do Trentino ainda não fazer parte da Itália recém unificada, sua população era etnicamente italiana e culturalmente influenciada pelas províncias vênetas vizinhas. À época, se dividia em Tirol alemão e Tirol italiano, cuja capital era Trento (GARDELIN apud GARDELIN; COSTA, 2002).

Foi no período de 1874 a 1878 que mais se intensificou a saída dos trentinos, em decorrência do Governo Imperial brasileiro ter oferecido, gratuitamente, a viagem por mar aos emigrantes (GROSSELLI, 1999). Além dos trentinos, outros emigrantes do Império Austro-Húngaro preferiram o Brasil, como os tchecos, os poloneses e os húngaros. Grosseli ressalta que, “[...] a partir de 1874, ano da expedição Tabachi, e durante quase um quinquênio, o destino dos imigrantes trentinos foi, na sua maioria, o Brasil.” (GROSSELLI, 1987, p.170). No entanto, segundo o mesmo autor, a partir de 1880, o fluxo migratório dirige-se majoritariamente para a Argentina.

No Rio Grande do Sul, a maioria dos trentinos chegou durante o biênio 1875-1876, segundo “Povoadores da Colônia Caxias” e “As Colônias Italianas Dona Isabel e Conde d’Eu”, dois livros organizados por Rovílio Costa, que contêm informações sobre os imigrantes que povoaram as colônias da região nordeste do estado. Uma das características que diferenciou os trentinos dos outros italianos é que entraram nas colônias por um curto espaço de tempo, embora um grande número de imigrantes trentinos tivesse entrado no Brasil entre 1874 e 1878, entretanto, a maioria se estabeleceu nas terras das colônias durante os anos de 1875 e 1876 (GROSSELLI, 2005). Os demais italianos se estabeleceram nas colônias de 1875 até 1914.

Após muitas décadas, senão séculos¹¹, a emigração trentina das áreas rurais durante os meses de inverno se modificava, a transferência temporária começava a se transformar em permanente, de europeia para transoceânica. Em 1875, emigraram mais pessoas do que nos anos anteriores, segundo os dados recolhidos pela *Statistische Zentral kommission*, de Viena (PROVÍNCIA, 1994, p. 73).

A saída para o Brasil realizou-se em duas principais direções: como imigração, para ocupar, povoar e colonizar terras devolutas das colônias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo; como substituição de mão-de-obra escrava, em terras paulistas. O processo de libertação da escravatura se avizinhava em decorrência do movimento abolicionista que vinha se instalando no país e sendo legitimado pelas leis imperiais que se sucederam até a Lei Áurea de 1888.

Com suas aptidões agrícolas e artesanais, construídas em sua região de origem, os emigrantes, que chegaram para trabalhar nas fazendas de café, buscaram também trabalho em áreas urbanas, o que contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e de indústrias madeireiras, de tecelagem, de metalurgia, de viticultura, de alimentos, entre outras e fortaleceu a indústria brasileira.

Grosselli (1999) afirma que a forte influência dos fazendeiros paulistas na política de imigração fez com que o governo deixasse de subsidiar as viagens transoceânicas, o que reduziu o fluxo emigratório para o Brasil. Esse fluxo passou a se deslocar principalmente para os Estados Unidos que oferecia ao emigrante melhores condições. Os emigrantes não iam para lá para obter terras, iam em busca de trabalho, que era muito bem pago e permitia que, com suas economias, pudessem retornar e comprar terras em sua região de origem, o que caracterizava uma emigração temporária. No Brasil, eles precisavam trabalhar nas fazendas de café para conseguirem um pequeno pedaço de terra, o que era obtido após vários anos de esforço. Tais dificuldades faziam com que retornassem à Itália ou buscassem, muitas vezes, outras formas de sobrevivência, realizando migrações internas no próprio país ou para outros países da América do Sul.

A família Costamilan, natural da cidade trentina de Pérgine, não era de agricultores; viviam razoavelmente bem em sua terra natal, ou seja, desfrutavam de uma boa situação financeira, por isso não tinham necessidade de sair de lá. No entanto, o filho mais velho do casal, João Costamilan, decidiu vir para o Rio Grande do Sul tentar construir uma nova vida,

¹¹Desde o século XVIII, um elevado número de camponeses trentinos havia começado a abandonar os campos durante os meses de inverno, período impróprio para praticar a agricultura, partindo para regiões limítrofes e exercendo diversos tipos de trabalhos (GROSSELLI, 2008).

porque estava em busca de aventura. Então, para ele não emigrar sozinho, a família inteira veio para a colônia Caxias em 1878 (COSTAMILAN, 1989).

O caso da família Costamilan, entretanto, constituiu-se uma exceção, pois a situação de pobreza no Trentino, naquela época, era muito grande. O trecho de uma carta, enviada de Pérgine para um imigrante trentino em Caxias do Sul em 1899, revela a situação precária de sua terra natal. “Aqui os negócios vão cada vez pior. A falta dos militares e as cooperativas deixaram Pérgine meio morta.” (COSTAMILAN, 1989, p.401).

Outra carta, enviada em 1901, fala do mesmo assunto, ou seja, a pobreza no Trentino.

Vos queixas (sic) do Brasil, mas se estivésseis aqui teríeis lamentações bem maiores. Entre famílias, bodegas, cooperativas, falta dos militares e ferrovias, não podeis imaginar em que estado se acham os comerciantes daqui. (COSTAMILAN, 1989, p. 444).

O número de emigrantes que retornaram ao Trentino foi de 1991, no período de 1870 a 1889, de um total de 23 846 que vieram para as Américas. Desse total, 1009 morreram na travessia, 14 060 conseguiram uma boa situação econômica, e 1651 encontraram inúmeras dificuldades (PROVÍNCIA, 1986, p. 15). Segundo Maestri, o número de italianos imigrados para o Rio Grande do Sul que retornaram à Itália foi menor do que em outras províncias do Brasil, porque as condições em que se encontravam os imigrantes no Estado eram relativamente melhores do que em outras regiões (MAESTRI, 2005).

Entre aqueles que retornaram ao Trentino, encontrava-se Gustavo Casapiccola que, na década de 1890, voltou para sua terra natal. Lá permaneceu por três anos, voltando, depois disso, novamente ao Rio Grande do Sul. Em 1893, quando em Pérgine, no Trentino, Gustavo Casapiccola escreveu uma carta ao seu compadre Caetano Costamilan, que estava em Caxias do Sul, comunicando-lhe notícias de lá e dizendo que se encontrava bem, no entanto arrependido de ter retornado (COSTAMILAN, 1989). A carta a seguir está datada de 21 de julho de 1893:

A viagem que fizemos foi satisfatória, no que diz respeito ao mar, mas minha esposa sofreu muito. Chegamos em Pérgine a 2 de junho, [...] A região de Pérgine está muito bonita e tem luz elétrica, contudo, há uma grande crise para o comércio e é como se fosse um lugar morto. Viva a América. Se eu não tivesse vindo teria sido bem melhor, e pode ser que eu ainda empreenda viagem de volta à América (COSTAMILAN, 1989, p. 154).

Outra carta escrita na cidade de Pérgine, datada de 25 de maio de 1899, pelo senhor Roner, outro compadre de Caetano Costamilan que também havia retornado a sua terra natal,

fala a respeito de outros imigrantes que haviam retornado e, depois, se arrependido de terem regressado ao Trentino.

Agora, aqui, (eles) não se sentem tão bem como no pomar da América, porque estão vendo que acabou a “mamata”. E vós, com a família, fazei o possível para conservar vossos ossos na América. Os vossos amigos leram com grande prazer vossa carta, e transmitem suas saudações cordiais (COSTAMILAN, 1989, 401).

Os habitantes da cidade trentina de Pérgine, a qual forneceu muitos imigrantes para o Rio Grande do Sul, em 1901, pretendiam erguer um monumento em forma de obelisco para homenagear os cidadãos do município que haviam emigrado para a América. Essa informação consta em uma carta escrita pelo Sr. Roner, residente em Pérgine, para Caetano Costamilan, o último trentino imigrado para Caxias do Sul, conforme Ângelo Ricardo Costamilan. Segundo o autor, o senhor Roner,

[...] que deveria haver uma outra carta dele conclamando Caetano, e através deste os demais tirolezes, a contribuïrem para que fosse erguido, em Pérgine, um obelisco que ele aqui denomina “Cruz Monumental”, onde seriam gravados os nomes das famílias que haviam emigrado para o Brasil (COSTAMILAN, 1989, p. 443).

A seguir, está transcrito o trecho da carta enviada pelo senhor Roner a Caetano Costamilan.

Vos apresento os meus mais sinceros agradecimentos, e junto vos remeto a carta geográfica do desenho da cruz, que no próximo mês de setembro será inaugurada e abençoada. [...] quero recomendar-vos recolher alguma oferta de outros pergineses, aos quais remeteremos a lembrança logo que recebermos a importância. Se vós não puderdes fazer isso, pelo menos mandai-nos o nome daqueles que desejarem fazer uma oferta, que nós lhes escreveremos. O monumento é grandioso, mas também custará muito mais do que esperava. (COSTAMILAN, 1989, p. 443).

No entanto, ainda de acordo com Costamilan, a construção do monumento parece não ter sido concretizada por falta de dinheiro (COSTAMILAN, 1989).

Os trentinos imigrados para o Rio Grande do Sul eram chamados de austríacos ou de tirolezes¹², pois assim são descritos pelas listas de chegada de imigrantes, as quais se encontram no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. No entanto, segundo Giron (2005), muitos trentinos foram listados pelas autoridades brasileiras como italianos ou como alemães. Dessa forma, fica impossibilitada a identificação da região de procedência.

¹²Nas listas de chegada dos imigrantes, quando indicadasua região de procedência, ao se tratar de trentinos, está escrito Tirol, Áustria ou austríaco. O fato de o indivíduo possuir um sobrenome italiano o diferencia dos tirolezes de língua alemã.

Segundo Grosselli (1991), é muito difícil fazer uma pesquisa sobre imigrantes a partir de fontes austríacas, pois, como a maioria dos imigrantes oriundos do Império Austro-Húngaro embarcavam para a América em portos estrangeiros, não existem quase registros de saídas de emigrantes do território austríaco.

O número de trentinos que se estabeleceram nas colônias italianas no Brasil, durante o período imperial, entre 1874 e 1889, foi de 12.000 a 13.000 pessoas. Essas cifras se referem apenas àqueles que entraram nas colônias (GROSSELLI, 2005). Em vista disso, ficaram excluídos os imigrantes que não foram para as colônias e se fixaram nas cidades.

3.2 Austríacos ou italianos? Trentinos, os sem bandeira

No século XIX, os trentinos entravam no Brasil com passaporte austríaco¹³ e eram chamados de tirolezes ou austríacos. Ao optarem pela saída do Tirol italiano ou do Trentino, recebiam o passaporte e tinham de se declarar não mais pertencentes a essa comunidade, perdendo seus direitos de súditos do Império. Eram informados de que não receberiam nenhuma ajuda do Governo na solução de seus problemas.

Segundo Possamai (2005, p. 84), os trentinos não contaram com o respaldo do governo austríaco às suas reivindicações, sendo por ele abandonados, já que este desaconselhava a emigração e procurava impedi-la por meios legais, deixando, assim, de se responsabilizar pelos que tomavam a decisão de emigrar. O governo Austro-Húngaro despreocupava-se de seus súditos emigrados, especialmente dos grupos que pertenciam a etnias minoritárias de seu Império. “Por isso, foram muito raros os casos de concessão de auxílio para o repatriamento de colonos que se mostraram arrependidos de ter deixado o Trentino, o que era freqüentemente concedido nos consulados italianos.” (POSSAMAI, 2005, p. 89). No passaporte do imigrante Giacomo Costamilan, imigrado com sua família do Trentino para a Colônia Caxias em 1878, está escrita a declaração: “[...] confirma-se que o aqui denominado declarou que se desvincula do privilégio da cidadania austríaca, e que emigra para a América, pelo que a partir deste momento deixa de ser cidadão austríaco.” (COSTAMILAN, 1989, p. 49).

Segundo Grosselli (1987), essa situação levou os trentinos a serem mais subservientes às autoridades brasileiras. O autor, ao estudar os trentinos no estado de Santa Catarina,

¹³O passaporte não poderia ser considerado como uma permissão para emigrar, porquanto, ao contrário disso, esse documento servia somente como legitimação, comprovando que a pessoa titular conservava a sujeição austríaca (GROSSELLI, 1987).

analisou duas petições: uma feita por trentinos; a outra, por lombardos na colônia Itajaí Príncipe Dom Pedro. Na primeira, nota-se a submissão desse grupo às autoridades brasileiras, pois a palavra piedade aparece três vezes no texto, enquanto, na segunda, percebe-se um discurso agressivo em relação a elas. Observe-se a carta escrita por trentinos:

Senhor presidente de Santa Catarina ora em Brusque, assim nós pobres colonos premidos para não perecer de fome de dirigir-nos respeitosamente a Nosso Diretor a fim de que quisesse ter piedade de nós que se encontramos num vale ruim se não há piedade de nós esperançosos em sua pessoa e certos que não terá o prazer de ver-nos na miséria que se encontram agora, além deste mês de março não recebemos nem contrato nem jornadas e por isto a maior parte se encontramos endividados, isto é, na miséria, e solicitamos ainda que quisesse comprazer-se de tomar em execução as famílias mais numerosas com 5 florins por mês [...] somos obrigados a dirigir-nos a nossa superioridade de ter piedade de nós assim também se não é verdade este escrito solicitamos que quisesse dar-se o incômodo, de mandar duas pessoas que deseja para visitar nossa colônias nós a graça e se não formos assistidos rogamos respeitosamente de conduzir-nos ao ponto onde fomos acolhidos, mas nós esperançosos e esperamos ter um graça de nosso Sr.Presidente e o reverenciamos distintamente e passamos as assinaturas. (GROSSELLI, 1987, p. 377).

Na carta escrita por lombardos, o discurso é diferente, pois demonstra rebeldia:

Todos nós abaixo-assinados colonos de citada freguesia soubemos do senhor engenheiro por ordem do ilustríssimo Senhor presidente que doravante não se fará mais os contratos, mas sim se deve trabalhar a jornada, mas nós todos se recusamos de fazer isto porque fazendo isto a trabalhar todo o mês para viver, e a nossa Colônia não se pode trabalhá-la, portanto nós todos fizemos esta pequena instância para dizer-nos se as coisas vão como e sempre foram nós estamos todos dispostos a permanecer aqui no Brasil e se procura fazer-nos passar fome pedimos a graça de acompanhar-nos na terra onde estávamos. E depois ainda aqui na dita freguesia há 40 e mais colonos que chegaram no mês de março que muitos não têm ainda as casas feitas em sua colônia [...] não hesitamos, em absoluto, de trabalhar a jornada e eu assino por todos os colonos [...]. (GROSSELLI, 1987, p. 378).

No Rio Grande do Sul, em 1878, o diretor da colônia Dona Isabel, Armênio de Figueiredo, fez um elogio aos tirolezes, considerando-os mais laboriosos do que os demais italianos.

[...] os tirolezes sabem ser muito mais laboriosos e morigerados, preocupam-se mais no caso de satisfazerem o compromisso que têm com o Governo Imperial. É de justiça que eu renda esta homenagem aos tirolezes colonos deste núcleo, porque somente em casos isolados eles em suas reclamações exorbitam, o que não acontece com os italianos, (cujo número infelizmente é muito maior), que além de reclamar, não possuem fundo de direito. Exaltam-se e provocam distúrbios. (FIGUEIREDO, apud LUCHESE, 2001, p.87-88).

Devido a essas qualidades, conforme Figueiredo, de serem mais trabalhadores em relação aos demais italianos, os tirolezes, instalados na colônia Blumenau, em Santa Catarina,

causaram uma boa impressão no diretor da colônia, Hermann Blumenau, o mesmo não se dando a respeito dos demais italianos (GROSSELLI, 1987). Em 1877, Blumenau referiu-se a respeito dos trentinos, descrevendo-os como “Gente que em maioria consiste de homens laboriosos [...] constituem um válido contingente da nossa população, sendo amantes da ordem, trabalhadores e econômicos.” (GROSSELLI, 1999, p. 162). Em 1878, o presidente do Estado de Santa Catarina, Cavalcante de Albuquerque, escreveu: “[...] os tirolezes se distinguem entre todos pela sua aptidão ao trabalho” (GROSSELLI, 1999, p. 162). Em 1875, o diretor da colônia Leopoldina no Espírito Santo descreveu os trentinos como “[...] trabalhadores de bons costumes” (GROSSELLI, 1999, p. 162).

Os trentinos eram chamados pelos demais italianos de *senza bandiera* (sem bandeira) pelo fato de pertencerem a um grupo étnico que não se constituía em um estado nacional, pois Trento estava sob o jugo de uma potência estrangeira, a Áustria (POSSAMAI, 2005). Os imigrantes poloneses também sofriam o mesmo tipo de discriminação ao serem chamados pelos demais grupos de imigrantes de polacos sem bandeira¹⁴ (STAWINSKI, 1999).

Segundo Iotti (1996), o governo italiano via os emigrantes no exterior como cidadãos de segunda categoria pelo fato de obterem a cidadania do país que os acolhia; no entanto, o Estado italiano tinha interesses econômicos¹⁵ em relação aos emigrados, porque estes representavam um mercado consumidor para os produtos italianos. Para a autora, “[...] o sentimento de italianidade surgiu no Brasil e, também, foi incentivado pelo Estado italiano, preocupado em interligar emigração, comércio e manutenção da identidade cultural.” (IOTTI, 1996, p.63). Devido a interesses econômicos, o governo italiano tutelava a emigração de seus súditos no exterior na tentativa de manter o vínculo dos italianos com a sua pátria¹⁶. Já o governo austríaco despreocupava-se dos seus súditos emigrados, pois, ao saírem do país, perdiam a cidadania austríaca, portanto, caso quisessem se repatriar, as despesas com a viagem de volta não lhes seriam pagas. A Áustria não tinha nenhuma lei sobre a imigração, sendo o único país da Europa ocidental a não tutelar seus emigrantes (GROSSELLI, 1987). Assim,

¹⁴Na época em que a maioria dos imigrantes poloneses vieram para o Rio Grande do Sul, no final do século XIX, a Polônia não existia como nação independente, pois seu território estava dominado por três potências estrangeiras, Áustria, Alemanha e Rússia, desde 1795.

¹⁵Segundo Iotti (1996), o que interessava ao governo italiano em relação aos emigrados no exterior era que se constituíssem em um mercado consumidor para os produtos italianos.

¹⁶Era solicitado aos representantes consulares e diplomáticos italianos que “celebrassem, com as colônias de imigrados, as datas comemorativas italianas [...] A celebração das festas patrióticas deveria propiciar condições para que os emigrados voltassem o pensamento para a pátria [...] O objetivo era manter os emigrantes ligados à pátria, conservando vivos os vínculos de italianidade, ou, até mesmo, criando-os” (IOTTI, 1996, P. 62). Comemorar datas festivas é uma maneira de expressar identidade.

[...] as disposições da autoridade austríaca continuaram a ser dirigidas para dificultar a obtenção dos documentos necessários para a imigração, para atemorizar quem tinha decidido de partir e [...] perseguir os recrutadores-engajadores, sem contudo cuidar de substituí-los com organizações tuteladas pelo estado, capazes de proteger os emigrantes antes, durante e depois da viagem. (GROSSELLI, 1987, p.166).

Em 1875, dois colonos trentinos que viviam no Espírito Santo foram para o Rio de Janeiro (onde ficava na época o consulado da Áustria) e, após se aconselharem com diplomatas austríacos, voltaram para a colônia com uma carta que orientava. “É provável que os próprios camponeses quisessem ser transferidos para o sul, mas é certo que a única coisa que o consulado austríaco desejava evitar era o seu retorno à Europa.” (GROSSELLI, 2008, p. 291). Esse retorno iria acarretar enormes gastos aos cofres dos municípios de Trento, porque eram estes que deveriam cobrir as despesas com o repatriamento de seus cidadãos.

A fidelidade dos trentinos à Áustria foi demonstrada quando o cônsul austríaco visitou as colônias povoadas por tirolezes em Santa Catarina, no ano de 1905. A população o acolheu com entusiasmo e foi feita uma poesia dedicada a ele, a qual dizia: “Nós nascemos em estranhas lides dos austríacos genitores e sabemos que nós somos filhos de uma pátria e de um senhor.” (GROSSELLI, 1987, p. 431).

Um relato do padre jesuíta alemão, Carlos Blees, faz referência à diversidade de nacionalidades dos habitantes da colônia Campo dos Bugres, futura colônia Caxias, e menciona o aumento do número de imigrantes trentinos, descritos como austríacos, “impressionante essa mistura que, ao depois, ainda havia de crescer com a chegada de austríacos ou ao menos tirolezes: italianos recém-feitos” (BLEES apud RABUSKE, 1978, p. 12).

Os trentinos, apesar de gostarem de serem súditos austríacos, colaboravam com a criação de sociedades italianas, pois sua comunicação era mais fácil com os italianos do que com os seus compatriotas austríacos (POSSAMAI, 2005). Na colônia Leopoldina, no Espírito Santo, havia um grupo de tirolezes de língua alemã instalados desde 1859. Quando os primeiros trentinos chegaram em 1874, não se misturaram a eles, preferindo se juntar aos outros colonos italianos (GROSSELLI, 2008). Isto mostra que, após chegarem ao Brasil, os trentinos não conviviam com os austríacos de língua alemã, apesar de esses serem seus compatriotas.

Em 1882, os trentinos da colônia Dona Isabel fundaram a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Rainha Margarida, sendo seu primeiro presidente Domingos Loss, um trentino

natural de Caoria, que veio das colônias italianas do Espírito Santo para o Rio Grande do Sul (COSTA et al., 1999). Apesar de ter sido fundada por trentinos, era uma sociedade aberta para todos os italianos. O nome dado à sociedade era uma homenagem à primeira rainha da Itália Unificada (CAPRARA; LUCHESE, 2005). Esse fato se explica porque, provavelmente, os fundadores eram trentinos que tinham aderido à causa da unificação italiana com o objetivo de incorporar o Trentino ao Reino da Itália. Segundo Ospital e Constantino (1999), as sociedades italianas em Porto Alegre e La Plata (Argentina) tiveram um papel importante no sentido de manter a identidade dos imigrantes italianos e, também, de passar uma imagem de união do grupo.

Edifícios e bandeiras foram objetos de forte presença física e de poderoso significado. Demonstraram a importância de instituições de italianos nas cidades, ao mesmo tempo em que auxiliaram na ocultação das possíveis fissuras ou enfrentamentos no interior da coletividade. Cumpriram, assim, a função de oferecer uma imagem de unidade, com elementos facilmente relacionados ao conjunto dos italianos. (OSPITAL; CONSTANTINO, 1999, p. 144).

A sociedade italiana *Stella d'Italia*, fundada na colônia Conde D'Eu, aceitava os italianos oriundos de regiões que não faziam parte da Itália Unificada na época de sua fundação, em 1884. No artigo número 4 de seu estatuto, havia uma cláusula a respeito disso (BENEDUZI, 2004).

Art.4- Têm direito de pertencer à sociedade, todos os italianos e os filhos de italianos naturalizados no exterior, como também aqueles nascidos em solo italiano, mesmo pertencendo a províncias ainda não submetidas ao governo nacional. (ESTATUTO... apud BENEDUZI, 2004, p. 223-224).

Nesse artigo, nota-se uma abertura aos imigrantes trentinos que provinham de uma região que, naquela época, ainda não pertencia ao Reino da Itália. Isso mostra que esses imigrantes “[...] constituíam-se em um grupo influente na sede municipal, além de falarem um dialeto com raiz comum aos egressos do Vêneto e da Lombardia” (BENEDUZI, 2004, p.224). Assim, pode-se concluir que os trentinos se integraram ocasionalmente aos demais italianos nas colônias do Rio Grande do Sul.

3.3 A instalação dos trentinos nas colônias italianas da serra gaúcha

Segundo Frosi e Mioranza (2009) e Possamai (2005), 7% dos emigrados italianos que vieram para o sul eram trentinos, provenientes em sua maioria do sul da província de Trento

(98%), principalmente das localidades de Fiera di Primiero, Pérgine e Roveretto. Bolzano contribuiu apenas com 2%.

Chegaram ao Rio Grande do Sul cerca de 4500 trentinos (GROSSELLI, 1999), dirigindo-se, em sua maioria, para as três primeiras colônias imperiais, Conde d'Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Colônia Caxias; o restante distribuiu-se entre Santa Maria de Soledade, Silveira Martins e Alfredo Chaves. Em Porto Alegre, alguns se instalaram na colônia de Vila Nova de Itália (POSSAMAI, 2005).

Segundo os estudos de Gardelin (apud GARDELIN; COSTA, 2002, p. 159), os primeiros imigrantes italianos que aqui chegaram, em outubro de 1873, fixaram-se na colônia Santa Maria da Soledade. Eram considerados de origem tiroleza ou austríaca, originários do Trentino e pertencentes às famílias Renzo, Travessa, Stroppa, Felicetti, Sivori, Santini, Martinazzo, Campelli.

Mario Gardelin tenta provar que os primeiros imigrantes italianos vieram para o estado em 1873 e não em 1875, como diz a historiografia sobre a imigração. Comprovando essa informação, está abaixo transcrito um artigo publicado originalmente no jornal Correio do Povo, em 21 de outubro de 1938, por Mario Teixeira, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Efetivamente, desde 1869-dadas às dificuldades existentes em conseguir colonos alemães (aliás, em grande parte austríacos e tchecos), em vista, principalmente da diferença de religião entre Brasil e Alemanha - os contratantes de braços para a lavoura gaúcha na Europa lançaram suas vistas para o Tirol, então em poder da Áustria, e para o norte da Itália. [...] em 1869 começou a ser feita alguma propaganda de nossas exuberantes terras da região serrana nas partes centrais da Europa. Um destes foi a Áustria (Tirol). Dadas às circunstâncias do momento em que a Itália atravessava uma época infeliz, parte do norte deste país se achava em poder da Áustria [...] o Tirol e o Vêneto. Em conseqüência da propaganda feita pelos agentes brasileiros nessas regiões, no mês de outubro de 1873 aportaram a este estado as nove primeiras famílias italianas, então consideradas tirolezas ou austríacas. [...] foram nove famílias italianas (tirolezas), [...] que aqui por primeiro aportaram em 1873, em outubro, na colônia Santa Maria da Soledade, e em 1874, outras levadas em Forromeco (aí por perto de São Vendelino). (TEIXEIRA apud GARDELIN, 2002, p. 159-160).

A maior parte dos imigrantes trentinos que chegaram ao Rio Grande do Sul se instalaram na Colônia Caxias, para onde se dirigiram cerca de 1700 trentinos (GROSSELLI, 1999). A Colônia Caxias, nome dado em 1877, era anteriormente conhecida como Campo dos Bugres, denominação atribuída aos índios caingangues que viviam na região, também chamados de coroados, pertencentes à tribo dos Gês (GARDELIN; COSTA, 1993). Para os autores, os trentinos, embora espalhados por todas as linhas, concentraram-se na primeira e

segunda léguas da Colônia Caxias, sendo que, no travessão São Virgílio da segunda légua, quase todas as famílias ali instaladas eram trentinas.

Atualmente, na cidade de Caxias do Sul, existe um monumento em homenagem aos trentinos, localizado na Praça dos Tiroleses, o qual foi projetado em 1975, por ocasião do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul e inaugurado em 22 de maio de 1977. Esse monumento foi idealizado por uma comissão de descendentes de trentinos de Loreto, uma localidade da segunda légua de Caxias do Sul, colonizada majoritariamente por trentinos, e desenhado por Ângelo Guizzo. Os membros da comissão que o idealizou eram Maria Morè, Aparicio Postali, Odorico Fedrizzi, Padre Giordani, Bruno Rossi, Mauro Spader, Angelo Costamilan e Emílio Pezzi.

Em Caxias do Sul, projetou-se construir um monumento ao centenário que, no final, não foi erguido. Entretanto, um grupo de descendentes de imigrantes oriundos do Trentino-Alto Ádige genericamente denominados de tiroleses-propuseram-se a gestionar para que fosse erguido um marco em homenagem a seus antepassados. [...] Os jantares para angariar fundos e as doações de descendentes de tiroleses e simpatizantes possibilitou que a construção tivesse início nos primeiros meses de 1976. [...] O monumento ficou pronto e foi inaugurado num domingo, dia 22 de maio de 1977. Uma missa solene rezada pelo Bispo Dom Benedito Zorzi, com discursos de autoridades, apresentações de corais e almoço no salão paroquial de São Pelegrino marcaram a ocasião. Através da palavra das autoridades, comunicou-se que, [...] o local passava a denominar-se Praça dos Tiroleses. (PREFEITURA, 2004).

Figura 6 – Monumento aos tiroleses - Caxias do Sul



Fonte: MANTOVANI, Ivam. **Monumento aos Tiroleses-Caxias do Sul**. 2008.

Disponível em:

<<http://www.flickr.com/groups/clubefotografocaxias/discuss/72157622637280489/>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

O monumento aos tiroleses foi construído ao lado do museu da Casa de Pedra. O seu formato representa um capitel estilizado e lembra um oratório de montanha, conhecido como ermida. Um artigo publicado no jornal “O Pioneiro”, intitulado “Tiroleses ganham um monumento”, dizia: “os tiroleses que vieram para esta região, trouxeram a tradição dos pequenos oratórios colocados à margem dos caminhos” (O PIONEIRO, [1975-1977])¹⁷. A obra foi financiada por descendentes de imigrantes trentinos. Sua construção se deu contra a vontade de muitos descendentes de italianos devido à rivalidade com os trentinos. Isto mostra que essa rivalidade continuava na região de colonização italiana ainda na década de 1970, ou seja, cem anos após a chegada dos primeiros imigrantes.

Segundo a fala da ex-diretora do Arquivo Histórico Municipal, a qual, em 1975, também era responsável pela Casa de Pedra, na época foram propostos outros locais para a construção do Monumento aos Tiroleses, no entanto a comissão responsável não cedeu, insistindo em instalá-lo naquele local, ao lado da Casa de Pedra. Segundo Horn:

[...] eu fui com a comissão em tudo o que foi lugar de Caxias pra achar um outro local. Eu tinha feito mil propostas [...] eu fiz ali perto do Clube Cruzeiro, que tem aquela, aquela..., que seria muito mais visto ali até. [...] Eu queria colocar ali e eles não aceitaram. Eles não abriram mão, porque também tinha uma rixa entre tiroleses e italianos. E quando foi colocado ali, houve assim uma certa revolta dos italianos,

¹⁷Alguns exemplares de jornais aparecem sem data ou com a data incompleta devido ao mau estado de conservação dos periódicos encontrados no Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Os artigos que delessão recortados, muitas vezes, não apresentam a parte onde se encontrava a data de publicação. O artigo em questão provavelmente foi escrito entre 1975 e 1977.

que eram contra os tirolezes. Tu sabes que houve rixas incríveis, né? E eu tentei de tudo, fomos procurar por tudo pra botar o tal monumento. Mesmo, o monumento foi contra a minha vontade, aquele monumento não é um monumento aos tirolezes. (HORN)¹⁸.

O monumento aos tirolezes possui um brasão com o símbolo da Província de Trento, que é uma águia negra, e tem escrita, em uma placa de bronze, a seguinte frase em português: “Os seus descendentes perenizam indelével gratidão na pedra deste monumento, símbolo significativo da origem de tanta grandeza”. Essa frase é acompanhada de outra escrita em italiano.

State contenti umana gente (Dante) poiche cen't anni or sono una schiera di audaci tirolesi qui approdó e ovunque sorretta dalla sola e vivida fede scrisse com lacrime sangue e nostalgia del caro patrio tetto un commovente poema d'amore.

Em um artigo publicado no jornal Correio do Povo, intitulado “Monumento dos tirolezes em Caxias”, quando ele ainda estava em construção, encontram-se algumas informações sobre os imigrantes trentinos.

[...] na praça contígua ao museu Casa de Pedra, está sendo construído mais um monumento comemorativo ao centenário da imigração e colonização italianas. Trata-se de uma iniciativa dos descendentes de tirolezes, isto é, da atual província italiana de Trento, mas que, à época da colonização (e até 1918), esteve integrando o Império austríaco. Os tirolezes constituíram um grupo muito numeroso dentro da colonização. Em certos momentos, em várias colônias, eles chegaram a constituir trinta por cento e mais dos imigrantes. Eram todos de cultura e língua italiana, o que não impediu que, na guerra de 1914, numerosos deles ficassem fiéis ao Império Austro-húngaro [...] Sobrevindo o centenário da colonização, os tirolezes uniram-se numa sociedade local, dirigida pela Sra. Maria Rizzo Moré, e decidiram levantar um monumento à memória dos seus antepassados, antigos súditos de Francisco José, Imperador da Áustria. O projeto do monumento é do arquiteto Angelo Guizzo e se inspira nos capitéis de montanha, pequenas ermidas muito comuns no Tirol [...] Tão logo chegaram às novas terras, os colonos tirolezes semearam muitos capitéis, alguns dos quais contam com mais de 80 anos de existência. A construção está sendo concluída e será revestida de pedras brutas, recordando a aspereza das montanhas longínquas [...] (CORREIO DO POVO, 03 jun. 1976).

Na cidade de Piracicaba, no Estado de São Paulo, existe outro monumento em homenagem aos tirolezes que povoaram a região, localizado no Bairro Santa Olímpia onde a maioria dos habitantes é descendente de trentinos. Sua inauguração ocorreu em 1992, em comemoração à chegada dos primeiros imigrantes trentinos à região.

¹⁸Entrevista feita com Maria Clari Frigeri Horn em 1996. A entrevistada, na época em que foi construído o monumento aos tirolezes, era a responsável pelo Museu Casa de Pedra. Essa entrevista encontra-se no banco de memória do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

Figura 7 – Monumento aos tirolezes, Santa Olímpia - Piracicaba, São Paulo



Fonte: ROTA TIROLESA. **Pontos para observação:** monumento dos fundadores. 2011. Disponível em: <http://www.rotatiroleza.com.br/p_observacao.html>. Acesso em: 07 out. 2013.

A chegada dos trentinos em Piracicaba se deu a partir de 1892, ou seja, quase duas décadas depois de terem chegado ao Rio Grande do Sul. É importante ressaltar que, no Estado de São Paulo, a entrada maciça de imigrantes italianos aconteceu entre 1885 a 1895 (GROSSELLI, 1991).

Os dois monumentos, o de Caxias do Sul e o de Piracicaba, têm em comum uma cruz, que simboliza a fé dos trentinos.

Um artigo intitulado “Áustria: ano 1001”, publicado no jornal “O Pioneiro”, em 26 de outubro de 1977, menciona o monumento de Caxias do Sul.

Hoje, 26 de outubro- a Áustria comemora seu ano 1001. [...] A reverência da Imperatriz Leopoldina ao inestimável esforço dos tirolezes austríacos no sul do Brasil -zonas de Caxias e Bento Gonçalves- desponta o velho e saudoso imperador Francisco José, reverenciado por todos aqueles que na época [...] deixaram a Áustria para vir ao Brasil. Desta simbiose de amor à nova pátria e de trabalho no novo país, resplandece hoje, num dos recantos mais lindos da cidade de Caxias, o Monumento aos tirolezes, simbolizado no “capitel” típico e amalgamado em pedras rústicas, bronze, história e fé. Os 1001 anos que a Áustria hoje comemora [...] reflete-se também no Tirol e ressoou aqui no Brasil, não apenas no drajepar (sic) festivo das bandeiras branco-vermelho, mas também na lembrança de antepassados [...] Áustria -ano 1001- hoje os caxienses te saúdam! (O PIONEIRO, 26 out. 1977, p. 16).

Segundo Gardelin e Costa, “Os austríacos, popularmente conhecidos como ‘tirolezes’, são o segundo grupo que, em massa, chega à Colônia Caxias.” (GARDELIN; COSTA, 1993, p. 157). De acordo com esses autores, esse grupo falava o dialeto trentino e fundiu-se com a população de maioria vêneta. Devido à proximidade e à influência cultural da Áustria na

região, o dialeto trentino¹⁹ era muito parecido com o alemão, ou seja, uma fala de língua italiana com algumas palavras da língua alemã; o *slambrot*, no entanto, era o dialeto trentino essencialmente alemão. Muitos imigrantes trentinos sabiam falar o italiano e o alemão, por exemplo, todos os que serviram como soldados falavam alemão porque este era o idioma oficial do exército austríaco.

No ano de 1878, havia na Colônia Caxias 3849 habitantes, sendo 1007 trentinos, o que representava 26% da população. Entre os travessões da Colônia Caxias, três deles eram habitados, majoritariamente, por trentinos: o Travessão Trentino e o Travessão São Vigílio, santo protetor de Trento, estavam localizados na segunda légua; o Travessão Tirolês, na quarta légua (ANEXO C). Este último recebeu o nome em homenagem aos imigrantes que vieram da província do Tirol, pertencente ao Império Austro-Húngaro.

É curioso que os administradores poderiam tê-lo chamado de “austríaco”, “Francisco José II” ou, ainda Sissi (uma das esposas do Imperador). Fixaram-se no tirolês certamente pela aversão que eles tinham às causas da unificação italiana (GARDELIN; COSTA, 2002, p. 221).

Segundo Giron, “[...] os proprietários rurais da colônia, em 1884, eram 2513, destes 313 eram tirolezes, ou seja, 12,38 % do total dos colonos. O número de tirolezes nas diversas léguas era variado.” (GIRON, 2005, p. 247). Para a autora, até o ano de 1884, o número de trentinos que se estabeleceu na sede da Colônia Caxias foi pequeno, enquanto que, na zona rural, a quantidade foi mais expressiva.

Os trentinos se constituíram no segundo maior grupo de imigrantes que se instalou na Colônia de Caxias, no período de 1872 a 1886. A tabela 3 especifica as origens dos imigrantes dessa colônia, nesse mesmo período, cerca de 14 anos após sua chegada ao estado.

¹⁹ Através da linguagem [...] o dialeto italiano identifica-se à concretude da vida. O dialeto se constitui em uma forma plena da memória da vida dos antepassados. Perder a linguagem é perder a memória do passado. [...] nas comunidades italianas, o desaparecimento do dialeto tende a ser mais rápido que nas comunidades alemãs e polonesas, exatamente pela afinidade do italiano com o português (COSTA, 1977, p. 218).

Tabela 3 - Origem dos Imigrantes da Colônia de Caxias-1872-1886

Nacionalidade	Nº de imigrantes	%
Italianos	2909	70,99
Austríacos	975	23,80
Brasileiros	86	2,10
Boêmios	57	1,39
Alemães	39	0,95
Franceses	15	0,37
Espanhóis	11	0,27
Ingleses	3	0,07
Argentinos	2	0,04
Húngaros	1	0,02
TOTAL	4127	100

Fonte: Mapa Estatístico da Colônia Caxias apud GIRON (1977, p. 29)

O padre jesuíta Teodoro Amstad faz referência a uma localidade com o nome de Novo Tirol, localizada no vale do Rio Caí (RABUSKE, 1978). Devido a sua localização em uma região de colonização alemã, provavelmente tratava-se de uma comunidade de imigrantes austríacos de fala alemã.

As colônias Dona Isabel e Conde D'Eu foram criadas antes da Colônia Caxias, em 1870. Naquela época, o Governo Imperial queria povoar aquela região de difícil acesso na Serra Gaúcha, no meio das florestas. Para tal, incentivava os colonos alemães, que já estavam instalados em localidades mais próximas à encosta, como Lajeado, a subirem a serra para povoar as colônias recém criadas. Entretanto, as poucas famílias alemãs que se arriscaram a desbravar aquelas selvas acabaram retornando, devido às dificuldades. Assim, essa primeira tentativa de povoar a região não se concretizou.

Em 1874, o Governo brasileiro tentou outro empreendimento para povoar a região com a ida de 48 franceses que também se retiraram, ao verem as dificuldades de se instalarem na região. A tentativa de ocupação dessas duas colônias só obteve êxito com a chegada de imigrantes italianos à serra gaúcha no ano de 1875. Superadas as primeiras dificuldades, a imigração italiana não mais parou.

Em 1884, na colônia Dona Isabel (ANEXO D), havia 6951 italianos e 800 trentinos, segundo o relato do cônsul italiano Antônio Greppi (apud COSTA et al.,1999). Nessa colônia, os trentinos se instalaram em maior número na estrada geral e foram os primeiros povoadores do Vale dos Vinhedos, atual distrito de Bento Gonçalves. As primeiras famílias de imigrantes

trentinos chegaram ao local em janeiro de 1877, entre elas estavam os Zora, Larentis, Giordani, Baldissarelli, Zandonai, Valduga e Gonzatti (DE PARIS, 2006). O livro “Sonho de um imigrante” conta a história do Vale dos Vinhedos e como foi povoado (VALDUGA, 2010).

Os trentinos foram os primeiros a habitar o município de Bento Gonçalves, foram quarenta famílias, em 1875, e mais dezoito famílias em 1876, depois vieram os vênets inclusive em muito maior quantidade (RV)²⁰.

Segundo Lorenzoni, na colônia Dona Isabel, quando aumentou a quantidade de italianos provindos do Reino da Itália, os trentinos que ali estavam instalados “[...] viam com apreensão o número de italianos (vênets e lombardos) que chegavam, o que lhes tirava a oportunidade de domínio na colônia.” (LORENZONI apud POSSAMAI, 2005, p. 90).

Para Lorenzoni (apud COSTA et al., 1999), a primeira leva de imigrantes que chegou a essas duas colônias era composta por cerca de 40 famílias, todas oriundas da Província de Trento, e não por 48 imigrantes franceses. As duas colônias, como gêmeas que nasceram sob os nomes de Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves), primeira filha do imperador D. Pedro II, e Conde D’Eu (hoje Garibaldi), marido desta, tiveram sempre uma única administração até sua emancipação, que se efetuou no ano de 1884.

Segundo Koff, em novembro 1876, chegou a segunda leva de imigrantes italianos, “[...] mas sob o rótulo de austríacos” (KOFF, 1995, p. 56), referindo-se, assim, aos trentinos. Eles foram divididos entre as colônias Conde D’Eu e Dona Isabel (KOFF, 1995).

No ano de 1883, em Conde d’Eu, a presença trentina era mais destacada na linha Figueira de Melo, com 527 indivíduos, superando numericamente os italianos dali; na linha Azevedo Castro, eles seriam 147. Em Dona Isabel, foram registrados 174 “austríacos” na linha Leopoldina, e 512 na Estrada Geral, número superior ao de italianos (COSTA et al., 1999). Em 1884, segundo o cônsul Antônio Greppi, havia 3337 italianos e 825 “tirolezes” nas duas colônias (apud COSTA et al., 1999).

Em 1876, os colonos da linha Figueira de Melo, habitada majoritariamente por trentinos, “[...] requeriam a nomeação de uma parteira, indicando para tal cargo a sua compatriota Gioconda Manica que, provava ter as habilidades e experiência convenientes para a função reivindicada” (KOFF, 1995, p. 57).

²⁰Entrevista com RV em 2013.

Figura 8 – Ritorno di una battuta. Trofei e prigionieri.



Fonte: BENEDUZI, Luis Fernando. **Mal di paese**: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’Eu (1884-1925). 2004. 324 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

A fotografia acima, tirada na colônia Conde D’Eu, no ano de 1883, mostra um grupo de imigrantes trentinos que haviam retornado de uma caçada. Entre animais mortos e objetos apreendidos, nota-se a presença de duas crianças indígenas, que são exibidas como se fossem troféus ou prisioneiros, conforme a fotografia. Nela, é possível perceber o contraste entre o medo expresso nas feições dos índios com o orgulho da vitória estampado nos rostos dos conquistadores trentinos (BENEDUZI, 2004). O objetivo dessa foto é mostrar a superioridade do branco europeu sobre as populações locais, ou seja, o imigrante trentino civilizando o indígena.

Segundo Beneduzi, ao analisar a imagem “[...] percebe-se dez homens, todos de casaca e chapéu, representação de um formalismo de dia de festa. Afinal, a caçada é um dia de festa na comunidade, comemoram-se as aquisições da luta.” (BENEDUZI, 2004, p. 177).

Para a Quarta Colônia, fundada em 1877, dirigiram-se entre 650 e 700 trentinos, sendo que, segundo De Franceschi, as primeiras famílias chegaram a partir de 1878 (DE FRANCESCHI, 2007). De acordo com a autora, com a abertura de novos núcleos coloniais na região de Cachoeira alguns anos depois, vieram para ali outras famílias provenientes do Trentino (DE FRANCESCHI, 2007). Assim sendo, é possível observar um intervalo de três

anos em relação à vinda de trentinos para as três primeiras colônias imperiais (Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel), o que tinha se dado a partir de 1875, e sua chegada à quarta colônia.

A colônia Alfredo Chaves (atualmente Veranópolis) foi fundada em 1884 e para lá se dirigiu um pequeno grupo de trentinos, cerca de 100 indivíduos (GROSSELLI, 1999). Em outras colônias italianas, sua presença também era pouco expressiva, como em Nova Prata, onde se localizava um reduzido número de famílias trentinas (FARINA, 1986).

Um grande grupo de imigrantes trentinos que estava instalado em Caxias do Sul, devido à falta de terras, reemigrou para Gramado, que, naquela época, já era habitado por uma população de origem alemã. Na cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, existem muitos descendentes de trentinos (CASAGRANDE, 2007). Segundo Casagrande, por volta de 1890, um grupo de italianos oriundos de Caxias comprou terras de um posseiro, as quais se localizavam entre o centro de Gramado e a divisa com Caxias do Sul; 40% dos sobrenomes dessas famílias tem origem na região do Trentino (CASAGRANDE, 2007).

Eles sempre procuraram um lugar melhor para morar, de Caxias, eles vieram por Santa Lúcia do Piauí [...] e se estabeleceram na Linha Nova. Ali foi a primeira sede de Gramado. E então tinha trentinos, tinha venetos, várias famílias que se deslocaram e a outra parte, muitos trentinos que praticamente habitaram e desenvolveram a parte da Serra Grande (DV)²¹.

A cidade de Encantado também possui um razoável número de descendentes de trentinos que emigraram das antigas colônias italianas. Entre estes, está a família Zanotelli, que, no ano de 1882, saiu da colônia Conde D'Eu e se instalou na colônia Encantado, no Rio Grande do Sul (ZANOTELLI, 1997).

Uma particularidade da imigração trentina é que a maioria dos trentinos se instalou nas quatro colônias mais antigas (Caxias, Conde d'Eu, Dona Isabel, Quarta Colônia), não se deslocando em grande quantidade para as novas colônias, como Guaporé, Encantado, Marau, Jaguari, Antonio Prado etc. Isso porque, quando essas colônias foram fundadas, a partir da década de 1880, os trentinos não imigravam mais em grande número para o Brasil, enquanto continuavam a vir para cá imigrantes de outras regiões da Itália.

Segundo Grosselli (1987), Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram os destinos preferidos pelos imigrantes trentinos, sendo que a maioria deles foi para Santa Catarina, onde se instalaram em torno de 5000 trentinos nas colônias Itajaí-Príncipe Dom Pedro e Blumenau. Para o autor, a primeira colônia brasileira a receber trentinos foi Santa Leopoldina, no Espírito Santo; 400 trentinos destinados a outros lugares foram encaminhados para aquela colônia,

²¹Entrevista com DV em 2013.

mas muitos deles “[...] pediram e obtiveram a sua transferência para colônias do Rio Grande do Sul” (GROSSELLI, 1987, p. 259). Também no Espírito Santo, no ano de 1877, os II, IV e V territórios da colônia Rio Novo foram nomeados de São José do Tirol, devido à grande presença de trentinos (GROSSELLI, 2008). No Paraná, os trentinos fundaram a colônia Nova Tirol e, no Estado de São Paulo, foram para trabalhar nas plantações de café das fazendas (GROSSELLI, 1999).

Em relação aos sucessos e fracassos dos colonos, é importante ressaltar que a situação dos imigrantes trentinos variou muito, dependendo do estado do Brasil em que se instalaram. Os trentinos que se fixaram no Espírito Santo foram os que mais tiveram dificuldades por causa das péssimas condições das colônias naquele estado, pois os núcleos coloniais eram muito distantes dos grandes centros. Entretanto, os que se dirigiram para o Paraná prosperaram economicamente, porque conseguiram empregos em obras públicas do governo paranaense nas quais, na época, era utilizada mão de obra imigrante (GROSSELLI, 1999).

Uma grande quantidade de trentinos que imigrou para as colônias do Espírito Santo se transferiu para o Rio Grande do Sul porque não se adaptaram àquele Estado. As terras que lá recebeu eram de péssima qualidade. O presidente do Rio Grande do Sul fez convites para que “[...] permitisse a transferência para a Colônia Caxias [...] de um grupo de famílias trentinas que, por engano, foram enviadas a Rio Novo em março de 1878.” (GROSSELLI, 2008, p. 437). Entre as famílias transferidas do Espírito Santo para o sul estavam os Loss e Pezzi.

Domingos Loss, um dos membros da família Loss, vinda para a colônia Dona Isabel, tornou-se presidente de uma sociedade italiana e também foi membro da primeira junta que governou o município de Bento Gonçalves, após sua emancipação (CAPRARA; LUCHESE, 2005; LUZZATTO, 1987). A família Pezzi, após algum tempo no Espírito Santo, emigrou para Caxias do Sul, em 1878, contando entre seus membros com o professor Abramo Pezzi.

A família Tartarotti também veio do Espírito Santo para o Rio Grande do Sul, tendo se instalado na I légua da colônia Caxias (GIRON, 1995). Na colônia Rio Novo, uma viúva com três filhos, chamada Ciola Maria, cujo marido morreu na colônia, partiu para o Rio Grande do Sul em 1876, porque ela tinha parentes residindo no estado (GROSSELLI, 2008).

O padre Bartolomeo Tiecher descreveu, em uma carta ao jornal trentino *La voce cattolica*, as condições de vida dos colonos no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo. Informou, também, sobre o clima favorável ao colono europeu no Rio Grande do Sul por ser semelhante ao de sua terra natal (GROSSELLI, 1987).

Em 1975, durante os festejos do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, os trentinos, além de erguerem um monumento em homenagem aos seus antepassados na cidade de Caxias do Sul, também fizeram comemorações à parte. Segundo informações do jornal “O Pioneiro”, eles mandaram celebrar uma missa e realizaram um jantar com comidas tipicamente trentinas. Essa edição do jornal não apresenta a data, pois está ilegível devido ao estado precário do periódico, que se encontra no Arquivo Histórico de Caxias do Sul. No entanto, sabe-se que foi editado no ano de 1975 porque fala das comemorações do centenário da imigração italiana, que aconteceram nesse ano. O artigo intitulava-se “Tiroleses de Caxias comemoram centenário da colonização italiana”.

Com uma missa oficiada por três sacerdotes [...], os tiroleses de Caxias do Sul assinalaram a passagem do centenário da colonização italiana. A missa foi oficiada na capela de São Remédio, um santo cultuado no Tirol italiano e teve lugar ao ar livre [...] Dela participaram cerca de 200 pessoas [...] A missa foi oficiada parte em português e parte em latim, evocando os antigos tempos [...] Ao final da missa, sob a regência do maestro João Antônio Tessari foram cantadas orações caídas em completo desuso e utilizadas pelos colonos de São Remédio, curiosamente ainda recordadas pelos descendentes. (O PIONEIRO, 1975).

O artigo prossegue falando do almoço comemorativo, com o subtítulo “Almoço regional tirolês”.

Ao meio dia, no salão da comunidade, trezentas pessoas participaram do almoço tirolês, com pratos desconhecidos para quase todos [...] as receitas foram conseguidas com a família Fedrizzi, que ali residiu por muitos anos. [...] O maestro João Antônio Tessari contou algumas anedotas históricas e cantou diversas canções vindas do Tirol, e provocou grande hilaridade quando contou o que os “tiroleses” pensam dos “italianos” e vice versa. [...] A comemoração terminou em meio a cantos populares entoados pelos presentes. Embora passados cem anos, os descendentes dos montanhese podiam ser realmente identificados pelo ritmo instintivamente (sic) usado: eram canções lentas e que recordavam o ritmo da montanha, ásperas e belas montanhas do Tirol italiano [...]. (O PIONEIRO, 1975).

Esses acontecimentos mostram que, mesmo passados cem anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos e trentinos, estes últimos ainda guardaram algumas marcas da identidade do grupo. Dessa forma, os descendentes dos trentinos, em Caxias do Sul, mantiveram a ideia de que são descendentes de austríacos e não de italianos.

3.4 São Vigílio da Segunda légua

Tanto o travessão São Vigílio quanto o travessão Trentino, localizados na segunda légua da colônia Caxias, foram povoados majoritariamente por famílias trentinas, já que, segundo Giron, 93% dos proprietários de terra da segunda légua eram trentinos (GIRON, 2005). Os primeiros povoadores chegaram ao local em novembro de 1875; entre as famílias pioneiras encontravam-se os Costamilan, Bampi, Onzi, Perini, Lazzaretti e outras (BARBOSA, 1980).

Fidélis Barbosa, em seu livro sobre a comunidade de São Vigílio, fala sobre os descendentes dos primeiros colonos, os quais se destacaram em diversas áreas. Percebe-se, no entanto, que a intenção do autor era exaltar o imigrante italiano, uma característica comum da literatura sobre a imigração na década de 1980.

Filhos, netos e bisnetos dos fundadores da pequena localidade de São Vigílio, nascidos aqui, aos milhares, espalharam-se pelo Brasil, desenvolvendo as mais variadas atividades, distinguindo-se não apenas na agricultura, mas também na indústria, no comércio e na medicina, na política, na advocacia, no episcopado, no sacerdócio, no magistério [...]. (BARBOSA, 1980, p. 11).

Os fundadores de São Vigílio deram esse nome à localidade em homenagem ao santo padroeiro de Trento e também por pertencerem a uma paróquia com o mesmo nome em sua terra natal. Mais tarde, um outro travessão, na sexta légua, também foi batizado com o nome de São Vigílio (BARBOSA, 1980). Segundo o autor, os imigrantes cantavam um hino em homenagem a São Virgílio: “*Santo Vigílio, protetor de Trento, Con La Croce de oro e bastoncin de argento*” (BARBOSA, 1980, p. 15).

A capela de São Vigílio, inaugurada no ano 1880, foi a primeira a ser construída na região de colonização italiana; antes da construção da igreja, os imigrantes recebiam a visita de padres jesuítas alemães.

Num domingo [...] de dezembro de 1880, com missa celebrada pelo Pe. Fintano Baerlocher S.J, os imigrantes inauguravam solenemente a sua igreja, revivendo as históricas festas do seu padroeiro de São Vigílio e de Trento, na velha Itália, sua terra natal. [...] todos os domingos, o povo reunia-se para orar e cantar, sob a direção de Maximino Bampi, que se fazia de padre, quando este não podia comparecer. (BARBOSA, 1980, p.16).

Em relação ao ensino, também no ano de 1880, logo depois de inaugurarem a capela, construíram uma escola, chamada escola São Martinho, na qual, durante os primeiros vinte anos, as aulas eram ministradas em língua italiana (BARBOSA, 1980). Essa é a mais antiga escola rural da região colonial italianade que se tem registro. Isso pode estar relacionado ao

fato dos trentinos valorizarem mais a educação dos que os demais italianos, já que tinham uma taxa de alfabetização maior²².

A comunidade de São Vigílio era muito semelhante a uma vila trentina reconstruída no Rio Grande do Sul, sendo, por isso, uma tentativa dos imigrantes de transplantarem²³ para outro espaço geográfico sua cultura e seus costumes, pois, segundo Grosselli,

A revolução camponesa, portanto, pode ser compreendida como a rejeição de uma sociedade e a construção de uma outra, não no interior ou nas ruínas da sociedade renegada, mas em um contexto geográfico novo. (GROSSELLI, 2008, p.69).

Nos primeiros anos após a chegada dos imigrantes na colônia, os contatos inter-étnicos eram muito reduzidos, pois, de acordo com Maestri, “[...] inicialmente, o universo do imigrante reduziu-se, sobretudo, ao seu lote, a sua linha, ao seu núcleo colonial [...]” (MAESTRI, 2005, p. 113)²⁴. Um costume do grupo trentino era o de dar nomes numerais aos filhos por ordem de nascimento, como Quinto ou Sexto (GIRON, 2005). Para Giron, os descendentes de trentinos que habitavam a localidade eram avessos aos protocolos e as formalidades e possuíam um certo orgulho que os caracterizava como grupo (GIRON, 2005).

As famílias Bampi e os Costamilan se destacaram economicamente, pois alguns de seus membros tornaram-se comerciantes e industriais na cidade de Caxias do Sul; entre seus descendentes encontram-se políticos importantes na região. Na área do comércio, destacou-se Frederico Costamilan, brasileiro e filho de imigrantes trentinos, dono da maior casa de comércio de São Vigílio (COSTAMILAN, 1989).

A antiga São Virgílio é atualmente conhecida como Vale Trentino, localizado entre os municípios de Caxias do Sul e Farroupilha. A base da economia é a viticultura, com diversas vinícolas de propriedade de famílias que descendem dos primeiros imigrantes trentinos que se estabeleceram no século XIX.

Segundo Giron, ainda existe uma lembrança geral entre os moradores do local: a de que os seus antepassados não eram italianos e sim austríacos (GIRON, 2005). Esse fato

²²Conforme Zanotelli (1997), no Trentino mais de 80% dos habitantes eram alfabetizados, contra menos de 50% na Itália.

²³Segundo Barth (1998), uma comunidade ao entrar em contato com outra, sofre influência cultural. Assim, a comunidade de São Vigílio é semelhante a uma vila trentina, mas não igual, porque ela sofreu influência cultural tanto no contato com os demais italianos como com os brasileiros.

²⁴Segundo Witt (2008) e Von Mühlen (2010), os imigrantes alemães instalados nas colônias do Rio Grande do Sul, sempre mantiveram contato com a população local de origem luso-brasileira. Assim como os alemães, os imigrantes italianos também mantinham contatos inter-étnicos com os habitantes nativos da região. Neste sentido, relativiza-se a afirmação de Mário Maestri.

demonstra que a identidade dos descendentes de trentinos ainda se mantém—ressignificada—nos dias atuais.

3.5 Trentinos x italianos: uma convivência nem sempre amistosa

Os trentinos e italianos conviviam nas colônias da serra gaúcha, mas nem sempre essa convivência se deu de forma pacífica. “Desde o princípio da imigração, os trentinos faziam questão de afirmar uma identidade separada em relação aos outros italianos” (POSSAMAI, 2005, p.87). Assumiam com orgulho a denominação de tirolezes, aceitando a política de assimilação implantada pelo governo austríaco quando o principado de Trento foi anexado à Áustria com o nome de Tirol Meridional, Italiano ou Trentino, sem, no entanto, impor a germanização da região.

Além disso, os trentinos provinham do Norte, região mais rica, econômica e culturalmente. Essa posição contrastava com a dos imigrantes da região sul que eram pobres e aqui chegaram maior número algumas décadas depois, instalando-se nas cidades ao invés das colônias. A rivalidade entre as regiões do Norte e do Sul vinha de muitos séculos, devido a essas diferenças culturais e econômicas.

Os calabreses que imigraram para Porto Alegre procediam principalmente da província de Cosenza “onde a pobreza era mais aguda [...] os salários oferecidos no exterior eram atraentes se comparados aos da Calábria, sempre inferiores aos de outras regiões italianas” (CONSTANTINO, 2010, p. 356).

A rivalidade entre italianos e trentinos tinha a ver com o sentimento regionalista e também com as posições adotadas pela Áustria e pela Itália em relação à Igreja Católica, especialmente sobre a Questão Romana. Os trentinos achavam-se mais católicos do que os italianos por não pertencerem a um Estado que era condenado pelo Papa. Para esses imigrantes, diferenciar-se dos demais italianos era reafirmar sua rejeição à propaganda anarquista e socialista que existia na Itália (POSSAMAI, 2005). No Rio Grande do Sul, no final do século XIX, entre os italianos que participaram do movimento operário, influenciado por ideias anarquistas e socialistas, eram escassos os trentinos (GROSSELLI, 1999).

A Unificação italiana, através do irredentismo, deu-se pelo ideário liberal, o que não contribuiu para intensificar a luta para integração do Trentino ao reino da Itália, pois a influência do clero católico era muito forte na região. O clero queria preservar os costumes dos trentinos desse tipo de pensamento, pois era fiel às orientações do Papa que vinha se

opondo ao governo liberal instalado na Itália, com inspiração maçônica, desde a Unificação. Esses sacerdotes participavam do movimento ultramontano que buscava a volta do poder do Papado e da Igreja Católica na Itália, destituído com a Unificação italiana, desde 1848. Para Possamai (2005), a Igreja católica foi para os camponeses italianos e trentinos o que o Estado nacional foi para a burguesia, pois, para os camponeses, o padre, além de sacerdote, era também um líder intelectual.

Segundo Grosselli (apud POSSAMAI, 2005), a luta pela incorporação do Trentino à Itália era uma preocupação somente burguesa e cidadina, pois os camponeses não entraram nelapor pouco se importarem com os ideais da burguesia que queria a unificação da província à Itália, o que somente veio a ocorrer em 1919. Para Possamai, “O grupo dos trentinos não vinha de um país que recentemente havia lutado pela sua unificação e não contava com elementos garibaldinos ou carbonários que, com frequência, existiam entre os imigrantes italianos.” (POSSAMAI, 2005, p. 89). Dessa maneira, “[...] para tal imigrante, portanto, diferenciar-se dos demais italianos era reafirmar sua rejeição, tanto da propaganda socialista ou anarquista, quanto dos agentes de uma italianidade anticlerical ou ambígua” (GHIRARDI, 1994, p.22). Em Santa Catarina, a rivalidade entre italianos e trentinos era alimentada pelos padres franciscanos alemães que tinham a intenção de “[...] proteger os bons tirolezes dos socialistas e maçons italianos” (GROSSELLI, 1987, p.437). Os franciscanos incentivavam a ligação dos trentinos com a monarquia austríaca para tentar impedir que estes aderissem à propaganda anarquista e anticlerical dos italianos oriundos do Reino da Itália (GROSSELLI, 1987). No Rio Grande do Sul, o padre trentino Augusto Finotti dizia que era “[...] raríssimo o caso de garibaldinos, carbonários e maçons entre os trentinos” (FINOTTI apud GROSSELLI, 1987).

A simpatia dos trentinos para com a Áustria e seu imperador, além da questão religiosa, se dava por outros motivos. No Império Austro-húngaro:

Após 1866, o imperador Francisco José I promulgou leis favoráveis ao desenvolvimento cultural de cada nacionalidade existente dentro do Império. Essas medidas beneficiaram não só os poloneses como também os italianos. Daí a simpatia de muitos deles para com o governo austríaco. (AZZI, 1993, p. 87).

Na colônia Caxias, pelo fato de serem minoria, os trentinos foram discriminados pelos colonos italianos e pelas autoridades italianas que visitaram a região (GIRON, 2005). Os trentinos não eram considerados nem italianos nem austríacos pelos demais italianos. Pelo fato de pertencerem a um grupo étnico que habitava um território ocupado por uma potência

estrangeira, a Áustria, aqueles que tinham o passaporte austríaco, nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, eram chamados de “sem bandeira” pelos imigrantes com passaporte italiano. (AZEVEDO, 1975).

Para Luchese, “[...] os austríacos acreditavam ser melhor a dominação austro-húngara e eram contrários às lutas pela unificação italiana. Portanto, defendiam a permanência do Império Austro-Húngaro sobre os territórios da Itália.” (LUCHESE, 2001, p. 133). Segundo Julio Lorenzoni, os trentinos mantinham a máxima união entre si, um grande apego à Áustria e saudade da terra natal, demonstrando aversão à Itália e aos italianos (apud POSSAMAI, 2005, p. 88).

Os trentinos mantiveram sempre a máxima união entre eles e um grande apego e saudade de sua cara Áustria, demonstrando sempre uma certa aversão a Itália e aos italianos. E não se podia esperar coisa diferente se pensarmos no ambiente do qual haviam chegado e a educação que haviam recebido em sua pátria. (LORENZONI, 1975, p. 170).

Os italianos apresentavam-se como súditos de sua majestade Vítor Emanuel, enquanto os trentinos se reconhecem como súditos de Francisco José. Era muito comum os trentinos trazerem consigo um quadro com uma pintura do imperador da Áustria, pois “[...] as referências ao Kaiser por parte dos austríacos não eram senão um sinal distintivo deles, um feitiço a pôr ao lado de suas longas barbas e dos cachimbos que fumavam [...]” (GROSSELLI, 1987, p. 436). Tudo isso era feito para criar um afeto entre a figura do imperador e as populações emigradas para o exterior. “No Brasil, os trentinos transferiram a simpatia que sentiam pelo imperador Francisco José a D. Pedro II e, quando a monarquia brasileira caiu, em 1889, os jornais católicos do Trentino manifestaram sinais de luto.” (GROSSELLI apud POSSAMAI, 2005, p. 93). Na colônia Dona Isabel, foi erguida, por um grupo de trentinos, uma bandeira da Província de Trento em frente à casa do imigrante Felix Pedot.

A pedido dos elementos mais destacados do grupo trentino de Conde D’Eu e Dona Isabel, como o padre Augusto Finotti, João Joris e os irmãos Valduga, a municipalidade de Trento enviou a Felix Pedot uma bandeira provincial de seda. A bandeira ficou hasteada durante oito dias na fachada da casa de Pedot, em Dona Isabel, onde recebia um verdadeiro culto por parte dos trentinos [...] No dia do aniversário do imperador Francisco José, os trentinos de Dona Isabel e Conde D’Eu se reuniram para inaugurar a bandeira com missa solene e bênção, seguidas de um banquete realizado na casa de Davi Manica. Em todas as ocasiões festivas que se seguiram, a bandeira era hasteada na fachada da casa de Pedot, que ficava no início da rua principal da vila. O forte sentimento regionalista, alimentado pelo culto à bandeira provincial, freqüentemente degenerava em aversão aos italianos do reino

unificado, o que não deixava de existir mesmo por ocasião da contração de relações de parentesco. (LORENZONI apud POSSAMAI, 2005, p.92).

Em 1884, o engenheiro chefe das colônias Conde d'Eu, Dona Isabel e Alfredo Chaves, Julio de Oliveira, temia um confronto entre italianos e trentinos, porque, no dia 25 de dezembro, os trentinos pretendiam inaugurar uma bandeira austríaca, “[...] festa a que os italianos se opunham”. (LUCHESE, 2001, p.142) Apesar do alerta do engenheiro, nada de grave aconteceu. Para Luchese, “[...] a participação dos comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais- imigrantes que permaneceram ligados às atividades urbanas- foi mais efetiva nos conflitos políticos e nas questões de nacionalidade.” (LUCHESE, 2001, p. 148). Julio de Oliveira, diretor das colônias, escreveu o seguinte ao presidente da província:

[...] que estava na “moda entre os habitantes” era o espírito de nacionalidade. Segundo ele, os habitantes eram olhados por quase todos com rancor, senão ódio e entre si os colonos queriam estabelecer a preponderância de suas nações. Como a quase totalidade da população estava constituída de dois povos rivais- os austríacos e os italianos. (LUCHESE, 2001, p.141).

Segundo os relatos de uma descendente de trentinos residente em Garibaldi, no Rio Grande do Sul:

Havia muita briga, tem relatórios [...] ia cartas para lá ou telegrama para vim a polícia de Porto Alegre para apartar a briga aqui entre os trentinos e os italianos de outras regiões porque os trentinos queriam botar a bandeira deles da Áustria e os outros queria botar a bandeira da Itália então havia confusão entre eles [...] então eles diziam que os trentinos comiam batatas eram batateiros e os outros eram polenteiros [...] mas quando tinha alguma coisa pra pedir em relação ao governo que eles queriam alguma coisa se uniam tudo (EK).

O diretor das colônias “[...] temia que o rancor existente entre os trentinos e os italianos pudesse ocasionar o esfacelamento das colônias, acarretando descrédito ao Império do Brasil” (POSSAMAI, 2005, p.92). No entanto, segundo Lorenzoni, os trentinos eram caracterizados da seguinte maneira:

De índole geralmente boa e pacífica, bons trabalhadores, econômicos, mas ao mesmo tempo teimosos ao extremo [...] para que possam compreender a aversão que alguns tirolezes sempre mantiveram contra o elemento italiano, basta dizer que essa inimizade continuou, muitas vezes disfarçada e, mesmo durante a Grande Guerra, com manifestações verdadeiramente hostis. (LORENZONI, 1975, p. 171-172).

Em Bento Gonçalves, os trentinos faziam festa e desfilavam no dia do aniversário do Imperador da Áustria, Francisco José, dia 18 de agosto; os italianos também desfilavam no

dia 20 de setembro, data da unificação italiana²⁵. Apesar desses incidentes, a convivência entre os italianos e os trentinos foi pacífica na maioria das vezes, pois o auge da rivalidade entre os dois grupos na região colonial italiana ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Itália e a Áustria entraram em conflito. Esse assunto será abordado mais detalhadamente no capítulo 4.

Segundo Giron (1994), na colônia Caxias, trentinos e italianos travaram algumas lutas nos limites dos travessões habitados pelos dois grupos. Em Caxias do Sul, no ano de 1903, durante uma conversa entre Giacomo Costamilan, ex-soldado do exército imperial austríaco, e Adelchi Colnaghi, jornalista italiano e também patriota defensor da Itália, este último fez o seguinte comentário:

Declarou [...] que, a seu ver, os militares italianos eram bem mais valentes e combativos do que os austríacos, especificamente os tirolezes [...] Giacomo, que até então apenas discutia inflamadamente com seu ilustre visitante, ao ouvi-lo fazer tal afirmação, pôs-se de pé, como se aquele soldado garboso que ele fora em outros tempos agora ali estivesse a contestar o absurdo que o jornalista dissera! E, junto aos brados de protestos a favor dos tirolezes, batia veementemente com o punho na mesa [...]. (COSTAMILAN, 1989, p. 507).

A reação de Giacomo Costamilan demonstra sua indignação frente ao comentário do jornalista italiano e também o sentimento de patriotismo em relação à Áustria. Os trentinos passaram a expressar sua identidade ao entrar em contato com os demais italianos nas colônias da serra gaúcha.

O casamento entre Slomp, trentino, com Virgínia Lain, nascida em Vicenza, na Itália, não agradou às duas famílias devido às questões de nacionalidade (GIRON, 1995). Giovanni Lain e Giuseppe Slomp, pais dos noivos, divergiam politicamente. Slomp tinha um quadro com a imagem da família Imperial austríaca em sua casa, o que demonstrava que venerava Francisco José: “Giuseppe tinha uma litografia colorida na parede da sala de sua casa. Já Giovanni defendia o Reino da Itália.” (GIRON, 1995, p. 21). Segundo Giron, os austríacos e os italianos tiveram muitas disputas na colônia Caxias, as quais haviam trazido da Europa (GIRON, 1995). Com o passar dos anos, entretanto, essas disputas diminuíram devido aos casamentos entre italianos e trentinos.

Otto Blumenau, referindo-se aos italianos e trentinos nas colônias de Santa Catarina, escreveu:

²⁵Entrevista com DL em 2013.

Existem também entre os dois grupos, embora falem a mesma língua e até o mesmo dialeto, uma bem pronunciada antipatia nacional, odiando os italianos também os alemães, que não fazem caso destes, mas que se encontram bem com os tirolezes (BLUMENAU apud GROSSELLI, 1987, p. 436).

Segundo a opinião de um descendente de trentinos, residente em Pinto Bandeira, sobre os seus antepassados, “Os trentinos se mantiveram mais ou menos à parte, eles foram os mais reticentes a se juntar ao grupo veneto e ao grupo lombardo” (DL).

Outra descendente de trentinos, residente em Caxias do Sul, informa o seguinte: “[...] os trentinos, como eram mais cultos que os italianos, tinham um certo desprezo por eles. A antipatia era recíproca. Lembro me que, quando eu tinha uns quatro anos na Forqueta, os italianos ainda nos chamavam de *tirolesi senza bandiera* [...]” (LG).

Segundo Barth, um grupo étnico só expressa a sua identidade ao entrar em contato com outro grupo étnico (BARTH, 1998). Assim, os trentinos assumiram sua identidade como austríacos ao entrarem em contato com os demais italianos quando estavam nas colônias italianas do Rio Grande do Sul.

3.6 Empreendedores e intelectuais

Junto com o trabalho, os trentinos destacaram-se também por empreendedorismo e contribuição para a industrialização do Brasil e do Rio Grande do Sul. A partir disso, é possível constatar que nem todos os que imigraram para as colônias eram agricultores, muitos tinham outras profissões ou mudaram de profissão ao chegar aqui²⁶. Através da fala de entrevistados, podem-se constatar essas contribuições e verificar que, sob essa perspectiva, destacaram-se as famílias trentinas Tedesco e Frainer, em Veranópolis; Peterlongo, em Garibaldi; Valduga, em Bento Gonçalves; Slomp, Perini, Laner e Costamilan, em Caxias do Sul.

César Girondi chegou ao Brasil em 1890; em 1904, fixou residência em Garibaldi e começou a participar do partido republicano como conselheiro fiscal, tornando-se, também, membro da Comissão de Revisão de Alistamento Eleitoral de Garibaldi e conselheiro da

²⁶O objetivo deste subcapítulo não é fazer um álbum comemorativo desses imigrantes, mas mostrar a contribuição dos trentinos nas colônias italianas dentro do contexto histórico e o fato de que eles não eram todos agricultores, como demonstra a literatura clássica sobre a imigração italiana. Segundo Grosselli, muitos imigrantes trentinos eram artesãos em sua terra natal (GROSSELLI, 2008). Outros, de acordo com mesmo autor, trabalharam como operários em construções de estradas de ferro em diversas partes do mundo (GROSSELLI, 1991).

Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella d'Italia. Além disso, escreveu uma poesia intitulada “O Criador e Seu Mundo”, trabalhou como padeiro e como sapateiro, sendo, inclusive, nomeado escrevente da delegacia de polícia e, mais tarde, funcionário da Prefeitura de Garibaldi, responsável por todos os registros e arquivamento dos documentos. “Organizou todos os registros em livros administrativos e documentação com grande maestria, devido ao seu alto nível de escolaridade” (Documento do AHMG). Segundo a fala da bisneta de César Girondi a respeito de seu bisavô:

Ele veio com uma família [...] e meu bisavô ficou aqui, em Garibaldi, começou com uma sapataria, fazia sapatos, fabricava sapatos, consertava também e montou uma padaria, mas, nesse meio tempo, ele foi trabalhar na prefeitura como escriturário e, aí então, a maior parte dos livros administrativos foram escritos por ele, e ele sempre foi um intelectual, gostava muito de ler, tava sempre bem arrumado, então, como ele, vieram várias pessoas que já tinham estudo que tinham uma certa educação (EK).

A família Mattuella, na cidade de Garibaldi (ex-Conde D'Eu), foi a pioneira a produzir vinho industrializado no Brasil, na primeira metade do século XX (MATUELLA, 2004). Segundo Matuella, a família já produzia vinho quando vivia em Trento, inclusive tinham lá uma empresa do ramo chamada Alois Mattuella (MATUELLA, 2004). Para Giron, “[...] os costumes do Tirol foram mantidos na nova terra. Dedicaram-se ao cultivo de videiras como produção principal, à policultura de subsistência como milho, batatas [...]” (GIRON, 2005, p. 251).

Na mesma cidade, o imigrante trentino Manoel Peterlongo foi o primeiro a produzir champagne industrializado no Brasil no ano de 1913; em 1915, foi fundado o estabelecimento vinícola Peterlongo. Manoel Peterlongo era engenheiro civil e chegou a Garibaldi em 1899, para trabalhar em obras públicas na cidade. Após sua morte, seu filho, Armando Peterlongo, deu continuidade à fábrica de champanhe. A indústria Peterlongo existe até os dias atuais, sendo uma das maiores e mais importantes indústrias brasileiras do ramo de bebidas²⁷.

Pode-se, então, deduzir que uma das contribuições dos trentinos foi a indústria de champanhe:

Eles trouxeram o cultivo do vinho e de champanhe [...] Em Garibaldi, a partir do final do século XIX, a família Peterlongo, primeira produtora de champanhe no Rio Grande do Sul, era de um trentino, Armando Peterlongo. Contribuíram para a

²⁷PETERLONGO. **História**. [2012]. Disponível em: <<http://www.peterlongo.com.br/pt/institucional/história/>>. Acesso em: 14 out. 2012.

industrialização do champanhe e do vinho, trazendo da Europa variedades desconhecidas (EM).

Em Caxias do Sul, o trentino Caetano Costamilan também produzia vinhos, tendo, inclusive, seu produto premiado com medalha de prata, em uma exposição em Porto Alegre, no ano de 1901 (COSTAMILAN, 1989). Em 1886, Caetano Costamilan e seu irmão José fundaram um armazém e uma loja, em Caxias do Sul, com o nome “José Costamilan & Irmão”. Alguns anos depois, devido à morte de José, a empresa mudou de nome e passou a se chamar “Caetano Costamilan”. Os dois irmãos tinham conhecimento dos idiomas italiano e alemão; ambos haviam estudado em um colégio, em Porto Alegre, onde concluíram seus estudos (COSTAMILAN, 1989). Segundo Costamilan, Caetano e José não podem ser considerados colonos porque não trabalharam na agricultura, nem na colônia, tendo um nível cultural elevado devido ao seu alto grau de instrução (COSTAMILAN, 1989). Esses imigrantes não eram agricultores em sua terra natal, a cidade trentina de Pérgine.

Caetano Costamilan foi um dos maiores comerciantes de Caxias do Sul naquela época e, além de empresário, se destacou como líder comunitário. Ele foi nomeado membro de uma das comissões que iriam presidir as eleições de 1893 para presidente do estado; no mesmo ano, foi nomeado inspetor escolar do município, além de presidente do comitê católico da segunda língua e orador oficial da Federação das Sociedades Católicas. Devido ao seu alto grau de conhecimento e cultura e seu convívio com as autoridades, tornou-se um grande líder dentro de sua comunidade (COSTAMILAN, 1989).

Muitos dos imigrantes trentinos trabalhavam com carpintaria (COSTAMILAN, 1989). No Trentino, a atividade madeireira era muito forte, já que era possível aproveitar a força hidráulica nas serrarias (MAESTRI, 2005). Segundo Grosselli (2008), na região de Caoria, a agricultura não era muito desenvolvida, por isso, em alguns casos, os habitantes da região “[...] tendiam a trabalhar os campos apenas o estritamente necessário à sobrevivência.” (GROSSELLI, 2008, p. 454). Provavelmente os moradores de Caoria exerceriam outras profissões. No Espírito Santo, para onde imigraram muitas pessoas provenientes de lá, os demais italianos, vênéticos e lombardos, consideravam-nos “agricultores não muito proventos” (GROSSELLI, 2008, p. 454).

Em Caxias do Sul, o trentino Felix Laner, imigrado para o Brasil em 1876, era proprietário de uma grande olaria, inaugurada no ano de 1881 (COSTA; GARDELIN, 2002). Segundo Costa e Gardelin, esse fato tem mais importância do que parece, pois “[...] a concessão da construção da olaria, que a rigor é uma das primeiras atividades industriais de

grande porte; [...] o fato de que, mesmo havendo pinheiros em abundância [...] se incentivaram as construções de material.” (COSTA; GARDELIN, 2002, p. 115).

Quando a colônia Caxias se emancipou no ano de 1890, Felix Laner também foi presidente da primeira junta governativa do município de Caxias do Sul (COSTAMILAN, 1989). Ele se destacou ainda por sua posição política, pois era republicano, sendo monarquista a maioria dos trentinos. Durante a revolução federalista, entre 1893 e 1895, quando os maragatos invadiram Caxias do Sul, incendiaram a casa comercial de Felix Laner porque ele era republicano (GIRON; HERÉDIA, 2007). No entanto um grupo de imigrantes trentinos ajudou os maragatos quando estes invadiram Caxias do Sul e por causa disso os imigrantes italianos foram considerados como inimigos dos republicanos, vencedores da Revolução Federalista²⁸ (CONSTANTINO, 2007).

Na mesma cidade, Giovanni Micheli praticava diversas atividades, como construir casas, afinar instrumentos, fabricar máquinas de sulfatar e também gaitas de sete baixos, conhecidas como semitonadas, além de cuidar de sua plantação de parreiras. O trentino Bartolomeu Franzoi, originário de Civezzano, montou, em Caxias do Sul, uma fábrica de vinagre com o mesmo nome de sua cidade natal para homenageá-la, chamava-se Fábrica de Vinagre Civezzano (COSTA; GARDELIN, 2002).

A família Casapiccola, instalada em Porto Alegre por volta da década de 1890, fabricava grades de metal, era uma pequena empresa que contava com três funcionários (BORGES, 1993). Antes de se tornar empresário, Gustavo Casapiccola ficou durante anos como serralheiro na cidade de Pelotas, tendo, depois, se mudado para Porto Alegre, onde trabalhou por 12 anos na metalúrgica Berta, antes de retornar a Pérgine (COSTAMILAN, 1989). No entanto, não se sabe se ele aprendeu essa profissão no Brasil, ou se já trabalhava no ramo, no Trentino, antes de emigrar.

Na Colônia Alfredo Chaves, a família Tedesco, imigrada para o Brasil em 1885, não se dedicou à agricultura, como fez a maioria dos imigrantes. Segundo Tedesco, “[...] empenharam-se no trabalho artesanal de funilaria, salientando-se na fabricação de *ciareti e ferai* (lamparinas e lampiões), utilizados para iluminação de moradias.” (TEDESCO, 1998, p. 160).

²⁸ Durante a Revolução Federalista alguns trentinos assim como italianos foram muito prejudicados pelo conflito. Quando Caxias do Sul foi invadida pelos maragatos “[...] na sétima légua, onde os revolucionários saquearam a casa do colono “tirolês” Goubert, cuja família ficou completamente despojada de roupas e víveres. Na nona légua foi saqueada a casa de negócios de Luís Adami a quem ameaçaram degolar” (Constantino, 1996, p.227).

Pelo exposto acima, verifica-se que muitos trentinos exerciam a profissão de artesãos em sua terra de origem (GROSSELLI, 2008).

Há a presença de um número acentuado de profissões nas colônias, o que leva a supor as condições existentes do trabalho artesanal diversificado [...] muitos artesãos também se instalaram na colônia italiana, trazendo consigo uma experiência técnica que os diferenciou dos demais imigrantes. (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 94-95).

Antônio Tedesco tinha ferraria e serralheria, destacando-se como fabricante de fogões a lenha, caldeiras para polenta e outros produtos (TEDESCO, 1998). Ele também se destacou como inventor, tendo sido premiado com uma medalha de prata pela invenção de uma máquina manual de macarrão, no Rio de Janeiro, em 1908; em 1916, recebeu outra medalha de prata, em Porto Alegre, por inventar uma máquina para a extração de mel (TEDESCO, 1998).

Segundo Giron, alguns colonos trentinos instalados na Segunda Légua da Colônia Caxias conheciam outros ofícios, “[...] além da agricultura, sabiam fabricar móveis, pipas e casas. [...] Aos poucos aqueles que eram artesãos dirigiram-se para a sede da colônia, deixando a agricultura.” (GIRON, 2005, p. 252).

A família Frainer²⁹ imigrou para o Brasil em 1875 e se instalou primeiramente em Rodeio, na época pertencente à colônia Blumenau, no estado de Santa Catarina. Anos mais tarde, alguns dos seus membros vieram para Alfredo Chaves, atualmente Veranópolis³⁰.

A família Frainer era proprietária de uma fábrica em Veranópolis, com o nome de “Casarin, Frainer e Cia”, a qual tinha uma produção diversificada, como caramelos, chapéus, cesta, tapetes e bebidas alcoólicas, já que dispunha de um alambique. A empresa ganhou uma medalha de ouro na exposição agropecuária realizada em Porto Alegre, em 1920 (FARINA, 1992).

Em relação aos trentinos instalados em Veranópolis, as famílias que mais se destacaram economicamente foram os Tedesco e os Frainer.

A industrialização no Estado teve uma contribuição muito importante dos italianos. Os Tedescos, de Veranópolis, se dedicaram à revenda de automóveis, tinham fundição com serralheria de metal [...] os Frainer se dedicaram à torrefação de café,

²⁹A origem do sobrenome Frainer, assim como outros sobrenomes trentinos, é de origem alemã, pois em séculos anteriores diversas famílias alemãs imigraram do centro da Europa para o Trentino (GROSSELLI, 2008). Os antepassados dos Frainer saíram da Alemanha e se instalaram em Roncegno, no Trentino, em 1546. (FAMÍLIA FRAINER. Disponível em: <<http://www.familiafrainer.com.br/>>. Acesso em: 05 out. 2013).

³⁰(FAMÍLIA FRAINER. Disponível em: <<http://www.familiafrainer.com.br/>>. Acesso em: 05 out. 2013).

produção de balas, doces, os famosos peixinhos. O café Frainer era de trentinos (HS)³¹.

Os trentinos têm a fama de serem mais trabalhadores que os demais italianos pelo fato de as terras da Província de Trento serem pouco férteis devido à geografia da região do Trentino. As grandes montanhas dos Alpes são compostas de rocha pura, por isso apenas uma pequena parte das terras são apropriadas para a agricultura, além disso o clima é mais frio em grandes altitudes. Tudo isso acarreta mais trabalho no plantio para os agricultores da região.

O trentino é reconhecido não só pelos demais imigrantes, como pelos próprios italianos como um trabalhador nato. Tem sempre a questão da terra e do clima, a terra, em Trento, é escassa, o clima é rigoroso, são muitas montanhas, então ele tem que se dedicar muito para tirar o sustento, então fez dele um trabalhador nato (PC)³².

Em 1890, a colônia Dona Isabel foi emancipada, tornando-se município, e seu nome foi mudado para Bento Gonçalves. Em janeiro de 1891, o trentino Domingos Loss foi nomeado presidente da junta que governava o município. Com isso, o local onde ocorriam as reuniões da junta foi transferido para a casa do seu presidente (CAPRARA; LUCHESE, 2005).

Havendo sido eleito por maioria absoluta de votos, o membro Domingos Loss foi empossado no lugar para o qual foi eleito, assumindo em seguida a presidência desta intendência. (...). Tratando-se da casa de propriedade do cidadão Domingos Loss por vinte e cinco mil réis mensais, [...]. (CAPRARA; LUCHESE, 2005, p. 67).

No entanto, ele não ficou no cargo por muito tempo, nele permaneceu apenas de janeiro até agosto de 1891, quando foi eleito Ballista Enoss para presidente da junta governativa.

Domingos Loss partiu de Caoria, um vilarejo do Trentino, em 1877. A princípio, ele viria para o Brasil na companhia do pai, da esposa e de quatro filhos. No entanto, pouco antes da viagem, a mulher de Domingos adoeceu gravemente e teve de ser hospitalizada. Ele não podia mais recuar da decisão de partir, “[...] o que tinha de bens já havia sido vendido e, além do mais, não devolvem o dinheiro empregado nas passagens [...] o pai, João Batista, ficaria cuidando da nora no hospital até que melhorasse e pudesse viajar.” (LUZZATTO, 1987, p.38). A esposa de Domingos, no entanto, faleceu, e ele se casou novamente com uma moça

³¹Entrevista com HS em 2009.

³²Entrevista com PC em 2009.

vinte anos mais jovem, chamada Anna, com a qual viajou para o Brasil juntamente com os quatro filhos. O casal teve mais doze filhos que nasceram no Brasil (LUZZATTO, 1987).

A família Loss se estabeleceu inicialmente no Espírito Santo, mas, alguns anos depois, eles vieram para o Rio Grande do Sul e se instalaram na colônia Dona Isabel. Segundo Luzzatto,

A nova terra é muito quente, mas ouvem dizer que mais ao sul, ainda no Brasil, o clima é mais ameno. [...] trataram de deslocar-se para o Rio Grande do Sul. [...] comprou terras na Garibaldina e depois em Bento Gonçalves- na época um reduto trentino-, onde chegou a assumir cargos importantes na comunidade. (LUZZATTO, 1987, p. 40).

Em 1882, foi fundada a sociedade italiana de mútuo socorro *Regina Margherita*, da qual Domingos Loss foi um dos fundadores e também o primeiro presidente. Domingos faleceu em 1906, em Bento Gonçalves, com 68 anos de idade.

No Trentino, a produção de seda era uma das atividades econômicas mais importantes. Em Santa Tereza, no Espírito Santo, no começo da década de 1880, os trentinos Vigílio Lamber e o padre Domenico Martinelli tentaram criar bichos da seda, chegando a produzir seda durante alguns anos. A ideia de Lamber e Martinelli era de criar uma indústria da seda no Brasil. No entanto, o empreendimento não deu certo, pois devido à falta de auxílio do governo brasileiro e a morte de Domenico Martinelli, Vigílio Lamber desistiu do projeto (GROSSELLI, 2008). Desta maneira, assim como os demais imigrantes italianos, os trentinos também tiveram importância nas atividades econômicas devido ao empreendedorismo.

3.6.1 A questão do estudo

Os trentinos eram em sua maioria alfabetizados, sabiam ler e escrever tinham mais instrução do que os imigrantes provindos de outras partes da Itália que, em grande número, eram analfabetos. O império Austro-Húngaro determinava em sua legislação que os rapazes frequentassem obrigatoriamente a escola até os 14 ou 15 anos. Por isso, os trentinos davam valor à educação, embora, às vezes, os filhos de imigrantes não tivessem acesso à escola devido às condições precárias das colônias, que necessitavam do trabalho braçal para a sobrevivência das famílias.

Segundo Grosselli, em Trento, no ano de 1880, a taxa de analfabetismo entre as pessoas com mais de seis anos de idade era cerca de 14,5% do total da população; em alguns vales, essa taxa chegava a apenas 3 ou 4% (GROSSELLI, 1999). Em relação aos italianos em

geral, a maioria deles não eram analfabetos, pois muitos vinham da Itália alfabetizados. Gardelin (apud GARDELIN; COSTA, 2002) confirma que metade dos imigrantes italianos eram alfabetizados, o que diverge da informação apresentada por Zanutelli (1997) que afirma serem analfabetos mais de 50% dos habitantes da Itália. Para Caprara e Luchese, “[...] o índice de analfabetismo multiplicou-se nas colônias entre os filhos de imigrantes, que não tinham onde estudar” (CAPRARA; LUCHESE, 2005, p. 450).

Grosselli informa que quase todas as aldeias do Trentino possuíam uma escola primária, por isso o número de alfabetizados entre seus habitantes era alto (GROSSELLI, 2008). No caso da família Zanutelli, todos os seus membros vieram alfabetizados (ZANOTELLI, 1997).

Os trentinos estavam de baixo do Imperador da Áustria Francisco José, e tinha uma lei de 1770 que determinava que todo o filho homem tinha que ter estudo de 6 aos 12, as mulheres não precisavam, portanto todos os trentinos que aqui vieram, chegaram alfabetizados, meu bisavô era militar e veio alfabetizado [...] aqui fizeram escolas para toda a comunidade, tinham consciência do valor da educação [...].(EG)³³.

Luigi Gatti, em entrevista, fala sobre a escola no Trentino no tempo da dominação austríaca.

-E a escola, como era naquele tempo, ou não havia escola?
 -Havia escola. Eu sei que entre os nossos ancestrais, não havia propriamente analfabetos, não. Algum.
 -Falavam alemão ou italiano?
 -Italiano. Havia os alemães, mas a escola era em italiano. (COSTA; BATTISTEL, 2000, p. 431).

Conforme a fala de Luigi Gatti demonstra, no Trentino, durante a época da dominação austríaca, não havia analfabetos, ao menos entre os seus familiares.

O imigrante trentino Cirillo Zamboni, imigrado para a colônia Conde d’Eu em 1875, construiu um moinho na linha Vitória, o qual vendeu para se dedicar ao comércio e à fotografia, mais tarde montou um jornal, possivelmente por ser conhecedor de várias línguas (COSTA et al.,2001). Isto mostra que ele tinha um grau de instrução muito elevado e que provavelmente não era um agricultor.

Para a Colônia Caxias, haviam imigrado dois professores trentinos, Abramo Pezzi e Giacomo Paternoster (GIRON, 1998). Este último lecionou durante anos em sua terra natal e continuou exercendo o magistério após a vinda para o Brasil. Giacomo Paternoster foi “[...] o

³³Entrevista com o professor Euc Giordani em 2009.

primeiro professor estadual a ser nomeado para lecionar em Caxias, o que ocorreu em 1º de junho de 1879.” (COSTAMILAN, 1989, p. 304). O professor Abramo Pezzi, nascido em Dércolo, no Trentino, em 1846, imigrou para a colônia Caxias em 1878, vindo transferido da colônia Rio Novo, no Espírito Santo. Ele fundou a primeira escola na colônia Caxias, na qual lecionava em italiano e em português. Além do Trentino, que naquela época fazia parte da Áustria, lecionava também em território italiano. Quando veio para Caxias do Sul, tornou-se um líder comunitário, pois dava conselhos para os colonos. Faleceu em 1903, com 57 anos de idade³⁴. Aurora Pezzi, sua filha, em uma entrevista feita no ano de 1980, fala sobre a vida do seu pai.

Foi um dos primeiros imigrantes. Ele, quando veio da Itália, ficou um ano no Espírito Santo. Depois ele veio diretamente para o Campo dos Bugres [...] Meu pai então [...] o ideal dele era sempre lecionar, porque ele lecionava também na Itália, era diplomado, era professor diplomado. Ele percebia os vencimentos de Francisco José, Rei da Áustria, na Itália [...] Meu pai, depois, era um homem que dava conselhos. Os colonos vinham lá e pediam para que ele desse um conselho, fazer requerimentos [...] então, a minha mãe ficava dando aula, dar aula para os alunos. Então, ela dava aula enquanto ele se ocupava de atender os colonos que iam pedir conselho [...]. (PEZZI, 1980)³⁵.

Na Praça Dante Alighieri, em Caxias do Sul, existe um monumento em homenagem ao professor Abramo Pezzi, no qual está escrito em italiano “*Il maestro*” (CHIES, 2009). Para Herédia e Paviani (2003), geralmente os imigrantes italianos valorizavam muito mais a igreja do que a escola. Padre e igreja eram considerados indispensáveis frente ao professor e à escola. Para as autoras:

A força da religiosidade, expressa através do catolicismo (...) tem a ver com a presença da igreja desde a formação dos núcleos coloniais, bem como com o papel que a religião desempenhou na integração cultural dos grupos imigrantes. A religião foi um elemento de construção de identidade cultural, preenchendo as lacunas deixadas na antiga pátria. A prática religiosa foi o elemento aglutinador das diferenças culturais trazidas por esses europeus à medida que mantiveram seus costumes e tradições e seus dialetos na nova pátria. (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 62).

Segundo Costa (1977), a maioria dos primeiros imigrantes italianos eram alfabetizados, mas as primeiras gerações dos filhos de imigrantes italianos eram semi-analfabetas. Para o autor isso ocorreu porque,

³⁴PETERLONGO. **História**. [2012]. Disponível em: <<http://www.peterlongo.com.br/pt/institucional/história/>>. Acesso em: 28 set. 2013.

³⁵Entrevista feita com Aurora Pezzi Ungaretti em 1980.

[...] o abandono do imigrante às suas glebas, a falta de interação social com os centros urbanos, o convívio com a floresta, as distâncias das poucas escolas existentes e a inexistência quase absoluta de um sistema abrangente de educação, fez com que os filhos de imigrantes tivessem apenas rudimentos de alfabetização, razão porque poucos sabiam ler fluentemente, escrever e contar. (COSTA, 1977, p. 217).

De acordo com Luzzato (1987), os imigrantes italianos se preocupavam primeiro em sair da pobreza para depois proporcionar instrução para seus filhos:

Um filho no colégio era um braço a menos na colônia! Isso fez com que muitos imigrantes passassem a gerar filhos mais ignorantes do que eles próprios, pois havia uma ânsia de encher o paiol, encher os bolsos, encher a barriga. (LUZZATO, 1987, p. 24).

Em relação aos filhos homens, devido à patrilinearidade, havia o cuidado para que aprendessem a ler porque era necessário para os negócios e a administração do lar. Por essa razão, a maioria das mulheres não necessitava se alfabetizar³⁶, porque não tinham essas responsabilidades, consideradas exclusivas do homem (COSTA, 1977, p. 219).

Um grupo de trentinos residentes na colônia Blumenau, em Santa Catarina, fizeram pressão junto ao consulado austríaco do Rio de Janeiro para obter recursos para uma escola (GROSSELLI, 1987). De acordo com Grosseli, as autoridades austríacas começaram, então, a enviar livros e subsídios em dinheiro, pois conforme o registro do Padre Lucinio Korte, pároco de Nova Trento: “[...] também eles (os austríacos) concedem subsídios às nossas escolas há alguns anos.” (KORTE apud GROSSELLI, 1987).

No travessão São Vigílio, na segunda légua da colônia Caxias, o qual era habitado majoritariamente por trentinos, conforme foi referido anteriormene, foi construída a escola São Martinho³⁷, a mais antiga escola rural³⁸ da região colonial italiana, inaugurada em 1880. Entre os anos 1880 e 1900, “[...] a escola esteve sob regência do professor Antônio Berna, imigrante, que ministrava aula em italiano.” (BARBOSA, 1980, p. 28).

A partir de 1919, o professor Constantino Bampi, de origem trentina, passou a ensinar ali. Em 1923, devido aos distúrbios provocados pela revolução no Estado, a escola foi

³⁶ Apesar de a maioria das mulheres não estudarem, havia algumas que eram professoras.

³⁷ O autor não informa muitos detalhes sobre a escola, a não ser que foi construída ao lado do cemitério, sendo que os cemitérios se localizavam ao lado de uma igreja nas colônias italianas. Isto leva a crer que era uma escola paroquial, mas também poderia ser uma escola particular, pois, segundo Ribeiro (1987), existiam três tipos de escolas: as escolas particulares italianas, escolas italianas apoiadas pelo governo e as escolas paroquiais. Para Maestri, havia dois tipos de escola: “a escola rural particular e a subvencionada pelo governo” (MAESTRI, 2005, p. 120). Mas, devido às poucas informações a respeito da escola, torna-se difícil afirmar a que tipo de escola ela pertencia.

³⁸ Em relação às escolas rurais nas colônias italianas: “As escolas apoiadas pelo governo italiano eram instaladas, principalmente, nas sedes das colônias. O ensino rural ficou entregue mais a iniciativa dos próprios colonos” (RIBEIRO, 1990, p. 564).

fechada, sendo reaberta anos depois. As aulas passaram a ser dadas pelas professoras Ida Guerra, Maria Postalli e Alice Costamilan, sendo que as duas últimas eram de famílias trentinas.

Segundo Adami (apud RIBEIRO, 1990), no ano de 1891, foi feito um abaixo assinado, organizado por 67 colonos da segunda légua, dentre os quais havia muitos trentinos, pedindo ao governo para que este construísse escolas no local.

Os abaixo assinados, moradores na segunda légua e Forqueta, terceiro Distrito do município de Caxias, vêm com esta perante V.Ex. fazer conhecer que aquela povoada região acha-se completamente privada de instrução para os próprios filhos em número elevado, pedindo a conhecida bondade de V.Excia que tão dignamente representa o paternal governo n'este (sic) Estado, queira conceder uma aula do sexo masculino para colocar-se na segunda Légoa (sic) sobre mencionada. (ADAMI apud RIBERO, 1990, p. 560).

Esse documento revela que havia uma certa preocupação dos italianos em relação à educação de seus filhos e que nem todos eram negligentes com os estudos.

Assim, a escola, para os colonos, parece representar, sobretudo, a possibilidade do domínio da língua portuguesa. Isto permitiria uma mais rápida adaptação à cultura envolvente, e, ainda, a possibilidade de relações sociais e comerciais com outros grupos, particularmente aqueles que representavam o poder público. Ir a escola significaria, assim, a possibilidade de vencer na vida, de se igualar e competir com os demais grupos, particularmente com os luso-brasileiros. (RIBEIRO, 1990, p. 561).

De acordo com Giron, de um grupo de 106 colonos trentinos que chegaram à colônia Caxias, 83 (76%) deles sabiam ler e 26 (23%) não. Isso indica que os trentinos tinham uma média de alfabetização superior aos demais colonos italianos na colônia Caxias, já que, entre estes, somente 27% eram alfabetizados (GIRON, 2005). Para a autora, na família Slomp, não houve casos de analfabetismo entre os membros da primeira geração nascida no Brasil, pois todos eles frequentaram algum tipo de escola por pouco mais de um ano (GIRON, 1995).

Na colônia Santa Leopoldina, no Espírito Santo, logo que chegaram, os trentinos pediram um professor para a escola dos seus filhos. Assim, conforme Grosselli, os trentinos “[...] como em outras províncias do Brasil, demonstraram a importância que para eles tinha a instrução, assemelhando-se nisto aos colonos alemães” (GROSSELLI, 2008, p. 227). Esses dados são confirmados pelas entrevistas feitas com descendentes de imigrantes trentinos.

87% dos trentinos eram alfabetizados, 100% dos alemães e 67% dos italianos, isso entre homens e mulheres. O número das mulheres alfabetizadas eram cerca de 30%

menor do que a dos homens. Tais números são muito expressivos, pois na Itália o analfabetismo era maior (LG).³⁹

Todos os homens trentinos eram alfabetizados, porque, e a maioria não eram só alfabetizados, eles também sabiam falar alemão. Os trentinos falavam alemão e falavam o trentino, que é um dialeto veneto, [...] a maioria dos homens eram alfabetizados e no mínimo 50% das mulheres eram alfabetizadas no Trentino. Os demais 40 a 50% dos homens eram alfabetizados, 0% das mulheres ou 1% das mulheres eram alfabetizadas. [...] A minha avó sabia ler e escrever porque era trentina, mas a outra minha avó não, [...] é uma tremenda diferença cultural (DL).

Os trentinos, imigrantes adultos ou menores com idade escolar, quase todos eram alfabetizados porque o Trento pertencia à Áustria, e a Áustria tinha um rigor muito maior do que a Itália com a obrigação de fazer os filhos frequentarem a Escola. Isto é uma coisa bem visível nas escrituras antigas, [...] é possível perceber que quase todos os adultos que assinavam sabiam ler, os trentinos, os italianos não. [...] Depois da realidade aqui, é que ficou igual, não havia escola nem para trentino nem para não trentino, [...] mas com certeza os nascidos no Trento tiveram mais facilidade de frequentar a escola lá (EM)⁴⁰.

As respostas apresentam variações de acordo com o entrevistado.

A família do meu avô vieram alfabetizados, mas tem muitos que eram analfabetos pela pesquisa que eu tenho. Eu posso verificar, então só diz assim não lê/sabia ler, era ou não alfabetizado, isto aí acho até que nós podemos considerar era uns 50% (DV).

Na colônia Conde d'Eu, atual Garibaldi, uma grande parte dos italianos e trentinos não eram agricultores, possuíam outras profissões, por isso muitos deles se instalaram na zona urbana da colônia, sendo a maior parte alfabetizados.

A maior parte destes imigrantes que vieram aqui para Garibaldi não eram agricultores [...] a maior parte desses trentinos eles não eram agricultores, todos eles vieram com uma profissão e muitos deles eram estudados, então não veio uma camada muito bruta pra cá, então a nossa cidade em 1900, 1910, 1920 tinha muito intelectual (EK).

Em Caxias do Sul, o empresário Caetano Costamilan, como forma de agradecimento a famílias vizinhas por alguns favores prestados a ele, financiou os estudos de seus filhos em um colégio interno em Porto Alegre. Um deles foi o jovem Antônio Casagrande (COSTAMILAN, 1989).

O fato de os trentinos terem um índice de alfabetização maior que o dos demais italianos os diferenciava destes últimos. Assim o maior grau de escolaridade era um fator de identidade dos imigrantes trentinos.

³⁹Entrevista com LG em 2013.

⁴⁰Entrevista com EM em 2013.

3.7 Derrubando o mito do imigrante ideal: os conflitos

O imigrante trentino é descrito por parte da historiografia clássica⁴¹ como o imigrante ideal, ou seja, ordeiro, trabalhador e submisso às autoridades. No começo do século XX, o agente de uma organização que trazia imigrantes para São Paulo aconselhava às autoridades paulistas os súditos austro-húngaros por serem mais educados do que os italianos (GROSSELLI, 1991). No entanto, nem todos os imigrantes seguiam o mesmo padrão de comportamento como demonstram os trabalhos produzidos pela historiografia mais recente, pois os tirolezes também causaram problemas às autoridades coloniais, se envolveram em revoltas e também tinham aversão à Áustria e ao seu imperador.

Segundo Grosselli, na colônia Nova Trento, em Santa Catarina, em 1878:

No dia 8 de abril, eclodiu uma revolta em Nova Trento. Um maciço grupo de colonos dirigiu-se, armado, para a direção, arrombou a porta e disparou para o interior alguns tiros de espingarda. Nada sabemos a respeito dos nomes dos principais expoentes desta rebelião. O Diretor fugiu, no dia 14, foram enviados para a localidade 99 soldados e 4 oficiais, [...] no dia 26 de junho iniciou-se outra sublevação em Nova Trento, desta vez com resultado mais sangrento. Era a festa de São Vigílio, padroeiro de Trento e de Nova Trento. Grupos de colonos armados de bastões e pedras saíram à rua para reclamar justiça. [...] No dia 3 de julho, houve um choque entre as forças de ordem e um grupo de colonos. Um colono foi morto e outros dois foram feridos, [...] mais soldados foram enviados, alguns foram expulsos da colônia. (GROSSELLI, 1987, p. 383).

No Espírito Santo, no ano de 1874, quando chegaram os primeiros trentinos no Brasil trazidos pela expedição Tabachi, devido às péssimas terras que receberam, houve uma revolta contra Pedro Tabachi, que financiara a vinda dos imigrantes e também era trentino. Foi necessário o envio de tropas pelo governo para sufocar a rebelião (GROSSELLI, 2008).

No ano de 1875, na colônia de Rio Novo, aconteceram rebeliões provocadas por trentinos devido a motivos como: a falta de médicos para tratar os colonos enfermos, a péssima situação sanitária da colônia, a má qualidade das terras que lhes foram fornecidas e, também, a exploração financeira que sofreram por parte de comerciantes (GROSSELLI, 2008). No mesmo ano, o diretor da colônia Leopoldina, Pinto Pacca, escreveu uma carta ao presidente da província, falando mal dos trentinos:

⁴¹ Autores clássicos, como Rovílio Costa, Mario Gardelin, Olívio Manfroi, Arlindo Battistel, Thales de Azevedo, Luiz Alberto De Boni e outros, compõem a historiografia clássica sobre a imigração italiana produzida entre as décadas de 1970 e 1980.

Com os tirolezes, duvido de tudo. Procuram de todos os modos enganar o governo e de obter dele a maior soma possível de favores [...] são indivíduos habituados à mendicância [...] completamente estranhos e impróprios para a agricultura. (GROSSELLI, 1999, p. 162).

No Estado de São Paulo, no ano de 1878, um grupo de trentinos que trabalhava em uma fazenda de propriedade do Barão de Indaiatuba fez uma greve por causa das péssimas condições de trabalho, pois afirmava que as cláusulas do contrato de trabalho não estavam sendo cumpridas. A polícia foi chamada, e os líderes da revolta foram presos (GROSSELLI, 1991).

Em Santa Catarina, houve trentinos proprietários de escravos. Em Nova Trento, um imigrante trentino, chamado Filippi, possuía escravos e outro tirolês os comprou um dia antes da abolição da escravidão no Brasil, perdendo, assim, em 24 horas todo o dinheiro que havia investido (GROSSELLI, 1987). Até o momento, esse foi o único registro que localizei de italianos que possuíam escravos, ao menos na região sul do Brasil.

Tirciane Luchese, ao estudar os conflitos nas colônias italianas no Rio Grande do Sul, encontrou alguns trentinos envolvidos. A autora constatou que, durante o período imperial, ocorreram entre os imigrantes inúmeras desavenças que se deram por diversos motivos, como “[...] pelas diferenças políticas trazidas da Itália, pelas diferenças de nacionalidade [...] a passagem pela terra do vizinho, discórdias pela divisa de terras, brigas por embriaguez, animais que invadiram as plantações [...]” (LUCHESE, 2001, p.130).

O diretor da Colônia Caxias, Antônio Augusto da Costa, no ano de 1877, queixava-se de imigrantes “tirolezes” que causavam problemas por serem alcoólatras, “[...] para evitar qualquer conflito, mormente pelos tirolezes, que são dados ao vício da embriaguez, não se pode dispensar a força pública.” (COSTA apud LUCHESE, 2001, p.145).

Outro episódio envolvendo trentinos ocorreu em 1876, também na colônia Caxias. Um imigrante francês, chamado João Rohá, acertou tiros de espingarda em dois cavalos porque os animais teriam invadido sua roça. Os dois cavalos pertenciam aos trentinos Marcos Tonelli e Giobatta Zamboni, por isso os dois se desentenderam com o francês.

Os dois austríacos conspiraram contra Rohá, chegando Zamboni a cuspir na face da filha de João de apenas 12 anos, [...] imediatamente, Zamboni e Rohá, de espingardas em punho, apontavam-se um ao outro, e só a muito custo fora possível acalmá-los, sendo, então, proposta e aceita por ambos a condição de que Rohá pagasse 18\$000 réis pelo cavalo de Tonelli e 10\$000 pelo de Zamboni. [...] O diretor considerava que os colonos Tonelli e Zamboni eram para o núcleo colonial o “pomo da discórdia”, sendo urgente e indispensável sua exclusão. Afirmava que a desordem que relatara poderia ter resultado em funestas consequências. (LUCHESE, 2001, p. 135-136).

Como consequência, o diretor da colônia enviou um ofício ao presidente da província, contendo sua opinião sobre os colonos “tiroleses” envolvidos na briga.

Tonelli Marcos é rapaz de 19 anos, imprudente, rixoso e intolerável quando se embriaga. Giobatta Zamboni é chefe de família, mas, além de possuir em grau elevado as péssimas qualidades de Tonelli, e, além de muito insolente, infame e covarde, como prova o fato que expus de insultar João Rohá na pessoa de sua inocente filha, cuspiendo-lhe na face. (COSTA apud LUCHESE, 2001, p. 135).

Na mesma colônia, no ano de 1880, um imigrante trentino de nome Giovanni Battista Paternoster, filho do professor Giacomo Paternoster, foi expulso do núcleo colonial por comportamento indecente: “Giovanni Battista foi expulso do núcleo da Colônia Caxias, onde estavam estabelecidos, em 5-8-1880, pelo prazo de um ano, por vagabundo e por falta com a ordem e a moralidade pública” (COSTA; GARDELIN, 2002, p.658).

Não foram apenas os imigrantes italianos que se envolveram em conflitos nas colônias, pois os alemães também criaram problemas às autoridades coloniais, segundo Tramontini (2003), e o mesmo aconteceu entre os poloneses (GRITTI, 2004). Para Gritti, os imigrantes poloneses eram considerados mais desordeiros do que os italianos e alemães, assim “[...] os conflitos entre os colonos poloneses e as Comissões de Terras, representadas por seus funcionários, foram frequentes e constantes” (GRITTI, 2004, p. 130). Os imigrantes alemães também provocavam conflitos, pois, na colônia São Leopoldo, era comum os colonos se envolverem em disputas devido à demarcação dos lotes de terra, pois muitas vezes esta era feita de forma incorreta (TRAMONTINI, 2003).

Houve trentinos que emigraram para o exterior para fugir do serviço militar na Áustria, pois não queriam servir em um exército estrangeiro ou simplesmente não queriam ficar vários anos nas forças armadas. Rovílio Costa e Arlindo Battistel (1990), ao registrar depoimentos de descendentes de italianos na região colonial, obtiveram a informação de um dos depoentes que contou que o seu avô era um desertor do serviço militar, porque não queria servir ao domínio da Áustria e chamava o imperador de “Francisco bode”, provavelmente por causa da sua enorme barba. Então, emigrou para o Brasil, em 1881, instalando-se em Nova Vicenza, na época localidade de Caxias do Sul, atualmente município de Farroupilha. Esse fato demonstra que nem todos os trentinos simpatizavam com a Áustria e com o Imperador Francisco José. Abaixo estão transcritos alguns trechos da entrevista:

Meu avô era desertor, porque ele não quis servir ao domínio da Áustria, do Francisco Bode, Francisco José, é o marido da Sissi. Bom, ele não quis prestar serviço militar, então foi para a Alemanha, para Paris; depois, quando ele voltou, encontrou sua ex-namorada sobre a ponte, [...] mas ela já estava casada, pois lhe haviam dito que ele estava morto. [...] Mas, antes de partir para a América e tirar o passaporte, tinha que receber o “concedo”. “Concedo” era a anistia. Então, casou com uma minha avó, que era viúva, tinha filhos e se chamava Luíggia Zíni. [...] Então, o bisavô disse-lhe: “Vá para a América, lá não há mais trapaças” [...] Então, veio para a América, mas veio por conta própria, ele pagou a sua passagem. Vieram aqui em Porto Alegre, entraram em contato com os encarregados e comprou o lote, a colônia N° 1, lá de Nova Vicenza [...] Vieram para cá em 1881 [...]. (COSTA; BATTISTEL, 1990, p. 77).

O trentino Manuel Giordani também imigrou para o Brasil para escapar do serviço militar, pois “[...] como a lei exigia que fizesse sete anos de serviço militar, então ele, antes de ser obrigado a servir como militar, decidiu vir para o Brasil” (COSTA; BATTISTEL, 1990, p. 91). Ao chegar ao Rio Grande do Sul, ele recebeu um lote de terra na colônia Conde D’Eu, na linha Figueira de Melo, depois escreveu uma carta para seus parentes no Trentino para que viessem para o Brasil (COSTA; BATTISTEL, 1990).

Outro imigrante que abandonou o Trentino para fugir do serviço militar foi Constante Zanutelli, que imigrou para o Brasil sozinho, com 18 anos de idade, “[...] quase clandestino. Instigado pela família que não o queria morto nas guerras.” (ZANOTELLI, 1997, p. 125).

Muitos trentinos eram contra o domínio austríaco, pois viam o elemento alemão como opressor⁴², “[...] o tedesco [...] especialmente identificado com o opressor austríaco, o qual tem sua imagem associada ao estrangeiro saqueador e violento, herdeiro mais dos hunos que dos teutos e germânicos.” (BENEDUZI, 2004, p. 118).

Houve trentinos que eram maçons embora fossem casos raros entre eles. No Rio Grande do Sul, havia um imigrante, chamado Romagnano, que era maçom, republicano e cético em matéria de religião (GROSSELLI, 1987). Em Caxias do Sul, o trentino Felice Laner também era maçom e fazia parte da diretoria da loja maçônica (GIRON; HERÉDIA, 2007). O imigrante Césare Girondi ingressou, em 1896, na Loja Maçônica Concórdia, de Bento Gonçalves; em 1933, foi promovido a Mestre da Loja Maçônica Grande Oriente, em Garibaldi. Além de maçom, foi um dos fundadores da Igreja Metodista de Garibaldi, mostrando dessa forma que nem todos os trentinos eram católicos.

⁴²Segundo Beneduzi, “mesmo a relação de proximidade, a partir da tríplice aliança, em 1882, constituiu-se mais como uma escolha política de conveniência, vinculada a esse receio de uma invasão alemã. Essa busca de uma unidade de interesses de duas nações recém-unificadas, em confronto a impérios já constituídos, devido a questões identitárias, não proporcionou a aproximação dos dois povos [...] mas manteve uma separação só percebida quando da eclosão da Primeira Guerra Mundial” (BENEDUZI, 2004, p. 119).

A historiografia clássica diz que os trentinos eram avessos aos ideais garibaldinos, mas não foi o que aconteceu com os Zanotelli. A família Zanotelli emigrou para o Rio Grande do Sul em 1875 e se instalou na colônia Conde D'Eu. Ela sofreu uma grande influência dos ideais encarnados por Garibaldi e também das ideias republicanas de Mazzinni, que influenciaram na unificação italiana (ZANOTELLI, 1997). Segundo o autor:

[...] o descontentamento dos tirolezes do sul contra o Império austríaco que levava os impostos e que pouco investia no Trentino, que arrancava das famílias os jovens para as constantes guerras imperiais, a vibração dos trentinos quando Garibaldi quase arrancou Trento da Áustria, tudo isso veio no sangue e na alma dos imigrantes Zanotelli. Destinados à colônia Conde D'Eu (mais tarde denominada Garibaldi), os Zanotelli [...] sempre tiveram em Garibaldi um símbolo. Algo de rebeldia, de insatisfação, de exigência de reformas, de clamor por igualdade e liberdade está no fundo da história da família Zanotelli. (ZANOTELLI, 1997, p. 131).

Além disso, os Zanotelli valorizavam muito a liberdade, pois, como todos os camponeses do norte da Itália, estavam cansados de serem explorados pelos latifundiários, por isso vieram para a América em busca de liberdade (ZANOTELLI, 1997). Conforme Zanotelli, “a grande maioria dos Zanotelli trabalha para si” (ZANOTELLI, 1997, p. 131), ou seja, trabalham por conta própria, sem patrão.

Houve imigrantes trentinos que cometeram crimes nas colônias. Na colônia Blumenau, um imigrante trentino, chamado Giovanni Focel, descrito como um sujeito muito perigoso que em seu país esteve preso em casas de correção⁴³, também no Brasil foi processado por algum crime que cometeu. Ao ser interrogado pelo diretor da colônia, Dr. Hermann Blumenau, que ameaçou repatriá-lo e entregá-lo para as autoridades austríacas, Giovanni Focel fugiu, deixando sua mulher na colônia.

O Dr. Blumenau escreveu que, devido ao contrato firmado entre o governo brasileiro e Caetano Pinto, que tinha a função de introduzir no Brasil um grande número de imigrantes europeus, o governo austríaco se aproveitavadiço para mandar para cá os piores elementos. Assim Hermann Blumenau disse nessa carta que:

Segundo as circunstâncias do negócio, as autoridades e municípios da Áustria que, com entusiasmo e zelo aproveitam desta oportunidade, tão rara quanto excelente, para livrar-se não somente dos restos, mas também dos criminosos de sua população. (BLUMENAU apud GROSSELLI, 1987, p.341).

⁴³Segundo Dreher (2010), as casas de correção eram prisões com trabalhos forçados e também lugares onde os indivíduos presos aprendiam alguma profissão para assim se reintegrar a sociedade. Para o autor, entre 1824 e 1825, chegaram ao Brasil três levas de imigrantes alemães, oriundos das casas de correção do Grão ducado de Macklenburg-Schwerin, sendo que a maioria deles tinham cometido crimes como vadiagem e mendicância (DREHER, 2010).

Na mesma colônia, no ano de 1876, o diretor escreveu uma carta ao presidente da província falando de outro trentino, chamado Pietro Zechini, acusado de roubar dinheiro público e privado e também de instigar os colonos trentinos à rebelião. O Dr. Blumenau afirmou em relação à Zechini:

Demiti, portanto, imediatamente Zechini, mandei-o a processo, mas, para dizer a verdade, também sob este aspecto, não me desagradou que ele se tenha retirado clandestinamente, liberando, assim, a colônia de um mau sujeito a mais. (BLUMENAU apud GROSSELLI, 1987, p.341).

Esses dois exemplos de imigrantes que cometeram crimes mostram que nem todos os trentinos eram bons imigrantes, conforme a historiografia ressalta. Com certeza, houve outros casos de trentinos que cometeram crimes.

3.8 A imigração trentina através do romance “Sonho de um imigrante”

O romance, intitulado “Sonho de um imigrante”, foi escrito pelo escritor gaúcho Remy Valduga, nascido em Bento Gonçalves, descendente dos trentinos⁴⁴ que chegaram à região em 1876. O livro conta a história da família Valduga, protagonista do romance, narrando como foi a trajetória dos seus membros e como era a vida na antiga colônia Dona Isabel. Os Valduga eram oriundos de Rovereto, tendo emigrado para o Rio Grande do Sul quatro irmãos com as esposas e os filhos.

O romance foi baseado em fatos reais, os personagens realmente existiram. O autor fez uma pesquisa na Itália sobre as origens de sua família para assim poder escrever o livro, que também se apoiou na tradição oral, ou seja, no que foi dito por seus antepassados. De acordo com Gevehr, em uma obra literária “[...] os personagens, ainda que baseados em fatos reais, não têm o compromisso de estar de acordo com aquilo que de fato aconteceu.” (GEVEHR, 2013, p. 8).

[...] para se impor determinadas versões sobre os personagens, muitas vezes se recorre às narrativas de época e aos testemunhos orais, que, em alguns casos, confundem-se com versões lendárias e imaginárias em relação aos fatos e personagens do passado. (OLIVEIRA apud GEVEHR, 2013, p.3).

⁴⁴ Os autores de romances que abordam a imigração italiana são descendentes de italianos como Remy Valduga e José Clemente Posenato. Estes autores representam a imagem dos imigrantes italianos e seus descendentes nascidos no Brasil. Segundo Neumann (2012), os autores de romances que tratam da imigração alemã no Rio Grande do Sul fazem o mesmo em relação aos seus antepassados.

A história começa em Rovereto quando diversas famílias da localidade decidem emigrar para o Brasil. Entre elas estão os membros da família Valduga, todos agricultores, que optam pela saída devido às condições de pobreza no Trentino. O livro também retrata alguns costumes dos imigrantes italianos, como, por exemplo, a decisão dos pais sobre o casamento dos filhos (VALDUGA, 2010). Desde o início do romance, o autor aborda a questão da terra, ou seja, relata a busca de terras pelos imigrantes e a importância delas para a sobrevivência dos mesmos⁴⁵.

A obra mostra também alguns elementos da identidade dos trentinos. Segundo o escritor, os trentinos se incomodavam de pertencer ao Império Austro-húngaro pelo fato de o território ter sido invadido por pessoas de outras etnias, como alemães, croatas, poloneses, sérvios e outros (VALDUGA, 2010). Um dos personagens, inclusive, diz que, para os camponeses, não fazia diferença se o Trentino pertencesse à Itália ou à Áustria, já que sua situação de miséria não mudaria (VALDUGA, 2010). No entanto, o romance não retrata nenhuma rixa entre os trentinos e os demais italianos. Na literatura, as representações a respeito dos imigrantes italianos e seus descendentes “indicam um olhar para a diversidade tanto local, quanto do próprio grupo [...] pode-se pensar que a literatura se contrapõe ao discurso da homogeneidade étnico-cultural que é recorrente em outros meios e produtos culturais” (KUNZ; WEBER, 2012, p. 602).

Os irmãos Valduga, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, se estabeleceram na Linha Leopoldina, localizada no Vale dos Vinhedos, onde grande parte dos povoadores eram trentinos. O autor descreve, então, como era a Linha Leopoldina nos primórdios da imigração, um local com muita vegetação e animais selvagens. Os imigrantes tiveram muito trabalho nos primeiros tempos na colônia, pois levariam alguns anos até que se concretizasse sua instalação no lote rural e a primeira colheita fosse feita.

Em 1881, ocorreu uma epidemia de tifo em Dona Isabel, a qual matou muitos imigrantes, incluindo o patriarca da família, Marco Valduga, um dos protagonistas do romance, e uma de suas filhas.

Em relação aos casamentos, acontecia que geralmente os noivos eram vizinhos, portanto havia uma grande possibilidade de serem trentinos, já que a maior parte dos habitantes do local era proveniente de Trento. Foi o que aconteceu no casamento de Luigi Valduga e Virgínia Longhi, os dois eram vizinhos e de famílias trentinas.

⁴⁵ No romance “O Pescador de Arenques”, que conta a história de imigrantes pomeranos no Rio Grande do Sul, a questão da terra também é abordada como acentuada importância (Wagner, 2012). A terra era um valor comum para alemães e italianos.

Para Leenhardt, “[...] a literatura exerce um papel fundamental na formação dos imaginários sociais, na medida em que expõe a opinião do autor, ao mesmo tempo em que se apresenta descompromissada com a “verdade” dos fatos históricos.” (LEENHARDT apud GEVEHR, 2013, p. 4). Remy Valduga, a exemplo de “Naneto Pippeta”⁴⁶, escrito nos anos 1920, exalta o imigrante italiano como responsável pelo desenvolvimento da região. Os personagens, depois de trabalharem duro nos primeiros anos após a chegada na colônia, finalmente conseguem prosperar economicamente. Em um trecho, a fala de um dos personagens mostra a situação privilegiada dos imigrantes na América em relação a sua terra natal:

Ah, como gostaria que meu patrão de Valunga estivesse aqui para esfregar tudo isso na cara dele!... E o que falar para Dom Cândido, bispo de Trento, que olhava para nós com arrepios como se fôssemos mendigos... Padre Giocondo também às vezes parecia querer livrar-se da gente. (VALDUGA, 2010, p. 110).

A história da família Valduga vai sendo contada em paralelo com a do município de Bento Gonçalves, relatando os principais fatos, como a emancipação da colônia que se transformou em município em 1890, as eleições municipais e a Revolução Federalista na região. Um dos episódios mais importantes foi uma grande seca que abalou a região em 1906 e, por causa dela, os colonos não tinham água para preparar o barro, matéria prima para fazer tijolos para a construção de uma igreja. Eles, então, tiveram a ideia de utilizar vinho no lugar de água, podendo, assim, erguer igreja graças ao vinho usado no preparo do barro.

O romance termina com os membros da família Valduga prosperando em seu lote de terra na colônia, do jeito que o patriarca da família queria, realizando, assim, seu sonho. A obra recebeu, por isso, o título “Sonho de um imigrante”, já que retrata, também, a ideia do imigrante que progride economicamente através do trabalho.

3.9 A identidade dos trentinos através das redes sociais

Os imigrantes trentinos mantinham a identidade cultural do grupo através da formação de relações sociais, como casamentos, laços de compadrio e amizade. Esta parte do presente trabalho foi realizada através de entrevistas com descendentes de imigrantes trentinos, tanto

⁴⁶O romance Naneto Pippeta foi escrito na década de 1920 pelo padre Aquiles Bernardi, nele demonstra a superioridade do imigrante italiano em relação aos brasileiros. Foi o primeiro romance a tratar da imigração italiana.

os membros do círculo trentino, quanto professores e escritores. Todos os entrevistados são provenientes de cidades da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul.

Eles sempre mantiveram uma identidade própria porque já vinham da Itália e do trentino, desta região do Tirol Italiano com essa particularidade da autonomia, maior nível de instrução, desta coisa de saber que já tem uma história atrás de si. [...] A identificação dos hoje chamados trentinos era como tirolezes, eles se identificavam como tirolezes, não como tirolezes italianos, [...] eles apenas se diziam tirolezes mais do que trentinos, que é uma designação atual e mais do que italianos. A preocupação deles na manutenção da sua identidade não era como hoje, organizada, era uma preocupação natural por laços que eles traziam ainda da região de proveniência (PC).

Segundo a fala de um descendente de trentinos, natural de Bento Gonçalves, os trentinos consideravam-se tirolezes ao invés de italianos. Isso mostra como, nos primeiros anos após a chegada dos imigrantes italianos no Estado, era forte o sentimento regionalista, pois a noção de pátria dos italianos se limitava a sua região de origem e não ao território italiano.

3.9.1 Os casamentos

Os imigrantes trentinos viam no casamento entre membros do grupo uma forma de manter a identidade cultural. Os casamentos endogâmicos foram comuns entre os trentinos durante as primeiras gerações, nas colônias italianas do Rio Grande do Sul.

Não eram apenas os trentinos a realizar os casamentos entre membros do mesmo grupo. Segundo Constantino, os imigrantes moraneses⁴⁷, imigrados para Porto Alegre, mantinham a homogeneidade cultural através dos casamentos entre imigrantes provenientes da mesma localidade (CONSTANTINO, 1991).

No Trentino, os casamentos entre pessoas de um mesmo vilarejo também eram comuns. Houve o caso de uma jovem de Rovereto que gostava de um rapaz de Pedersano, mas a família da jovem não queria permitir o casamento porque o seu pretendente era de outra cidade. Então, a moça fugiu de casa para casar com seu namorado em Pedersano, depois disso, os dois emigraram para o Rio Grande do Sul.

Segundo a entrevista concedida por Luigi Gatti:

⁴⁷Os moraneses eram italianos oriundos de Morano Calabro, município localizado na região da Calabria, no sul da Itália.

Ouvi dos velhos, enfim, que os seus não queriam que esta menina casasse com gente de Pedersano. E depois, enfim, ela pulou pela janela. Escapou e foi casar em Presan [Pedersano]. E depois foi para a América. [...] o nono Gatti, naquele tempo, não queria deixar que sua filha casasse com esse Giordani [...] antigamente, a mentalidade dos velhos era aquela, que não queriam que ela fosse morar fora do povoado, eles queriam que casassem com um do mesmo povoado. (COSTA; BATTISTEL, 2000, p. 434).

Às vezes, casavam-se pessoas com o mesmo sobrenome, como um casal de imigrantes em que os dois tinham o sobrenome Giordani, no entanto não eram parentes, pois, em um mesmo vilarejo, era comum haver diversas famílias com o mesmo sobrenome⁴⁸. Conforme entrevista de Elias Paulo Giordani para Rovílio Costa e Arlindo Battistel:

Casaram entre dois Giordani, ainda lá (na Itália), depois vieram os dois e suas famílias. Os nossos Giordani eram conhecidos como Frai, e os outros chamavam-nos Frêdi. Os nossos tinham por apelido Frai, porque em sua casa sempre pousavam os frades, os padres [...] Então não eram parentes. Agora, sim, depois que alguns casaram entre si ficaram um pouco parentes. (COSTA; BATTISTEL, 1990, p. 94).

A sociedade trentina naquela época, assim como a sociedade italiana em geral, era muito patriarcal, ou seja, o pai é que tinha o poder de decisão em relação à família, decidindo inclusive com quem os filhos iriam se casar. Para os demais italianos, a instituição família também tinha uma determinada importância. A família também é um importante valor para os italianos, sendo vista por eles como uma instituição sagrada, pois os valores atribuídos a ela pela cultura italiana remetem às condições enfrentadas pelos imigrantes na construção da nova sociedade implantada na colônia. A família tem a função de transmitir a cultura e os laços de parentesco que também são elementos de identidade. Para os imigrantes, a formação da consciência coletiva começa na família, no ensinamento do modo de ser coletivo, no aprendizado dos costumes e na forma de agir e de pensar. Para Costa (1977), a imagem familiar advinha não só da posse da terra e da casa, possuir terras era muito importante para ascensão econômica e para a respeitabilidade do nome, mas também da necessária dedicação ao trabalho, o que se tornou um fator fundamental para imagem social da família. Para Herédia e Paviani,

A função institucional da família, de garantir a conservação do grupo e de reproduzir a prole, fez com que a mesma assumisse um lugar privilegiado na comunidade. Ela se torna a instituição que organiza economicamente o grupo e [...] se responsabiliza pelos vínculos afetivos que o grupo possui para se manter como grupo. Essa situação aponta a família como instituição que agrega seus membros [...], é a instituição que

⁴⁸Nos vilarejos italianos, para diferenciar famílias com o mesmo sobrenome, davam-se apelidos diferentes para cada uma.

mantém os seus componentes integrados e é o sistema cultural de referência. (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p.61).

Em entrevista feita por Rovílio Costa, o escritor trentino Remo de Zambrotti fala sobre a família trentina.

-Os rapazes, ou também as moças, tinham a liberdade de escolher o seu companheiro ou, às vezes, o pai e a mãe mandavam e pronto?
 -Estavam sempre sob os cuidados do pai e da mãe. Eram muito, muito severos. [...]
 -Também na escolha havia a *patinha* dos pais. Os pais, antes de dar o consentimento para uma moça, eram muito severos. Muito severos porque eles sempre encontravam um defeito nas meninas que o filho... E mais, não sei, a mãe queria que a moça tivesse certos requisitos [...] O pai todavia olhava mais o dinheiro, eis. Se fosse o pai da moça olhava mais a possibilidade econômica do rapaz. Se ele tivesse todavia, se era proprietário de terra, se tinha propriedades etc [...] Davam muita importância à parte econômica, muito. (COSTA; BATTISTEL, 2000, p. 417-418).

A respeito das famílias trentinas, os relatos eram positivos, pois classificavam-nas como trabalhadoras, além de outras qualidades. No Estado de São Paulo, no ano de 1879, o latifundiário Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, escreveu sobre as famílias trentinas: “[...] as famílias tirolesas são autenticamente patriarcais, seja pelas dimensões, seja pela moralidade, união e amor ao trabalho.” (GROSSELLI, 1999, p. 163). No Espírito Santo, um dos presidentes daquela província dizia que:

A colonização dos tiroleses há dado ótimos resultados, homens trabalhadores e sóbrios, cuidam os seus serviços com interesse, e para os outros atos constantes se manifestam amantes das suas famílias e desejosos do bem estar de cada um de seus membros. (GROSSELLI, 1999, p. 162).

Os imigrantes trentinos costumavam casar-se dentro do grupo na maioria das vezes, praticando a endogamia. Segundo Giron, os italianos não estimulavam as uniões com filhos de “tiroleses”, e os “tiroleses” não viam com bons olhos esses casamentos porque representavam a perda de sua cultura (GIRON, 2005). Para a mesma autora, na visão da população de Caxias do Sul, que era formada por imigrantes provenientes do Reino da Itália, os imigrantes trentinos “desejavam manter a separação racial, achavam-se superiores aos demais imigrantes, eram monarquistas, violentos e teimosos” (GIRON, 2005, p. 253).

Mário Gardelin, em um artigo publicado no almanaque do Correio do Povo, em 1959, aborda as diferenças regionais que possuíam os imigrantes estabelecidos em Caxias do Sul.

Os de Feltre julgavam-se superiores aos de Vicenza; os de Mantua diziam-se melhores do que os de Pádua, e os tiroleses, esses então davam-se ares: como planetas refletiam a luz do grande império. Alguns desses grupos chegaram mesmo

a fixar-se em zonas racialmente homogêneas. Os tirolezes, porém, esses tinham cabeça dura. Italianos de costumes, de linguajar e de tradição (muitos) sentiam-se fiéis súditos de Francisco José. (GARDELIN apud GIRON, 2005, p. 253).

O italiano Giuseppe Lain foi contra o casamento de duas de suas filhas com dois filhos do imigrante trentino Giuseppe Slomp⁴⁹. Apesar de Lain ter permitido o casamento das filhas, o mesmo “detestava aqueles *senza bandiera* que passaram a fazer parte do grupo familiar” (GIRON, 2005, p. 252). Assim, o repúdio que sofriam dos demais italianos estimulava a endogamia entre os trentinos e, devido a isso, surgiram alguns problemas de saúde na descendência (GIRON, 2005).

No entanto, essa situação nem sempre ocorreu. Na primeira geração da família Slomp, 37,5% dos casamentos foram realizados dentro do grupo trentino; 62,5%, entretanto, casaram-se com descendentes de italianos. No entanto, houve um grande número de uniões entre os Slomp e as famílias Onzi e Tommasini, também trentinas como quase todas as da segunda geração. O fato de essas famílias residirem próximas umas das outras propiciou essas uniões (GIRON, 1995).

A família Berté, imigrada para a colônia Conde d’Eu, era composta por um casal com oito filhos. Em um documento encontrado no Arquivo Histórico de Garibaldi, cinco dos filhos dessa família se casaram com cônjuges trentinos, no entanto em dois desses casamentos não foi possível saber se haviam sido realizados na terra natal ou na colônia; os outros três matrimônios aconteceram na colônia. A maioria dos membros da família Berté se instalaram na linha Azevedo Castro, habitada por um grande número de trentinos. Em termos numéricos, a quantidade de trentinos dessa linha só perdia para a linha Figueira de Melo, onde havia um maior número deles do que de italianos.

Segundo Grosselli (1987), uma pesquisa sobre os casamentos entre o grupo étnico italiano nas colônias do Estado de Santa Catarina constatou que, de 610 uniões realizadas no interior do grupo italiano, 239 foram entre italianos, 254 entre trentinos e 117 mistos. Com isso, observa-se que os matrimônios entre trentinos e italianos representavam apenas 19,1%, enquanto que aqueles só entre trentinos atingiam 41,6% do total das uniões. Dessa forma, “[...] um italiano sobre cinco e um trentino sobre cinco casava respectivamente com um trentino e um italiano. Os dois sub-grupos da etnia italiana não estavam divididos por barreiras espaciais.” (GROSSELLI, 1987, p.441). É importante, no entanto, destacar que, nas colônias de Santa Catarina, havia uma quantidade maior de trentinos do que nas do Rio Grande do Sul,

⁴⁹ Segundo Giron (2005) o imigrante Giuseppe Slomp trouxe consigo para o Brasil duas pinturas, uma com a imagem da família imperial austríaca e outra com uma paisagem da região do Trentino Alto-Ádige (ANEXO A).

por isso o número de casamentos entre trentinos foi muito maior que o de mistos. Em vista disso, Grosselli afirma que:

Tenha-se presente que nos primeiros anos de colonização formavam-se linhas coloniais que respeitavam uma certa homogeneidade regional e até municipal. Formavam-se verdadeiras e próprias comunidades de vilarejos que tendiam a fechar-se e reconstituir a comunidade perdida. É fácil supor que naqueles anos um cidadão de Roncegno (TN) se casava com um de Cembra (TN) com a mesma dificuldade que com um veronês ou um bresciano. (GROSSELLI, 1987, p. 441).

Se casaram entre si muitos, [...] sim casaram entre trentinos porque teve muitos que viajaram no mesmo navio [...] chegaram aqui e se estabeleceram em um lugar e depois já emigraram para o interior juntos então normalmente era trentino com trentino (DV).

De acordo com a opinião de um descendente de trentinos, em Garibaldi, durante os anos pioneiros da colonização italiana, os trentinos casavam-se entre si para manter a identidade como grupo.

Nos primeiros anos, procuraram manter inclusive aqui, se estabeleceram próximos. Os trentinos ficaram quase todos próximos às famílias uns dos outros, até para facilitar a troca de informações, de favores etc. Inclusive os casamentos, nós temos casos de três irmãos, quatro irmãos casados entre vizinhos com dois, três irmãos, [...] porque era mais fácil de manter a identidade trentina quanto aos hábitos alimentares. Uma menina, digamos de origem trentina, tinha a mãe que ensinava a fazer determinada comida que ela só aprendia porque era trentina. [...] Com certeza, nos primeiros momentos, nos primeiros anos foi procurado manter essa identidade (EM).

A visão deles era muito curta, além da falta de tecnologia, da falta de recursos, da falta de dinheiro, eles tinham falta de conhecimento. O mundo deles, o universo era muito restrito, então, por causa disso, eles viviam em grupo, viviam agrupados, então casavam entre si. [...] Meu avô, meu bisavô, meu pai, todos casaram entre si, todos entre trentinos, só mais tarde, a partir da quarta, quinta década, é que começou a se fundir devido à proximidade entre eles (RV).

Em Garibaldi, dos 37 casamentos realizados entre 1876 e 1895, nos quais o homem era trentino⁵⁰, em 27 deles a mulher também era trentina, o que representava 72,9%; enquanto que, nos 10 restantes, as esposas eram provenientes de outras regiões da Itália, o que totalizou

⁵⁰Foram contados os casamentos de homens trentinos com mulheres trentinas ou italianas nas cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi. Os casamentos de mulheres trentinas com homens italianos foram excluídos. Também foram excluídos da contagem os casamentos de italianos com italianos, quando nenhum dos cônjuges era trentino, dessa forma ficaram restritos apenas ao grupo trentino. Na maioria das vezes, nos registros de casamentos, está escrita a região de procedência dos noivos. Quando não aparece a procedência de um dos noivos, recorreu-se ao próprio livro na parte em que se encontram os registros de chegada dos imigrantes, no caso do livro sobre a colônia Caxias, e nos registros de títulos de terras, no livro sobre as colônias Dona Isabel e Conde d'Eu. Também foi verificado se o sobrenome era trentino através de um site do Círculo Trentino do Brasil (www.trentini.com.br), no qual aparecem a maior parte dos sobrenomes trentinos.

apenas 27,1% das uniões⁵¹. Conclui-se, então, que a porcentagem dos casamentos entre trentinos, em Garibaldi, é maior do que em Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

O fato de os imigrantes nas colônias fixarem-se próximos de outros provenientes da mesma região da Itália também contribuiu para os casamentos dentro do mesmo grupo. Segundo Witt, “[...] a proximidade geográfica deve ter colaborado para aproximar jovens pretendentes.” (WITT, 2008, p. 101).

Em Bento Gonçalves, dos 78 matrimônios realizados entre 1876 e 1888, 45 foram entre cônjuges trentinos, representando 58% do total; em 33 deles, o noivo era trentino e a noiva italiana, totalizando 42%.

Em Caxias do Sul, dos matrimônios ocorridos entre 1877 e 1896, em 35 ambos os cônjuges eram trentinos, representando 60,3% do total; em 23, o noivo era trentino e a noiva italiana representando 39,7%.

Os casamentos homogêneos, dentro do grupo trentino, foram mais frequentes durante os primeiros anos após a chegada dos imigrantes italianos às colônias. Com o passar do tempo, os filhos dos imigrantes nascidos no Brasil, tanto de italianos quanto de trentinos, passaram a casar entre si. Com isso, a rivalidade entre os dois grupos começou a diminuir.

[...] no início eles faziam questão que casassem entre si. Havia uma rixa... na primeira geração casavam entre si. [...] Se tu lesse aquele livro do Julio Lorenzoni que diz: o que vai terminar com esse ranço entre os falares e as nacionalidades vai ser o amor, porque os filhos de trentinos vão casar com as filhas de vênets e vice-versa; e os friulanos que ninguém gostava [...] existia um dito “melhor um cão que um friulano. [...] Havia uma diferença no dia da festa dos trentinos, os trentinos desfilavam⁵², que era o dia do Franz Joseph, e no dia 20 de setembro, os italianos desfilavam, e estas broncas todas, diz o Julio no livro dele, vão se terminar por causa do amor, o amor vai liquidar com isso aí tudo, e foi o que efetivamente aconteceu (DL)⁵³.

Uma descendente de imigrantes trentinos, residente em Garibaldi, afirma que os trentinos se casavam muito entreos próprios parentes.

Muitos casavam entre eles, outros misturaram com outras raças, [...] e como aqui veio uma quantidade muito grande de trentinos, quase sempre casavam na mesma

⁵¹Os dados sobre os casamentos foram extraídos do livro “As colônias italianas Dona Isabel e Conde d’Eu”. No entanto, as informações são parciais, pois esses registros não correspondem à totalidade dos matrimônios ocorridos nas colônias Dona Isabel e Conde d’Eu. Um incêndio, ocorrido ainda no século XIX, destruiu grande parte da documentação sobre as colônias, inclusive as listas de chegada dos imigrantes. Porém, para saber dados sobre os imigrantes, incluindo sua proveniência, os autores do livro utilizaram como fonte registros de título de posse de terras, de casamentos e óbitos.

⁵²No dia do aniversário do Imperador da Áustria, Francisco José, os trentinos desfilavam nas colônias italianas do Rio Grande do Sul.

⁵³Entrevista com DL em 2013.

família. Então, a maior parte casou na família, [...] e muitas vezes nasciam muitas crianças aleijadas por causa disso, crianças com deficiência, porque o parentesco era muito próximo, se criavam junto e aí, muitas vezes, aconteciam as coisas, e aí eram obrigados a casar. Eles casaram entre eles, mas também casaram com franceses, também casaram com suíços-franceses. [...] O filho italiano não podia casar com brasileiro, era português e espanhol, os pais não deixavam, não deixavam mesmo porque eles chamavam eles de [...] negros. [...] Então, eles tinham muito preconceito com os brasileiros, então eles casavam entre eles. [...] Alemão era mais complicado, italiano não se dava muito com o alemão (EK).

O depoimento de um descendente de trentinos, em Bento Gonçalves, tem uma constatação semelhante em relação aos casamentos entre parentes.

Tem vários casos entre famílias, primos, primos em segundo grau que se casavam entre si, principalmente pelas dificuldades, ou como forma, às vezes, de não entrar em outros grupos. Os vênnetos e os trentinos inicialmente eram um pouco separados os grupos, não havia aquela miscigenação que existe hoje. [...] A família Giordani, por exemplo, aqui, em Bento Gonçalves, teve vários casos de primos de segundo grau que se casaram. [...] Do meu bisavô, quatro filhas dele se casaram com quatro filhos do lado, eles eram primos de segundo grau. [...] Realmente, no início da colonização, os grupos étnicos vênnetos e os trentinos eram mais separados, não havia aquela mistura, tanto que os casamentos entre vênnetos e trentinos não eram necessariamente bem aprovados pelas famílias (SG).

Em Santa Catarina, os trentinos se casavam menos com alemães do que os italianos, muito embora, na sua terra natal, convivessem pacificamente com pessoas de língua alemã, já que viviam em um país, a Áustria, no qual a maioria da população falava o alemão (GROSSELLI, 1987). Para Grosseli, de acordo com os números relativos aos casamentos dos imigrantes no Estado de Santa Catarina, os trentinos e os alemães foram os mais severos no isolamento (GROSSELLI, 1987).

A opinião de um dos descendentes de trentinos entrevistado difere da dos demais a respeito dos casamentos endogâmicos nas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Os trentinos também se casavam com pessoas de fora do grupo.

Os casamentos não eram, não observavam essa preocupação, inclusive eles casavam não só com italianos, mas também com pessoas de fora da colônia e da etnia. [...] A diferença é que o homem se casava mais com pessoas que não eram trentinas do que a mulher (PC).

Para a maioria dos descendentes, porém, os imigrantes trentinos, na maior parte das vezes, escolhiam o cônjuge dentro do próprio grupo, os casamentos endogâmicos, como uma forma de manter sua identidade.

3.9.2 Compadrio e amizade

Em relação ao compadrio estabelecido entre o grupo trentino, torna-se mais difícil estabelecer uma conclusão em relação à razão de haver menos estudos sobre essas relações entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Existem, entretanto, informações de que, na maioria das vezes, os italianos escolhiam outros italianos para apadrinhar os seus filhos. Há registros de crianças, filhas de pais italianos, apadrinhadas por alemães. Segundo Barea, nos registros de batismo de 1875, foram encontrados os nomes de muitos colonos alemães que serviram de padrinhos aos italianos (BAREA, 1995).

Em relação ao compadrio entre os imigrantes alemães, estes poderiam estabelecê-lo tanto dentro do grupo étnico, quanto com membros de outras etnias. Para Von Mühlen:

O compadrio também permitiu o fortalecimento dos laços familiares entre os colonos alemães ou teuto-brasileiros no início do século XIX, no sul do Brasil. Essas alianças podiam ser estabelecidas com membros do mesmo grupo étnico, com o mesmo grupo étnico, mas de outra região do Estado alemão ou com os nacionais. (VON MÜHLEN, 2010, p. 198).

Como existem poucos estudos sobre o compadrio entre os italianos e os trentinos, foi utilizada a história oral, através de entrevistas com os descendentes de trentinos no Rio Grande do Sul, para se colher informações relativas a esse assunto.

Na maioria das vezes, sim, quando havia trentinos eram trentinos, tinha de ser uma pessoa muito chegada para ser padrinho de alguém ou era convidado de uma outra família para ser padrinho do filho dela. [...] Em geral era entre trentinos, porque se conheciam mais, [...] e eles só confiavam nas pessoas que eles conheciam porque eram da mesma zona de lá porque vieram juntos no navio (DL).

Mas entre a própria família, eles sempre procuravam, assim até o pai, o irmão ou a tia pra ser padrinhos dos filhos. Eles queriam que ficasse sempre na família, eles nunca procuravam fora, era mais, assim, a família que batizava as crianças (EK).

Os primeiros batizados, os primeiros nascimentos sempre eram apadrinhados, eram compartilhados com os trentinos próximos, depois, em razão do grande número de filhos, as pessoas começaram a interagir porque as comunidades não podiam se isolar (EM).

Em Caxias do Sul, para onde foi a maioria dos imigrantes trentinos que veio para o Rio Grande do Sul, de acordo com uma descendente deles, as relações de compadrio se davam entre trentinos.

É evidente que a maioria dos padrinhos estava dentro do grupo, de preferência os bem sucedidos. Meu pai tinha dezenas de afilhados, em 90% dos casos eram de famílias trentinas de origem. Seus afilhados eram das famílias Bampi, Capeletti, Perotoni entre outros, todos trentinos. Nos registros de batizados isso fica evidente (LG).

Geralmente os padrinhos são sempre os parentes, os amigos mais próximos e, como as colonizações eram por vales ou por regiões, eram trentinos num lado vênnetos e friulanos no outro lado, geralmente um pouco separados, isto no início (SG).

O imigrante trentino Caetano Costamilan tinha laços com seis famílias trentinas em Caxias do Sul: familiares, como família Micheli, da qual sua esposa era membro; e de compadrio e amizade, com as famílias Laner, Paternoster, Bampi, Santini e Casapiccola (COSTAMILAN, 1989). Isso considerando apenas as famílias trentinas, excluídas as de italianos provenientes de outras regiões da Itália.

As relações sociais entre os imigrantes trentinos, além da manutenção de laços de parentesco e amizade, também tinham a intenção de manter a união e a identidade do grupo trentino na região de colonização italiana. A entrevista abaixo mostra como eram as relações sociais no travessão trentino em Caxias do Sul.

Sendo um grupo minoritário, que ficou disseminado num universo de italianos de outras origens, na medida do possível (e era difícil) tentavam, sim, pela proximidade no mesmo travessão, do qual o Trentino é o melhor exemplo. Outro fato foi a manutenção dos oragos (padroeiros) de Trento, como é o do santo de São Vigilio, principal santo daquela cidade [...] Nas sagras (festas de padroeiros), antes da construção dos salões comunitários (que datam da década de 1940), as pessoas se reuniam nas casas das famílias da mesma região, nenhum elemento alienígena era convidado. Lembro de meu pai falar nesse fato e destacar (sempre) como os tirolezes eram melhores do que os italianos de outras regiões. Havia entre eles um forte sentimento de pertença. Sem esquecer os clubes nascidos dos grupos, como o Trentino e o forquetense (LG).

Um descendente de trentinos, residente em Bento Gonçalves, fala sobre os seus antepassados nos primórdios da colonizações quais se instalavam próximos uns dos outros, geralmente adquirindo os lotes de terra em uma mesma Linha.

Geralmente se organizavam em capelas, em comunidades, aí geralmente numa região tinha uma comunidade, e o pessoal se reunia lá. Aqui, por exemplo, no Vale dos Vinhedos, um lado a Linha Leopoldina era mais os trentinos, a Linha Graciema, logo depois, era a maioria vênnetos que foi até Monte Belo e Santa Tereza (SG).

Com o passar do tempo, os trentinos foram se misturando aos demais italianos para que, assim, fossem aceitos por eles.

A maioria dos trentinos que migraram, como também dos vênegos, se estabeleceram em Caxias do Sul. Aconteceu assim que eles (trentinos) não foram bem aceitos porque eles eram vistos como alemães. Eles imigraram como austríacos, então, o que fizeram os do vênego, das outras origens da Itália, [...] eles fecharam as portas para os trentinos. Assim, eles não podiam fazer negócio, não eram aceitos nas lojas, nas vendas, como diziam antigamente, como eles tiveram muita dificuldade, eles sofreram bastante. Com o tempo, eles foram contraindo matrimônios, vênegos e trentinos, e então amenizou essa parte [...] hoje não existe mais esta diferença (DV).

A medida em que foram tendo que abrir mão um pouco deste pensamento de não conseguir manter a relação social somente com trentinos, foram se aproximando com outros os vênegos que também eram muito próximos, mas mantiveram uma grande distância, tanto os trentinos quanto os vênegos, em geral dos brasileiros e de outras raças, [...] mas, no começo, realmente eles procuraram tudo que era esforço para manter essa identidade intacta (EM).

As informações fornecidas pelos descendentes de trentinos mostram que os seus antepassados mantinham a identidade de grupo, na maioria das vezes, através das relações sociais, como casamentos e a formação de laços de compadrio e de amizade. Isso ocorreu mais nos primeiros anos após a chegada dos imigrantes nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, pois havia nos imigrantes um sentimento regionalista. Com o passar do tempo, a situação foi se modificando e ocorreu maior integração entre os italianos de diferentes regiões da península itálica.

4 A IDENTIDADE CATÓLICA DOS TRENTINOS

Os trentinos expressavam a sua identidade através da religião, pois se consideravam mais católicos do que os demais italianos pelo fato de o papa condenar o Reino da Itália e de a Áustria possuir um regime de padroado, sendo o imperador o protetor da igreja católica no país. Segundo Possamai (2005), havia uma rivalidade entre os trentinos e os demais italianos por causa da questão religiosa, ou seja, pelas posições adotadas por Áustria e Itália com relação à Igreja Católica.

A influência católica nas colônias italianas do Rio Grande do Sul contribuiu para a construção de uma “[...] identidade colonial, ressignificando suas tradições sob a forma de uma negociação entre o antes e o agora.” (RADÜNZ, 2007, p. 125). Em relação à religiosidade dos imigrantes trentinos, Cadorin afirma:

Ao se transferir para o Brasil, o imigrante trentino trouxe consigo sua cultura, seu modo de se relacionar com o meio que o cercava: das pequenas vilas trentinas, onde a religião católica era cultivada intensamente, [...] os valores religiosos foram importantíssimos para ajudar a sublimar o meio que lhes era hostil. (CADORIN, 1996, p. 593).

O clero trentino, na segunda metade do século XIX (período em que vieram mais imigrantes trentinos para o Brasil), era influenciado pelo movimento ultramontano⁵⁴, o qual pregava a volta dos valores do cristianismo primitivo e também a infalibilidade do papa. Esses sacerdotes viam a população camponesa imigrante como público alvo para a implantação da doutrina ultramontana. “O concílio do Vaticano I⁵⁵, realizado de 1869 a 1870, foi o marco do movimento reformador da igreja universal que propunha como aceitos os postulados ultramontanos e romanizadores” (SOUZA, 2002, p. 277). Assim, em relação ao movimento ultramontano, Tavares refere:

⁵⁴Segundo Rambo, “Ultramontanos são ou foram os teólogos, o clero, os religiosos e o povo em geral, que combatiam o galicismo dos católicos franceses que desejavam uma composição com o poder civil. Os ultramontanos reivindicavam como autoridade máxima aquela que tinha sua sede ‘ultra montes, além das montanhas’, o Papa em Roma” (RAMBO, 1998, p. 148).

“O ultramontanismo vinha na esteira do projeto do Concílio de Trento. Neste, o dogma do pecado original foi definido, atribuindo-se à natureza humana a fraqueza e a decadência; a redenção só seria concretizada e universalizada através do domínio da Igreja sobre os continentes para que findasse a decadência. A liberdade era a Igreja. Tudo o mais era a escravidão do pecado” (SOUZA, 2002, p. 281).

⁵⁵Durante a realização do Concílio do Vaticano I, os padres conciliares, sob a orientação do Papa Pio IX, “empenharam-se em afirmar e a reafirmar as linhas doutrinárias e as diretrizes disciplinares, tomando como referência principal o Concílio de Trento” (RAMBO, 1998, p. 148).

A Igreja desenvolvia a consciência de uma missão- a ultramontana- e também uma autonomia frente ao poder civil. Defendia sua liberdade nos assuntos internos, [...] a ordem era resistir diante da secularização da sociedade e posicionar-se contra as ameaças à sobrevivência da Igreja: o liberalismo, o protestantismo e a maçonaria. (TAVARES, 2008, p. 62).

A igreja de orientação ultramontana também defendia que a autoridade do papa deveria ser fortalecida “[...] por meio de toda uma teia disciplinadora da Igreja do ponto de vista vertical.” (SOUZA, 2002, p. 290). Assim, os ultramontanos pregavam a infalibilidade papal. Segundo Rambo, para a Igreja ultramontana, “[...] foi preciso reagir à avalanche do pensamento liberal e socialista e seus efeitos, repensando a própria doutrina, redefinindo estratégias de ação e impondo uma disciplina religiosa rigorosa.” (RAMBO, 1998, p. 148).

No entanto, ao final do século XIX, a situação do clero no Rio Grande do Sul deixava muito a desejar (TAVARES, 2008; HAUCK, 1993)⁵⁶. Desenvolviam um catolicismo festeiro⁵⁷, de tradição leiga, caracterizado por festas ruidosas, desrespeito ao celibato, interesse por enriquecimento, muito longe, portanto, das diretrizes ultramontanas da Santa Sé, deixando, em segundo plano, a assistência religiosa por ela preconizada.

Nesse sentido, outros sacerdotes católicos, que também eram maçons, orientavam suas práticas pastorais em função das ordens políticas e econômicas dos dirigentes da comunidade. Não só os maçons, mas também outros representantes do movimento de crítica à religião, como os intelectuais anarquistas, racionalistas, positivistas, socialistas e liberais, tiveram sua influência nas questões religiosas, além das políticas, na comunidade imigrante. Tentavam enquadrá-las dentro de um ideal a ser alcançado (DREHER, 2007).

Dreher (2007) considera que, desde o século XIX, os imigrantes de várias nacionalidades que se fixaram no Brasil trouxeram variados credos – católico, protestante, luterano, batista, muçulmano, budista, presbiteriano, anglicano – rompendo com a exclusividade religiosa existente até então, alterando, com isso, o panorama religioso, especialmente no solo gaúcho.

Logo que aqui chegaram, os imigrantes italianos tiveram que organizar eles próprios suas missas e rituais religiosos pela ausência de sacerdotes, criando uma experiência original de Igreja, um processo de auto-organização. Rezas, missas, batismos, casamentos e

⁵⁶Segundo Hauck (1993), relatos de padres redentoristas alemães e holandeses que vieram para o Brasil no século XIX fazem severas críticas ao clero brasileiro devido à falta de disciplina dos sacerdotes.

⁵⁷O Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira, em 1864, faz uma descrição dos sentimentos religiosos da população porto-alegrense, dizendo que “se encontrava a fé, ligada a espetáculos e divertimentos públicos festivos” (TAVARES, 2008, p. 101).

encomendações eram realizados pelos padres-leigos, garantindo, assim, a continuidade de suas crenças, no que encontravam apoio.

Assim, a concepção de Igreja para os colonos italianos significava um conjunto formado por capela, cemitério, escola, salão de festa, campo esportivo, casa canônica e pastoral, “[...] pois era construída, cuidada, mantida e utilizada pelos próprios colonos.” (DREHER, 2007, p.197).

Muitas levadas de imigrantes que posteriormente chegaram ao estado encontraram um catolicismo muito diferente daquele que professavam na Itália, além de outras práticas religiosas diferentes, especialmente a dos negros e dos indígenas, que, para eles, se assemelhavam a cultos pagãos. Assim, em relação à prática religiosa dos imigrantes italianos, Souza diz:

O imigrante, possivelmente, mais que ultramontano era tridentino⁵⁸. À forma romana somava-se o conteúdo ultramontano. [...] à romanização burocrática colocava-se a doutrina ultramontana, estando ambas encaminhadas para a moralização disciplinadora em oposição ao mundo moderno e suas concepções de liberdade, educação, casamento, cultura e sociedade. (SOUZA, 2002, p. 290).

No Rio Grande do Sul, na época da imigração italiana, o contexto católico era diferente da Europa porque o catolicismo aqui provinha da tradição católica luso-brasileira. O contexto italiano, do qual vieram sacerdotes, era o da restauração católica, baseada nos princípios do catolicismo ultramontano, o qual reconhecia como única autoridade o Papa e os hierarcas por ele nomeados: “[...] um catolicismo que rejeitava a intromissão dos poderes laicos em questão de fé e disciplina religiosa.” (RAMBO, 2002, p. 72).

A igreja dos imigrantes católicos se preocupava com o bem estar material do povo. Segundo Rambo (2002), a igreja atuava em duas frentes: “a assistência social e a liderança em projetos que visavam o desenvolvimento e a promoção humana” (RAMBO, 2002, p. 61). O autor ressalta que o modelo de igreja da Restauração católica, o qual os imigrantes italianos trouxeram consigo, baseava-se em dois pontos vitais:

[...] a ortodoxia doutrinária e a disciplina eclesial do Conselho de Trento e um clero inteiramente afinado com essa orientação e ao mesmo tempo totalmente submisso à hierarquia, detentora exclusiva do magistério oficial da Igreja. (RAMBO, 2002, p. 61).

⁵⁸Refere-se ao concílio de Trento, ocorrido no século XVI.

A organização religiosa dos italianos foi uma importante contribuição para o catolicismo no Rio Grande do Sul. Para Costa:

A grande contribuição das comunidades de imigrantes italianos, nas colônias, é a de se terem organizado praticamente desde a sua chegada, possibilitando logo um relacionamento direto do imigrante com a igreja institucional, com a ortodoxia religiosa, com os sacerdotes, o que não acontecia, de modo geral, com as populações já estabelecidas, a não ser as alemãs, que, por sua divisão entre evangélicos e católicos, aprimoraram também a organização em comunidades. (COSTA, 1998, p. 165-166).

Segundo Azzi (1993), o catolicismo italiano foi transplantado para as colônias italianas do Brasil.

De fato, desde a época medieval, a Itália se constituiu num território onde a influência e a hegemonia eclesiástica se manifestou de forma mais contínua e autoritária. E essa hegemonia eclesiástica era transferida nessa época para as áreas de imigração italiana no Brasil. (AZZI, 1993, p. 92).

A Igreja Católica pretendeu recuperar, em um movimento de reação, sua privilegiada posição política, que tinha antes da Unificação da Itália. O receio da influência nefasta dos maçons, a necessidade de apoio religioso aos imigrantes, a tentativa de manter neles a cultura italiana e cristã levaram-na a enviar sacerdotes originários de congregações religiosas de homens e mulheres, com orientação ultramontana.

Assim, vieram os scalabrinos, com a finalidade de disciplinar e restaurar o catolicismo, readequando-o às determinações do Concílio, tanto no comportamento do próprio clero como dos leigos.

Os scalabrinos, sob a orientação do Padre Giovanni Batista Scalabrini, que tencionava despertar o espírito missionário no próprio clero italiano, encontrou uma forma de alcançar isso pelo trabalho de seus adeptos nas colônias do Rio Grande do Sul e nos demais países dos cinco continentes. Scalabrini é considerado até hoje o defensor dos emigrantes. Villa (2002) chama a atenção para a importância do papel do Bispo Scalabrini, considerado como o Apóstolo da Emigração. Desde 1888, ele trabalhou para melhorar as condições de vida dos emigrantes, permanecendo nessa ação até 1905, data de sua morte. Os missionários dessa congregação, chamados de carlistas, em 1913 fundaram, em Bento Gonçalves, um jornal que defendia a italianidade, pois os carlistas eram muito patriotas.

Segundo Manfroi (2001), a religião católica foi o fator de identidade coletiva para os imigrantes italianos, tanto os oriundos da Itália como os do Trentino. Em relação à identidade

católica dos trentinos, entretanto, o imigrante Caetano Costamilan, ao defender as sociedades católicas, disse que:

As sociedades católicas, como qualquer outra sociedade, sabe-se que são permitidas pela constituição dos Estados Unidos do Brasil [...] e nada têm com o meu requerimento; e se talvez o Governo Italiano não é favorável a esta sociedade, eu posso dizer-vos que, na terra de minha origem (Áustria), essas sociedades gozam de proteção da suprema autoridade, o Imperador; [...]. (COSTAMILAN, 1989, p. 328).

Caetano Costamilan defendeu o padre Pedro Nosadini quando este foi expulso de sua paróquia após ser ameaçado de morte por membros da maçonaria local em 1897. Caetano abrigou o padre em sua casa e passou a defender a causa da Igreja Católica contra a maçonaria. Por isso, ele sofreu retaliações por parte dos inimigos do padre (COSTAMILAN, 1989). É importante ressaltar que os membros da maçonaria em Caxias do Sul, naquela época, eram pessoas influentes na política local, entre eles o intendente municipal, Campos Junior, que era o principal inimigo do padre Nosadini.

No Trentino, a maçonaria tinha pouca força devido à rejeição que os trentinos tinham por ela em razão da enorme influência que a Igreja católica exercia na região. Para Grosselli, não era grande a tradição da seita maçônica no Trentino, tanto que, em setembro de 1896, a cidade de Trento sediou um congresso anti-maçom (GROSSELLI, 1991).

Em relação à religiosidade dos trentinos, para Rabuske (1978), eles são mais católicos do que outros imigrantes porque vão à missa regularmente, segundo o registro do padre jesuíta⁵⁹ Eugênio Steinhart, que prestava assistência religiosa aos colonos italianos.

Os italianos que procedem do Tirol italiano assistem todos, bem dispostos, aos santos sacrifícios da missa e recebem com devoção os santos sacramentos. Os boêmios, contudo, embora afavelmente convidados, deixaram de aparecer. (RABUSKE, 1978, p. 15).

Assim como as demais famílias italianas, as famílias trentinas também forneceram muitos religiosos à Igreja Católica. A imigrante trentina Angela Giordani teve três filhos, que se tornaram padres jesuítas, e três filhas, que se tornaram freiras da Congregação de São José (COSTA et al., 1999).

O trentino Giuseppe Sperandio, imigrado com a família para Bento Gonçalves, entrou para a Ordem dos Capuchinhos, como irmão, e recebeu o hábito no convento de Flores da Cunha, em 1908. Na Ordem dos Capuchinhos, era chamado de frei Onésimo de Caoria, em

⁵⁹Os padres jesuítas alemães foram os primeiros a prestar assistência religiosa aos imigrantes italianos devido à falta de padres italianos nos primeiros anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

referência a sua cidade de origem. Outro trentino que se tornou padre foi Giovanni Piccinini, emigrado com a família para Garibaldi; entrou para a ordem dos capuchinhos em 1906. Trabalhou em Vacaria, Porto Alegre, Flores da Cunha, Sananduva, Marau, Garibaldi, além de outros lugares. Na ordem dos capuchinhos, trocou o nome para Frei Carlos de Lavarone, em referência a sua cidade natal (COSTA et al., 1999).

No Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos não aprovaram os padres jesuítas como seus guias espirituais pelo fato de a maioria deles serem alemães (POSSAMAI, 2005). A situação foi diferente na cidade de Nova Trento, em Santa Catarina, onde a maioria da população era de trentinos, por isso os jesuítas foram bem aceitos (GROSSELLI, 1987).

A ação dos jesuítas chegou a impedir que a filial de uma fábrica de tecidos de Brusque fosse instalada em Nova Trento pelo fato de seu dono ser um protestante (CADORIN, 1996). Segundo Grosselli, “a ação dos padres, pregando a santidade como ideal e não o progresso, a glória de Deus e não o bem-estar dificultou que a cidade acompanhasse o ritmo do capitalismo que vinha sendo instaurado na região” (GROSSELLI apud CADORIN, 1996, p. 532).

De acordo com Grosselli, no Trentino, a Igreja Católica assumiu uma função que, em outros países, foi assumida pela sua burguesia, ou seja, a burguesia trentina renunciou ao papel de ser a classe dirigente⁶⁰ em favor do clero católico. Assim, segundo o mesmo autor, “[...] a burguesia trentina se apoiava nos dois organismos que deveriam ter-se constituído para ela em dois inimigos [...] a Igreja de quem tinha necessidade para dirigir a classe camponesa e o Estado austríaco [...] para resolver a crise econômica.” (GROSSELLI, 1987, p. 65). Segundo Possamai:

A igreja católica foi para o campesinato italiano e trentino o que o Estado nacional foi para a burguesia emergente [...] Na igreja se formavam os quadros dirigentes do campesinato, para o qual o padre era mais que um sacerdote, mas também um líder intelectual. (POSSAMAI, 2005, p. 41).

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, os padres combatiam os bailes porque eram considerados imorais. Para Grosselli, “Os bailes, no Espírito Santo, eram muito mais comuns entre as comunidades camponesas trentinas do que em Santa Catarina, fato que também se deve ao menor poder dos religiosos sobre estas comunidades” (GROSSELLI, 2008, p. 484).

⁶⁰A burguesia trentina, pelo fato de ser pouco numerosa e fraca economicamente, não teve a função que as burguesias de outros países, como França, Inglaterra e Alemanha, desempenharam, de ser a classe dirigente (GROSSELLI, 1987).

No Espírito Santo, a situação se mostrava diferente devido ao menor número de sacerdotes nas colônias italianas daquele estado (GROSSELLI, 2008). Os italianos tinham a fama de moralistas pelo fato de respeitarem os bons costumes e avessos a qualquer tipo de depravação. Em relação a isso, o Monsenhor Vitor Battistella, pároco de Frederico Westphalen, RS, escreveu elogios aos italianos e os comparou aos poloneses.

Não há em geral corrupção de costumes, antes no seio da colônia, especialmente italiana, há grande pureza de costumes, sendo raros os escândalos, os quais mais frequentes se registram no seio das famílias polacas pela familiaridade que muitas delas permitem aos moços com as filhas. (BATISTELLA apud SPONCHIADO, 2000, p.116).

Em relação à religiosidade dos colonos italianos no Rio Grande do Sul, Manfroi afirma que “[...] a participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceito pelos demais.” (MANFRÓI, 2001, p. 122). Segundo o autor, os imigrantes italianos constituíram, através da religião católica, a sua identidade cultural.

Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul e seus descendentes não manifestaram sentimentos patrióticos exaltados, não se preocuparam em conservar o seu patrimônio cultural e mostraram-se indiferentes à causa da italianidade. Eram acima de tudo, católicos praticantes, do Vêneto, Lombardia, Tirol...e foi através da prática da religião que encontraram a própria identidade cultural. (MANFROI, 2001, p. 120).

Segundo Manfroi⁶¹, os italianos prosperaram nas colônias devido ao fator religião, pois o autor defende a ideia de que, se não fosse a fé católica e os padres, os imigrantes italianos teriam perdido sua cultura e se acabado no meio das florestas brasileiras (MANFROI, 2001).

Dilse Corteze contesta essa explicação a respeito da religião. Segundo a autora, os imigrantes ficaram durante os primeiros anos nas colônias onde faltavam padres e, no entanto, isso não impediu que elas progredissem tanto econômica quanto socialmente (CORTEZE, 2002).

A Igreja Católica trentina se posicionava a favor da vinda dos imigrantes para as colônias do sul do Brasil, porque os padres pensavam que aqui os trentinos manteriam sua fé

⁶¹O livro de Olívio Manfroi foi lançado em 1975 por ocasião do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Naquela época, os autores tendiam a serem memorialistas e a exaltar o imigrante italiano como civilizador. O autor era um ex-padre capuchinho, o que, provavelmente, contribuiu para que o mesmo tivesse a ideia de que a religião católica fosse o principal fator de progresso nas colônias italianas.

católica. As comunidades rurais do Trentino se assemelhavam às colônias pelo fato de elas também possuírem capelas com sacerdotes. O clero trentino, contudo, se posicionou contra a imigração para os Estados Unidos⁶² porque, naquele país, os trentinos emigrados trabalhariam em minas de carvão ou como proletários nas cidades, e, dessa forma, perderiam sua fé⁶³ (GROSSELLI, 1991).

O Monumento aos tirolezes, já mencionado no Capítulo 2, tinha a forma de um oratório de montanha, típico da região dos Alpes. Isso demonstra a forte identificação que os descendentes de trentinos tinham com a religião católica, expressando, dessa forma, a identidade religiosa que o grupo mantinha. Um artigo publicado pelo jornal “O Pioneiro”, em maio de 1976, quando o monumento encontrava-se em construção, afirma que

Quando partiram para a América, os primeiros imigrantes traziam em seus corações a fé inquebrantável, a energia e força em seus braços, e o espírito aventura em seus corações. [...] Acostumados a ver nas encostas dos Alpes, as singelas hermidas a que chamavam “*Chiesa Montagna*”, e os cruzeiros de madeira, ainda hoje lá existentes, ao qual chegaram, tão logo possível passaram a construir suas hermidas, sob o título genérico de “capitel” dos quais em nosso município ainda são encontrados alguns com mais 70/80 anos de construção. Os descendentes desses tirolezes, agradecidos a seus antepassados, quiseram reverenciar sua memória e sua saga, com um monumento comemorativo. E que melhor do que uma hermidas do Tirol para perpetuar sua lembrança? (O PIONEIRO, 10 maio 1976).

Os trentinos, assim como os demais italianos, eram muito religiosos, pois trouxeram valores morais baseados em princípios religiosos cristãos, claros e rígidos. A história do Trentino contribuiu para isso, considerando-se o domínio clerical dos Príncipes-Bispos que governaram a região por oitocentos anos, sendo um principado episcopal autônomo. Por isso, a influência cultural da religião católica foi mais intensa no Trentino (CORRÊA, 2009). Pode-se incluir o papel político de Trento ao abrigar o concílio no século XVI, que durou quase vinte anos.

A maior parte dos entrevistados confirmaram a religiosidade dos seus antepassados trentinos ao expressarem suas opiniões a respeito deles.

Em conversas com meus avós, a gente percebe que ficaram muito presentes os valores da religiosidade, pois eram católicos [...] toda a educação voltada para a educação religiosa, catequismo [...] (HS)⁶⁴.

⁶²A partir da primeira década do século XX, o fluxo migratório trentino dirigiu-se majoritariamente para os Estados Unidos.

⁶³O clero trentino pensava que, pelo fato de os Estados Unidos se encontrar com o capitalismo em um estágio muito avançado e ser um país de maioria protestante, os trentinos para lá emigrados perderiam a sua fé católica.

⁶⁴Entrevista com HS em 2009.

Meus antepassados, como todos os trentinos, que vieram para cá, eram católicos fervorosos e praticantes, e foi a fé em Deus e na religião que os manteve vivos. [...] Então um valor que sustentou, que dava ânimo, que mantinha eles de pé, era a fé em Deus e um dia, no paraíso, teriam compensação melhor desse sacrifício louco que era sobreviver (EM)⁶⁵.

Eram católicos e tinham todos princípios religiosos comuns aos mesmos italianos da época. [...] procissões a São Remédio, um santo trentino, ao qual muitos emigrantes eram e ainda são devotos (RP)⁶⁶.

Eram raros os imigrantes trentinos não católicos, como foi o caso de César Girondi, imigrado para Garibaldi, que, além de maçom, também era metodista. Segundo a fala de sua bisneta: “Ele era maçom, ele também foi grau 33 e ele era metodista e, por ele ser metodista, ele foi muito perseguido aqui (EK)”

A força que a Igreja católica tinha no Trentino, devido ao fato de ter sido um bispado por oito séculos (1027-1803), influenciou sobremaneira a mentalidade dos habitantes da região.

E se revoluções e ideologias haviam feito pequenas brechas na sua zona de origem, [...] eram sempre filtradas pelas suas instituições, como a Igreja Católica, quando certos setores, a partir daqueles anos e também daquelas experiências migratórias, se fizeram representantes do mundo do campo. (GROSSELLI, 1991, p. 360).

Os trentinos tinham fama de serem conservadores em relação aos demais italianos; os austríacos eram conservadores, e os trentinos os superavam (POSSAMAI, 2005). O conservadorismo na sociedade austríaca influenciou a sociedade trentina com uma orientação política de direita, com forte oposição ao liberalismo, à maçonaria e ao anarquismo, que se instalaram na Itália durante muito tempo. Os valores do conservadorismo levaram os trentinos a terem um modo de viver com acentuada disciplina, ordem e rigidez.

A rivalidade entre os italianos e os trentinos também influenciou na religiosidade dos imigrantes. Segundo Azzi (1993):

Essas rivalidades envolviam as disputas com relação à localização das capelas e igrejas, à escolha dos santos padroeiros, à eleição dos santos padroeiros, à eleição dos fabriqueiros e inclusive com relação à própria origem do padre destinado a realizar a assistência religiosa nos núcleos coloniais. Muitos desses atritos atingiram também os religiosos que davam assistência religiosa aos imigrantes. Assim, por exemplo, os escalabrinianos e os salesianos, dois institutos religiosos de fundação italiana, deram apoio significativo à causa da italianidade, ou seja, propugnavam a anexação das regiões de dominação austríaca ao reino da Itália. Já os franciscanos e jesuítas alemães, bem como os capuchinhos franceses, [...] mesmo quando atuantes

⁶⁵Entrevista com EM em 2009.

⁶⁶Entrevista com RP em 2009.

em áreas de colonização italiana, mostravam-se simpatizantes à causa austríaca. (AZZI, 1993, p. 84-85).

Assim, para Azzi (1993), a Itália era governada por maçons, por isso muitos sacerdotes simpatizavam com o Império Austro-húngaro, entre eles estavam os capuchinhos franceses, pois “[...] a ordem dos capuchinhos era particularmente ligada às monarquias católicas, em especial à casa da Áustria” (POSSAMAI, 2005, p. 161). Em vista disso, provavelmente a atuação dos capuchinhos era mais forte entre os trentinos do que entre os italianos (POSSAMAI, 2005). De acordo com Azzi,

Ao se instalarem no Rio Grande do Sul, os frades franceses encontraram, desde o início, o apoio incondicional de dois padres italianos provenientes da região de Trento, então pertencente ao Império Austríaco. Foram eles o Pe. Augusto Finotti, da paróquia de Nova Trento, e o Pe. João Batista Fronchetti, da paróquia de Conde d’Eu [...]. Na perspectiva da Cúria Romana, o governo da Itália era apenas um instrumento manobrado por liberais e maçons, e por ela condenado. Assim sendo, havia simpatia natural pelo Império Austríaco, cuja orientação política se afinava melhor com as diretrizes marcadamente conservadoras da Santa Sé. (AZZI, 1990, p.64-65).

As ações descritas por Azzi foram promovidas pelas primeiras ordens religiosas que se instalaram na região, no período da Grande Emigração Italiana, privilegiando a educação como instrumento de difusão do catolicismo. Elas iniciaram pelo atendimento ao Ensino Médio e abrangeram o Ensino Superior, dedicando-se à formação educacional das elites regionais, apoiadas pelas diretrizes constitucionais brasileiras de 1891 e 1934.

4.1 A contribuição do clero trentino

Neste subcapítulo, será escrita uma pequena biografia do clero trentino emigrado para as colônias italianas com o objetivo de auxiliar espiritualmente os imigrantes italianos. Será analisada, também, a influência do catolicismo ultramontano sobre esses sacerdotes e sua contribuição para as colônias italianas no Rio Grande do Sul.

A luta contra a maçonaria era uma característica desses religiosos trentinos, porém os colonos trentinos pouco se envolveram na luta entre maçons e católicos.

Não compartilhavam das lutas travadas entre “maçons” e “católicos”, apesar de compartilharem da postura religiosa dos segundos [...]. Como os “austríacos” dedicavam-se à agricultura e permaneceram na zona rural, seu papel político foi pequeno, ligando-se aos outros grupos políticos que se formaram na região. São raros os “austríacos” que participaram das lutas políticas regionais. (GIRON, 1994, p.42).

A luta contra a maçonaria era quase exclusiva dos padres trentinos, com poucas exceções entre os colonos, como foi o caso do imigrante Caetano Costamilan.

4.1.1 Dom Bartolomeu Tiecher: o primeiro pároco dos imigrantes italianos (1848-1940)

O primeiro sacerdote italiano a assistir aos imigrantes nas colônias do Rio Grande do Sul foi o Padre Bartolomeu Tiecher (1848-1940). Como era natural da região de Trento, na época uma província do Império Austro-Húngaro, o Pe. Tiecher sabia falar os dois idiomas, o alemão e o italiano (RUBERT, 1977).

Ordenado em Trento, em 1871, trabalhou em Malo e Civezzano, tendo contato com os emigrantes trentinos que se dirigiam para o Brasil, e, assim, amadureceu a ideia de acompanhar e ajudar espiritualmente seus compatriotas. Bartolomeu Tiecher emigrou junto com diversos conterrâneos, inclusive seus familiares, a fim de auxiliar espiritualmente seus patrícios. Chegou ao Rio Grande do Sul em dezembro de 1875, com uma das primeiras levas de imigrantes italianos para o estado.

O professor Eneuc Giordani, em uma entrevista, informou que:

Os trentinos vieram acompanhados de um sacerdote, chamado Bartolomeu Tiecher. [...] recebeu a ordem do arcebispo de Porto Alegre, de assumir uma espécie de paróquia de Santa Lúcia de Soledade, a sede era na igreja de Santo Antônio de Carlos Barbosa [...] trouxeram o padre Davi de Faustini, fundador da paróquia de Monte Belo. (EG)

Em 1876, visitou os núcleos coloniais de Conde D'Eu, Figueira de Melo e Princesa Isabel, celebrando missa sob céu aberto e dirigindo a palavra de orientação e conforto aos colonos que recém chegaram da Itália. No dia 21 de março do mesmo ano, realizou a primeira missa na região colonial italiana, em Conde D'Eu, em um altar improvisado com caixotes e baús. No dia seguinte, o vigário partiu para a Linha Figueira de Melo. Nessa localidade, no dia 23, também celebrou uma missa ao ar livre da mesma forma que em Conde D'Eu. Em uma segunda excursão, no mês de setembro, foi a Conde D'Eu, Dona Isabel e Linha Geral. Em outras visitas no ano de 1877, além dos lugares já mencionados, esteve nas I e a II léguas de Caxias. Essas excursões eram feitas sem finalidade de lucro, somente para levar auxílio espiritual àquelas pessoas em meio à mata (BAREA, 1995).

De 1877 a 1881, Tiecher foi pároco de Santo Inácio de Feliz e, em 1886, foi nomeado vigário da paróquia São Pedro de Conde D'Eu (COSTA, 1998). Ele teve como coadjutores os

padres Ottavio Caetano e Alberto Biagiotti. Devido à impossibilidade do Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira se deslocar até as colônias italianas em 1887, encarregou o Pe. Tiecher de crismar nas paróquias e capelas de Conde D' Eu, Dona Isabel e Caxias (BAREA, 1995).

Em 1889, Bartolomeu Tiecher solicitou que fossem criados dois novos curatos: um, com sede em São Lorenço de Figueira de Melo; outro, em São Luís de Azevedo Castro. De 1886 à 1894, dirigiu o curato de Conde D'Eu, onde construiu um prédio de alvenaria para encontros do clero, o qual, em 1896, foi doado por ele aos Capuchinhos, que fundaram ali o seu convento (BUSATTA, 1979). Foi nomeado Cônego Honorário do Cabido Metropolitano e, também, capelão do Colégio de Canoas, do Hospital de Cristal de Porto Alegre e do Hospital de Roca Sales (CAPRARA; LUCHESE, 2005).

Por causa de algumas atitudes e de sua luta contra os anticlericais, o Pe. Tiecher fez muitos inimigos, tanto que, devido ao agravamento da situação e às ameaças que recebeu, teve que mudar a sede de sua paróquia. Em 1891, Bartolomeu Tiecher foi obrigado a fugir para a Linha Zamith por causa dos atritos com os maçons; durante sua ausência, a paróquia ficou vaga, sendo administrada pelo Pe. Giovanni Fronchetti. Em 1894, o Pe. Tiecher foi substituído pelo Pe. Francesco Piccoli, “[...] ao qual sucedeu em setembro do ano seguinte o atual pároco Pe. Giovanni Fronchetti, sacerdote trentino” (BAREA, 1995, p. 35).

[...] devido a seu temperamento enérgico e zelo incontido, teve oposição de alguns carbonários, tendo que mudar a sede da paróquia para a Linha Zamith. O bispo, informado dos incidentes, renovou-lhe a nomeação para Garibaldi, onde permaneceu até fins de 1893, quando já estava sendo agenciada a vinda dos capuchinhos a quem deixaria sua própria casa. Depois disto, passou a exercer ministério numa dezena de outras paróquias, sucessivamente, até o falecimento [...]. (COSTA, 1998, p.181).

Essa não foi a primeira vez que o Pe. Tiecher teve problemas, pois alguns anos antes, em 1877, ele foi acusado pelas autoridades da colônia Dona Isabel de incentivar os colonos a serebelarem contra os funcionários de lá. Nessa data, o diretor da colônia mandou cessar o ofício religioso realizado pelo Pe. Tiecher na casa de negócio de um dos colonos, alegando que o sacerdote não tinha permissão do bispo para celebrar a missa. Como não foi advertido, ele não se apresentou ao diretor e provocou um tumulto, porque os colonos não aceitaram a interrupção da missa. Em decorrência, um grupo em torno de cinquenta homens atacou, com paus e pedras, a sede da administração e os funcionários. Depois disso, Tiecher foi chamado pelo diretor que o aconselhou a fazer um sermão no qual deveria pedir aos colonos que obedecessem às autoridades (POSSAMAI, 2005). Ele também teve problemas durante a

Revolução Federalista entre 1893 e 1895, sendo obrigado a se afastar de Garibaldi (D'APRIMONT; GILLONAY, 1976).

Entre 1891 e 1893, o Pe. Tiecher foi pela segunda vez pároco de Santo Inácio de Feliz. Os habitantes dessa freguesia eram católicos teutos, mas, nos arredores dela, havia católicos italianos. Devido ao seu conhecimento dos dois idiomas, o alemão e o italiano, ele atendia os dois grupos étnicos. Nesse período, no ano de 1892, o padre foi “caluniado” por um pastor protestante, chamado Hätinger, que escreveu “mentiras” a seu respeito em um jornal protestante, “Folha dominical para comunidades evangélicas”. O jornal católico *Deutsches Volksblatt*, na edição de 2 de agosto de 1892, publicou um artigo em defesa de Bartolomeu Tiecher. (RABUSKE, 2001). Parte do artigo publicado pelo jornal *Deutsches Volksblatt*, que se encontra na íntegra em um artigo escrito por Arthur Rabuske, está abaixo transcrito.

Trazemos logo abaixo o teor verbal dos ‘apontamentos diários’ de Hätinger, pregador itinerante, enquanto eles importam em ataques e calúnias ao padre católico Bartolomeu Tiecker, em Conde d’Eu. À base dos mais exatos informes, faremos seguir uma exposição sobre a verdadeira condição do assunto. O pregador ambulante escreve verbalmente em *‘Sonntagsblatt für evangelische Gemeinden’* [Folha dominical para comunidades evangélicas], no dia 34 de julho [de 1892] o seguinte: ‘Nesta tarde fez a sua reentrada o outrora clérigo católico desta colônia [de Conde d’Eu]. Há seis meses, esse sacerdote dali se retirou, acompanhado das maldições do povo. Em sua ganância o tirolês havia posto a mão [sacrílega] à [imagem da] Madonna da Igreja, despojando-a de todo o ornato de ouro e prata. A imagem da Madonna sofreu de certo em silêncio esse esbulho, mas não assim os seus veneradores. Estes importunaram de tal sorte o sacerdote devido a esse delito, que dali ele tivesse que mandar-se e buscar distância. [...] O povo acha-se revoltado diante do fato de este criminoso agora representar-se aqui, como se nada tivesse ocorrido [...] Como consta, deu essa acima-citada história clerical o impulso, para que uma série de famílias italianas se passasse para a nossa Igreja Evangélica [...]’ Quem o afirma é o ‘Reiseprediger’ [Pregador itinerante] Hätinger. Mas, qual é o fato o estado da questão? Façamos a seguir aqui o curso real e a verdadeira situação das ocorrências, e que assim seja possível garantir e noticiar o assunto à base dos informes mais certos e dignos de fé. 1º- Até agora o Pe. Bartolomeu Tiecker ainda não se achou incumbido do pastoreio espiritual em Conde d’Eu, sendo que apenas prestou ali serviços religiosos de vez em quando. 2º- Não se retirou dali sob o acompanhamento das maldições do povo. Não mais voltara para lá o sacerdote, porque em novembro ali os adeptos do Partido liberal se tinham rebelado e vieram a fixar cartazes, em que juravam a morte a todos os seus adversários, principalmente porém a esse clérigo.[...] 3º- O ornato de ouro e de prata da Madonna consistira de objetos doados [...] como anéis de ouro quebrados.[...] pelo fato de não terem outro aproveitamento, foram eles vendidos pela comissão eclesiástica, e não pelo clérigo. [...] 4º- O clérigo em questão jamais tinha sido nomeado para Conde d’Eu, sendo que apenas esses dias recebeu sua provisão de cúria episcopal [...] 5º - Não ensejou todo esse episódio qualquer conversão ao protestantismo, e os poucos que na aparência se afastam da Igreja católica, fazem-no devido a qualquer outro interesse seu [...]. (DEUTSCHE VOLKSBLATT apud RABUSKE, 2001, p. 292-293).

O Pe. Bartolomeu Tiecher preocupava-se com a situação de penúria e a falta de proteção material dos imigrantes italianos, sem auxílio religioso devido à falta de

sacerdotes para que tudo ocorresse de acordo com as normas da igreja. Para Costa, suas duas preocupações pastorais eram “[...] minorar a situação de privações materiais de toda a ordem dos colonos italianos e manter sua fé, prática religiosa dentro da sã doutrina da igreja, batalhando pela ortodoxia dos pastores e preocupando-se com as vocações sacerdotais” (COSTA, 1998, p. 181). Segundo esse autor, a presença desse padre nas colônias italianas contribuiu na organização da Igreja Católica no Rio Grande do Sul, colaborando, dessa forma, para “[...] a caminhada de uma igreja organizada, base de todo o rápido e sólido progresso das comunidades italianas” (COSTA, 1998, p. 184).

O Pe. Tiecher escrevia cartas que eram publicadas no jornal trentino *La Voce Cattolica*, contando a situação dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Falava bem do Rio Grande do Sul, dizendo que era melhor do que outras províncias do Brasil para os imigrantes se estabelecerem. Abaixo, encontra-se uma das cartas publicadas pelo *La Voce Cattolica* em 17/6/1876:

As colônias nos primeiros anos rendem mais, e não é muito faticoso fazer uma boa colheita ainda no primeiro ano, aqui chegando em estação propícia. Segundo meu parecer, chegam em período melhor os que partem da Europa no verão (...) Mas gente trabalhadora com família, permanecendo e trabalhando, pode ter bom êxito nesta província do Rio Grande do Sul. (TIECHER apud GROSSELLI, 1987, p. 146-147).

O Pe. Tiecher destacou-se como naturalista, sendo um grande estudioso da flora rio-grandense. Escreveu vários artigos sobre esse tema e um livro inédito sobre plantas, em 1917, intitulado *Relação das Plantas*. Faleceu em fevereiro de 1940, com a avançada idade de 92 anos. Foi pároco em 15 freguesias e exerceu o ministério entre os gaúchos por 64 anos. Morreu pobre porque doou dinheiro para obras de caridade e para financiar vocações sacerdotais (RUBERT, 1977).

4.1.2 Padre Adolfo Giordani S.J (1861-1937)

O Padre Adolfo Giordani nasceu em Pedersano, na Província de Trento, em 1861. A partir de 1872, cursou o ginásio em Rovereto e em Salzburg. Depois, foi para Innsbruck, na Áustria, onde iniciou os estudos em teologia com os jesuítas (RABUSKE, 1978). Emigrou junto com os pais para o Brasil em 1881 e fixaram residência em Loreto, na colônia Caxias. Em 1882, foi estudar filosofia e teologia em São Leopoldo, lá entrando para a Companhia de

Jesus no ano de 1884. Fez o noviciado na Holanda, onde permaneceu entre 1884 e 1888, depois retornou a São Leopoldo para concluir seus estudos (SPHOR, 2011).

Em 1896, Padre Giordani esteve como coadjutor do pároco em Santo Inácio de Feliz (SPHOR, 2011). Atuou por algum tempo, dando auxílio espiritual aos colonos italianos que, muitas vezes, não sabiam qual a nacionalidade ele pertencia, já que falava fluentemente italiano, alemão e português (RABUSKE, 1978). Como a maioria dos jesuítas alemães não sabia falar o italiano, o padre Giordani era chamado para atender os italianos. Segundo Rabuske (1978):

Não havendo em casa quem soubesse a língua dos imigrantes, faziam eles vir de São Leopoldo [...] alguém que a soubesse. [...] o P. Adolfo Giordani fora assim chamado a Montenegro por seus confrades religiosos, para atender os imigrantes italianos em trânsito. (RABUSKE, 1978, p. 11).

O padre Giordani destacou-se como professor, pois lecionou em diversos locais, como no Colégio Gonzaga, em Pelotas, e no Ginásio Conceição, em São Leopoldo, o qual foi transformado em seminário Provincial dos Jesuítas (SPHOR, 2011).

Desde 1913, após a transformação do Colégio Conceição em seminário provincial, dedica toda a sua vida aos aspirantes ao sacerdócio. Lecionou quase todas as matérias do curso secundário, preferindo as literaturas e línguas antigas ou modernas. Durante vários anos, dirigiu e promoveu o progresso intelectual dos alunos como prefeito de estudos. (SPHOR, 2011, p. 233).

Padre Adolfo faleceu em 1937, com 76 anos de idade, em São Leopoldo; estava há 57 anos na Companhia de Jesus. Era descrito como um homem de grande cultura e inteligência (SPHOR, 2011).

4.1.3 Padre Giovanni Batista Fronchetti (1863-1927)

Padre Fronchetti nasceu em Torra, no Trentino, em 1863. Fez seus estudos no seminário diocesano, sendo ordenado padre em 1887. Como desejasse prestar auxílio espiritual aos emigrados, partiu para o Rio Grande do Sul em 1889 (RUBERT, 1977).

Em 1890, tornou-se o primeiro vigário da Linha Figueira de Melo, onde a maioria das famílias instaladas eram trentinas. “Em pouco tempo, com o auxílio dos colonos, levantou casa paroquial de alvenaria e introduziu diversos melhoramentos na igreja matriz. Sua capacidade reclamava um campo de ação mais vasto” (RUBERT, 1977, p.81).

Em 1896, o Padre Fronchetti foi transferido para a paróquia de Garibaldi, permanecendo lá por 30 anos como vigário. “[...] montado na sua fiel mula, percorria a paróquia em todas as direções, sendo principalmente pronto e assíduo na assistência religiosa dos enfermos.” (RUBERT, 1977, p. 81-82).

O relato dos padres capuchinhos a respeito de Fronchetti diz que:

Dom Fronchetti sempre foi nosso amigo fiel, e nós, seus colaboradores de todo momento. [...] destes 18 anos, no decorrer dos quais Conde D’Eu se renovou, adquiriu uma importância considerável no concerto dos centros coloniais, libertou-se dos ataques do protestantismo, escapou das ameaças da maçonaria e triunfou nas lutas que a baixa política, o espírito de incredulidade e socialista, travaram, consciente ou inconscientemente, para sufocar ou diminuir o espírito religioso. (D’APRIMONT; GILLONAY, 1976, p. 163).

Em 1910, fundou o *Il Colono Italiano*, um jornal católico editado para um público formado, na sua maioria, por imigrantes italianos e descendentes que falassem a língua italiana. O jornal foi editado em Garibaldi, de 1910 até 1917, quando, devido a questões políticas, os capuchinhos assumiram a direção da publicação, sendo o nome mudado para *Staffetta Riograndense*. Segundo Tavares, “[...] a imprensa foi, sem dúvida, a estratégia mais eficiente utilizada pela Igreja para divulgar seus pensamentos e ações, atingindo a população católica” (TAVARES, 2008, p. 64). De acordo com esse autor, desde o final do século XIX, a Igreja católica no Brasil editava jornais com o objetivo de divulgar suas ideias e ações⁶⁷ (TAVARES, 2008).

O padre Fronchetti, embora de fala italiana, era cidadão austríaco e admirador do imperador da Áustria, Francisco José, tendo sido, por isso, vice-cônsul da Áustria e, em 1911, condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Ordem do Imperador Francisco José (RUBERT, 1977). Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Itália e a Áustria lutaram uma contra a outra, o jornal *Il Colono Italiano* mostrou-se pró-Áustria, descontentando muitos italianos oriundos do Reino da Itália.

Giovani Fronchetti morreu em 1927, com 64 anos de idade. Deixou a fama de bom padre e benfeitor da colônia italiana no Rio Grande do Sul, onde exerceu o sacerdócio por quase 40 anos (RUBERT, 1977).

⁶⁷No Rio Grande do Sul, durante o século XIX, foram editados dois jornais católicos: “A Estrela do Sul”, entre 1862 e 1869; e “O Thabor”, entre 1881 e 1882 (TAVARES, 2008). Em 1871 os padres jesuítas fundaram o jornal católico *Deutsches Volksblatt*, feito para um público de fala alemã, ou seja, os teuto-católicos.

4.1.4 Padre Augusto Finotti (1840-1919)

Nascido em Valle di Garduno, no Trentino, em 1840, estudou no Seminário de Trento e foi ordenado padre em 1869, emigrando para o Brasil em 1877. Após chegar ao Rio Grande do Sul, foi nomeado capelão da colônia Conde D'Eu em 1878. Devido ao seu conhecimento das línguas italiana e alemã, foi provisionado, no ano seguinte, cura de São Vendelino, que era uma comunidade de imigrantes alemães (RUBERT, 1977).

Em 1880, foi nomeado capelão da colônia Caxias e, em 1884, tornou-se o primeiro pároco dessa colônia, no entanto permaneceu no cargo por apenas 15 dias. Segundo Rubert (1977), o padre Finotti renunciou ao cargo devido a atritos com a maçonaria local, “[...] preferindo trabalhar no interior da paróquia como simples coadjutor” (RUBERT, 1977, P. 58). Da mesma maneira que o Padre Bartolomeu Tiecher e outros padres italianos⁶⁸, o Padre Augusto Finotti também teve problemas com a maçonaria. Isso ocorreu porque a igreja ultramontana condenava a maçonaria, eos sacerdotes, em função disso, entravam em atrito com os maçons.

Foi a maçonaria a instituição que inflamou o ânimo regional. As relações estabelecidas entre o clero e os imigrantes italianos católicos, em sua maioria, inflamaram pequenos núcleos das antigas colônias. No imaginário popular, o mal passou a ser representado pela maçonaria, sendo mais tarde substituído pelo comunismo. (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 101).

Segundo Balen (apud GARDELIN, 1980), o motivo da sua destituição da função de pároco de Caxias do Sul foi um abaixo-assinado dos paroquianos dirigido ao bispo, protestando pelo fato de o padre Finotti ser de nacionalidade austríaca. Com isso, ele foi substituído pelo padre Agostinho Magon, italiano, natural de Pádua, na região do Vêneto.

Por breve tempo, ele foi coadjutor do Padre Antonio Sorio, vigário de Silveira Martins. Em 1886, foi nomeado cura de Figueira de Melo e, em 1888, voltou a exercer o ministério em Caxias do Sul, como auxiliar do padre palotino André Walter (RUBERT, 1977).

Em 1890, o Pe. Finotti foi nomeado cura de Nova Trento (atual município de Flores da Cunha), exercendo lá o sacerdócio até 1900. Nesse período, convidou os padres capuchinhos franceses a se estabelecerem em Nova Trento, onde estes construíram um convento. Assim como o padre Fronchetti, o padre Augusto Finotti foi condecorado pelo governo Imperial da

⁶⁸O padre italiano Pedro Nosadini teve que fugir de Caxias do Sul porque foi ameaçado de morte pelos membros da maçonaria local.

Áustria por também ser cidadão austríaco (RUBERT, 1977). A cidade recebeu o nome de Nova Trento em homenagem à terra natal do pároco que incentivava os imigrantes trentinos a continuarem fiéis à Áustria.

Sendo grande parte dos colonos provenientes das regiões até então dominadas pela Áustria, mostravam pouca sensibilidade com relação ao projeto da Itália unificada. Embora falando o idioma italiano, os trentinos e os tirolezes em geral continuavam expressando sua fidelidade ao governo austríaco. Essa atitude, aliás, era incentivada por seus líderes religiosos, como o Pe. Finotti, posteriormente condecorado por sua atuação pelo governo imperial da Áustria. (AZZI, 1990, p. 65).

O padre Finotti, assim como Bartolomeu Tiecher, também escreveu cartas ao jornal trentino *La Voce Cattolica* para informar sobre a situação das colônias no Rio Grande do Sul. Segundo Grosselli:

Os seus julgamentos foram bastante ponderados mesmo que seu conselho fosse o de não partir para o Brasil, quando se pudesse viver sem dramas no Trentino. Lados positivos e negativos da colonização no Rio Grande do Sul cruzam-se em suas cartas. (GROSSELLI, 1987, p. 149).

Em 1901, após 22 anos no Brasil, o Padre Augusto Finotti retornou à Itália onde continuou a exercer o sacerdócio, vindo a falecer em 1919, com 79 anos de idade.

4.1.5 Padre Fortunato Odorizzi (1819-1898)

Padre Fortunato Odorizzi nasceu em 1819, em Tassullo, no Vale di Non, no Trentino Alto-Ádige. Ele chegou ao Rio Grande do Sul antes da vinda maciça de colonos italianos, só indo, portanto, trabalhar na Região colonial italiana durante os últimos anos de sua vida.

O padre Odorizzi foi ordenado em 1844, trabalhando em diversas paróquias, como as de Aldeno, Villalagarina, Mattarello, Segonzano e Rabbi. Em 1857, deixou a diocese de Trento e fez uma longa peregrinação pela Itália, exercendo o ministério em diversas cidades e trabalhando como professor até 1870, quando embarcou para a América do Sul.

Foi para Buenos Aires, na Argentina, em 1870, onde atendeu os italianos imigrados para aquela cidade. Depois dirigiu-se para Montevidéu, no Uruguai, onde permaneceu por três meses. Veio para o Rio Grande do Sul, em 1871, a convite do bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira (RUBERT, 1977).

O padre Odorizzi, entre 1871 e 1892, trabalhou em vários locais no estado, permanecendo, durante esses anos, à margem dos colonos italianos. Foi pároco em Santa

Maria, Passo do Rosário e Santo Ângelo. Somente em 1892, Fortunato Odorizzi foi trabalhar na região de colonização italiana quando foi nomeado pároco na Linha Jansen (RUBERT, 1977).

Em 1893, ele foi nomeado primeiro cura de Monte Vêneto, atualmente o município de Cotiporã. Quando foram instalados os sinos na igreja, o padre “[...] redigiu um regulamento para o tangedor dos sinos, inspirado nos costumes dos vales trentinos.” (RUBERT, 1977, p. 86). Morreu em 20 de setembro de 1898, com 79 anos de idade. Em sua homenagem, foi dado o seu nome a uma praça na cidade, a Praça Dom Fortunato.

Houve outros sacerdotes trentinos que trabalharam em outras colônias italianas, em outros estados brasileiros, como Dom Arcangelo Ganarini, em Santa Catarina, e os capuchinhos trentinos que foram para o Estado de São Paulo.

Os membros do clero trentino tiveram importância tanto no auxílio espiritual aos imigrantes italianos, como na difusão e implantação do catolicismo ultramontano no Rio Grande do Sul. A luta contra a maçonaria foi uma marca de três desses padres, pois Giovanni Fronchetti, Augusto Finotti e Bartolomeo Tiecher se envolveram seriamente em combates contra os maçons, sendo, inclusive, perseguidos por seus membros. Essas características, no entanto, não eram exclusivas dos padres trentinos, mas geralmente dos padres oriundos do norte da Itália.

Nem todos os padres trentinos biografados eram pró-Áustria ou pelo menos não demonstravam suas posições nacionalistas, assim como nem todos tiveram problemas com a maçonaria. Os padres Fortunato Odorizzi e Adolfo Giordani se mantiveram neutros em relação à luta contra a maçonaria e à questão nacionalista, dessa forma, se dedicando apenas as suas atividades pastorais.

5 A I GUERRA MUNDIAL E AS TENSÕES ENTRE OS IMIGRANTES

5.1 Jornais Escritos em Língua Italiana

A imprensa em língua italiana, no Rio Grande do Sul, não teve a mesma ampla difusão da imprensa de língua alemã. Isso se deve ao fato de as publicações italianas aparecerem mais tarde do que os jornais em língua alemã e de, ainda, haver poucos periódicos italianos, sendo que a maioria deles teve um curto tempo de circulação devido a dificuldades financeiras. Para Possamai (2005, p.179), “[...] a utilização da imprensa para alimentar querelas pessoais, a incompetência e, por vezes, a imoralidade dos jornalistas parece melhor explicar a vida curta de muitos periódicos”.

Apesar desses fatores, para Franzina (1999), a imprensa italiana não teve papel secundário no contexto colonial. Segundo Possamai (2005), em 1909, o edital do jornal *La Libertà* lamentava o fato de existirem tantos obstáculos à imprensa em língua italiana, enquanto circulavam vários jornais em alemão, por isso “[...] considerava uma vergonha que a língua de Dante não fosse tão conhecida como deveria [...]” (POSSAMAI, 2005, p.178). A imprensa, mesmo assim, teve importância na vida colonial italiana, como demonstra Gustavo Valduga (2007) em sua dissertação de mestrado. O autor foi um dos primeiros a pesquisar em nível de pós-graduação, como fonte histórica, os jornais brasileiros escritos em italiano⁶⁹; outros autores já os haviam utilizado, porém poucos exploraram essas fontes.

Segundo Borges (1993), o primeiro jornal italiano de Porto Alegre, e também do Rio Grande do Sul, surgiu em 1884, era o *La Liguria*. Em Caxias do Sul, a primeira edição de um jornal redigido em língua italiana ocorreu em 1898, com o *Il Colono Italiano*. Apesar de essa publicação ter o mesmo nome de um dos jornais pesquisados no presente trabalho, trata-se de outro jornal.

A imprensa em língua alemã teve início em 1852, na cidade de Porto Alegre, com o jornal *O Colono* (BECKER, 1956). Este teve uma divulgação muito maior do que periódicos em língua italiana, certamente devido ao alto grau de instrução e escolaridade que possuíam naquela época os alemães e seus descendentes. Segundo René Gertz, no período entre 1860 e 1940, foram publicados no Rio Grande do Sul um grande número de jornais e revistas escritos em idioma alemão (GERTZ, 2004).

⁶⁹ Jornais italianos que tratavam sobre a imigração italiana foram pesquisados por Roselyz Correa dos Santos na década de 1980 (SANTOS, 1990).

Os principais jornais em língua italiana que circularam no Rio Grande do Sul entre os anos de 1890 a 1941 foram: *Il Corriere d'Italia* (1912-1928), *La Libertà* (1909), *Il Colono Italiano* (1910-1917), *Staffetta Riograndense* (1917-1941), *Stella d'Italia* (1902-1925), *Il Trentino* (1915-1917), *La Patria Italo-brasiliana* (1916-?), e *Il Corriere Cattolico* (1891-1895).

O *Il Corriere d'Italia*, impresso em Bento Gonçalves, circulou de 1912 até 1928, tendo sido dirigido pelo Pe. Domingos Poggi e depois pelo Pe. João Costanzo. Fiel ao pensamento scalabriniano, o jornal definia-se como “italianíssimo”, tendo o objetivo de aumentar o prestígio dos italianos junto aos brasileiros através da promoção do decoro e da força moral entre os colonos (POSSAMAI, 2005). Até a Itália entrar na I Guerra Mundial, em 1915, o jornal defendia a manutenção da tríplice aliança, formada pela Alemanha, Áustria e Itália. Quando, porém, a Itália renunciou ao tratado e entrou na guerra ao lado da Inglaterra, França e Rússia, o *Corriere d'Italia* apoiou a pátria e passou a defender sua nova posição (GIRON; HERÉDIA, 2007). Depois da guerra, o jornal arrecadou donativos para a reconstrução da Itália (POSSAMAI, 2004).

O *Il Colono Italiano* era um jornal católico, de propriedade do padre Nosaldini, tendo sido publicado em Caxias do Sul, durante o ano de 1898. Entretanto, devido aos atritos com a maçonaria local, o padre foi obrigado a fugir da cidade e, assim, cessou a publicação do periódico. Anos mais tarde, em 1910, foi fundado outro jornal com o mesmo nome, dirigido pelo Padre Giovanni Fronchetti e impresso em Garibaldi. Esteve em circulação entre 1910 e 1917, recebendo, então, o nome para *Staffeta Riograndense*, mantendo-se assim até 1941 quando novamente alterou o nome para *Correio Riograndense*, com o qual segue até os dias atuais.

O *Stella d'Italia*, jornal maçom, foi editado em Porto Alegre, de 1902 a 1925. Era dirigido por Adalchi Colnaghi, natural de Milão, Itália, homem de cultura, combativo e liberal. Colnaghi, antes de fundar o *Stella d'Italia*, esteve na direção de dois outros jornais italianos, o *Il Corriere Cattolico* e *Il Commercio Italiano*. Em 1918, retornou à Itália, vindo a falecer em Milão, no mesmo ano (MORETTO, 1956).

Segundo Gardelin (2002), o jornal *Stella d'Italia* era impregnado de patriotismo, entretanto isso não bastava para superar os grandes desafios junto à comunidade italiana, à qual faltava espírito de solidariedade e concórdia. O jornal era de tendência liberal e anticatólico, destinado a um público de classe média. Em vista disso, seguia praticamente a mesma linha do periódico em língua alemã *Deutsche Zeitung*, que tinha como editor o

jornalista alemão Karl von Koseritz. O jornal em alemão, também editado em Porto Alegre, circulou de 1861 até 1917.

O *Corriere d'Italia* e o *Stella d'Italia* (17 out. 1912) exaltavam a vitória da Itália sobre o Império Otomano na Guerra Ítalo-turca (1911-1912), que resultou na anexação da Líbia pelos italianos. O *Stella d'Italia* (25 set. 1913) noticiou a inauguração de um monumento a Garibaldi pela comunidade italiana radicada no estado e, na edição de 4 de abril de 1920, falou da crise econômica italiana após a guerra. Apesar de os dois jornais defenderem a italianidade⁷⁰, o *Corriere d'Italia*, por ser maçom e liberal, chamava o *Stella d'Italia* de *stalla d'Italia* (estrebria da Itália).

O periódico *La Patria Italo-brasiliana*, jornal de tendência liberal, editado em Porto Alegre, entrou em circulação em 1915, tendo os irmãos Vincenzo e Gaetano Blancato como diretores (MORETTO, 1956). Não foi possível saber até quando foi publicado, embora seu último registro seja de 1931. Esse jornal editava anualmente um almanaque.

O *Il Corriere Cattolico*, editado em Porto Alegre de 1891 a 1895, foi o primeiro jornal católico escrito em língua italiana. Pelo que se sabe, nenhum exemplar desse periódico chegou aos dias atuais. As poucas informações sobre ele foram tiradas do jornal católico de língua alemã *Deutsches Volksblatt* por Arthur Rabuske, já que esses dois jornais católicos eram impressos pela mesma gráfica, a Tipografia do Centro (RABUSKE, 2001).

É importante ressaltar que todos os jornais eram escritos em língua italiana oficial e não em dialetos regionais que predominavam na região colonial. O primeiro texto jornalístico escrito em dialeto só foi publicado nos anos 1920 pelo *Staffeta Riograndense*, tratava-se de um romance, chamado *Nanetto Pippeta*, que exaltava a superioridade do colono italiano em relação aos nativos (índios e negros).

No Rio de Janeiro, entre os anos de 1891 a 1914, foi publicado um jornal em língua italiana, chamado *Il Bersagliere*, nome dos membros da guarda real italiana. Era um periódico de forte caráter nacionalista, pois a iniciativa de editá-lo surgiu da necessidade de manter os vínculos dos imigrantes italianos com sua terra natal, a Itália (LAPERÀ, 2012). Ao todo, havia 64 publicações em língua italiana no Rio de Janeiro (TRENTO apud LAPERÀ, 2012), o que mostra que a difusão desses periódicos era maior nessa cidade do que em Porto Alegre e em todo o Rio Grande do Sul. O mesmo acontecia em Buenos Aires, na Argentina, cidade com um alto número de italianos. Segundo Maria Bjerg, os italianos emigrados para a capital

⁷⁰Segundo Bolzan (2011), italianidade significa a manutenção das tradições trazidas da Itália e a preservação dos costumes, como a língua e a religião católica pelos imigrantes.

argentina fundaram quatro jornais de grande circulação: *L'Operaio Italiano*,1873; *La Patria Italiana*,1876, *La Nazione Italiana*,1883; *Il Vesuvio*,1887 (BJERG, 2010).

De acordo com Cruz e Peixoto, a imprensa e a mídia, além de uma opinião, “em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258). Ao se estudar a História utilizando a imprensa como fonte, segundo Oliva (2011), deve-se considerar que:

[...] as notícias publicadas ou veiculadas não explicam ou dimensionam todas as perspectivas elaboradas acerca do assunto e muito menos refletem os heterogêneos olhares lançados sobre o tema para além da imprensa. Ou seja, não podemos tomar as peças jornalísticas como símbolos absolutos dos olhares dirigidos sobre o continente ou como retratos verdadeiros de uma realidade por certa sociedade ou grupo. [...] No entanto, para a perspectiva do historiador, elas - as notícias- servem como ponto de partida para reflexões acerca de uma determinada questão e são, sem sombra de dúvidas, reflexos de uma mentalidade, espectros de elementos que os indivíduos herdaram e internalizam, muitas vezes, sem muitos questionamentos. (OLIVA, 2011, p.1).

Assim, segundo o autor, ao se estudar a imprensa como fonte histórica, é necessário questionar o que os jornais noticiam, ou seja, não considerar os textos jornalísticos como verdade absoluta.

5.2 O Jornal *Il Colono Italiano* (1910-1917)

Em fevereiro de 1909, foi fundado, em Caxias do Sul, o jornal católico *La Liberta*, de propriedade do padre palotino Carmine Fasulo, na época pároco da cidade. O jornal tinha publicação semanal, saía às terças-feiras, e seu programa consistia em divulgar os ideais católicos para os fiéis. No entanto, Fasulo não ficou por muito tempo no seu comando, pois, em dezembro de 1909, devido a desentendimentos com a maçonaria local, ele foi forçado a abandonar a cidade. Em vista disso, o jornal foi vendido para o padre Giovani Fronchetti, pároco de Garibaldi. Assim, para lá foram transferidos a sede do jornal junto com todo o maquinário. No novo local, ocorreu também a troca do nome. A partir de janeiro de 1910, passou a se chamar *Il Colono Italiano*, o mesmo do antigo periódico que circulou em Caxias do Sul no ano de 1898, vindo a se tornar o jornal mais difundido de toda a região colonial italiana (COSTA, 1999).

Para o presente trabalho, foram pesquisadas as edições do jornal *La Liberta*, de fevereiro a dezembro do ano de 1909, e do *Il Colono Italiano*, de janeiro de 1910 até julho de

1917. Todos se encontram no Museu Histórico dos Capuchinhos (MUSCAP), localizado em Caxias do Sul.

O *Il Colono Italiano*, jornal católico conservador, destinava-se a um público composto em sua maioria por agricultores e pessoas ligadas à religião católica.

Em jornais especializados, o título costuma indicar o tipo de público a quem o periódico se dirige, já que

[...] na imprensa mais especializada, as ligações entre títulos e subtítulos e o projeto editorial geralmente são mais diretas [...]. Assim também os subtítulos, na maioria das vezes trazem indicações valiosas sobre quem fala e para quem almeja falar determinada publicação [...]. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 261).

Em relação aos jornais católicos, Gustavo Valduga afirma que:

Os periódicos tornaram-se voz oficial do clero entre os imigrantes, defendendo os seus interesses e moldando a imagem do colono segundo a sua visão de mundo. Em um ambiente altamente clericalizado, a Igreja usava a palavra impressa como instrumento de doutrinação, combatendo inimigos e impondo-se cada vez mais como instituição hegemônica no meio colonial. (VALDUGA, 2008, p. 21).

Os padres Capuchinhos franceses colaboraram com Fronchetti para que este pudesse dedicar seu tempo ao jornal; os freis o substituíam nas atividades pastorais nas igrejas, além de ajudarem na redação do jornal. Com isso, estavam realizando os planos do fundador da missão, frei Bruno de Gillonay, de instituir uma imprensa católica. Em um relatório a Dom João Batista Scalabrini, fundador da ordem religiosa dos Carlistas, frei Bruno comentou sobre seu projeto de imprensa católica, a qual considerava importante para a evangelização dos imigrantes:

Não a imprensa como é entendida na Europa, isto é, imprensa política, de novidades, de lutas apaixonadas. Não é este tipo de imprensa que queremos aqui. Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do Santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos. (COSTA, 1999, p. 492).

A igreja, naquela época, seguia as orientações do catolicismo ultramontano, o qual reforçava os dogmas da religião católica, como a infalibilidade papal, mantendo-se intransigente perante a nova ordem mundial implantada pelo capitalismo (SOUZA, 2000 apud VALDUGA, 2008) e condenando os erros do racionalismo, do liberalismo e do ateísmo. Este

último era propagado por uma corrente filosófica defendida por alguns filósofos da época, século XIX, como Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Ludwig Feuerbach (1804-1872). O ultramontanismo tinha como seu principal idealista o papa Pio IX.

Para Possamai, “O pontificado de Pio IX (1846-1878) foi marcado pela retomada de posições conservadoras, da intransigência antiliberal e do prosseguimento da política de centralização da igreja em torno da figura do papa, iniciada por Gregório XVI (1831-1846)” (POSSAMAI, 2004, p. 563). Segundo esse autor: “[...] Fronchetti procurava divulgar as idéias do ultramontanismo. Os Capuchinhos, que também se inseriam nessa corrente ideológica, apoiaram a publicação do jornal [...]” (POSSAMAI, 2004, p.579). Ainda, segundo Possamai, “As tumultuadas relações entre a posição conservadora da Igreja Católica e da Áustria e a liberal, adotada pelo Estado italiano, repercutiram na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, dando origem a diversos conflitos” (POSSAMAI, 2004, p.578). O nacionalismo austríaco era baseado no catolicismo e no culto ao imperador.

Embora de etnia italiana, Fronchetti era cidadão austríaco e tinha admiração pelo imperador Francisco José, tendo sido, inclusive, vice-cônsul da Áustria. Em 1911, chegou a ser condecorado com a comenda da Cruz de Cavaleiro da Ordem do Imperador Francisco José (RUBERT, 1977).

Ao assumir a direção do *Il Colono Italiano*, o austríaco João Fronchetti deu-lhe uma nova direção editorial: se as notícias de Roma ainda figuravam no noticiário internacional, elas agora disputavam espaço com as vindas de Viena e das províncias irredentas, pertencentes à Áustria. (VALDUGA, 2008, p.159).

Em 1909, antes de assumir o jornal, o padre Fronchetti foi acusado pelo jornal maçom *Stella d'Italia*, dirigido por Adelgi Colnaghi, de ter armado um palco, por ocasião da festa de São Pedro em Garibaldi, com bandeiras de vários países, sendo que a única ausente era a da Itália, por má vontade do padre em relação a esse país. Em resposta a essa acusação, o jornal católico *La Liberta* defendeu Fronchetti, publicando uma coluna intitulada “Protesto”, na qual dizia que nenhuma bandeira fora colocada, condenava também a intriga que Adelgi Colnaghi fez entre italianos e austríacos.

[...] Agastado o Sr. Colnaghi com semelhante informação, que no dizer de S.S. lhe fora prestada por um seu compatriota e amigo, rompeu numa formidável saraivada de insultos e estes contra o estimado vigário desta parochia -D.Fronchetti, cujos adjetivos merecem prompta (sic) e formal repulsa, restabelecendo a verdade de tudo quanto ocorreu no dia dos festejos em questão. Aproxima-se o dia 29 de Junho, data em que se costuma nesta vila solemnizar (sic) a festa do padroeiro São Pedro. O digno vigário D. João Fronchetti encarregou o Sr. Luiz RuggeroCasacurta, por

convite, de escolher para seus companheiros de comissão os Srs. Francisco de Mattos Miller, Leonardo Santini e Dante Toniazzi. Composta assim a comissão, que, a exceção (sic) do cidadão Miller, que é de origem austríaca, sendo os demais todos *italianos*, encarregou-se ela, a comissão, da ornamentação do palco, onde devia ter lugar a extracção (sic) da tómbola. Para tal fim, pediu e obteve da intendência municipal algumas bandeirolas, com as quais foi enfeitado o palco. Nenhuma intervenção quer direta, quer indiretamente teve o bom sacerdote D. Fronchetti quanto à ornamentação do aludido palco, no qual não figurava bandeira de nacionalidade alguma, como perfidamente assevera o Sr. Colnaghi e conforme provamos com a declaração da comissão de festejos [...]. O Sr. Colnaghi preferiu a este digno e cavalheiresco procedimento a linguagem agressiva, [...] estendendo seus insultos, aliás injustificáveis, até a pátria do virtuoso vigário, procurando provocar um possível conflito (sic) entre italianos e austríacos aqui residentes. E, é este Sr. Colnaghi o mesmo que seguidamente, pelas columnas (sic) do seu jornal, aconselha aos colonos, união e concórdia [...]. (*LA LIBERTÁ*, 07 ago. 1909, p.3).

Sucedeu, no mesmo ano, outro episódio envolvendo o jornal maçom, também devido à questão nacionalista. Em uma festa na casa de um austríaco, um grupo de dez jovens brasileiros, “[...] depois de dar um viva ao Brasil, canta o hino austríaco em homenagem ao primeiro, em consequência o *Stella d’Italia* chama de renegados àqueles moços.” (AZEVEDO, 1975, p.218). Conforme Giron e Pozenato (2004, p.52), “[...] tirolezes e italianos não mantinham entre si relações amistosas nos primeiros tempos da colonização, revivendo, na região, as velhas querelas resultantes da unificação italiana”.

Ainda em 1909, o jornal *La Libertá* publicou um artigo intitulado “A sopa dos frades” que relatava um fato acontecido na Itália, “[...] segundo o qual os carteiros, funcionários do governo, iam esmolar a sopa nos conventos” (MANFROI, 2001, p.118). Por isso, o *Stella d’Italia* acusou o *La Libertá* de ter insultado a mãe pátria, causando uma polêmica entre os dois jornais ao opor catolicismo e patriotismo.

O *Il Colono Italiano* publicou um artigo, com o título “Aos senhores da *Stella d’Italia*”, no qual acusava o jornal maçom de fazer falsas acusações contra o *Il Colono Italiano* e seu diretor, o Padre Fronchetti, chamando-o de o mais desprezível dos homens. Houve, então, uma réplica em que foi criticado o diretor do *Stella d’Italia*. Devido a seu pensamento anticatólico, o *Stella d’Italia* publicava artigos considerados difamatórios contra a Igreja e os padres, travando uma briga com *Il Colono Italiano*.

O senhor diretor do *Stella d’Italiae* companhia pensam que, talvez porque temos o manto negro, tenhamos cessado de ser racionais, tornando-nos como os Moretti para seguir as suas críticas violentas? Se enganam: Já dissemos e o repetimos: Saibam, os senhores do *Stella d’Italia*, que para os seus gritos nem daremos muita conta –como

os... uivampara lua. E isto confirmamos” (*IL COLONO ITALIANO*, 10 dez. 1910, p.2)⁷¹. (Tradução nossa)

O jornal em língua alemã *Deutsche Zeitung*, no século XIX, durante o período em que Koseritzera seu redator, também fazia o mesmo e, inclusive, travava discussões com o jornal teuto-católico *Deutsche Volksblatt*, de propriedade dos padres jesuítas. No artigo “As insipientes absurdos de Colnaghi aos leitores da sua Stella”, o jornal católico criticava Adalchi Colnaghi por escrever mentiras sobre o papa Leão X (*IL COLONO ITALIANO*, 12 mar. 1914). “Até a eclosão da Revolução Russa, em 1917, os principais inimigos dos jornais católicos eram os jornais ligados à maçonaria e ao liberalismo” (POSSAMAI, 2004, p. 581).

Outro artigo publicado no *Il Colono Italiano*, intitulado “Ao resmungão da *Stella d'Italia*”, denunciava este último por ter ofendido os sacerdotes, chamando-os de as pragas das colônias.

É um verdadeiro gosto... é uma alegria inefável ler os seus artigos, meu senhor. Pena que sejam raros!...você falarade tudo... discute de tudo... deve ter um grande cérebro enciclopédico e competente. Vocêé gentil e insuperável, especialmente quando fala de religião e de padres. De todos os seus escritos emana uma ternura pelos sacerdotes... um amor!... De fato com verdadeira coragem no número 916 de sua *Stella* chamou os sacerdotes italianos de *a praga das colônias*. Compreenderam bem, senhores padres italianos... assinantes e não assinantes da *Stella d'Italia*? Você é a praga destas regiões. Diz o educado resmungão... E o resmungão deve ter... razão. De fato aquele sacerdote que prega no altar a paz e a união em Cristo é uma praga... aquele sacerdote que dá bons conselhos, instruções a tantos pobres colonos é uma praga... aquele padre que é a alma do comércio dos centros e das pequenas vilas das colônias é uma praga... assim também não é verdade, senhor resmungão, que é uma verdadeira praga aquele padre que gasta toda a sua vida para fundar cooperativas, escolas, creches...? Depois, manifestou o seu ódiocontra o Padre Fronchetti que já outra vez você chamou de *o mais desprezível dos homens*. [...] Certo que *Il Colono Italiano* não é feito para o seu grande saber, não é adequado ao seu cérebro enciclopédico e dos seus cúmplices... mas para os colonos, para os bons, o *Colono* serve e muito bem. [...] Se realmente tiver verdadeiro amor pátrio, não fomente ódios contra uma classe de homens que tem o direito de ser respeitados... não dissemine desunião... estas coisas sugeridas pela boa educação e íntegra civilidade (*IL COLONO ITALIANO*, 11 fev. 1911, p. 2)⁷². (Tradução nossa)

⁷¹Il signor direttore della *Stella d'Italia* e compagnia pensano forse che perché abbiamo la veste nera, abbiamo cessato d'essere razionali, diventati, altrettanti Moretti, per tener dietro alle loro diatribe? S'ingannano: Già l'abbiamo detto e lo ripetiamo: Sappiano i messeri della *Stella d'Italia*, che dei loro strilli ne faremo tanto conto quanto del...che abbaia alla luna. E cio fin suggel (*IL COLONO ITALIANO*, 10 dez. 1910, p.2). As traduções dos textos originais escritos em língua italiana para o português foram feitas pela tradutora Cristina Sommer. Contato pelo e-mail:sommer6c@yahoo.com.br.

⁷²È un verogusto...é una ineffabilegioia leggere i vostri articoli, signor mio. Peccato che siano così rari!... Di tutto voi parlate... tutto discutete... dovette essere un grande cervello enciclopedico e competente. Carino e insuperabile siete specialmente quando parlate di religione e di preti. Da tutti i vostri scritti emana una tenerezza per i sacerdoti... um amoré! Difatti com um vero coraggio nel N 916 della vostra *Stella* chiamate i sacerdoti italiani, *la piaga delle colonie*. Avete bem intenso, Signori preti italiani... abbonati e non abbonati della *Stella d'Italia*? Voi siete *la piaga* di queste regioni. Lo dice l'educato brontolone... E brontolone deve aver... ragione. Infatti quel sacerdote che predica dall'altare la pace e l'unione in Cristo è una piaga... quel sacerdote che dà buoni consigli, istruzioni a tanti poveri coloni é uma piaga... quel prete che occorre al capezzale dei moribundi

O *Il Colono Italiano* mantinha uma posição pró-Áustria, podendo-se claramente perceber isso no noticiário internacional que dava ênfase às notícias de Viena e do Trentino. A identidade trentina, ali, ficou evidenciada em um artigo que homenageava um poeta trentino, chamado Giovanni Prati, por ocasião do centenário de seu nascimento (*IL COLONO ITALIANO*, 12 mar. 1914, p.1). A edição de 5 de fevereiro noticiava uma nova proposta de pagamento de impostos para a classe camponesa no parlamento austríaco, feita pelo deputado socialista trentino Cesare Bastisti. Essa notícia era seguida por outras de três cidades do Trentino: Pergine, Mezzolombardo e Arco (*IL COLONO ITALIANO*, 05 fev. 1914, p.2). Em um artigo, intitulado “Os italianos da Áustria”, o jornal falou sobre os partidos políticos do Trentino, com nove deputados trentinos representando a província no parlamento, em Viena (*IL COLONO ITALIANO*, 03 set. 1914, p.1).

Na edição de 8 de janeiro de 1914, foi publicado, no *Il Colono Italiano*, um artigo em comemoração aos 65 anos de coroação e ascensão de Francisco José ao trono Áustria. O imperador era homenageado e elogiado por manter a paz no continente europeu: “[...] à sua autoridade e experiência se deve em primeira linha a manutenção da paz na Europa” (*IL COLONO ITALIANO*, 08 jan. 1914, p.2)⁷³ (Tradução nossa). Em outra edição, o jornal relatou encontro entre o Imperador Francisco José e o ministro de assuntos exteriores da Itália, o Marquês de San Giuliano. Nesse encontro, o Imperador presenteou o Marquês e um Barão, também italiano, com uma medalha da Áustria, com o objetivo de representar as boas relações entre os dois países. “O imperador conferiu ao Marquês de San Giuliano a grande cruz da ordem de Leopoldo e ao Barão Fasciotti a grande cruz da Ordem de Francisco José” (*IL COLONO ITALIANO*, 15 out. 1910, p.1)⁷⁴ (Tradução nossa).

É interessante que o *Il Colono Italiano* apoiou a Itália durante a guerra ítalo-turca (1911-1912), travada entre a Itália e o Império Otomano, devido a uma disputa pelo território

e, li conforta li aiuta è una piaga... quel prete che è l'anima del commercio dei centri e delle piccole ville delle colonie é una piaga... cosi purê non é vero, signor brontolone, che é una vera piaga qual prete che spende tutta la sua vita per fundar cooperative, scuele, asili...? In seguito, sfogate il vostro ódio contro il P. Fronchetti che già altra volta chiamaste *Il piú spragevole de gli uomini*. [...] Certo che *Il Colono Italiano* non é fatto per Il vostro grande sapere, non é addatto al cérebro enciclopedico vostro e dei compari... ma per i coloni per i buoni, *Il Colono* serve e ben molto. Se veramente ardete di vero amor pátrio, non fomentate odii contro una classe di uomini che hanno Il diritto di essere rispettati... non seminate disunioni... Le sono queste cose suggerite dalla buona educazione e sana civilitá (*IL COLONO ITALIANO*, 11 fev. 1911, p. 2).

⁷³ [...] alla sua autorita ed esperienza si debba in prima línei il mantenimento della pace in Europa (*IL COLONO ITALIANO*, 08 jan. 1914, p.2).

⁷⁴ L'imperatore há conferido al marchese di San Giuliano la gran croce dell'ordine di Leopoldo ad al Barone Fasciotti la gran croce dell'Ordine di Francesco Giuseppe (*IL COLONO ITALIANO*, 15 out. 1910, p.1).

da Líbia, no norte da África. Para a igreja, os italianos estavam levando o catolicismo às regiões dominadas pelo islã, em uma espécie de cruzada moderna. “O jornal declarava-se favorável à integração do imigrante ao novo país, mas não descuidava das ligações sentimentais com a pátria de origem. Em novembro de 1911, publicou, na primeira página, a lista dos soldados feridos e mortos na guerra ítalo-turca” (POSSAMAI, 2004, p.579). A vitória foi comemorada pelo jornal que exaltava as ações das tropas italianas.

Na edição de 9 de dezembro de 1911, foi publicado um artigo, intitulado “O heroísmo de um oficial aviador”, que homenageava um piloto italiano pelo seu ato de bravura. Após consertar seu avião avariado, conseguiu escapar de um grupo de cavaleiros árabes em território inimigo.

O jovem tenente de infantaria Leopoldo De Rada, oficial da brigada gênio-especialista, decolou com seu monoplano, dirigindo-se ao interior para verificar a posição do inimigo, levando com ele diversas bombas de picrato. Favorecido pelo bom tempo, foi além de GebelNefosa a grande velocidade, quando percebeu que o reservatório de gasolina esvaziava. Sendo necessária uma reparação imediata para evitar um desastre, o aviador decidiu aterrissar próximo a um oásis [...]. Depois de ter ajustado provisoriamente o reservatório de benzina, o tenente De Rada retomou seu lugar no aparelho e recolocou em marcha o motor. Havia já começado a subir quando chegaram cerca de vinte cavaleiros árabes os quais começaram a atirar contra o monoplano que continuava velozmente a decolar. Um dos projéteis perfurou uma das asas, mas o heróico oficial continuou a subir [...] acima do grupo de árabes que continuavam inutilmente a mirá-lo, deixou cair duas bombas cujo efeito foi desastroso ao inimigo, (*IL COLONO ITALIANO*, 09 dez. 1911, p.1)⁷⁵ (Tradução nossa).

No período anterior a Primeira Guerra Mundial, o jornal *Il Colono Italiano* manteve uma posição de neutralidade, publicando notícias favoráveis tanto à Itália quanto à Áustria. Entretanto, isso mudaria com o início da Guerra, na qual Itália e Áustria seriam rivais nos campos de batalha da Europa.

5.3 A I Guerra Mundial e o auge da Rivalidade entre Trentinos e Italianos

⁷⁵Il Giovane tenente di fanteria Leopoldo De Rada adetto Allá brigata gênio-specialisti, si elevó com il suo monoplano dirigendosi verso l'interno per accertare le posizioni del nemico, portando con sé diverse bombe di picrato. Favorito dal bel tempo era arrivato oltre Gebel Nefosa a grande velocità, quando si accorse che il serbatoio della benzina perdeva. Essendo necessaria una pronta riparazione para evitare um disastro l'aviatore si decise a scendere vicino ad una oasi [...] Dopo aver aggiustato provisoriamente il serbatoio della benzina il tenente De Rada riprese posto sull'apparechio e rimesso in marcia il motore, aveva già cominciato ad innalzarsi quando arrivarono circa venti cavalieri arabi i quali cominciarono gridando a sparare fucilate contro Il monoplanoche continuava velocemente ad allontanarsi innalzandosi. Uno dei proiettili perforó uma delle ali, ma l'eroico ufficiale continuó ad innalzarsi [...] sopra del gruppo degli arabi che continuavano inutilmente a prenderlo di mira, lasció cadere due bombe il cui effetto fu disastroso al nemico (*IL COLONO ITALIANO*, 9 dez. 1911, p.1).

A Primeira Guerra Mundial acirrou a rivalidade entre italianos e trentinos residentes no Rio Grande do Sul, pois Itália e Áustria lutaram em lados opostos, o que ocasionou hostilidades e violência. Na região colonial italiana, a disputa pelo poder local envolvia três grupos: maçons, austríacos e católicos. Os austríacos⁷⁶ representavam cerca de 30% da população imigrante local (VALDUGA, 2008).

Antes mesmo de começar a guerra, na primeira década do século XX, houve um incidente envolvendo italianos e trentinos. O exemplar número 3 do jornal *Stella d'Italia* (sem data) narrava uma briga que terminou em assassinato, na qual os dois envolvidos eram um italiano e um trentino. “A edição terminava narrando um triste assassinato em Rio Grande, entre dois italianos. Um deles, porque fora chamado de *tirolese senza bandiera* (tirolês sem bandeira), reagira a tiros e matara o outro” (GARDELIN apud COSTA; GARDELIN, 2002, p. 130).

O relato de uma briga envolvendo um italiano e um “austríaco”, ocorrida próximo a Caxias do Sul na época da guerra, foi narrado em um dos depoimentos gravados por Rovílio Costa e Arlindo Battistel. Nessa briga, um italiano, oriundo de Fêltre (Itália), feriu com uma faca um “tirolês”, vindo da Áustria.

Eles brigavam por causa das guerras e, então, porque um dizia que na sua guerra havia morrido menos soldados, o outro, então, ficava com um pouco de ódio e, uma vez, começaram aqui perto de Caxias, a brigar. Um era José Pegorini. Creio que ele era de Fêltre. O outro, dizem os tirolezes, era da Áustria, devia ser do Tirol. Então, não se davam bem; quando se encontravam, um contava da sua gente mais proezas, e o outro que eles tinham feito mais, e uma vez começaram a brigar, e aí o Pegorini tinha uma faca e cortou a barriga do outro. Quando ele cortou a barriga, ele fugiu, foi para casa [...]. (COSTA; BATTISTEL, 1990, p. 140).

Não dispomos de informação se o ferido sobreviveu, mas, no dia seguinte ao fato, Pegorini foi preso e depois julgado; também não se sabe quanto tempo ele ficou na cadeia. Os autores, no mesmo livro, fizeram uma nota explicando a questão do patriotismo dos imigrantes, afirmando o seguinte:

Existem casos pitorescos, na zona de colonização italiana, relacionados com o patriotismo dos emigrantes. Um Pegorini, por exemplo, em memória de seu fervor italiano, deu a uma filha o nome de Itália. Um vizinho dele, Dorigatti, proveniente do Tirol, em memória a Francisco Giuseppe, Imperador da Áustria, deu ao filho o nome de Francisco, mas o amor dos descendentes esqueceu as rivalidades patrióticas dos pais. O Francisco casou com a Itália, e residem ainda hoje, em Caxias do Sul. (COSTA; BATTISTEL, 1990, p. 141).

⁷⁶Os imigrantes trentinos, os quais eram chamados de austríacos pelas autoridades coloniais, também eram católicos.

O padre carlista João Morelli, mesmo sendo italiano nato, passou a defender a Áustria após a quebra do tratado da Tríplice Aliança pela Itália em 1915, acusando-a de traição (CORRÊA, 2011). Sua atitude exaltou os ânimos de Muçum, cuja população local era dividida entre italianos e “austríacos”, que ficou praticamente em pé de guerra. Então, para acalmar os moradores, o padre Morelli foi transferido para Nova Bréscia (RIZZARDO, 1981).

No Estado de Santa Catarina, também ocorreram conflitos. Na cidade de Nova Trento, trentinos e italianos se envolveram em uma briga quando um Bergamasco deu vivas à Itália durante a apresentação da banda de música de Nova Trento. “A banda musical de Nova Trento foi tocar em Botuverá e, depois das costumeiras bebidas, quando um Bergamasco gritou “viva a Itália”, surgiu uma pequena confusão que reduziu em mau estado os instrumentos musicais [...] (GROSSELLI, 1987,p. 436).

Em novembro de 1916, na cidade de Caxias do Sul, um grupo de italianos roubou o sino de uma igreja onde seria celebrada por trentinos uma missa para reverenciar a mortedo Imperador Francisco José (GIRON, 1979).

O roubo do badalo impediu a realização da cerimônia religiosa. O episódio mobilizou os tirolezes que pegaram suas espingardas de caça e seus facões prontos para a vingança contra os gatunos. Os ânimos se acalmaram com a descoberta dos badalos e a posterior celebração da missa. (GIRON, 2005, p. 254).

O jornal *Il Colono Italiano* noticiou, na edição de 13 de abril de 1916, em um artigo intitulado “A pequena guerra”, uma nova discussão entre um italiano e um “tirolês”, na cidade de Caxias do Sul, por causa da guerra entre a Itália e a Áustria, a qual terminou em uma briga.

Na semana passada, foram trocadas injúrias entre um italiano e um tirolês quando este último, não se contentandoem falar, pegou uma garrafa e acertou a cabeça do outro. Um italiano, que estava assistindo, para vingar seu conterrâneo, também pegou uma garrafa e acertou a cabeça do tirolês. Todos os três foram, então, conduzidos para trásdas grades da prisão.

Que coisa vocês pensam, caros leitores, destas pequenas batalhas? Não é coisa triste e repugnante? Pior se considerarmos que talvez muitos destes nossos corajosos guerreiros chamados pela autoridade militar preferem, aquecidos pelo vinho, combater com garrafas, *no fronteda venda*, mais que andar a combater com fuzil, na neve *no fronte de Isonzo*. (*IL COLONO ITALIANO*, 13 abr. 1916, p.2)⁷⁷(Tradução nossa).

⁷⁷La settimana scorsa, si scambiarono ingiurie tra un italiano e un tirolese, quando questi, non contentandosi di parole, prese una caraffa e giú sulla testa dell'altro. Un`italiano, che stava spettatore, per vindicare il suo connazionale, prese anche esso una caraffa e giú sulla testa del tirolese. Tutti i tre furono poi condotti al fresco dietro le mura della prigione. Cosa vi pare, cari lettori, di queste piccole battaglie? Non é cosa triste e repugnante? Peggio se si consideri che forse molti di questi nostri coraggiosi guerrieri chiamati dall'autorità

O fronte de Isonzo, a que o texto se refere, é o local onde se davam os combates entre as tropas italianas e austríacas durante a I Guerra Mundial, localizava-se em uma planície às margens do Rio Isonzo, na fronteira entre os dois países.

Conforme Possamai (2005), no dia do armistício, em 11 de novembro de 1918, com a vitória da Itália sobre a Áustria-Hungria, italianos fizeram manifestações hostis diante das casas de trentinos e austro-húngaros que viviam em Caxias do Sul. Na mesma cidade, na festa pela vitória, na Sociedade Principedi Napoli, o cônsul italiano convidou os trentinos a se irmanarem aos demais italianos, já que, com o fim da guerra e a consequente anexação do Trentino à Itália, todos passariam a ser súditos do mesmo monarca. “O cônsul convidou os irmãos tirolezes a se irmanarem com os demais, pois agora eram súditos [...] e deviam evitar certas animosidades que quiseram surgir durante as hostilidades” (AZEVEDO, 1994, p. 285).

De acordo com o mesmo autor, em uma cerimônia religiosa, foi exaltada a vitória da raça latina sobre os germânicos: “[...] o vigário no altar exaltou a vitória da raça latina. Comemorou-se a vitória aliada, sublinhando a fraternidade ítalo-brasileira” (AZEVEDO, 1994, p. 285). Ainda, conforme Possamai:

[...] a comunidade trentina manteve, ao menos até o final da Primeira Guerra Mundial, uma forte coesão que não era garantida pela etnicidade, mas pelo forte sentimento regionalista, pela fidelidade ao regime monárquico e à vertente ultramontana do catolicismo. Naturalmente, é desnecessário ressaltar que nem todos os imigrantes trentinos se enquadraram neste perfil [...]. (POSSAMAI, 2005, p. 222).

Rovílio Costa e Arlindo Battistel, para sua pesquisa, realizaram diversas entrevistas na Itália, no ano de 1984. Em um delas, o entrevistado relatou que, no vilarejo de Fastro, localizado na região do Vêneto, durante a Primeira Guerra Mundial, havia um padre que rezava pedindo para que os alemães (austríacos) invadissem o país porque, assim, a Itália ficaria rica e desenvolvida. “[...] sabe o que ele fez na primeira guerra mundial [...] então ele dizia para nós outras; de rezarmos a Deus para que desçam os alemães que ficaremos melhor.” (COSTA; BATTISTEL, 2000, p.249). Portanto, conforme os autores, a vontade de pertencer à Áustria não era exclusivamente dos trentinos, era também de alguns italianos de outras partes da península itálica.

militare, preferiscono, scaldati dal vino, combattere con caraffe *sul fronte delle vende*, piuttosto che andar a combattere col fucile, nella neve *sul fronte Dell'Isonzo* (IL COLONO ITALIANO, 13 abr. 1916, p.2).

5.4 A Guerra através dos Jornais: Áustria X Itália

Neste subcapítulo, serão mostradas as posições dos jornais *Il Colono Italiano* e *Il Corriere D'Italia* em relação à defesa da Itália e da Áustria durante a Primeira Guerra Mundial, na tentativa de agregar os leitores para suas causas nacionalistas.

Em relação ao estudo da mídia, ao se utilizar a imprensa como fonte primária nas pesquisas históricas, segundo Roger Silverstone, deve-se levar em consideração que a mais importante conquista retórica da mídia contemporânea é a “[...] sua capacidade de nos convencer de que o que ela representa realmente ocorreu.” (SILVERSTONE, 2002, p. 67). Para o autor, ao se estudar a mídia, “[...] a linguagem da mídia é uma linguagem retórica e que a conjectura do desejo de influenciar, como também a aceitação de uma hierarquia na estrutura da comunicação midiática, são mais apropriadas do que a conjectura [...]” (SILVERSTONE, 2002, p. 64).

Os jornais *Corriere d'Italia* e *Il Colono Italiano* tinham alguns programas em comum: os dois defendiam o colono e reproduziam um tipo ideal de imigrante (VALDUGA, 2008). Em 1914, o *Corriere d'Italia* criticou abertamente o *IL Colono Italiano*, dizendo que deveria chamar-se *Il Colono Austriaco*, já que o jornal utilizava-se da língua italiana para fazer propaganda austríaca e insultar a Itália. Na edição de 2 de outubro, o *Corriere d'Italia* publicou o seguinte artigo:

Vilmente *Il Colono Austriaco* quer dar a entender que suas páginas têm o único objetivo de se fazer compreender àqueles que falam italiano. Se não se visse claramente que faltam argumentos às considerações feitas por nós no último artigo, ter-se-ia todas as razões para compreender de que italianos falam eles. Da mesma forma, se teria todas as razões para crer que os senhores do semanário de vila Garibaldi, além de serem ingênuos, acreditam na ingenuidade de seus leitores. Querem fazer crer que escrevem e falam àqueles que entendem italiano, mas ignoram o significado etimológico da própria palavra. Colônias italianas, “colono italiano”, senhores, significa unicamente: colônias, colonos da Itália e não daqueles que simplesmente falam a língua deste país. Mas todos sabem bem, e também vocês, lobos austríacos, que jogaram com o significado da palavra (*IL CORRIERE D'ITALIA*, 2 out. 1914 apud VALDUGA, 2008, p. 166-167).

O artigo acima foi escrito pelo padre Carlos Porrini que, assim como o seu colega Giovanni Costanzo, “fazia questão de ser e definir-se *Italianíssimo*” (RIZZARDO, 1990, p.191). O padre Carlos tinha um forte sentimento nacionalista, “[...] sobretudo durante a primeira guerra, havia impresso ao jornal um forte conteúdo patriótico italiano, combatendo tenazmente o jornal de Garibaldi, por ele denominado *Il Colono Austriaco*.” (RIZZARDO, 1990, p.191).

Na edição do *Il Colono Italiano* do dia 15 de outubro de 1914, foi publicada a carta de um leitor da colônia Silveira Martins, defendendo o padre Fronchetti das acusações feitas pelo *Corriere d'Italia*:

Ouvimos com grande dor, como alguns *patriotas* de Bento Gonçalves, no assim dito CORRIERE D'ITALIA, caluniaram o valioso COLONO ITALIANO e a pessoa de Vossa Reverência. Perante às insinuações falsas e ultrajantes do supracitado jornal, nos permita de externar os nossos mais sinceros e vivos sentimentos de estima e gratidão. Sabemos, antes de tudo, que Vossa Reverência trabalha há mais de um decênio em prol dos italianos vindos a esta terra; aliás, o senhor foi um dos poucos sacerdotes que exerceu aqui o ministério nos anos mais difíceis, quando as colônias eram novas e pobres, quando havia ainda tudo por fazer, no tempo em que as dificuldades sacerdotais, seja pela falta de sacerdotes, seja pela falta de boas estradas, era duríssima. [...] Somos leitores do “Colono” desde a sua fundação, e esse sempre manteve seu caráter católico e patriótico italiano consistente e desapaixonado, zelo sincero para beneficiar os colonos italianos. [...] O modo grosseiro com o qual aqueles do CORRIERE D'ITALIA atacam Vossa Reverência e o COLONO [...] faz guerra ao COLONO para consolidar o CORRIERE. (*IL COLONO ITALIANO*, 15 out. 1914, p.1)⁷⁸(Tradução nossa).

Fronchetti defendeu-se e acusou o *Corriere d'Italia* de ser desrespeitoso com o Brasil ao desenterrar antigos ódios, semear a divisão entre os imigrantes italianos e austríacos radicados no Rio Grande do Sul (VALDUGA, 2008). Para se defender da acusação de pró-germanismo, dizia que “[...] editava um jornal católico, brasileiro e sul-rio-grandense em língua italiana para que fosse compreendido pelos falantes do italiano” (POSSAMAI, 2005, p.119-220), como pode ser visto no trecho abaixo:

Jornal católico brasileiro e rio-grandense em língua italiana para quem fala, ou entende o italiano e se interessa pela prosperidade, progresso e bem-estar moral e material do glorioso estado do Rio Grande do Sul, que é povoado pela boa, laboriosa e industrial gente falante da bela língua italiana, seja nascida aqui, seja vinda da Itália, do Trentino, de Trieste, ou de qualquer outra parte da Europa ou do mundo. [...] *Il Colono Italiano*, que se publica na vila Garibaldi [...], pergunta ao *Corriere d'Italia*, que se publica na risonha, industrial e progressiva vila, que leva o nome do glorioso gaúcho, Bento Gonçalves [...] repetimos a pergunta, se é permitido a ele pisar os mais elementares deveres da hospitalidade e grosseiramente insultar à grande e hospitaleira nação brasileira que tão amavelmente nos acolheu [...] se a ele,

⁷⁸Udimmo com grande nostro dolore, come alcuni *patriotti* di Bento Gonçalves nel cosí detto CORRIERE D'ITALIA caluniarono il pregiatissimo COLONO ITALIANO e la persona di V. reverendo. Di fronte alle insinuazioni false ed oltraggiose del predetto giornale, ci permetta d'esternarle i nostri piú sinceri e vivi sentimenti di stima e di gratitudine. Sappiamo, anzitutto, che V. reverendo da piú decenni lavora indefessamente nella vignadel Signore a pró degli italiani venuti in queste terre; anzi lei fu uno di quei pochi sacerdoti, che esercitarono il ministero sacerdotale negli anni piú difficili, quando le colonie erano nuove e povere, quando era ancora tutto da fare, nel tempo in cui le fatiche sacerdotali, vuoi per la scarsezza dei sacerdoti, vuoi per la mancanza di strade buone, erano durissime. [...] Siamo lettori del COLONO sino dal principio di questo giornale, e costantemente esso mantiene carattere cattolico, patriottismo italiano sodo e spassionato, zelo sincero per giovare ai coloni italiani. Il modo grossolano con cui quei del CORRIERE D'ITALIA attaccano V. reverendo ed il COLONO [...] Si fa guerra al COLONO per puntellare il CORRIERE (*IL COLONO ITALIANO*, 15 out. 1914, p.1).

Corriere, com a desculpa de ter vínculo com a pátria distante, é permitido recordar dolorosos episódios, relembrar penosas inimizades e reavivar antigos ódios, semeando assim divisões, discórdias e lutas entre os oriundos da Itália e da Áustria [...]. (*IL COLONO ITALIANO*, 24 set. 1914, p.1)⁷⁹ (Tradução nossa).

Conforme assinala Ericksen, a imprensa gaúcha, durante o século XIX e principalmente durante a Revolução Federalista (1893-1895), “[...] se caracterizava pelas fortes tendências políticas, influenciando diretamente na opinião pública local, de acordo com interesses partidários, os pró-maragatos e pró-pica-paus [...]” (ERICKSEN apud AGUIAR, 2010). Portanto, nos jornais, os conflitos “encontram seu espaço de propagação, chegando o jornalismo a servir como elo de ligação ou agente de combate entre diferentes tendências político-ideológicas” (ALVES, 2002, p. 15-16 apud AGUIAR, 2010).

Essa briga entre dois jornais católicos, que tinham muitos programas em comum e voltados para um público em sua maioria composta por agricultores, tem a ver com as posições políticas, nacionalistas e ideológicas de seus diretores, Giovanni Fronchetti e Giovanni Costanzo, o último diretor do *Il Corriere d'Italia*. O primeiro era um padre secular, enquanto o segundo pertencia à ordem dos carlistas. Essa ordem foi fundada, na Itália, por Dom Giovanni Batista Scalabrini (1839-1905) para prestar auxílio aos imigrantes italianos no exterior. Os carlistas eram nacionalistas e, por isso, tinham um forte apego à italianidade. Portanto, para os padres carlistas “[...] a italianidade ligava o amor à Itália à manutenção da religião católica. Scalabrini defendia a idéia de que a preservação da fé católica estava estreitamente ligada à manutenção da língua, da cultura e dos costumes italianos pelos imigrantes” (POSSAMAI, 2004, p. 573). Para Possamai, os carlistas vieram o Rio Grande do Sul como uma colônia ultramarina da Itália e, após a Primeira Guerra Mundial, recolheram e enviaram donativos para a reconstrução da pátria (POSSAMAI, 2004).

O Padre Costanzo assumiu a direção do jornal em 1915, caracterizava-se por ser um homem “*Italianíssimo*, tenaz, polêmico, vigoroso, escritor de estilo fácil [...]” (COSTA, 1999, p. 494). Esse sacerdote, da mesma forma que Fronchetti, levantou polêmica contra o *Stella*

⁷⁹Giornale cattolico brasiliano riograndense in língua italiana per chi parla, o intende l'italiano e si interessa della prosperità, progresso e benessere morale e materiale di quella parte del glorioso stato del Rio Grande do Sul che é popolata della buona, laboriosa Ed industriosa gente parlante la bella língua italiana, sai essa nata qui, sai venuta dall'Italia, dal Trentino, dal Trieste, o da qualunque altra parte dell'Europa, o del mondo. [...] *Il Colono Italiano*, che si pubblica in villa Garibaldi [...] domanda al *Il corriere d'Italia*, che si pubblica nella ridente industriale e progreditissima villa, che porta Il nome del glorioso gaúcho, Bento Gonçalves, [...] domanda repetiamo, se sai lecito a lui calpestare i piú elementari doveri dell'ospitalità e grossolanamente insultare allá grande ed ospitalissima nazione brasiliana che ci ha tanto benevolmente accolti, [...] se a lui, *Corriere*, sotto protesto di attaccamento allá patria lontana, sia lecito rievocare dolorosi episodi, rinvangare tormentose inimicizie e rinfocolare antichi odi, seminando cosi divisioni, discordie e risse fra gli oriundi dall'Italia e gli oriundi dall'Austria [...](*IL COLONO ITALIANO*, 24 set. 1914, p.1).

d'Italia, chamando-o de “*Stalla d'Italia*” (estábulo da Itália), e também contra o Doutor Gino Battochio, agente consular italiano. Além disso, alguns anos antes, em 1910, ele denunciou os comerciantes de Nova Bassano por explorar os imigrantes ao fixar, a seu favor, o preço das mercadorias compradas e vendidas para os colonos (POSSAMAI, 2004). Conforme Possamai:

As diferentes visões que carlistas e capuchinhos tinham sobre a política de italianidade contribuíram para aumentar a cisão entre os imigrantes italianos que vinham do Trentino com passaporte austríaco. Tal como entre os imigrantes, o clero de língua italiana também se dividia entre italianos e austríacos. Com a chegada dos missionários capuchinhos e carlistas, essa divisão tornou-se ainda mais clara, pois os capuchinhos franceses receberam o apoio total dos padres trentinos, enquanto que o clero italiano aprofundou sua cisão em dois grupos, com os nacionalistas, vinculando-se aos carlistas, e os ultramontanos, mantendo sua intransigente posição de defesa do papado e condenação ao reino unificado da Itália. (POSSAMAI, 2004, p. 577).

Marcos Witt, em sua tese de doutorado (2008), fez um estudo das relações entre as colônias alemãs de São Leopoldo e Três Forquilhas durante o século XIX. Nela, relata um conflito envolvendo dois pastores evangélico-luteranos, Ehlers e Voges, na disputa para ser o pastor titular da Colônia São Leopoldo. Nesse caso, estavam em jogo os interesses econômicos dos dois pastores, interesses que se colocavam ao lado da questão religiosa, pois o que importava era ocupar um lugar de destaque naquela sociedade e dar assistência religiosa aos colonos. No caso dos dois sacerdotes católicos, a questão nacionalista estava acima da religião, se assim não fosse, não teriam publicado ofensas e acusações um contra o outro, sendo ambos jornais católicos. Quanto à questão nacionalista, é importante afirmar que “[...] o nacionalismo é produto de uma sociedade de massas forçosamente identificada através de uma política de Estado, capaz de impor uma padronização simbólica unificadora da comunidade nacional.” (BREUILLY, 2000 apud VALDUGA, 2008, p. 25).

Segundo Possamai, a posição do clero em relação à política local gerou atritos entre os dois periódicos. Dessa maneira, “[...] a divergência entre o clero ficou bastante clara durante a Primeira Guerra Mundial. Enquanto os carlistas apoiavam decididamente a causa italiana através de seu jornal, *Il Colono Italiano* assumiu uma posição pró-austríaca [...]” (POSSAMAI, 2004, p. 579).

O jornal *Il Colono Italiano* editava artigos difamando os países adversários, por exemplo, descrevia a França como um país ateu e que confiscava os bens da Igreja; dizia que a Rússia, cuja religião oficial era a ortodoxa, perseguia os católicos na Polônia. Em um artigo, intitulado “Um espetáculo medieval: a Áustria aos pés de Jesus Sacramento”, foram relatadas

as orações feitas em todo o país pela vitória das tropas imperiais contra os russos na frente oriental.

De todas as potências europeias presentes na guerra, a única oficialmente católica é a Áustria; convém não esquecer este fato de máxima importância para o progresso da Igreja Católica na Europa Oriental. Também o povo, na sua quase totalidade, é católico. Quando a guerra iniciou, se intensificaram ainda mais as suas crenças. Ao engajar-se naquela célebre batalha na fronteira austro-russa, foram oficialmente ordenadas orações para a vitória das armas imperiais. Durante o dia 2 de setembro e durante a noite entre os dias 2 e 3, foi exposto o SANTÍSSIMO SACRAMENTO em todas as igrejas e capelas da Áustria e Hungria. Essa noite foi denominada “a noite santa”. Em todo o império ninguém se deitou! Enquanto os soldados combatiam, imperador, arquiducos, arquiducos, pessoas importantes do império, damas, personalidades da corte, bispos, clero, fiéis de diferentes idades e sexo passaram o dia e a noite em profunda adoração aos pés de NOSSO SENHOR SACRAMENTO. Nenhuma nação beligerante até agora havia apresentado esse espetáculo, que recorda os tempos de ouro da fé medieval. Deus deu a Áustria, e Deus lhe concedeu a vitória na grande batalha. [...] Na catedral de Santo Stefano, no mesmo lugar onde há três séculos os vienenses ajoelhados suplicavam que Deus os salvasse do cerco turco, está exposto o SANTÍSSIMO SACRAMENTO [...] como os seus antepassados, desejam pedir ajuda e *vitória*. Nas fronteiras da Rússia, se está combatendo há oito dias a batalha mais gigantesca e assustadora da história. Milhares, centenas de milhares de austríacos e húngaros lutam contra um inimigo muito mais numeroso. Do êxito dessa batalha depende a vida ou a morte do Império, a salvação ou a destruição da Áustria-Hungria. É uma luta terrível da barbárie e escravidão contra a civilidade e a liberdade. Muitos são os russos, ninguém nega: poucos, muito poucos, em confronto, são os austríacos e húngaros; mas entre estes últimos está, porém, a fé e a esperança de um Império inteiramente crente e religioso... (IL COLONO ITALIANO, 12 nov. 1914, p.2)⁸⁰. (Tradução nossa)

O jornal *Il Colono Italiano* descrevia a Itália como um país anticlerical e dominado pela maçonaria, dizia que os maçons é que tinham interesse na entrada do país no conflito, enquanto os católicos eram favoráveis à neutralidade. Não desejavam, portanto, que a nação

⁸⁰Di tutte le potenze europee, presentemente in guerra, l'única ufficialmente cattolica è l'Austria; convien non dimenticare questo fatto di massima importanza pel progresso della Chiesa Cattolica nell'Europa orientale. Anche il popolo, nella sua quasi totalità, è cattolico. Quando scopió la guerra ancor piú intensicaronsigli le sue credenze. All'ingaggiarsi di quella celeberrima battaglia sulle frontiere austro-russe, furono ufficialmente ordinate preghiere nazionali per la vittoria delle armi imperiali. Durante il giorno 2 di settembre e durante la notte, fra il giorno 2 e 3, venne esposto il SANTISSIMO SACRAMENTO in tutte le chiese e capelle Dell'Austria e Ungheria. Questa notte venne denominata *La notte santa*. In tutto l'impero nessuno si coricó! Mentre i soldati combattevano, imperatore, archiduchi, archiduchesse, grandi dell'impero, dame, personaggi di corte, vescovi, clero, fedeli, d'ogni età e d'ogni sesso, passarono il giorno e la notte in profonda adorazione ai piedi di NOSTRO SIGNORE SACRAMENTATO. Nessuna delle nazioni belligeranti fin'ora avea presentato questo spettacolo, che ricorda i tempi d'oro della fede medioevale. Dio delo l'Austria, e Dio le concesso la vittoria nella grande Battaglia. Nella cattedrale di S. Stefano, nel medesimo luogo, ove tre secoli or sono, i viennesi in ginocchio suplicavano che iddio li salvasse dal giogo turco, stà esposto il SANTISSIMO SACRAMENTO [...] come i loro antenati, desiderano domandare all'onnipotente aiuto e *vittoria*. Sulle frontiere della Russia si stà combattendo da otto giorni la Battaglia piú gigantesca e spanventevole che registri la storia. Migliaia, centinaia di migliaia di austriaci ed ungheresi lottano contro un nemico ancor molto piú numeroso... Dall'esito di questa immane battaglia dipende la vita, o la morte dell'impero, La salvezza o la distruzione dell'Austria-Ungheria. E' una lotta terribile, è la lotta della barbarie e della schiavitù contro la civiltà e la libertà. Molti sono i russi, nessuno il nega: molto pochi, in confronto, sono gli austriaci e gli ungheresi; dietro a quest'ultimi, però, stà la fede e la speranza d'un impero interamente credente e religioso... (IL COLONO ITALIANO, 12 nov. 1914, p.2).

entrasse na guerra. O jornal “[...] afirmava que os maçons buscavam fomentar entre os italianos sentimentos francófilos e anglófilos para que forçassem a Itália a declarar guerra contra as potências centrais” (POSSAMAI, 2004, p. 579).

A maçonaria [...] é tão desvalorizada e desprezada que, cada vez mais, tenta aproveitar ocasiões para entrar na confiança do público. [...] A campanha a favor da guerra imediata da Itália foi, em princípio, organizada entre os supremos dirigentes da Maçonaria. Mas a ação prática dessa propaganda foi confiada aos maçons que têm influência e autoridade nos vários partidos: radical, reformista, republicano, etc. [...] Existe nesta linguagem, da qual garantimos autenticidade, toda a iniquidade da violência que se quer exercer sobre o país. O povo da Itália, embora zeloso de sua pátria, mostra claramente apreciar o tesouro inestimável da paz. [...] Pergunta-se, então, se nós, católicos, que somos também uma parte respeitável da nação, devíamos deixar acontecer os fatos sem ter tomado as devidas providências a nosso favor. Pergunta-se se os cidadãos da Itália devem ser conduzidos ao martírio da guerra, não pelos reais interesses da pátria, mas pelo capricho de alguns patifes que tomam suas decisões dentro de suas lojas. [...] É justa a hora de dar ao nosso pensamento, que se inspira nos benefícios da neutralidade, uma forma mais concreta. [...] Se organizem os belicistas, e nós organizaremos os amigos da paz. (*IL COLONO ITALIANO*, 04 fev. 1915, p.1-2)⁸¹ (Tradução nossa).

Em um artigo intitulado “A Áustria destruída telegraficamente”, o *Il Colono Italiano* disse que as agências de notícias de países inimigos publicaram diversas notícias falsas sobre o Império austro-húngaro, por exemplo: o imperador havia abdicado do trono; ocorriam revoluções no império; o exército austríaco tinha sido vencido pelos russos. Enfim, afirmava que tais agências eram manipuladas por judeus e maçons que queriam destruir a Áustria pelo fato desta ser uma nação oficialmente católica. (*IL COLONO ITALIANO*, 04 fev. 1915, p.2).

O sentimento patriótico austríaco fazia-se cada vez mais presente no *Il Colono Italiano*, pois as notícias de Trento ocupavam um lugar especial, as mobilizações do exército austríaco ganhavam importância.

Um ano antes de começar a guerra, em 1913, o jornal publicou uma campanha para arrecadar fundos para a constituição de uma força aérea militar austríaca. Um longo artigo

⁸¹La massoneria [...] cosiffatta di disistima e di disprezzo, che ogni quel volta essa tenta, in studiate occasioni, di entrare nella confidenza del pubblico [...] La campagna a favore della guerra immediata dell' Italia, é stata in principio complottata tra i suprimi dirigenti della massoneria. Ma l'azione pratica per questa propaganda é stata affidata ai massioni che hanno influenza e autorità nei vari partiti: radicale, riformista, repubblicano, etc. [...] C'è in questo linguaggio, dal quale garantiamo l'autenticità, tutta la nequizia della violenza che si vuole esercitare sul paese. Il popolo d'Italia, quantunque geioso della sua patria, mostra chiaramente di apprezzare il tesoro inestimabile della pace. [...] Or si domanda se noi cattolici, che siani pure una parte rispettabile della nazione, dobbiamo lasciarci precipitare gli avvenimenti addoso senza aver provvisto in tempo ai casi nostri. Si domanda se i cittadini d'Italia devono essere condotti al macello della guerra non per i reali interessi della patria, ma per il capriccio di quattro farabutiti che riescono sempre a comandare dal fondo delle loggie. E giusta l'ora di dare al nostro pensiero, che si inspira al benefici della neutralità, una forma più fattiva. [...] Si organizzino i guerrafondal e noi organizziamo gli amici della pace (*IL COLONO ITALIANO*, 04 fev. 1915, p.1-2).

intitulado “Apelo”, dirigido aos austríacos e húngaros do Rio Grande do Sul, demonstrou que, assim como os imigrantes italianos e alemães, os austríacos também tinham patriotismo.

Nuvens negras de tempestade se adensam nos confins de nossa antiga pátria. Os seus interesses mais vitais, a segurança de seu pacífico desenvolvimento está ameaçado; nem podemos prever quanto tempo o velho monarca de nossa casa reinante, malgrado seu amor pela paz, não posto em dúvida nem mesmo por seus opositores mais ferrenhos, não pode deixar de dar ao seu país as armas para o porvir de seu povo e do grande e potente império do Danúbio [...]. Embora a escola e o amor de nosso exército, testado em centenas de batalhas e combates gloriosos através de séculos, não possam por em dúvida, se deve ao menos observar que, no nosso tempo, neste tempo de triunfo da técnica [...], a escola e a força de um exército alcançaram grandíssima importância, nos combates de hoje as mais recentes invenções técnicas. [...] Com o intento de oferecer ao Exército de nossa antiga cara pátria os fundos necessários à construção desta moderníssima arma, iniciou-se um movimento popular para recolher espontaneamente os meios necessários. [...] Os nossos irmãos seguem o exemplo dado pelos nossos amigos e aliados, Itália e Alemanha e de outros estados da Europa, que com patriótico entusiasmo não pouparam sacrifícios para dar a suas pátrias uma frota aérea nacional. Não devemos e não queremos ser segundos em nosso patriotismo e amor à Pátria de nossos pais. Não. As nossas ofertas devem demonstrar que também nós, austríacos e húngaros, somos capazes de nutrir alto sentimento patriótico e que sabemos demonstrá-lo antes de tudo pelos fatos. Também a vocês, compatriotas do Rio Grande do Sul, está feito o apelo para contribuir para a grande obra patriótica. E esta é a primeira vez que a longínqua cara pátria se volta para seus filhos dispersos no exterior, jamais pediu por fins gerais. Devemos, pois, mostrar que os nossos corações sentem agora o antigo amor à casa de Habsburgo, à antiga pátria nossa. Recolham, pois, dignamente e com amor pátrio também entre os descendentes dos velhos compatriotas nossos, recolhamos também entre os nossos amigos e aliados que frequentemente em circunstâncias similares a nós se dirigiram e demos voluntariamente e com entusiasmo, segundo as nossas posses. Com esta coleta não beneficiamos só a velha pátria, não beneficiamos só o seu exército, se beneficia também a paz e com isso a civilização e também a nós mesmos. Já que, se nosso exército de maneira alguma será inferior às armadas dos outros, a nossa monarquia adquire com isto tanto mais valor para os nossos amigos e aliados, a Itália e a Alemanha, e será tanto mais temida por nossos inimigos. [...] Então, todos, sem distinção de nacionalidade e partido, devemos contribuir para defender a nossa amada pátria natal dos seus inimigos, e fazê-la mais forte diante dos seus aliados, todos unidos neste grande ideal, fixados no lema do nosso velho e glorioso imperador <viribus unitis> coletamos e coletamos tanto a poder doar, nós também a imitar a colônia bávara e do patriota de Malta um aeroplano, que se chamará *Rio Grande do Sul*. (*IL COLONO ITALIANO*, 08 fev. 1913, p.2)⁸² (Tradução nossa).

⁸²Neri nuvoioni di buffera s’addensano ai confini dell’antica nostra patria. I suoi interessi più vitali, la sicurezza del suo pacifico sviluppo sono minacciati; né possiamo prevedere quanto a lungo il vegliardo monarca della nostra casa regnante, malgrado il suo amore alla pace, non posto in dubbio nemmeno dai suoi oppositori più accerrimi, possa trattarsi dal dar di piglio alle armi per difendere l’avvenire de’ suoi popoli, l’avvenire del grande e potente Impero del Danubio [...] la scuola e l’amore del nostro esercito provati di già in centinaia di battaglie e di combattimenti gloriosi attraverso secoli non possano menomamente venir posti in dubbio, si deve però osservare che nel nostro tempo, in questo tempo di trionfo della tecnica [...] la scuola e la forza di un esercito, raggiunsero grandissima importanza nei combattimenti dell’oggi le più recenti invenzioni tecniche. [...] Coll’intento di offrire all’esercito dell’antica nostra cara patria il fondo necessario alla costruzione di questa modernissima arma, sorse nella nostra patria un movimento popolare per raccogliere offerte spontanee e mezzi necessari. [...] I nostri fratelli quindi in ciò non fanno che seguire l’esempio dato dalle nostre amiche ed alleate, Italia e Germania e degli altri stati d’Europa, che con patriottico entusiasmo non risparmiarono sacrifici pur di dare alla loro patria una flotta aerea nazionale. Neppur noi dobbiamo, e nè vogliamo, essere secondi a loro nel nostro patriottismo, nell’amore alla nostra patria natia, nell’amore alla patria dei nostri padri. Nò. Le nostre offerte devono dimostrare che anche noi austriaci e ungheresi siamo capaci di nutrire alto sentimento patriottico e che lo sappiamo dimostrare anzitutto coi fatti. Anche a voi, quindi, compatriotti del Rio Grande do Sul, vien

Eram publicadas, no *Il Colono Italiano*, convocações militares aos súditos austro-húngaros que residiam no Rio Grande do Sul para se apresentarem nos consulados e lutarem pela pátria. Elas diziam, inclusive, que os desertores militares que se alistassem seriam perdoados, mas, com o prosseguimento do conflito, as viagens de navio para a Europa foram canceladas, inviabilizando a partida de quem se alistara.

Sua majestade ordenou a mobilização geral, portanto devem partir imediatamente todos os obrigados ao serviço no exército, marinha, defesa do país, todos os graduados e não graduados da leva, os obrigados pelas cartas de convocação e todos os outros obrigados com base no passaporte de leva em massa, de idade de 37 anos, e mais jovens. Os outros, pertencentes à convocação em massa, devem notificar imediatamente o seu endereço exato ao escritório consular. Aqueles convocados que não disponham dos meios necessários para a viagem mostrem a carta de chamamento, o passaporte às autoridades consulares para o pagamento do dinheiro da viagem, os outros serão indenizados posteriormente. É concedida anistia geral a todos os desertores e refratários ao serviço militar que, chamados ou não chamados, agora se apresentam para partir pela pátria. (*IL COLONO ITALIANO*, 06 ago. 1914, p.2)⁸³ (Tradução nossa).

Na edição seguinte, foi publicada, no *Il Colono Italiano*, a notícia da partida dos reservistas austríacos para a Europa. O relato da ida de homens das diversas nacionalidades da Áustria-Hungria, entre eles alguns trentinos, dizia: “Fiquei comovido, ver hoje embarcar alguns filhos do forte Trentino que também desejam prestar com grande entusiasmo, o seu tributo ao venerado monarca e à pátria distante” (*IL COLONO ITALIANO*, 13 ago. 1914,

fatto l'appello per contribuire alla grande opera patriottica. E questa la prima volta che la lontana cara patria si rivolge ai suoi figli dispersi all'estero, giammai pregò per scopi generali, dobbiamo quindi mostrare che i nostri cuori scontentano ancora l'antico amore alla casa degli Asburgo, all'antica nostra patria. Raccogliete quindi diligentemente e con amore patrio anche fra i discendenti dei vecchi nostri compatriotti, raccogliamo anche fra i nostri amici ed alleati che spesso in simili circostanze a noi si rivolsero e demmo volentieri e con entusiasmo secondo il nostro potere. Con questa raccolta non gioviamo solo alla vecchia patria, non gioviamo solo al suo esercito, si giova anche alla pace e con ciò alla civiltà ed anche a noi stessi. Giacchè se la nostra armata in nessun riguardo sarà inferiore alle armate degli altri, la nostra monarchia acquisita con ciò tanto più valore per le nostre amiche ed alleate l'Italia e la Germania e sarà tanto più temuta dai nemici. Su adunque, tutti, senza distinzione di nazionalità e partito, moviamoci e contribuiamo a difendere la nostra amata patria natia dei suoi nemici, a renderla più forte per le sua alleate, tutti uniti in questo grande ideale, fissi nel motto del nostro vecchio e glorioso imperatore <viribus unitis> raccogliamo e raccogliamo tanto da poter donare noi pure ad imitazione della colonia bavarese e del patriota di Malta un'aeroplano, che si chiamerà *Rio Grande do sul* (*IL COLONO ITALIANO*, 08 fev. 1913, p.2).

⁸³Sua Maestá há ordenato, la mobilizzazione generale, perciò devono partire immediatamente tutti gli obbligati al servizio nell'esercito, marina, difesa del paese, tutti i graduati e non graduati della leva in massa ació obbligati dalle carte de richiamo e tutti gli altri a ciò obbligati in base al passaporto della leva in massa della età di 37 anni, e più giovani, gli altri appartenenti allá leva in massa devono notificare immediatamente il loro indirizzo esatto all'ufficio consolare. Quei richiamati che non dispongono daí mezzi recorreati per il viaggio esechiano le carte di richiamo, o passaporto all'autorità consolare per il pagamento delle spese di viaggio, gli altri saranno indennizzati posteriormente. E concessa amnistia generale a tutti i desertori e rifratari al servizio militare, che, chiamati, o non chiamati, adesso si presentassero per partire per la patria (*IL COLONO ITALIANO*, 06 ago. 1914, p.2).

p.1)⁸⁴. No entanto, na mesma edição, constava a ordem do cônsul da Áustria-Hungria para não enviar mais reservistas devido à impossibilidade de viajar para o continente europeu: “vista a impossibilidade de chegar à Europa, não enviem nenhum reservista. Divulgar” (*IL COLONO ITALIANO*, 13 ago. 1914, p.1)⁸⁵. (Tradução nossa) Não se sabe quantos imigrantes oriundos do Império austro-húngaro, radicados no Rio Grande do Sul, embarcaram para a Europa para lutar pela sua pátria. O que se sabe é que, do Estado, partiram para a Itália 392 italianos e de origem italiana na Primeira Guerra Mundial; destes, 28 morreram durante o conflito (CONSTANTINO, 2009).

Foram publicadas, no *Il Colono Italiano*, um grande número de cartas escritas por combatentes trentinos que lutavam no exército austríaco. Todas elas tinham em comum o conteúdo relativo à fé e à religião católica, compreensível se levando em conta qual era a ideologia do jornal e de seu diretor. Essas cartas reforçavam os seus sentimentos cristãos e a sua devoção nacionalista, como mostra o artigo intitulado “O sentimento religioso dos soldados trentinos”.

Duzentos e setenta e quatro soldados do 1º regimento austríaco alpino enviaram ao Bispo de Trento a seguinte carta dos campos da Galícia. [...] O nosso capelão militar nos disse que o S. Padre Bento XV, investigando sobre a verdadeira origem desta luta, encontrou estas quatro causas: 1) A falta de mútuo amor entre os homens; 2) O desprezo da autoridade; 3) O ódio de classe; 4) O pensamento de que aqui sobre esta terra nós deveríamos encontrar nossa única felicidade. [...] Prometemos, assim, ainda a S.A de querer ter aqueles quatro erros sempre longe não só de nós, mas também das nossas famílias; de modo especial, tirando de nossas casas aquela imprensa que favorece esses erros, aquelas pessoas que os professam; [...] Aqui, assim, nos referimos de modo especial às sociedades católicas e prometemos necessariamente amar as pessoas que se dedicam a essas sociedades católicas, de respeitá-las e obedecê-las, de favorecer a imprensa católica, em uma palavra, todo o movimento católico, como S.A, o nosso chefe, desejaria. Desejamos prometer isso somente a S.A; nós queremos que essa nossa promessa seja tornada pública, de modo que encontre muitos imitadores no nosso caro Trentino. (*IL COLONO ITALIANO*, 25 fev. 1915, p.2)⁸⁶. (Tradução nossa)

⁸⁴Fui commosso a vedere oggi all'imbarco alcuni figli del forte Trentino Che intendono pur essi prestare, com grande entusiasmo, il loro tributo al venerato Monarca Alla patria lontana. (*IL COLONO ITALIANO*, 13 ago. 1914, p.1)

⁸⁵Vista la impossibilitá di arrivare in Europa, non mandí nessun riservista. Divilghi (*IL COLONO ITALIANO*, 13 ago. 1914, p.1).

⁸⁶Duecento settantaquattro soldati del 1 reggimento austriaco di alpini, hanno inviato al Vescovo di trento la seguente lettera, dai campi dalla Galizia. [...] Il nostro capelano militare ci disse che il S. Padre Benedetto XV investigando sulla vera origine di questa luttuosissima lotta trovò queste quattro cause: 1). La mancanza di mutuo amore fra gli uomini. 2) Il disprezzo dell'autorità. 3). L'odio di classe. 4). Il pensiero che qui su questa terra noi dobbiamo solo trovare l'unica nostra felicità. [...] Prometiamo perciò ancora a S.A. di voler tener sempre lontani non solo da noi quei quattro errori, ma anche dalle nostre famiglie; in modo speciale tenendo lontana delle nostre case quella stampa che favorisce questi errori, quelle persone che li professano; [...] Qui, cioè, indendiamo in modo speciale le società cattoliche e necessariamente promettiamo di amare le persone che si dedicano a queste società cattoliche di rispettarle ed ubbidirle, di favorire la stampa cattolica, in una parola tutto il movimento cattolico come S.A. il nostro chefe desidererá. Intendiamo di promettere questo solamente a

Uma carta de um soldado trentino moribundo aos seus filhos mostrava as terríveis condições a que os soldados ficavam submetidos na guerra e também seus sentimentos religiosos.

Encontrando-me em uma mísera condição, com lágrimas nos olhos e com o coração partido, me sinto no dever de fazer recomendações e deixara alguma lembrança. Caros filhos, eu espero que um dia entendam estas palavras, [...] Com lágrimas que me escorrem sobre a face e com o coração que me continua a bater, lhes deixo a minha bênção, acompanhada daquela de Deus. Cheio de resignação em Deus, os deixo neste mundo, mas espero rever todos no paraíso por toda a eternidade. Seja louvado Jesus Cristo. (*IL COLONO ITALIANO*, 20 maio 1915, p.1)⁸⁷. (Tradução nossa)

Na mesma edição, outra carta de um soldado aos seus pais demonstrava sua fé em Deus e sua esperança de retornar vivo ao seu lar.

Eis um momento de paz para relatar a vocês nestas poucas linhas. [...] Não quero iludir-me, mas tenho agora uma grande esperança de retornar. Mas, se não for esse o caso, estejam seguros de que seu filho saberá manter os juramentos feitos, não se deixará mais dominar pela vida ou pelo medo, mas saberei me conter como um bom cristão e valoroso soldado, com Deus nos lábios e meus caros no pensamento e no coração. [...] Meus caros pais, da boa educação e do bom exemplo e critério por vocês ensinados a mim desde criança, guiado pelo temor a Deus, das virtudes e do amor com tantos bons exemplos que formam os melhores tesouros que um cristão possa ter. (*IL COLONO ITALIANO*, 20 maio 1915, p.1)⁸⁸. (Tradução nossa)

S.A; vogliamo che questa nostra promessa sia resa pubblica, affinché trovi molti imitatori nel nostro caro Trentino (*IL COLONO ITALIANO*, 25 fev. 1915, p.2).

⁸⁷Trovandomi in una misera condizione, colle lagrime agli occhi e col cuore spezzato, mi sento in dovere di farvi delle raccomandazioni e laschiarvi qualche ricordo. Cari figli, io spero verrà un giorno che comprenderete queste parole, [...] Colle lagrime che mi scorrono sulla faccia e col cuore che mi continua a battere, vi lascio La mia benedizione accompagnata da quella di dio. Pieno di rassegnazione in Dio, vi lascio in questo mondo ma spero di rivedervi tutti in paradiso per tutta l'eternità. Così sia. Sia lodato Gesù Cristo ” (*IL COLONO ITALIANO*, 20 maio 1915, p.1).

⁸⁸Ecco un momento di pace per rivolgermi a voi com queste mie poche righe. [...] Non voglio iludermi ma ho ancora una grande speranza di far ritorno. Ma se altrimenti però fosse, state certi che vostro figlio saprà mantenere i giuramenti fatti, non si lascerà mai padroneggiare dalla vita o dal timore, ma saprò contenermi da buon cristiano e da valoroso soldato, com Dio sulle labbra e i miei cari nel pensiero e nel cuore. [...] miei cari genitori, della buona educazione e Del buon esempio e criterio da voi fin da fanciullo com tante cure impartitomi e guidato per La retta via del Timor di Dio, delle virtù e dell'amore com tanti buoni esempi che formano i migliori tesori che um cristiano possa possedere (*IL COLONO ITALIANO*, 20 maio 1915, p.1).

Figura 9 – Pintura que retrata Guilherme II, Imperador da Alemanha ao lado de Francisco José, Imperador da Áustria



Fonte: THE GREAT war begins. [2012]. Disponível em: <http://randyrydberg.com/the_great_war/01_the_great_war_begins.html>. Acesso em: 01 out. 2012.

A Alemanha era a principal aliada da Áustria durante a I Guerra Mundial, por isso as ações do exército alemão foram exaltadas pelo *Il Colono Italiano* em uma das edições, demonstrando, dessa maneira, a simpatia do jornal por esse país e seus aliados. “Na matéria intitulada ‘um comovente episódio’, é narrado o heroísmo de um soldado alemão que, no campo de batalha, buscava o corpo de seu irmão morto em combate” (VALDUGA, 2008, p.162).

Esperando que a neblina matutina fosse dissipada, pedi permissão para ir ao posto onde supunha se encontrasse o corpo de meu irmão. [...] Peguei o fuzil e vinte e cinco cartuchos: os meus camaradas me desejaram boa sorte. Nesta primeira busca, não encontrei Bruno, mas outros três mortos e dei a eles a honrada sepultura. No dia seguinte, repeti a busca e, não muito distante das trincheiras inimigas, em um ponto muito exposto, encontrei cerca de quinze caçadores mortos, e entre estes vi Bruno, que jazia com o fuzil ainda a seu lado e com a mochila sobre os ombros. [...] Escavei uma fossa e sepultamos o nosso caro Bruno, em frente ao inimigo onde foi morto o soldado valoroso. (*IL COLONO ITALIANO*, 11 fev. 1915, p.2)⁸⁹. (Tradução nossa)

Segundo Valduga (2008), o mesmo jornal, durante a Segunda Guerra Mundial, já sob a direção dos capuchinhos e com o nome *Stafetta Riograndense*, também exaltava as vitórias do exército alemão na Europa pelo fato de Alemanha e Itália serem aliadas, compondo o Eixo.

⁸⁹Attesi che la nebbia mattutina si fosse diradata e chiesi Il permesso di recarmi sul posto dove supponevo si trovasse Il corpo di mio fratello. Presi Il fucile e venticinque cartucce: i miei camerati mi augurarano buona fortuna. In questa prima ricognizione non trovai Bruno, ma altri morti e diedi loro onerata sepoltura. Il giorno seguente ripresi le ricerche e, non molto discosto dalle trincee nemiche, in un punto molto esposto, travai circa quindici cacciatori morti, e tra questi vide Bruno, che giaceva col fucile ancora vicino a lui e com lo zaino sulle spalle (*IL COLONO ITALIANO*, 11 fev. 1915, p.2).

Naquela época, os diretores do jornal simpatizavam com o regime fascista de Benito Mussolini e relatavam os feitos dos exércitos de Hitler contra a Inglaterra e a Rússia soviética, sendo, no ano de 1941, o auge da simpatia do periódico pelo regime nazista.

O *Il Colono Italiano* publicou uma carta de Francisco José para o presidente do conselho de ministros, na qual o imperador elogiava o sacrifício que seu povo fazia pela pátria durante aquele difícil tempo de guerra e reafirmava a confiança que tinha nas forças armadas e na vitória destas sobre o inimigo (*IL COLONO ITALIANO*, 11 mar. 1915, p.1). Outros pronunciamentos foram publicados, como o da arquiduquesa austríaca, Elisabeth de Habsburgo, neta de Francisco José, que pedia orações ao povo em nome dos soldados, pois a fé católica era aliada do Império Austro-húngaro.

Como uma poderosa sacra missão popular que sacode até as profundezas das almas, se fez sentir sobre nossa cara pátria a mobilização. Milhares e milhões de almas reagirem e encontraram em si a fé no Deus verdadeiro. [...] A voz de advertência da eternidade se fez sentir no rugido dos canhões. A nossa pátria em armas é grande, tão grande que surpreende o mundo inteiro. Mas é ainda maior na sua oração devota perante Deus, porque essa sacode do sono as nações. Mas, agora, enquanto os nossos pais e nossos irmãos nos acampamentos inimigos, abrem o caminho para o direito e para a liberdade, a nós, a todos aqueles que permaneceram em casa, pende um dever não menos importante, não menos sério e difícil. Se a guerra pelo nosso povo é como uma sacra missão, para nós, para os que permaneceram em suas casas, a vida de sacrifício que dura semanas e meses se transforma em exercícios espirituais. E o nosso retiro deve remover de nós todos aquela exterioridade e leveza, [...] É este o tempo de acostumar a nossa alma à oração, de rezar fortemente pela nossa santa causa, pela vitória e pela alma de nossos heróis de guerra. Habitue-mo-nos à oração, ao confidente discurso com o bom Deus, porque assim nunca se dissolverá o vínculo que nos liga ao pai celestial. [...] Seja esta a partir de agora, algo habitual em nossa sociedade, em cada camada então poderemos com confiança olhar o futuro, porque o bom Deus estará com o nosso país. (*IL COLONO ITALIANO*, 25 fev. 1915, p.2)⁹⁰. (Tradução nossa)

O *Corriere d'Italia* denunciava o autoritarismo austríaco nas regiões sob o seu domínio. A cobertura da guerra “passa a ser a visão oficial do Estado italiano” (VALDUGA,

⁹⁰Come una potente sacra missione popolare, che scuote fin il profondo dell'animo si fece sentire sulla nostra cara patria la mobilitazione. Migliaia e milioni d'anime si scossero e trovarono in sè la fede nel Dio vero [...] La voce ammonitrice dell'eternità si face sentire al rombare dei cannoni. La nostra patria in armi é grande, cosí grande da far stupire il mondo intero. Ma é ancor piú grande nella sua preghiera devota avanti iddio perché essa scuote dal sonno le nazioni. Adesso però, mentre i nostri padri e i nostri fratelli negli accampamenti nemici si aprobo la via per il diretto e per la libertà, a noi, a tutti quelli che sono rimasti a casa, incombe un dovere non meno importante, non meno serio e difficile. Se la guerra pelo nostro popolo somiglia ad una sacra missione, per noi, per i rimasti nelle loro case la vita di sacrificio che dura settimane e mesi si cangia in esercizi spirituali. E il nostro ritiro deve allontanare da noi tutte quelle exteriorità e leggerezze [...] E questo il tempo di abitare l'anima nostra alla preghiera, di pregare caldamente per la nostra causa santa, per la vittoria l'anima dei nostri eroi in guerra. Abituamoci alla preghiera, al confidente discorso col Dio buono, perché cosí mai si scioglerà quel lagrime che ci liga al padre celestel [...] Sia questa d'ora in poi cosa consueta nella nostra società, in ogni suo strato, allora si potremo con fiducia guardare l'avvenire, perché il buon Dio sarà con il nostro paese (*IL COLONO ITALIANO*, 25 fev. 1915, p.2).

2008) e justificava a mudança da Itália para o lado da Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia), dizendo que a Áustria, ao invés de ser atacada, atacou a Sérvia e, com isso, abalou o equilíbrio nos Bálcãs: “[...] A Áustria foi a que iniciou a conflagração europeia ao declarar guerra à Sérvia, sem avisara Itália, rompendo o equilíbrio nos Bálcãs que era a base principal da Tríplice Aliança” (*IL CORRIERE D’ITALIA*, 20 maio 1915 apud VALDUGA, 2008, p. 165).

As notícias da guerra eram descritas na seção “A nossa guerra”. Cartas de soldados, provenientes da região colonial italiana, que lutavam no exército italiano eram publicadas. Em 1918, o jornal comemorou a vitória italiana sobre a Áustria quando finalmente “a bandeira tricolor balançou sobre Trento e Trieste” (VALDUGA, 2008, p. 168).

O padre Giovanni Constanzo foi pressionado pelo arcebispo Dom João Becker por causa de artigos escritos contra a Áustria. Por isso, ele preferiu pedir demissão do cargo de diretor do *Il Corriere d’Italia* a ceder às ordens de parar de publicar artigos contra aquele país. Assim, o Padre Carlos Porrini assumiu a direção do jornal de 1917 a 1921 (POSSAMAI, 2004).

Bryce (2008), ao estudar o jornal em língua alemã, *Argentinisches Tageblatt*, em Buenos Aires, entre os anos 1905 e 1918, constatou que, antes de começar a I Guerra Mundial, esse periódico estendia o termo germânico a todos os povos de fala alemã, como suíços e austríacos, e não somente àqueles nascidos na Alemanha. Durante a guerra, entre 1914 e 1918, o jornal mudou o discurso tornando-se mais nacionalista e patriota, ou seja, dirigia-se somente para quem nascera em território alemão. O tom do *Argentinisches Tageblatt* se caracterizava, agora, pela lealdade ao Império Alemão.

Os anos 1914 e 1915, sem dúvida alguma, foram aqueles em que o jornal *Il Colono Italiano* demonstrou maior simpatia pela causa austríaca, como revelaram os artigos transcritos nas páginas anteriores. Um dos anunciantes, inclusive, era uma empresa de navegação austríaca, chamada “Companhia de navegação austro-americana”. No entanto, na segunda metade do ano de 1915, o jornal passou a publicar menos artigos a favor da Áustria e tentou manter uma posição neutra em relação à guerra. Publicava, por exemplo, convocações militares para o exército italiano, endereçadas aos imigrantes e filhos de imigrantes italianos radicados no Estado.

Não se sabe por qual motivo o jornal mudou parcialmente sua posição, ficando mais neutro. É provável que talvez tenha sido devido à pressão dos italianos, que eram maioria na colônia em relação aos trentinos ou austríacos. Em novembro de 1916, no entanto, apareceu,

em forma de manchete, um grande artigo sobre o falecimento do Imperador Francisco José, no qual era demonstrada tristeza pela morte do monarca (*IL COLONO ITALIANO*, 30 nov. 1916, p.1).

Em relação à neutralidade do periódico, foi publicado um longo artigo em que o jornal explicava que era católico brasileiro, em língua italiana, por isso publicava os boletins da guerra, tanto italianos quanto austríacos (AZEVEDO, 1994).

Os italianos das nossas colônias, aqueles que não são nascidos aqui, são oriundos parte da Itália e parte da Áustria, esses deixaram as suas pátrias de origem e se transferiram para cá, nesta nova pátria de escolha e adoção, onde fixaram residência estável e formam parte da grande e hospitaleira família brasileira. Iniciou a terrível guerra, que ainda continua, entre a Itália, ou seja, entre as antigas pátrias dos leitores do *Il Colono Italiano*. Então me diga, qual era a posição a tomar pelo *Il Colono Italiano*? [...] *Il Colono Italiano*, nesta emergência, deve conservar a maior neutralidade, e isto por dois motivos: em primeiro lugar, porque este não é um órgão nem de italianidade, nem de austriacismo; e, em segundo lugar, para não ser causa de discórdia entre seus leitores e assinantes. (*IL COLONO ITALIANO*, 09 dez. 1915, p.1)⁹¹. (Tradução nossa)

Havia uma coluna chamada “Conflagração”, na qual eram publicadas as notícias referentes à guerra na Europa, que contava com correspondentes em diversas cidades europeias e também em outras partes do mundo.

Em abril de 1917, com a declaração de guerra do governo brasileiro aos Impérios Centrais, a situação de Fronchetti na direção do *IL Colono Italiano* tornou-se insustentável. Então, ele abandonou a direção do jornal, embora continuasse sendo seu proprietário. Adolfo Moreau assumiu a direção; este, porém, não contava com a simpatia dos italianos, por isso muitos assinantes devolveram os exemplares da edição publicada por ele. Para seu lugar, foi convidado o italiano Agostinho Mazzini, que passou a ser ridicularizado pelo fato de ser diretor de um jornal anti-italiano, quando, na verdade, ainda era Fronchetti quem o dirigia. Mazzini, então, pediu demissão e exigiu que Fronchetti desmentisse certas notícias publicadas no periódico. O padre, por sua vez, se recusou a fazer isso, o que levou Agostinho Mazzini a entrar na justiça contra o jornal (VALDUGA, 2008).

⁹¹Gli italianidelle nostre nostre colonie, quelli che non sono nati qui, sono oriundi parte dell'Italia e parte dell'Austria; essi hanno lasciata la loro patria di origine e si sono si sono trasferiti qui, in questa nuova patria di elezioni Ed adozione dove essi fissarono stabile dimora e formano parte della grande ed ospitaliera famiglia brasiliana. Scoppió la terribile guerra, che ancora continua, fra l'Italia, vale a dire fra le antiche patrie dei lettori del *Colono Italiano*. Ora, mi dica lei, quale era la via da scegliere per *Il Colono Italiano* [...] *Il Colono Italiano*, in questa emergenza, deve conservare la piú stretta neutralità, e cio per due motivi: in primo luogo, perchè esso non é organo nè di italianità, nè di austriacismo; ed in secundo luogo, per non essere causa di discordie fra i suoi lettori ed abbonati (*IL COLONO ITALIANO*, 09 dez. 1915, p.1).

Em julho do mesmo ano, os capuchinhos assumiram como novos sócios do jornal, alterando, com isso, seu conteúdo e seu nome, que passou a ser *Staffetta Riograndense*. No novo periódico, desapareceu o noticiário internacional e, em seu lugar, eram publicadas notícias da região; em vez de notícias sobre política, apareciam apenas as de temática religiosa. Apesar de serem de nacionalidade francesa, esses padres mantinham uma neutralidade em relação a qualquer tipo de nacionalismo. É importante ressaltar que “a filosofia dos capuchinhos franceses era contrária a qualquer propaganda nacionalista [...]” (COSTA, 1999, p. 496). Em 1921, Fronchetti vendeu sua parte do *Staffetta Riograndense* para os capuchinhos que se tornaram seus únicos proprietários e o dirigem até os dias atuais.

5.4.1 A Identidade Tirolesa através do Jornal *Il Trentino* (1915-1917)

O *Il Trentino* era impresso em Porto Alegre e se declarava como o único jornal austríaco do Brasil; sua circulação ocorreu de 1915 a 1917. Em setembro de 1917, trocou seu nome para *Áustria Nova*, “este jornal se autodefinia como um órgão dos austro-húngaros no Brasil” (BORGES, 1993, p.46). Depois disso, não se teve mais notícias dele, sabendo-se apenas que só quatro exemplares foram encontrados.

Os autores Paulo Possamai (2005) e Stella Borges (1993) citaram esse jornal em seus trabalhos, embora ambos tenham localizado somente um exemplar: a edição de 7 de março de 1917, que se encontra no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), em Porto Alegre.

Em minhas pesquisas, consegui encontrar mais três edições do *Il Trentino*: duas no Museu de Comunicação Social José Hipólito da Costa e a outra no Museu dos Capuchinhos (MUSCAP), em Caxias do Sul. Das quatro edições localizadas, três delas são do ano de 1917 e uma de 1916, no entanto não foi achada nenhuma de 1915, nem do período posterior à mudança de nome do jornal.

O periódico tinha uma tiragem semanal de três mil exemplares que eram distribuídos em Porto Alegre, nas cidades da Região Colonial Italiana e até em outros estados, como São Paulo, Paraná e Espírito Santo, chegando, inclusive, a outros países, como os Estados Unidos. Seu conteúdo era acomodado em quatro páginas: três delas com notícias, sendo a maioria do noticiário internacional, com ênfase naquelas sobre a Áustria e a guerra, incluindo o boletim austríaco a respeito do conflito; a quarta página continha apenas anúncios de propaganda. Era dirigido por G. Andreatti, provavelmente um imigrante radicado em Caxias do Sul, pois lá

foram encontradas pessoas com esse sobrenome. Além dessas, não se conseguiram mais informações relativas a esse jornalista, nem saber qual era o seu primeiro nome. Coincidentemente, na cidade de Trento, circulava um jornal com o mesmo nome, que existe até hoje.

A edição de 22 de janeiro de 1916 trazia um grande artigo escrito em alemão, que era a língua oficial da Áustria, e, no cabeçalho, estava uma nota pedindo desculpas aos leitores (de língua italiana) pelo artigo escrito em uma língua incompreensível. Nessa mesma edição, foi publicada uma carta de leitores trentinos que viviam no Estado do Espírito Santo. O conteúdo dessa carta continha elogios ao diretor do *Il Trentino* por defender a Áustria das ofensas dos italianos: “[...] era exatamente o que queríamos, para defender a nossa cara pátria e o nosso amado imperador das calúnias dos escritores italianos; estes não pronunciaram mais o nome Áustria, mas somente a plebe croata e eslovena, povo bárbaro [...]” (*IL TRENTINO*, 22 jan. 1917)⁹². (Tradução nossa). Esse exemplar também contava com um artigo que se referia a uma sociedade que congregava os imigrantes austro-húngaros, sendo que a única referência a uma associação de mútuo socorro de imigrantes dessa nacionalidade era a *Osterrich-Ungari-Scherverein* que, segundo Possamai, reunia provavelmente os austríacos de fala alemã (POSSAMAI, 2005). Entretanto, não há como ter certeza de que a sociedade a que se referia o jornal fosse essa. A reportagem falava a respeito do polêmico pedido de renúncia de um cônsul de uma sociedade de beneficência com o seguinte título: “A maior satisfação para a nossa sociedade um cônsul que pede renúncia de uma sociedade de beneficência”.

O protesto da “Trento-Trieste” contra o regente consular, nosso G. Kostanjevic, talvez tenha levantado entre os inocentes alguns escândalos, mas isso era um ato nobre. A demonstração mais esplêndida vem do fato que, mesmo o próprio senhor G. Kostanjevic tendo pedido demissão de sócio da sociedade austro-húngara, essa renúncia foi aceita unanimemente e sem discussões! Aliás, um dos sócios disse publicamente na respectiva assembléia que o senhor Kostanjevic, antes de criticar um sapateiro, deveria aprender como se faz um par de botas e que deveria recordar que ele está aqui pela colônia e não a colônia por ele! Aqui está, portanto, justificada toda a campanha que fomos forçados a fazer, ainda que relutantemente, contra o representante do nosso governo. Este indivíduo foi a desgraça da nossa colônia austro-húngara e, em especial, da nossa. Ele jamais esteve interessado em nós quando viu que os nossos trentinos e triestinos se uniam diante de qualquer esforço para desuni-los de novo. [...] não nos ocuparemos mais publicamente, esperando da autoridade superior uma medida eficiente para dar paz e favorecer os interesses de nossa colônia austro-húngara, de modo geral, e da nossa trentino-triestina, em particular (*IL TRENTINO*, 22 jan. 1916, p. 3)⁹³. (Tradução nossa)

⁹²[...] era proprio quello che ci voleva, per difendere la nostra cara patria ed il nostro amato imperatore dalle calunnie degli scrittori italiani; questi non sanno piú pronunziato il nome Austria, ma solo plebaglia croato e sloveno, popolo barbaro. [...] (*IL TRENTINO*, 22 jan. 1917, p.3).

⁹³La piú grande sodisfazione per la nostra societá un console che da le demissioni da una societá di beneficenza. La protesta della “Trento-Trieste” contra il e r. Regente consolare nostro g. Kostanjevic forse ha sollevato fra gli

O discurso do jornal *Il Trentino* refere-se à colônia austro-húngara, especificamente à comunidade trentino-triestina, ou seja, às populações italianas oriundas da Áustria e radicadas no Rio Grande do Sul.

O *Il Trentino* era contra os nacionalistas italianos, “[...] defendia o Estado multinacional austríaco como um modelo para o Brasil, habitado por gente de diferentes etnias.” (POSSAMAI, 2005, p.220). O jornal tinha uma coluna que era redigida por um padre chamado Giacomo Vicenzi que “atacava a unificação italiana, qualificada de um atentado contra o quinto e o sétimo mandamentos e o desejo da Itália de anexar o Trentino e Trieste ao seu território.” (POSSAMAI, 2005, p.220). Essas ideias estão expressas em um enorme artigo intitulado “Áustria, uma potência católica”.

Mas o doutor Andreatti nos seus artigos, [...] sobre este argumento nos fez sentir e tocar que não somente o dito movimento anticatólico, mas todas as seitas e todos os elementos anticristãos se uniram entre eles para dar à Áustria o golpe de morte. E que coisa verdadeiramente admirável! Quando a astuta diplomacia e o supremo saber do século XX preparavam-se, com o sorriso dos malvados, para assistir friamente o esfacelamento dos diversos povos da Áustria, esta, ao invés, ressurgiu mais potente do que nunca, porque os seus filhos, não obstante a profunda diferença de raça e de religião, sentem-se quase por milagre atraídos por uma força misteriosa a espalhar o sangue e a dar a vida à mãe pátria que possui o segredo para se fazer amar. E nota-se que neste meu dizer não há nada de fantástico: é pura verdade. A dificuldade para muitos e muitos é saber penetrar, descobrir esta misteriosa força, este (?) indissolúvel, este afeto generoso que dos homens também heróis, que, com zelo patriótico, fazem frente aos irmãos que falam a mesma língua [...] E ainda é um problema fácil de resolver. Na Áustria diferentemente de tantas falhas dos tempos modernos, a fé domina ainda, e é ainda base das ações humanas o decálogo do qual provém unicamente o verdadeiro progresso da paz, tanto para os indivíduos como à sociedade. Uma similar legislação respeita naturalmente os direitos sacrossantos de cada uma das dez nacionalidades componentes da monarquia austro-húngara; é tolerante com os não católicos e deseja, ao mesmo tempo, o bem estar material dos países eficientemente defendidos por seus representados no parlamento de Viena. Dito isto, é clara a conclusão: os diversos povos da monarquia austro-húngara, dirigidos por um governo previdente, solícito e paterno, se sentem felizes e amam com razão a dinastia católica que, há sete séculos, tendo-os unidos, os torna fortes, assegurando o seu progresso e tranquilidade, é por isso que, sempre que eu ouço falar em irredentismo, provo verdadeiro desgosto. [...] todos os irredentistas devem

innocenti un po di scandalo, ma essa non era che un nobile atto. La dimostrazione più splendida ci viene dal fatto, che il medesimo signore G. Kostanjevic avendo date le dimissioni da socio della società austro-ungarica di qui, queste dimissioni furono accettate unanimemente e senza discussione! Anzi un socio disse pubblicamente nella rispettiva assemblea che il signore K prima di voler criticare un calzolaio dovrebbe apprendere come si fa un paio di stivali e che dovrebbe ricordarsi che egli è qui per la colonia non la colonia per lui! Ecco quindi giustificata tutta la campagna, che siamo stati costretti di fare ben che a malincuore contro il rappresentante del nostro governo. Quest' individuo non fu che la disgrazia della nostra colonia austro-ungarica e specialmente della nostra. Egli giammai si era interessato di noi quando vide che i nostri trentini e triestini si univano face qualunque sforzo per disunirli di nuovo. [...] non ci occuparemo più pubblicamente aspettando dall' autorità superiore un efficace misura, che si dia pace e favorisca gli interessi della nostra colonia austro-ungarica in genere e della nostra trentino-triestina in particolare (*IL TRENTINO*, 22 jan. 1916, p. 3).

pertencer necessariamente a uma das nobres categorias, isto é, aquela dos ladrões, ou aquela dos traidores. [...] A Áustria, entre as suas numerosas províncias, possui umahá muito tempo, chamada Trentino. Séculos mais tarde, entre os diversos povos da Itália, houve um que a força de outros esforços e do absoluto desprezo dos dois mandamentos do decálogo, o V e o VII, tem formado o Reino da Itália. Mas isto foi ontem. Como então esta nação nascida há somente quarenta anos, pretende ter direitos sobre uma província que há séculos pertence à Áustria? [...] Os desejos da Itália são muito similares àqueles da maçonaria. Esta seita tem como propósito principal a destruição do altar e do trono. A Itália unida, filha da revolução e das sociedades secretas, tem puramente dois propósitos: o aniquilamento do papado e da Áustria-Hungria. [...] é bem provável que Cadorna (general italiano) e outros não mais considerem o Império Austro-húngaro um cadáver, mas, sim, um gigante que, embora parecendo imóvel, faz tremer todos os seus inimigos. [...] que o reflorir da Áustria-Hungria, apesar de tantos infortúnios quehá um século a feriram incessantemente, é prova palpável que esta nobre e grande potência, composta, é verdade, por raças diversas, segue vitoriosa os seus altos destinos, formando as suas províncias quase um bloco granítico, cimentado maravilhosamente pela fé. (*IL TRENTINO*, 07 mar. 1917, p.2-3)⁹⁴. (Tradução nossa)

Na edição de 7 de março de 1917, foi publicado o primeiro discurso do novo Imperador da Áustria, Carlos I, e uma reportagem intitulada “A vergonhosa fuga do modernista redator do “*Corriere d'Italia*”, de Bento Gonçalves”. Nela, estava também uma

⁹⁴Ma il Dr. Andreotti nei suoi articoli [...] su questo argomento face sentire e toccare che non solo il detto movimento anticattolico ma tutte le sette e tutti gli elementi anticristiani si sono uniti fra loro per dare all’Austria il colpo di morte. E, cosa veramente mirabile! Quando l’astuta diplomazia e il superbo sapere del secolo XX preparavansi, col soghigno dei mal vaggi ad assister freddamente sfacelo dei diversi popoli d’Austria, questa invece risorge più potente che mai, per ché i suoi figli, non ostante la profonda differenza di razza e di religione, si sentono quasi per miracolo attratti da una forza misteriosa a spargere il sangue e a dar la vita alla madre patria che possiede il segreto per farsi amare. E si noti che questo mio dire nulla ha di fantastico: é pura verità. La difficoltà, per tanti e tanti, é sapere penetrare, scoprire questa misteriosa potenza, questo isecio indissolubile, questo affeto generoso che degli uomini la altrettanti eroi, che, con slancio patriottico, fanno fronte ai fratelli che parlando la stessa lingua [...] Eppure é un problema facile da risolversi. Nell’Austria, a dispetto delle tante magagne dei tempi moderni, domina ancora la fede, ed é ancor base delle umane azioni il decalogo delle cui osservanza provegno unicamente il vero progresso e la pace, tanto agli individui come alla società. Una simile legislazione rispetta naturalmente i diritti sacrosanti di ognuna delle dieci nazionalità componenti la monarchia austro-ungarica; é tollerante verso i non cattolici e cerca allo stesso tempo, il ben essere materiale dei singoli paesi efficacemente difesi dal loro rappresentanti al parlamento di Vienna. Detto ciò, é chiara la conclusione: i popoli vari della monarchia austro-ungarica, guidati da un governo previdente, solecito e paterno si sentono felici ed amano con ragione la dinastia cattolica che, da sette secoli, tenendoli uniti, li fa forti, assicurando loro progresso e tranquillità. Ecco perché ogni qualvolta sento parlare di irredentismo provo vero ribrezzo. [...] tutti gli irredentisti devono appartenere necessariamente a una delle nobili categorie, cioè o a quella dei ladri, oppure a quella dei traditori. L’Austria, tra le sua numerose provincie ne possiede una, da gran tempo, chiamata il Trentino. Secoli pió tardi, fra i diversi popoli d’Italia ce ne fu uno che a forza degli sforzi altrui e dell’assoluto disprezzo dei due comandamenti del decalogo, il V e il VII, ottene formare il regno d’Italia. Ma questo fu ieri. Come dunque questa nazione nata da quarant’anni appena, pretende aver diritti su una provincia che da secoli appartiene all’Austria? [...] I desideri dell’Italia, una, o settaria, sono assai simili a quelli della massoneria. Questa setta ha per suo scopo principale la distruzione dell’altare e del trono. L’Italia una, figlia della rivoluzione e delle società segrete, ha pure due scopi: l’annichilamento del papato e dell’Austria-ungheria. [...] Ed é ben probabile che cadorna ed altri non piú considerino l’Imperio Austro-ungarico un cadavere, ma piuttosto un gigante, che pur tenendosi immobile, fa tremere tutti insieme i suoi nemici. [...] che il rifiorire dell’Austria-ungheria, ad onta delle tante sventure che, da un secolo in qua, incessantemente la colpirono é prova palpabile che questa nobile e grande potenza, composta, é vero, da razze diverse, segue vittoriosa i suoi alti destini, formando le sue province quasi un bloco granítico, cementato meravigliosamente della fede (*IL TRENTINO*, 07 mar. 1917, p.2-3).

carta escrita pelo Doutor Celeste Gobato, professor da faculdade de veterinária, que difamava o padre Giovanni Costanzo, chamando-o, inclusive, de ladrão.

O periódico tinha uma coluna intitulada *La Nostra Guerra*, na qual eram publicadas as notícias da guerra do ponto de vista austríaco, exaltando as vitórias militares do império. Assim como o jornal argentino em língua alemã, o *Argentinisches Tageblatt*, que pregava a fidelidade ao Império alemão (BRYCE, 2008), o *Il Trentino* se caracterizava pelo discurso de fidelidade ao Império Austro-húngaro e ao imperador. Também se declarava como um periódico conservador em relação a assuntos relacionados à política local, como expressa um artigo escrito em português:

Il Trentino, com seu programma (sic) muito conhecido, é por completo alheio às lutas político-partidárias de qualquer natureza; jornal conservador por excelência tem sempre apregoado, e encarecidamente recomenda, a mais absoluta submissão ao espírito da ordem e de autoridade, mantendo-se, no resto, fora dos debates. Muito especialmente no Rio Grande do Sul, esta atitude é francamente justificada, pois em nenhuma outra circunscipção (sic) da República Brasileira o princípio de autoridade é tão respeitável como aqui; máxima liberdade de ação individual ao lado da responsabilidade pelos actos asseguram a cada qual os meios de agir conformemente as aptidões de cada um. (*IL TRENTINO*, 07 mar. 1917, p.1). (Tradução nossa)

Os discursos jornalísticos obedecem às regras históricas, ou seja, “[...] o conteúdo apresentado está ligado ao seu tempo. Os discursos construídos pelos jornais estão balizados pelo contexto em que foram criados” (AGUIAR, 2010, p. 8). Assim, o nacionalismo dos imigrantes trentinos tinha a ver com a noção de pertencimento e cidadania em relação à nação austríaca, além do sentimento religioso baseado na fé católica. Conforme Bauer, “O nacionalismo caracteriza-se também pela imposição do Estado no domínio público cuja ligação entre indivíduo e instituição ocorre através da noção de cidadania” (BAUER, 2000 apud VALDUGA, 2008, p. 25). Na edição de 24 de abril de 1917, o jornal expressa abertamente, em língua portuguesa, seu nacionalismo e a preferência dos imigrantes trentinos, que eram de fala italiana, pela Áustria:

Sempre sustentamos que para nós catholicos (sic) é estrito dever obedecer à autoridade legitimamente constituída. Este foi o motivo principal porque os austríacos de língua italiana ficaram na sua totalidade fidelíssimos ao imperador d’Áustria e à sua pátria, tendo como inabalável programa: antes catholicos, depois austríacos e enfim italianos. (*IL TRENTINO*, 24 abr. 1917, p.1). (Tradução nossa)

Na mesma edição, uma coluna abordou o processo canônico contra o padre João Constanzo, e o mesmo artigo também criticou Adelgi Conalghi. Houve o anúncio do rompimento das relações diplomáticas entre o governo brasileiro e a Alemanha. Nas notícias

sobre a guerra, referiu-se à soberania austríaca no mar Adriático, à declaração de guerra dos Estados Unidos à Alemanha e ao tratado de paz entre a Rússia e as potências centrais. Havia um artigo dedicado aos leitores mais velhos os quais criticavam o jornal por conter muitas notícias em português em vez de italiano. O artigo tinha como título “Aos nossos velhos trentinos”.

De outras partes se tem recebido reclamações que o nosso jornal sai muito em português. Faremos de tudo para também satisfazer estes nossos velhos trentinos fiéis. Pedimos a eles um pequeno sacrifício patriótico. O jornal como é, vem sido lido por toda a colônia austríaca, sendo o único jornal austríaco, pelos alemães e também por muitos brasileiros. Isto redundava em grande interesse para a pátria, mas, o repetimos, levaremos em conta também este seu desejo. Mas se não podemos satisfazê-los completamente, pensem que fazemos isto para o maior bem da pátria. (*IL TRENTINO*, 24 abr. 1917, p.3)⁹⁵. (Tradução nossa)

Outro artigo, escrito em uma coluna intitulada “Os grandes fatos da semana”, falava sobre a situação dos cidadãos austríacos no Brasil devido ao recente rompimento de relações diplomáticas entre o país e os impérios centrais, Alemanha e Áustria.

É verdade que entre a Áustria e o Brasil não há nada, como é de esperar, que tal condição tenha de continuar, mas por causa da aliança que existe entre os dois estados centrais, a nossa posição de austríacos pode se tornar delicada. No nosso artigo de fundo, dissemos qual deve ser o nosso comportamento, então nossos amigos trentinos e triestinos deverão adicionar qualquer outra observação. Nós e vocês temos sofrido imensamente, a causa de contínuos ataques provenientes da parte de certos patriotas italianos. Todos nós temos tido muita prudência, e essa prudência se deve a não termos que lamentar qualquer coisa de pior. Essa prudência, devemos aumentá-la, evitar por isto as discussões com tais indivíduos, deixar que gritem como e quanto quiserem. Não é com esses seus gritos e sarcasmos que vencerão a guerra, não é com tal comportamento que demonstrarão a grandeza da sua cultura. Não respondamos, então, por isto aos seus insultos, façam todos como fizemos nós terça-feira passada, quando às 4 da tarde, passeando em plena Rua dos Andradas (?), tendo às costas um professor de... italiano que deveríamos matar, como um patife. (*IL TRENTINO*, 24 abr. 1917, p.3)⁹⁶. (Tradução nossa)

⁹⁵Da piú parte ci pervengono reclami Che Il nostro giornale esce troppo in portoghese. Faremo di tutto per accontentare anche questi nostri fideli vecchi trentini. Domandiamo loro solamente um Piccolo sacrificio patriótico. Il giornale, come é, vien letto da tutta la colonia austriaca, essendo l'único giornale austríaco, dalla tedesca e anche da molti brasiliani. Cidò ridonda di grande interesse per La pátria, ma, lo ripetiamo, terremo conto anche di questo loro desiderio. Ma se non possiamo sodisfarli Del tutto, pensino che per il maggior bene della pátria che facciamo cio (*IL TRENTINO*, 24 abr. 1917, p.3).

⁹⁶E vero che fra l'Austria e il Brasile non vi é niente come é da sperari che tale condizioni abbia a continuare ma per l'aleanza che esiste fra i due stati centrali la nostra pisizione di austriaci puó diventare delicata. Nel nostro articolo di fondo abbiamo detto quale deve essere il nostro contegno. Poi nostri amici trentini e triestini dobbiamo aggiungere qualche altra osservazione. Noi e voi abbiamo dovuto soffrire immensamente poi continui attachi pervenuciel da parte di certi patriotti italiani. Tutti noi abbiamo avuto molta prudenza e a questa prudenza si deve se non abbiamo a lamentare qualche cosa di peggio. Questa prudenza dobbiamo aumentar-la, evitare quindi le discussioni con tali individui, lasciari gridare come e quanto vogliano. Non é con questi loro gridi e sarcasmi che vinceranno la guerra ne é con simile contegno che dimonstrando la altezza della loro cultura. Non rispndiamo quindi alle loro vilanie, fate tutti como facemmo noi martedì passato,

Provavelmente o incidente referido ocorreu com um professor italiano que ofendeu um grupo de trentinos na Rua dos Andradas, em Porto Alegre. Estes simplesmente ignoraram o italiano que os ofendera.

O *Il Trentino*, por defender os interesses da Áustria, provavelmente não foi considerado por alguns historiadores como um jornal ítalo-brasileiro, mesmo sendo escrito em idioma italiano. Em um artigo sobre imprensa em língua italiana, escrito por Abel MORETTO na Enciclopédia Rio-Grandense, no ano de 1956, o *Il Trentino* não estava sequer citado (MORETTO, 1956).

Na edição de 20 de junho de 1917, foi publicado, em português e em italiano, no *Il Trentino*, outro discurso feito pelo Imperador Carlos I perante a câmara austríaca. Nessa mesma edição, havia uma notícia sobre outro jornal, publicado em Nova York, pertencente a imigrantes trentinos radicados nos Estados Unidos. Chamava-se *Corriere Tirolese (IL TRENTINO, 20 jun. 1917)*.

Il Trentino e Il Corriere Tirolese agora são capazes não só de organizar completamente as colônias trentinas das duas Américas, mas também de exercer uma grande influência sobre o desempenho de toda a colônia austríaca. A nossa pátria também no exterior encontrou unidos os seus filhos e glória a nós, trentinos, que não somos degenerados filhos de São Vigílio e da gloriosa pátria dos Habsburgo. Também no exterior fomos os primeiros a ter altos ideais de religião epátria, e a nossa pátria tornou-se, neste momento histórico, o fator máximo para a nova civilização. Aos nossos irmãos da América do Norte, os nossos mais sinceros parabéns, a nossa saudação patriótica ao seu valoroso órgão, *Il Corriere Tirolese*. Todo o bem possível, moral, político, social e financeiro no interesse e honra dos interesses da colônia, honra e prestígio da venerada velha pátria e do nosso amadíssimo imperador, em nome do nosso “*Il Trentino*”, da colônia trentino-triestina e de toda a colônia austríaca da América do Sul. (*IL TRENTINO, 20 jun. 1917, p.3*)⁹⁷. (Tradução nossa)

O artigo anterior foi seguido por outro que fez uma crítica ao jornal católico de Bento Gonçalves, *Il Corriere d'Italia*, e ao seu diretor, o padre Giovanni Costanzo. O discurso

quando verso le 4 di sera passando in piena Rua dos Andradas sentimmo gaidarci alle coste da un maestro di...italiano che vra ci avrebbero dovuto ammazzare, come una canaglia (*IL TRENTINO, 24 abr. 1917, p.3*).

⁹⁷Il Trentino e Il Corriere Tirolesesaranno in grado ora di organizzare completamente le colonie trentine delle due americhe non solo, ma eserciteremo un grande influsso ancora sull'andamento di tutta la colonia austriaca. La patria nostra anche all'estero trovó uniti i figli suoi e gloria a noi trentini, che non degeneri figli di S. Vigilio e della gloriosa patria degli Absburgo anche all'estero fummo i primi a tener alti gli ideali di religione i patria di cui la patria nostra divenne in questo momento storico il massimo fattore per la nuova civilitá. Ai nostri fratelli quindi del Norteamerica le nostre piú sincere congratulazioni, il nostro saluto patriotico e al loro valoroso organo, “ *Il Corriere Tirolese*” ogni bene possibile, morale, politico, sociale e finanziario nell' interesse e onore della colonia nell' interesse, onore e prestígio della venerata vecchia patria e del nostro amatissimo imperatore a nome del nostro “*Il Trentino*” della colonia trentino-triestina e di tutti la colonia austriaca del Sud-America (*IL TRENTINO, 20 jun. 1917, p.3*).

nacionalista do *Il Trentino* era muito mais agressivo, se comparado ao do *Il Colono Italiano*, em relação aos adversários da Áustria.

Chamamos o agir do *Il Corriere d'Italia*, de Bento Gonçalves, de patifaria quando escreveu a respeito da colônia ítalo-austriaca e de nós, porque, pelos documentos que temos nas mãos, assim é. Foi seu redator, o rebaixou ao grau de um “*pasquino*”, seja esse de São Paulo ou de Caxias, seja esse uma “*Stella*” etc. [...] Mas até que dom Costanzo, no seu nobre, modernista amor pátrio, saiba qual é o pensamento, não só do Dr. Andreatti, mas de todos os trentinos de todo o mundo, reafirmamos aqui quanto o *Il Corriere Tirolese* fortalece todo verdadeiro patriota. (*IL TRENTINO*, 20 jun. 1917, p.3)⁹⁸. (Tradução nossa).

Segue-se a isso a letra de um hino popular austríaco que dizia que todo o bom tirolês deveria ter em casa essa canção patriótica, demonstrando, assim, o forte sentimento de patriotismo dos imigrantes trentinos com a sua terra natal, a Áustria. O artigo prossegue com as críticas a Dom Costanzo:

Queremos crer que Dom Costanzo, frente a estas provas irrefutáveis de verdade e de justiça, se renderá, e nós, obedientes à lei divina da caridade, seremos aquilo que imaginaremos e atribuiremos a ele os crimes de tornar o jornal sempre desonesto e anticlerical, mas consciente de que, pelas graças de Deus, não (?). Tiraremos o nosso chapéu em frente a um homem, espécie de reverendo padre, que se deixa o erro e o pecado para encaminhar-se pelo caminho do rigor pessoal e do estúpido escândalo público. (*IL TRENTINO*, 20 jun. 1917, p.3)⁹⁹. (Tradução nossa).

O *Il Trentino* expressava bem a identidade da comunidade tirolês-italiana no Rio Grande do Sul, manifestando o sentimento patriótico de lealdade ao Império austro-húngaro, ao imperador e à Igreja Católica. É importante, entretanto, considerar que “[...] as rígidas noções de identidade são assim postas em xeque visto que grupos heterogêneos rompem as unidades culturais e forçam a uma redefinição de pertencimentos.” (VALDUGA, 2008, p. 18). Assim, para Stuart Hall, “[...] em vez de falar de identidade como coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento.” (HALL, 1997, p. 72).

⁹⁸Abbiamo intitolato l'agire del Corriere d'Italia di B.G. malscalzonate in quanto esso scrisso in riguardo della colonia italo-austriaca e di noi, perché da documenti che abbiamo nelle mani tale esso é. Fu il poco reverendo suo redattore che lo abbassò al grado di un pasquino sia esso di S. Paulo o di Caxias, sia esso una stella etc. [...] Ma affinché don Costanzonel suo nobile, modernistico amor patrio sappia quale é il pensiero non del Dr. Andreatti, solamente, ma di tutti i trentini di tutto il mondo portiamo qui quanto Il Corriere Tirolese recomanda a ogni vero patriotta (*IL TRENTINO*, 20 jun. 1917, p.3).

⁹⁹Vorremo credere che Don Costanzo di fronte a queste prove inconfutabili di verità e giustizia si ricrederà e noi sequenti alla legge divina della carità saremo quel che immagineremo e attribuiremo a lui in ami delitti prendendati dei giornali mai disonesti e anticlericali ma conosci che, se grazia a Dio non (?) qui fossiamo cedere comani, tiveremo il nostro capello di fronte a un uomo, spesie se rev. padre, che lascia l'errare e il peccato per incaminarti sulla via della rigorazione personale e dello scandalo publico coglionato (*IL TRENTINO*, 20 jun. 1917, p.3).

A I Guerra Mundial foi o período em que os trentinos residentes no Rio Grande do Sul mais manifestaram sua identidade e seu sentimento patriótico pela sua terra natal, a Áustria. Arthur Rambo, em seus estudos sobre imigração alemã no estado, afirma que o apogeu da identidade dos teuto-brasileiros se deu durante o período entre guerras 1919-1939 e que a identidade dos alemães tinha diferenças, conforme a filiação religiosa: evangélico-luterana ou católica (RAMBO, 1999).

Segundo Possamai, em relação à identidade dos imigrantes trentinos, “[...] a forte ligação dos trentinos ao catolicismo, vista como o principal fator de identidade coletiva, foi posteriormente estendida a todos os imigrantes italianos e seus descendentes.” (POSSAMAI, 2005, p. 223). Também para Manfroi (2001), o catolicismo é considerado o principal elemento identitário entre os italianos e seus descendentes. De acordo com esse autor, “[...] os imigrantes não eram italianos, eram católicos [...] Eles eram católicos e, portanto, a identidade cultural dos italianos não era a italianidade, era a catolicidade.” (MANFROI, 1979, p. 193). No entanto, em relação à identidade religiosa dos italianos, Dilse Corteze ressalta que a historiografia de matriz religiosa idealiza o imigrante italiano como um católico fervoroso; aponta a religião católica como a principal causa do sucesso da imigração italiana no Rio Grande do Sul e afirma que os imigrantes nas colônias venceram as dificuldades porque tinham fé em Deus (CORTEZE, 2002).

Quanto ao jornal *Il Trentino*, não foi possível descobrir qual o fim que teve. A última informação a seu respeito é que, em setembro de 1917, mudou o nome para Áustria Nova (BORGES, 1993). O mais provável é que ele tenha sido fechado quando o Brasil declarou guerra ao império alemão e seus aliados, o que ocorreu no dia 26 de outubro de 1917. Por esse motivo, o jornal em língua alemã *Deutsche Zeitung* também foi fechado. Stella Borges, em seu livro, faz referência a uma edição do periódico Áustria Nova, datada de 21 de setembro de 1917 (BORGES, 1993). Essa edição, no entanto, não pôde ser localizada. O *Il Trentino* poderia ser considerado um jornal ítalo-brasileiro ou austro-brasileiro porque era escrito em língua italiana, mas defendia os interesses de um grupo que, apesar de ser de fala italiana, se definia como austríaco e defendia os interesses da Áustria através dele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho contribuiu para a historiografia sobre imigração italiana no Rio Grande do Sul na medida em que realizou o estudo de um grupo minoritário entre os imigrantes italianos que se instalaram no Estado. Os trentinos se diferenciavam dos demais italianos devido a algumas diferenças culturais, pois eram imigrantes de fala italiana que não provinham do território italiano, mas do Império Austro-húngaro.

Segundo Grosselli (1999), os trentinos que emigraram para o Brasil e foram para as colônias nos estados do Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul conseguiram prosperar porque ganharam um lote de terra para plantar. Os que se dirigiram para as fazendas de São Paulo, devido aos baixos salários que recebiam, não puderam se desenvolver, pois poucos se tornaram proprietários de terras (GROSSELLI, 1991).

A maior parte das informações obtidas para a realização do presente trabalho sobre as famílias de origem trentina veio daquelas que prosperaram economicamente nas colônias, em outras palavras, as que fizeram a América. Os imigrantes que fracassaram, porém, foram esquecidos pela história. Certamente diversos imigrantes trentinos que vieram para as colônias italianas do Rio Grande do Sul não conseguiram prosperar, não tiveram escrita a história de suas famílias.

Nos estados de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, os trentinos eram maioria nas colônias em que se instalaram, enquanto que, no Rio Grande do Sul, dava-se o contrário, por isso eles procuravam permanecer próximos uns dos outros, concentrados nas linhas coloniais. Ao chegarem aqui, procuraram agrupar-se nas colônias italianas mais antigas, como Caxias, Conde d'Eu, Dona Isabel e a Quarta Colônia posteriormente. Poucos foram os que se dirigiram para as colônias mais novas, como Alfredo Chaves (Veranópolis), Guaporé e Encantado. Essa movimentação aconteceu assim porque a grande emigração trentina para o Brasil se deu entre 1874 e 1878, vindo o fluxo migratório a diminuir durante a década de 1880, quando as novas colônias foram fundadas. Grande parte dos imigrantes italianos que vieram para o estado eram provenientes das regiões do Vêneto e da Lombardia.

Nem todos os trentinos eram agricultores, alguns já vieram com uma profissão e se instalaram nos núcleos urbanos das colônias, como foi o caso dos imigrantes Felix Laner e Caetano Costamilan, em Caxias do Sul; Antônio Tedesco, em Veranópolis, além de outros imigrantes trentinos.

Durante os primeiros anos após sua chegada às colônias do Rio Grande do Sul, os trentinos fixavam-se em lotes de terra próximos uns dos outros para, assim, favorecer, na maioria das vezes, os casamentos entre cônjuges do grupo trentino. O compadrio também se dava majoritariamente entre trentinos. No entanto, decorridos anos, eles passaram a se casar com os demais italianos, provenientes de outras regiões da Itália.

Segundo Possamai (2005), na medida em que os imigrantes foram morrendo, a região de origem de seus antepassados aos poucos foi sendo esquecida pelos filhos e netos, nascidos no Brasil. Isso permitiu uma integração maior entre os descendentes de italianos na região colonial da serra nordeste do estado, já que as antigas rixas tinham ficado para trás.

Em relação à identidade diferenciada dos trentinos, é possível afirmar que nem todos queriam ser austríacos, ou seja, não simpatizavam com o Imperador e não queriam ficar sob o domínio da Áustria. Outros emigraram para fugir do serviço militar, que era obrigatório no Império austro-húngaro. Também houve aqueles que se envolveram na maçonaria, como Felix Laner e César Girondi. Os trentinos tinham a fama de ser bons imigrantes e mais submissos às autoridades coloniais, se comparados aos demais italianos, no entanto também fizeram rebeliões e cometeram delitos.

O clero trentino, emigrado para as colônias italianas do Rio Grande do Sul, era de orientação ultramontana, ou seja, era contra o catolicismo popular brasileiro, defendiam a autoridade papal e lutavam contra a maçonaria nas colônias. Na luta contra os maçons, destacaram-se os padres Bartolomeu Tiecher, Augusto Finotti e Giovanni Fronchetti. Algumas ordens religiosas, devido à simpatia pelas monarquias absolutistas, apoiavam o governo austríaco; dentre estas estavam os capuchinhos franceses, que vieram prestar assistência espiritual aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Durante a Primeira Guerra Mundial, intensificaram-se as rivalidades, trazidas da Europa, entre os italianos e os trentinos na região de colonização italiana. Devido ao fato de a Itália e a Áustria se encontrarem em guerra, ocorreram brigas entre os imigrantes. Os jornais *Il corriere d'Italia* e *Il colono italiano* trocaram ofensas quando o primeiro acusou o segundo de fazer propaganda pró-Áustria, por isso afirmou que deveria chamar-se *Il colono austríaco*. O jornal *Il colono italiano* era dirigido pelo padre trentino Giovanni Fronchetti, vice-cônsul da Áustria. Apesar de Fronchetti afirmar que seu jornal era neutro em relação à política, as pesquisas revelaram que se mostrava favorável à causa austríaca. O jornal *Il Trentino*, editado em Porto Alegre entre 1915 e 1917, também apoiava a Áustria, e seu editor criticava

ferozmente os italianos, acusando-os de tentarem anexar o Trentino-Alto-Ádige ao território italiano.

Com o passar dos anos, os trentinos, assim como os demais italianos, se integraram à sociedade gaúcha, apesar disso alguns descendentes dos imigrantes trentinos continuaram se considerando descendentes de austríacos ao invés de italianos.

Em 1975, durante as comemorações do centenário da chegada dos primeiros imigrantes italianos ao estado, um grupo de descendentes de trentinos arrecadou dinheiro para a construção do Monumento aos tirolezes na cidade de Caxias do Sul.

Atualmente muitos descendentes dos imigrantes trentinos mantêm a identidade através dos Círculos Trentinos que existem em cidades gaúchas, onde se concentram um grande número deles. Esses Círculos Trentinos conservam a ligação dos descendentes com a terra de seus antepassados, firmando, assim, o sentimento de italianidade e de trentinidade.

Por fim, a pesquisa sobre os trentinos, realizada até o momento, revela resultados parciais. Ainda há muito que se estudar sobre o tema, como, por exemplo, os trentinos que foram para a Quarta Colônia, localizada no centro do Estado; os que foram para a colônia Santa Maria da Soledade, localizada na encosta da serra nordeste e próxima à cidade de Montenegro. Outra análise poderia focar os trentinos que não foram para as colônias e se instalaram em cidades gaúchas, como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Em relação aos jornais, fica em aberto a possibilidade de novas pesquisas sobre esse assunto, pois, se algum dia for localizada uma coleção completa do *Il Trentino* ou do *Àustria Nova*, será possível realizar um estudo mais aprofundado e detalhado da comunidade trentina radicada no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ABRIL CULTURAL. **Metternich (1773-1859)**. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Grandes personalidades da história universal).
- AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da história. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10, jul. 2010, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: UFSM, UNIFRA, 2010. Disponível em <<http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.com.br>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- ANDREOTTI, Carlo. Prefacio. IN: PROVINCIA AUTONOMA DE TRENTO. **Os Últimos 200 Anos**. Trento, Itália: Casa Editora Panorama, 1994.
- ARQUIVO HISTÓRICO DE CAXIAS DO SUL. **Monumento aos tirolezes**. Caxias do Sul: [s.l.], [2008].
- AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação-Instituto Estadual do Livro, 1975.
- _____. **Os italianos no Rio Grande do Sul: Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: Educs, 1994.
- AZZI, Riolando. Fé e italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salezianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST/Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2.
- _____. O catolicismo de imigração. In: DREHER, Martin Norberto (Org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. **São Vigílio da segunda légua: cem anos de história**. Caxias do Sul: EST, 1980.
- BAREA, Dom José. **A vida espiritual nas colônias italianas do estado do Rio Grande do Sul (1925)**. Porto Alegre: EST, 1995.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jcelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 187-227.
- BAUER, Otto. A Nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BECKER, Klaus. Imprensa em língua alemã (1852-1889). In: BECKER, Klaus (Org.). **Enciclopédia Rio-Grandense**. 2 vol. Canoas: Editora La Salle, 1956.
- BENEDUZI, Luis Fernando. **Mal di paese: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'Eu (1884-1925)**. 2004. 324 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BÉRENGER, Jean. **El imperio de los Habsburgo 1273-1918**. Barcelona: Crítica, 1993.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BJERG, María. **Historias de La inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2010. (Temas de la Argentina).

BOLZAN, Moacir. **Quarta Colônia: da fragmentação à integração**. 2011. 347 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993.

BREUILLY, John. Abordagens do nacionalismo. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BRYCE, Benjamin. La etnicidad en el *Argentinisches Tageblatt*, 1905-1918: la discusión de una comunidad germánica y alemana. In: ROHLAND DE LANGBEHN, Regula; VEDDA, Miguel. **Anuario Argentino de Germanística IV**. Buenos Aires: AAG Asociación Argentina de Germanistas, 2008.

CANI, Iracema Moser. Histórico da federação. In: FEDERAZIONE dei Circoli Trentini del Brasil. Disponível em: <www.trentini.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2009.

CORRÊA, Marcelo Armellini. **Raízes trentinas no Rio Grande do Sul**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Italianos x trentinos: uma rivalidade entre imigrantes na serra gaúcha. In: BELLOMO, Harry Rodrigues; BARCELOS, Diego Vargas. **Visões do passado: aspectos do Brasil colônia e império**. Porto Alegre: Suliani Letra e Vida, 2011.

CADORIN, Jonas. Ad Maiorem Dei Gloriam: Jesuítas e trentinos em Nova Trento. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST/Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, v.3.

CANI, Iracema Moser. Histórico da Federação. In: FEDERAZIONE dei Circoli Trentini del Brasil. Disponível em: <www.trentini.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2009.

CASAGRANDE, Gilnei Ricardo. **Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado**. Porto Alegre: AGE, 2007.

CHIES, Guiomar. **Os poderes fazem história**. Caxias do Sul: Evangraf, 2009.

CONSTANTINO, Nuncia Santoro. **O italiano da esquina**. Porto Alegre: EST, 1991.

_____, **Italianos, maragatos e pica-paus**. In: DE BONI, Luiz Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST/Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2.

_____. **Imigração italiana e história: tendências historiográficas no Rio Grande do Sul**. In: GIRON, Loraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Org.) **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.

_____. De guerras para guerras: imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. **Revista Leituras da História**, São Paulo, v.2, n.23, 2009.

_____. Trabalho e imigração: italianos nas cidades do Rio Grande do Sul. In: MUGGE, Miquéias; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria (Orgs.). **Construindo diálogos: história, educação e ecumenismo**. São Leopoldo: Oikos, 2010.

CORTEZE, Dilse Piccin. **Ulisses va in America: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. Passo Fundo: UPF, 2002.

COSTA, Rovílio. Valores da Imigração Italiana Cem Anos Após. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 7, n. 35/38, p. 215-223, 1977.

_____. Do religioso ao social: a igreja nas colônias italianas. In: DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 163-200.

_____. A imprensa católica nas colônias italianas. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). **Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros**. Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, 9., 1999, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul: Educs, 1999.

_____; BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias, 1990.

_____; BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Duas Itália**s. Porto Alegre: EST Edições, 2000.

_____; DE BONI, Luis Augusto. **Far La mérica: a presença italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Riocell, 1991.

COSTA, Rovílio et al. **As Colônias Italianas Dona Isabel e Conde d'Eu**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 1999. Apoio da Fondazione Giovanni Agnelli. Torino/Itália.

COSTAMILAN, Ângelo Ricardo. **Homens e mitos na história de Caxias do Sul**. Porto Alegre: Posenato arte & cultura, 1989.

CRUZ, Heloisa de Faria Cruz; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto história**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

D'APRIMONT, Bernardin; GILLONAY, Bruno. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)**. Porto Alegre: UCS/EST, 1976.

DE PARIS, Assunta. **Memórias: Bento Gonçalves-RS: fundamentação histórica**. 2. ed. Bento Gonçalves: Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves; Arquivo Histórico Municipal, 2006.

DEL HIERRO, María Pilar Queralt. Francisco José um hombre para um Imperio. **Revista historia y vida**, Barcelona, n. 480, 2008.

DREHER, Martin N. Imigração e Religião no Rio Grande do Sul do Século XIX. In: GIRON, Loraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2007.p. 191-203.

_____. **Degredados de Mecklemburg-Schwerin e os primórdios da imigração alemã para o Brasil**. São Leopoldo: OIKOS, 2010.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de estudos**, Programa de pós-graduação em História, UFRGS, n.13, dez. 1995. p. 19-29.

FARINA, Geraldo. **História de Nova Prata**. Caxias do Sul: EducS, 1986.

_____. **História de Veranópolis**. Veranópolis: Smec, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FRANCESCHI, Janice De. **Imigração italiana: da Quarta Colônia a Cachoeira do Sul**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FRANZINA, Emilio. Pátria, região e nação: o problema da identidade na Imigração Italiana na América Latina. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, 9., 1999, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul: EducS, 1999.

GARDELIN, Mário. **O último artigo de Monsenhor João Maria Balen: dois pioneiros da imigração italiana: o cônego Bartolomeu Tiecker e o padre Augusto Finotti**.Caxias do Sul: [s.l.], 1980. (Coleção academia caxiense de letras, v. 4)

_____. **A presença italiana no Rio Grande do Sul**. In: GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio (Org.). **Povoadores da Colônia Caxias**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2002.

_____; COSTA, Rovílio. **Colônia Caxias: origens**. Porto Alegre: EST Edições, 1993. (Coleção Fontes).

_____; COSTA, Rovílio. **As XVII léguas e os travessões da colônia Caxias.**In: GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio (Org.). **Povoadores da Colônia Caxias.** 2. ed. Porto Alegre: EST, 2002.

GERTZ, René Ernani. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (Org.). **Imigração e imprensa.** Porto Alegre: EST, 2004.

GEVEHR, Daniel Luciano. “Os desencantos da imigração alemã através da literatura”:as memórias e as narrativas sobre os mucker em videiras de cristal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2., 2013, Passo Fundo, RS. **Anais eletrônicos...**Disponível em: <<http://www.upf.br/historiaregional/>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul:** evolução histórica. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1977.

_____. Imigração italiana: a reação brasileira. In: INSTITUTO SUPERIOR BRASILEIRO-ITALIANO DE ESTUDOS E PESQUISA (Org.). Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros, 1. e 2., 1979, Caxias do Sul. **Anais...** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lorenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

_____. **As sombras do littorio:** o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

_____. **Dom de lembrar:** os Slomp. Caxias do Sul, RS: Educus, 1995.

_____. Colônia italiana e educação. **Revista História da Educação,** Pelotas, n. 3, v. 2, set. 1998.

_____; POZENATO, Kenia Maria Menegotto. **100 anos de imprensa regional:** 1897-1997. Caxias do Sul, RS: Educus, 2004.

_____. Do Trentino ao Trentino: imigrantes tirolezes na antiga colônia Caxias. In: GROSSELLI, Renzo (Org.). **Trentamila tirolezi in Brasile: storia, cultura, cooperazione allo sviluppo.** Trento: [s.l.], 2005.

_____; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST, 2007.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer:** camponeses trentinos (Venêtos e Lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

_____. **Da schiavi bianchi a coloni. Un progetto per le fazendas. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane:** São Paulo 1875-1914.Trento: Edizione a cura della Provincia autonoma di Trento, 1991.

_____. **Noi tirolezi, sudditi felici di don Pedro II.** Porto Alegre: EST, 1999. (Italia nel Mondo)

_____. Proletários italianos na América Latina: um trajeto entre emancipação e esquecimento. In: DREHER, Martin; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Org.). *Leituras e interpretações da imigração na América Latina. Simpósio de História da Imigração e Colonização*, 16., 2004, São Leopoldo. **Anais...**São Leopoldo: Oikos, 2004. CD-ROM.

_____. Trentamila tirolesi in Brasile: dal racconto di una “trágica epopea” allá scoperta di una emigrazione riuscita. In: GROSSELLI, Renzo (Org.). *Trentamila tirolesi in Brasile: storia, cultura, cooperazione allo sviluppo*. Trento: [s.l.], 2005.

_____. **Colônias Imperiais na Terra do Café:** Camponeses trentinos (vênets e lombardos) nas florestas brasileiras: Espírito Santo 1874-1900. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 1997.

HAUCK, João Fagundes. Visão dos padres holandeses e alemães sobre o clero brasileiro e a devoção popular. In: Dreher, Martin Norberto (Org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Língua, cultura e valores:** um estudo sobre a presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no sul do Brasil. Porto Alegre: EST edições, 2003.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder:** A imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1919, através dos relatórios consulares. Caxias do Sul: EDUCRS, 1996.

KOFF, Elenita Girondi. **Os primórdios da colonização de Garibaldi:** Conde D'Eu 1870-1875. Bento Gonçalves: Grafite, 1995.

EL TRENTINO y las guerras de independencia italianas. **La voce trentina**, Buenos Aires, v.64, abr. 1996.

KUNZ, Marinês Andrea; WEBER, Roswithia. **Identidade étnica alemã na produção literária**. In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). **Imigração:** diálogos e novas abordagens. São Leopoldo: oikos, 2012.

LAPERA, Pedro. Jornal da ‘comunità’. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, v. 7, n.79, p.90-91, abr. 2012.

LEONARDI, Andrea. *Il krach borsistico Del 1873 e i suoi riflessi sull` economia Del tirole italiano*. Trentamila tirolesi in Brasile. Dal racconto di una “trágica epopea” allá scoperta di una emigrazione riuscita. In: GROSSELLI, Renzo (Org.). *Trentamila tirolesi in Brasile: storia, cultura, cooperazione allo sviluppo*. Trento: [s.l.], 2005.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial:** trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano**. Tradução. Armida Lorenzoni Parreira, prefácio e notas de Itálico Marcon. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LUCHESE, Terciane Ângela. **Relações de poder: autoridades regionais e imigrantes italianos nas colônias conde D'Eu, Dona Isabel, Caxias e Alfredo Chaves-1875 a 1889**. 2001. 231 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

LUZZATO, Darcy Loss. *L mio paese l'è così*. Porto Alegre: D.C. Luzzato editora, 1987.

MALOSSINI, Mario. Prefacio. In: PROVÍNCIA AUTÔNOMA DE TRENTO. Assessoria de emigração. **Os 800 anos do Principado de Trento**. Trento/Itália: Casa Editora Panorama, [s/d].

MANFROI, Olivio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 2001.

_____. **Imigração alemã e italiana estudo comparativo**. In: INSTITUTO SUPERIOR BRASILEIRO-ITALIANO DE ESTUDOS E PESQUISA (Org.). Fórum de Estudos Ítalo-brasileiros, 1. e 2., 1979, Caxias do Sul. **Anais...** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lorenzo de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

MAESTRI, Mário. Rio Grande do Sul e a Imigração em Fins de Século. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (Orgs.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul 1975-1997**. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. **Os senhores da serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. 2.ed. Passo Fundo: UPF, 2005.

MATTUELLA, Edimar. **Familia Mattuella: elementos de sua história: de Mezzolombardo à colônia Conde D'Eu**. Porto Alegre: EST, 2004.

MORETTO, Abel. Imprensa em língua italiana (1890-1914). In: BECKER, Klaus (Org.). **Enciclopédia Rio-Grandense**. Canoas: Editora La Salle, 1956. v.2

NEUMANN, Gerson Roberto. **Os alemães e seus descendentes na literatura brasileira – sua representação em novos autores**. In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). **Imigração: diálogos e novas abordagens**. São Leopoldo: oikos, 2012.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna**. São Paulo: Globo, 2005.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A imprensa como fonte**. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/a-imprensa-como-fonte>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

OSPITAL, María Silvia; CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Construção da identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920). **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 25, n.2, p. 131-145, dez. 1999.

POSSAMAI, Paulo César. *“Dall’ Italia Siamo Partiti”*: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

_____. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). In: DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. (Org.). **Imigração e imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Secretaria Municipal da Cultura. **Inventário do patrimônio edificado de Caxias do Sul/monumentos**. Caxias Do Sul: [s.l.], 2004.

PROVÍNCIA AUTÔNOMA DE TRENTO. Assessoria de Emigração. **O Belo Trentino**: atlas da região Alpina das Dolomitas ao Garda. Trento, Itália: Casa Editrice Panorama, 1986.(Coleção de Monografias A Pátria de Origem)

PROVÍNCIA AUTÔNOMA DE TRENTO. Assessoria de Emigração. **Os 800 Anos do Principado de Trento**. Trento, Itália: Casa Editrice Panorama, [s/d]. (Coleção de Monografias “A Pátria de Origem”, 5)

PROVINCIA AUTÔNOMA DE TRENTO. Assessoria de Emigração. **Os Últimos Duzentos Anos**. Trento, Itália: Casa Editrice Panorama, 1994. (Coleção de Monografias “A Pátria de Origem 7)

RABUSKE, Arthur. **Os inícios da colônia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuitas alemães**. Porto Alegre: EST, 1978.

_____. *Il Corriere Cattolico*, na Porto Alegre, RS, de 1891-1895. In: SULIANI, Antônio(Org.). **Etnias e Carisma**: Poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

RADÜNZ, Roberto. Deuschtum e Italianita: Uma Introdução à Historiografia Comparada do Sul do Brasil. IN: GIRON, Loraine Slomp; RADUNZ, Roberto (Org.) **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.p. 117-152.

RAMBO, Arthur Blasio. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional.In: DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. Porto Alegre: Edições EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.p. 147-162.

_____.A identidade teuto-brasileira em debate.**Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.25, n.2, p. 185-196,dez. 1999.

_____. A igreja dos imigrantes. In: Dreher, Martin (Org.). **500 anos de Brasil e igreja na América meridional**. Porto Alegre: EST, 2002. p. 57-73.

REINHARD, Marcel. **Emigração**: história do século XX enciclopédia semanal. São Paulo: Abril Cultural S.A, 1974. v.13.

RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v.2.

RIZZARDO, Redovino. **Carlistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/Cepam, 1981. (Religiosos no Brasil, 5)

_____. **Raízes de um povo**: missionários escalabrinianos e imigrantes italianos no Brasil (1888-1938). Porto Alegre: EST, 1990. (Congregação dos Missionários de São Carlos). (Imigração Italiana, 113).

RUBERT, Arlindo. **Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930)**: padres dos imigrantes. Santa Maria: Palotti, 1977.

SAMPER, María de los Ángeles Pérez. La monarquía dual: el tándem de Austria-hungría. **Revista historia y vida**, Barcelona, n. 480, 2008.

SANTOS, Roselyz Izabel Correa dos. **A emigração italiana através de periódicos (1875-1899)**. In: DE BONI, Luiz Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST/Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. v. 2.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUZA, Wladimir Doniseti de. Imigração italiana e igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: Dreher, Martin (Org.). **500 anos de Brasil e igreja na América meridional**. Porto Alegre: EST, 2002. p. 276-293.

SPOHR, Inácio. **Memória de 665 jesuítas da província do Brasil meridional**. Porto Alegre: Padre Reus, 2011.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Os primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: EST, 1999.

TAVARES, Mauro Dillmann. **Irmandades, Igreja e Devoção no sul do Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

TEDESCO, Regina Rosa Biasotto. História da família Tedesco. In: COSTA, Rovílio (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: EST, 1998.

TIMES LIFE. **Áustria e seu último imperador**. São Paulo: Times Life, 2008. (Coleção grandes civilizações do passado)

VALDUGA, Gustavo. **"Paz, Itália, Jesus"**: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. "**Paz, Itália, Jesus**": uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VALDUGA, Remy. **Sonho de um imigrante**. 2.ed. Porto Alegre: Letra e Vida Editora, 2010.

VILLA, Deliso. **História esquecida**: a imigração italiana: o maior êxodo de um povo na história moderna. Porto Alegre: EST, 2002.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VON MÜHLEN, Caroline. **Da exclusão à inclusão social**: trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Schwerin no Rio Grande do Sul de São Pedro Oitocentista. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

WAGNER, Richard Jaske. **O pescador de arenques, de Jairo Scholl Costa. A busca constante do (e)migrante**. In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). **Imigração**: diálogos e novas abordagens. São Leopoldo: oikos, 2012.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, Século XIX. São Leopoldo: Oikos, 2008.

ZANOTELLI, Jandir João. **Zanotelli**: a saga de um imigrante trentino. Pelotas: Editora universitária/UFPEL, 1997.

ZEMAN, Z.A.B. **O Império de Francisco José**: história do século XX: enciclopédia semanal. São Paulo: Abril Cultural S.A, 1974. n.8

SITES ACESSADOS

ABRAMO PEZZI. Disponível em: <<http://abramopezziinovador.blogspot.com.br/p/escola.html>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

COMUNITÀ TRENTINA DE BRASILE. Disponível em: <<http://www.trentini.com.br>>. Acesso em: 01 ago 2012.

FAMÍLIA FRAINER. Disponível em: <<http://www.familiafrainer.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2012.

PETERLONGO. **História**. [2012]. Disponível em: <<http://www.peterlongo.com.br/pt/institucional/historia/>>. Acesso em: 02 ago. 2011.

PIONEIRO. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/09>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

ROTA TIROLESA. Disponível em: <http://www.rotatirolesa.com.br/p_observacao.html>. Acesso em: 02 out. 2011.

JORNAIS CONSULTADOS

Correio do Povo, Porto Alegre, 03 jun. 1976.

Il Trentino, Porto Alegre, 22 jan. 1916; 7 mar. 1917; 24 abr. 1917; 20 jun. 1917.

La Patria Italo-brasiliana, Porto Alegre, 02 dez. 1916; 17 jul. 1920.

O Pioneiro, Caxias do Sul, 1975; maio 1976; 26 out. 1977; [números entre 1975 e 1977].

Stella d'Italia, Porto Alegre, 17 out. 1912; 25 set. 1913; 01 abr. 1920.

Il colono italiano, Garibaldi, jan. 1910 a jul. 1917.

La Libertà, Caxias do Sul, fev. 1909 a dez. 1909.

MUSEUS CONSULTADOS

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

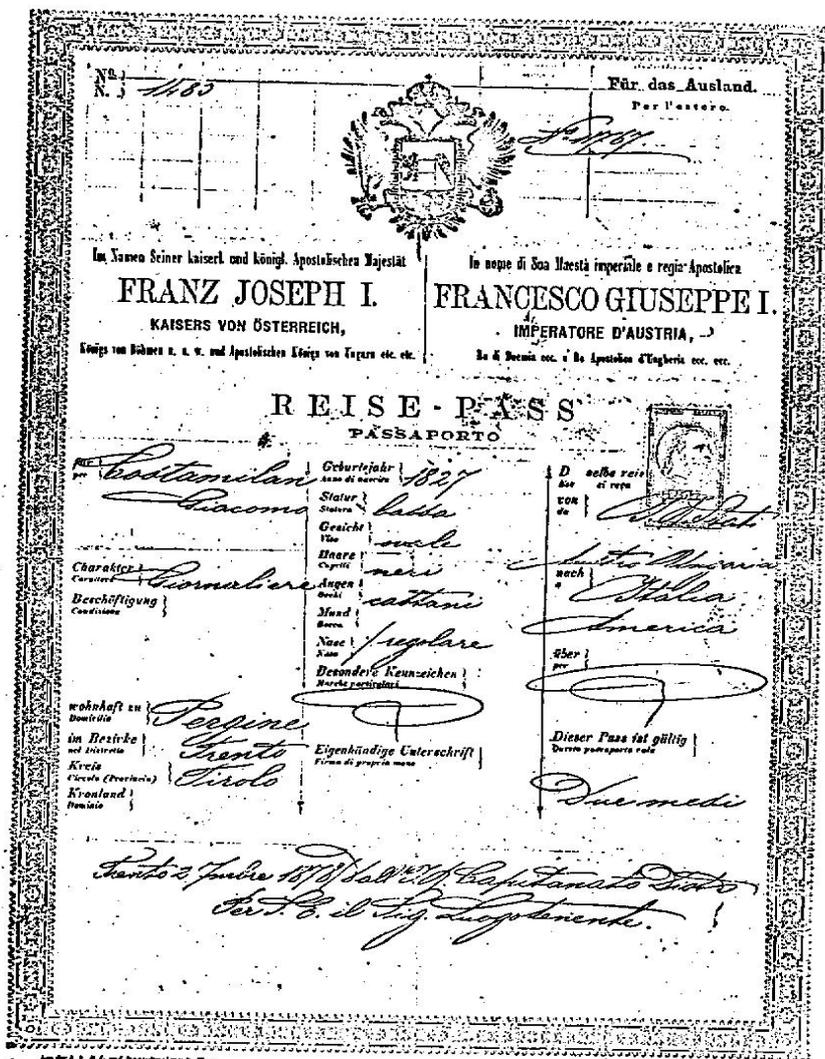
Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

Museu Histórico dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul.

Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi, Garibaldi.

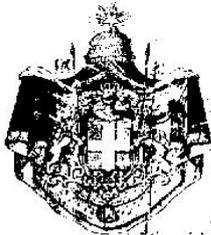
ANEXO A – PASSAPORTE AUSTRIACO DE CAETANO COSTAMILAN



Fonte: COSTAMILAN, Angelo Ricardo. **Homens e mitos na história de Caxias do Sul.** Porto Alegre: Posenato arte e cultura, 1989. p. 6.

ANEXO B – PASSAPORTE ITALIANO

Sto B


 IN NOME DI SUA MAESTA
FRANCESCO FERDINANDO
 PER GRAZIA DI DIO E PER VOLONTA' DELLA NAZIONE
RE D'ITALIA



Il Ministro per gli Affari Esteri
~~pregando l'Onorevole Ministro degli Affari Esteri~~
~~di voler degnarsi di concedere all'Onorevole~~
~~Onorevole Giuseppe di Luigi de' G. de' G. de' G.~~
~~passaporto per l'America, per oggetto di lavoro con la~~
~~Shogun Company, Chario d'anni 27, figlio~~
~~Nascimento d'anni 6. Nascimento d'anni 7. Nascimento~~
~~d'anni 8 =~~

~~Il presente passaporto rilasciarsi al suddetto~~
~~di cui sia fornito l'interessato e l'interessato~~
~~entro il termine di 30 giorni~~
~~è valido per un anno~~

 del Ministero per gli Affari Esteri

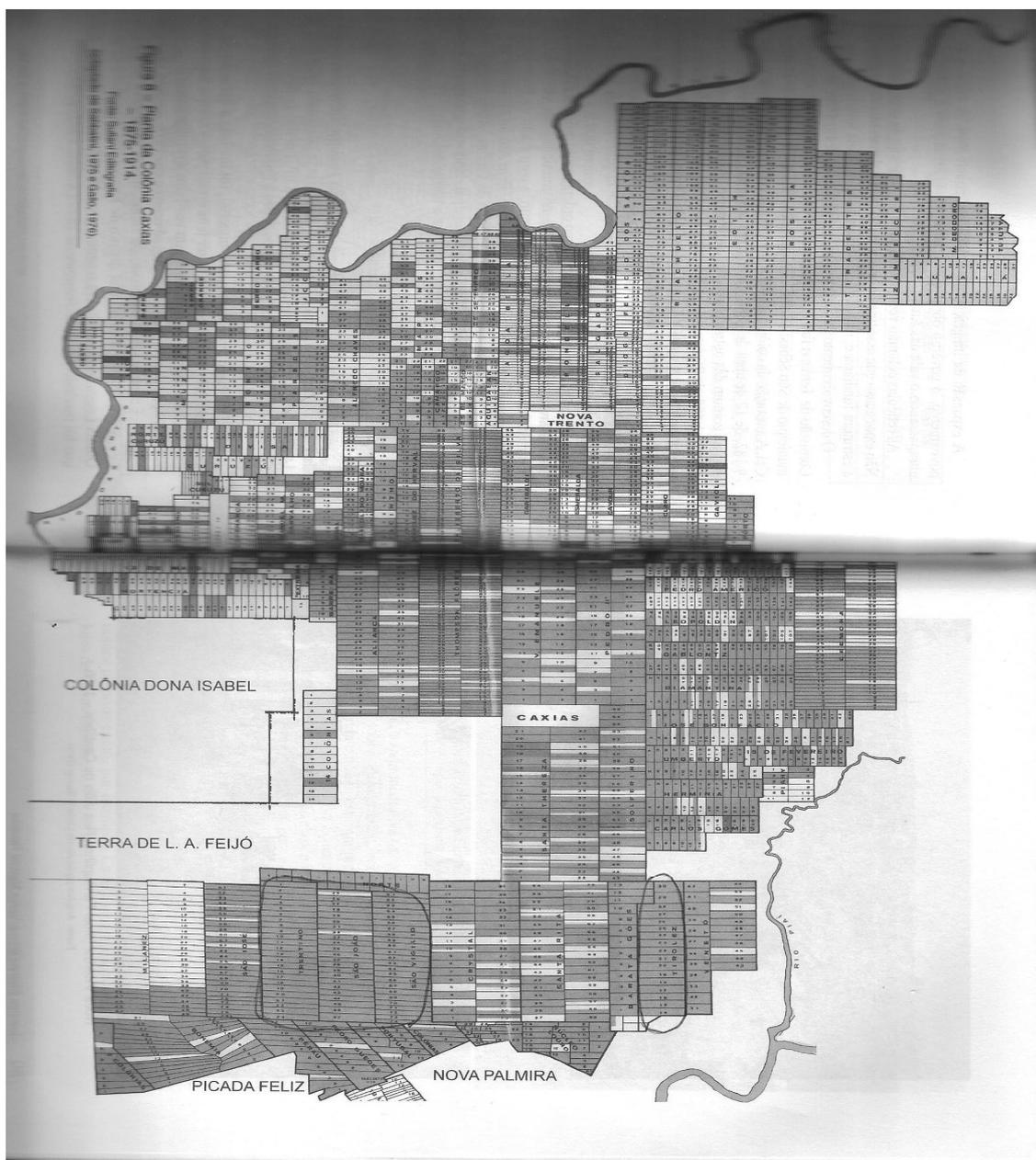


del Ministero per gli Affari Esteri

As colônias Italianas Dona Isabel e Conde d'Eu / 81

Fonte: COSTA, Rovíliet al. As Colônias Italianas Dona Isabel e Conde d'Eu. 2.ed.Porto Alegre: EST, 1999. Apoio da Fondazione Giovanni Agnelli. Torino/Itália. p. 61.

ANEXO C – MAPA DA COLÔNIA CAXIAS



Estão destacados os travessões Trentino, São João, São Vigilio e Tirolez, os quais os imigrantes trentinos se concentraram em maior número.

Fonte: GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007. p.48-49.

ANEXO D – MAPA DA COLÔNIA DONA ISABEL

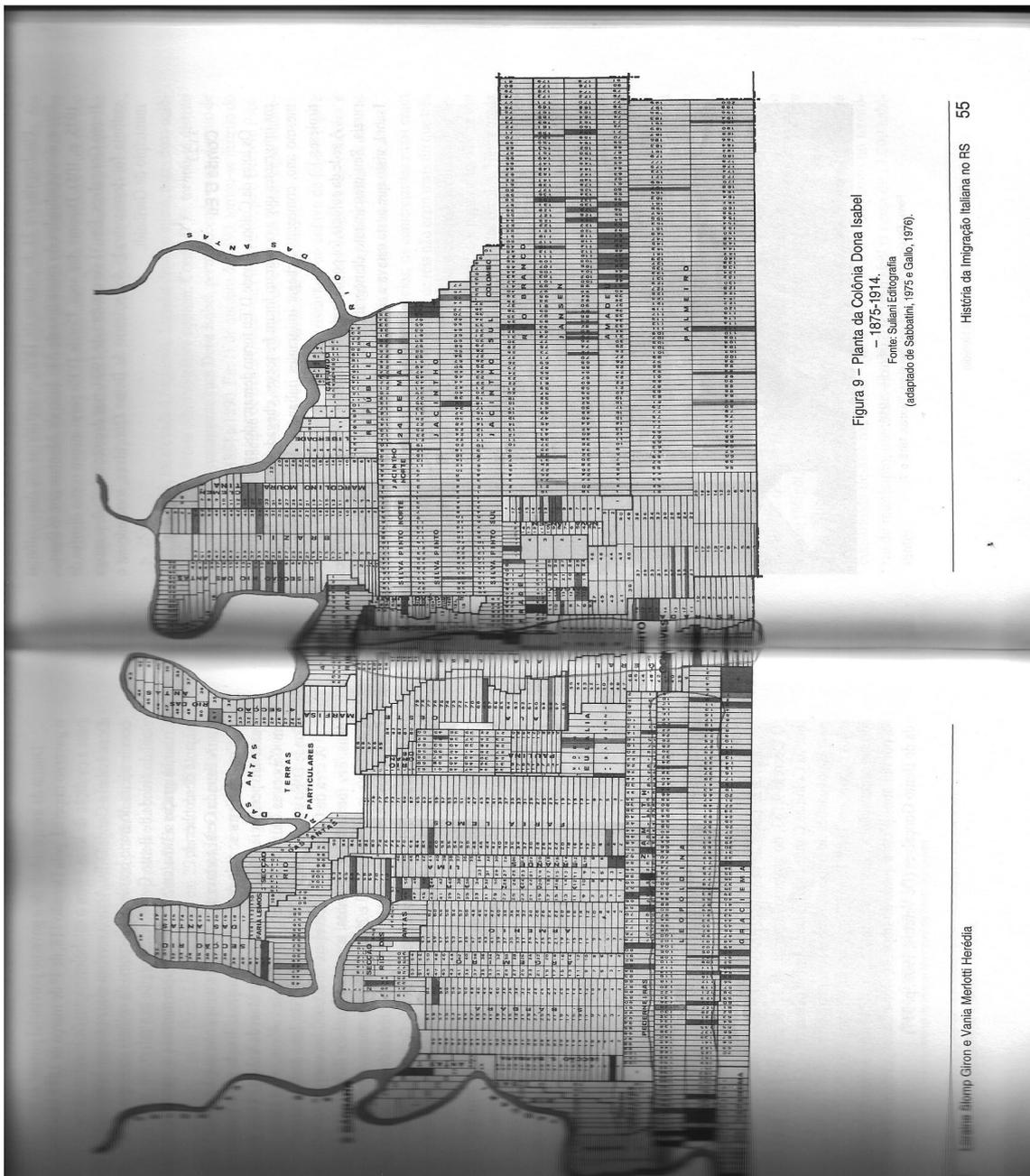
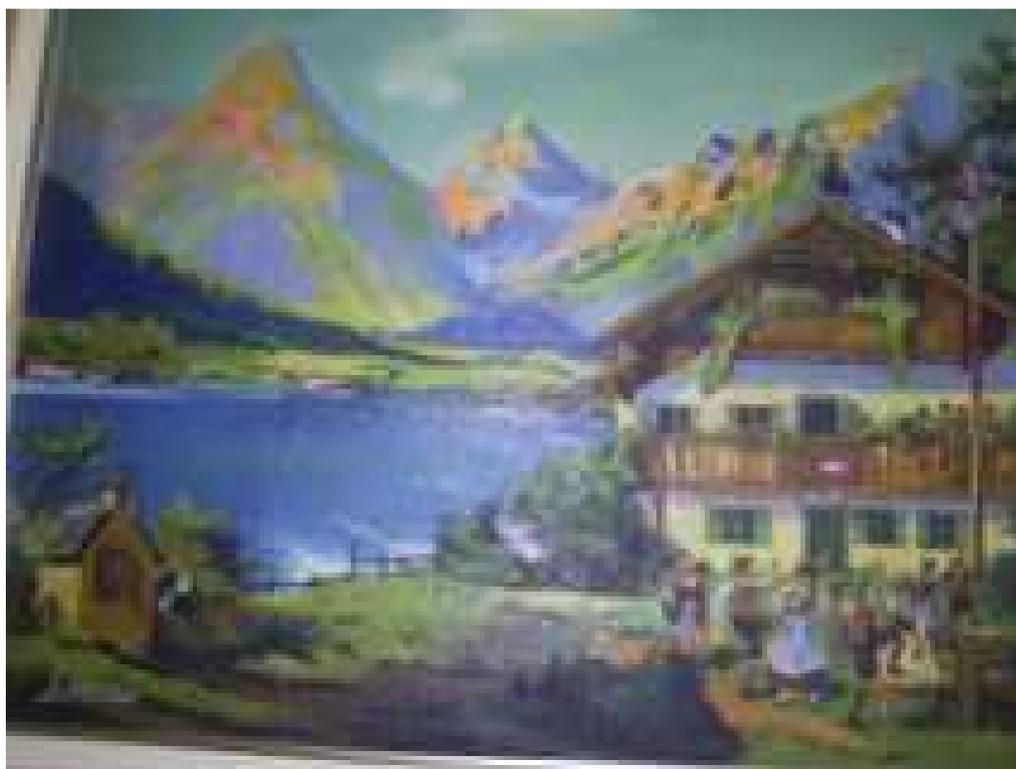


Figura 9 – Planta da Colônia Dona Isabel
— 1875-1914.

Fonte: Suliani Ectlograffa
(adaptado de Sabbatini, 1975 e Gallo, 1976).

Estão destacadas as linhas Estrada Geral e Leopoldina as quais os imigrantes trentinos se concentraram em maior número.

Fonte: GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007. p. 54-55.

ANEXO E – PINTURA DE PAISAGEM TRENTINA

Pintura trazida da Itália pelo imigrante trentino Giuseppe Slomp, a qual retrata uma imagem típica da região do Trentino Alto-Ádige.

Fonte: Arquivo particular de Loraine Slomp Giron.